

# 5<sup>o</sup> Sebra MUS

seminário  
brasileiro de  
museologia

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

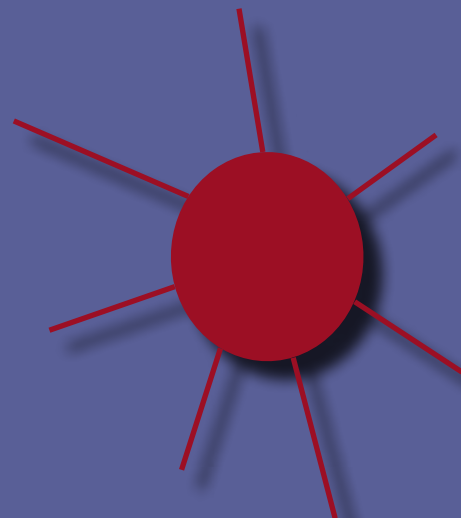
PORTO ALEGRE - RS

Caderno de resumos

Faculdade de  
Biblioteconomia e  
Comunicação - FABICO

Universidade Federal Do  
Rio Grande Do Sul  
UFRGS

7 a 10 de dezembro de 2022



# **CADERNO DE RESUMOS**

## **ORGANIZADORAS**

Profa. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS);

Profa. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);

Lizandra Caon Bittencourt (discente do Curso de Museologia e PPGMusPa/UFRGS);

Profa. Márcia Regina Bertotto (UFRGS)

Profa. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

## **5º SEBRAMUS**

### **SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA**

Porto Alegre - RS

Museologia em movimento:  
lutas e resistências

7 a 10 de dezembro de 2022

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Criação da Identidade Visual:

Sofia Martinez – Design de Produto/UFRGS – Museu da UFRGS

Ana Porazzi – Design Visual/UFRGS – Museu da UFRGS

Capa e Editoração eletrônica:

Lizandra Caon Bittencourt

NÃO ILUSTRADO

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**BIBLIOTECA**

---

S471c Seminário Brasileiro de Museologia (5. : 2022 : Porto Alegre, RS)  
Caderno de Resumos [recurso eletrônico] / Ana Carolina Gelmini de  
Faria ...[et al.] (Organizadoras). – Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação, 2022.  
p.333

Tema: Museologia em movimento: lutas e resistências  
ISSN: 2446-8940

1. Museologia - Eventos. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de (Org.). II. Título.

CDU: 069

# **Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia Coordenação - Gestão 2022-2024**

Dr. Jezulino Braga – UFMG (coordenador)

Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino – UFRGS (vice-coordenadora)

Dra. Anna Paula Silva – UFBA

Dra. Thainá Castro – UFSC

5º Seminário Brasileiro de Museologia

## **Coordenação Geral**

Profa. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino – UFRGS

Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto – UFRGS

Comissão Organizadora

Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria – UFRGS

Profa. Dra. Ana Celina Figueira da Silva – UFRGS

Profa. Dra. Andréa Reis da Silveira – UNIASSELVI

Ma. Claudia Porcellis Aristimunha – Museu da UFRGS

Ma. Daniela Amaral – Representante dos pesquisadores/profissionais de museus

Prof. Dr. Daniel Viana de Souza – UFPel

Prof. Dr. Diego Ribeiro – UFPel

Ma. Eliane Muratore – Museu da UFRGS

Me. Elias Machado – UFRGS

Prof. Me. Eráclito Pereira – UFRGS

Profa. Dra. Fernanda Albuquerque – UFRGS

Profa. Dra. Fernanda Rechenberg – UFRGS

Profa. Dra. Jeniffer Cuty – UFRGS

Profa. Dra. Karine Lima – UNESPAR

Ma. Livia Biasotto- Museu da UFRGS

Profa. Ma. Marlise Giovanaz – UFRGS

Profa. Dra. Renata Padilha – UFSC

Esp. Simone Borsatto – Museu da UFRGS

Profa. Dra. Thainá Castro – UFSC

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai – UFRGS

Bolsista PROEXT: Lizandra Caon – Museologia/UFRGS

Criação do site: Juliana Costa – Publicidade e Propaganda/UFRGS

Criação da Identidade Visual:

Sofia Martinez – Design de Produto/UFRGS

Ana Porazzi – Design Visual/UFRGS – Museu da UFRGS

## 5º Seminário Brasileiro de Museologia

### Comissão Científica

Dra. Andréa Reis da Silveira – UNIASSELVI

Dra. Anna Paula Silva – UFBA

Dra. Cristina Bruno – USP

Dr. Daniel Viana de Souza – UFPel

Dr. Diego Lemos Ribeiro – UFPel

Dra. Emanuela Ribeiro – UFPE

Me. Eráclito Pereira – UFRGS

Dra. Giane Vargas – UNIPAMPA

Dr. Ivan Coelho de Sá – UNIRIO

Dr. Jean Baptista – UFG

Dr. Jezulino Braga – UFMG

Dra. Julia Moraes – UNIRIO

Dra. Karine Lima da Costa – UNESPAR

Dra. Marília Cury – USP

Dra. Monique Magaldi – UNIRIO

Dra. Priscilla Arigoni – UFOP

Dra. Rosângela Britto – UFPA

Dra. Thainá Castro – UFSC

Me. Tony Boita – IBRAM

Dra. Zita Possamai – UFRGS

### Comissão dos Grupos de Trabalho

Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria – UFRGS

Dra. Ana Celina Figueira da Silva – UFRGS

Ma. Daniela Amaral – Representante dos pesquisadores/profissionais de museus

Dra. Fernanda Rechenberg – UFRGS

Lizandra Caon Bittencourt - bolsista 5º Sebramus

Dra. Renata Padilha – UFSC

# Índice

## **GT 1 - MUSEALIZAÇÃO DA ARTE: POLÍTICAS DA RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA 15**

### **COMUNICAÇÕES ORAIS 17**

A Importância do Quinto Marco do Museu de Percurso do Negro de Porto Alegre	18
Mapeamento de Estudos da Musealização da Arte no Brasil	19
MEOC-HPSP: nasce um museu espaço de arte, saúde mental e resistência	20
Entre ocorrências e documentos: vaga em campo de rejeito, de M. Helena Bernardes, no MACRS	21
Ocupação Cromática: notas sobre uma experiência de imaginação, ocupação e certo esperar	22
Categorias de valor: estudo de caso da patrimonialização da coleção Mário de Andrade	23
A revolta do azulejo no ardente e mágico barroco brasileiro	24
Quebrando a Moldura: a Musealização do Corpo em Movimento	25
A musealização como resistência: uma análise sobre os objetos de guerra e imigração	26

### **PÔSTER 27**

Relações de pesquisa: acervo MACRS em rede	28
--	----

## **GT 2 - MUSEOLOGIA EM PROCESSO: FORMAÇÃO E PESQUISA 29**

### **COMUNICAÇÕES ORAIS 31**

Análise de Narrativas Museológicas :o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo	32
Museologia e participação :ensino e experimentação na disciplina Função Social dos Museus	33
Museologia Social e Ciência Cidadã: o Programa Expográfico da Igreja de Santa Engrácia	34
Os modelos didáticos do MLJB: A pesquisa museológica no museu escolar	35
MINA - Museologias Insurgentes en Nuestra América	36
Museologando amorosamente com Paulo Freire	37
A produção acadêmica do Dep .de Museologia da ULHT e a construção da Sociomuseologia	38
Projetos de investigação e reciprocidade de saberes na formação em Sociomuseologia na ULHT	39
Esperanças em diálogo :Sociomuseologia + Paulo Freire	40
EcoHeritage :capacitação de comunidades para aprofundar a função social dos museus	41
Laboratório Virtual como Recurso Pedagógico de Estágio Supervisionado	42
Ausências na mítica Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa	43
De objetos da Missão Anchieta à museália :a coleção etnológica do Museu Anchieta de Ciências Naturais	44
O Manancial Missioneiro de São Miguel das Missões :museu ou não museu?	45
Museologia e participação :ensino e experimentação na disciplina Função Social dos Museus	46
O processo de musealização como metodologia de pesquisa	47
Museologia e literatura de mulheres negras: descolonização do olhar em Arte Decorativa	48
Nova Definição de Museus na Perspectiva da Região Norte do Brasil	49

### **PÔSTER 50**

Mapa de Estágios do Curso de Museologia da UFOP	51
Musealização do Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro	52
Estratégias Educacionais: panorama das Ações Educativas do Museu Casa Kubitschek	53
Levantamento da Produção Científica Discente de Monografias do Departamento de Museologia	54

## **GT 3 - CONSERVAÇÃO** **55**

### **COMUNICAÇÕES ORAIS** **57**

Museu do Instituto de Química da UFRGS e pesquisas avançadas em Ciência do Patrimônio 58

Preservar ,gerir e divulgar :a valoração da coleção de febre amarela do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ 59

Patrimônio bibliográfico do século XIX :salvuarda e comunicação de ações do Sépia 61

O Museu de Rua (Re)surge nas aulas de conservação: a preservação acervo documental do Júlio Abe 62

### **PÔSTER** **63**

Arquivos Fotoativa ,retomada de práticas de preservação no acervo da Associação Fotoativa 64

Conservação-Restauração e a Interpretação dos Vestígios: Valores de Memória em Acervos 65

Beco da Codorna: diagnóstico sobre conservação preventiva em arte mural urbana 66

Processos de Conservação Preventiva do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul 67

Experiência no Acervo Histórico Municipal de Salvador: Laboratório de Conservação e Restauro 68

A conservação preventiva do acervo bibliográfico do Museu de História da Medicina do RS 69

## **GT 4 - Museologia e Cultura Digital** **71**

### **COMUNICAÇÕES ORAIS** **73**

As tecnologias de mídia e a comunicação dos Museus Imperial (RJ) e do Diamante (MG) 74

Visualidades e Virtualidades :a imagem na comunicação museológica online em Museus de Arte 75

Relatos de pesquisas de mestrado :compartilhando o fazer museológico no contexto pandêmico 76

Preservação de Acervos :o processo de digitalização do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul 78

O fato museal e as ambiências digitais culturais no metaverso 79

Os museus do interior gaúcho no ciberespaço: presenças e ausências durante a pandemia de COVID-19 80

Os Museus nas Plataformas Digitais :análise do Projeto Google Arts & Culture 81

Futebol, gênero e guerrilha no Twitter :o caso do Museu do Futebol 82

Práticas Educativas no Museu de História da Medicina do RS em tempo de pandemia 83

O cinema mega-exposto: o digital nas relações museu ,cinema e exposições museológicas 84

Reinvenção Museal durante a Pandemia COVID-19: FatoCibermuseal 85

Memórias Patrimoniais na Amazônia: a imagem, o digital e a decolonialidade 86

### **PÔSTER** **87**

EMARANHADO: experiências online da 11<sup>a</sup> exposição curricular da Museologia/UFRGS 88

Museu Diários do Isolamento (MUDI): trilhando caminhos para um museu total 90

Mídias digitais: divulgação das ações de pesquisa e extensão museológica do Sépia UFRGS 91

Digitalização e Curadoria Digital do Museu da Patologia 93

Museu Diários do Isolamento :Redes Sociais como ferramenta de extroversão do conhecimento científico 94

Ações virtuais dos museus e seus públicos 95

## **GT 5 - MUSEUS, MEMÓRIA E MUSEOLOGIA LGBT+** **96**

### **COMUNICAÇÕES ORAIS** **98**

Observatório do Patrimônio Cultural LGBT	99
Processos Educativos no Combate a Homofobia e Transfobia nos Museus	100
O que há no âmago da transgressão ? História Trans no MARS	101
nuances do arco-íris: práticas de Museologia LGBT na UFRGS	102
Hilda Furacão como patrimônio do Pelourinho: “musealização da pessoa” e a metonímia do patrimônio no desigual Centro Histórico de Salvador	103
Memórias LGBT +Goiás	104
História pública e cultura transnacional da memória LGBTQIA+ da década de 1980 à atualidade	105
Sempre Afrontosa :salvaguarda e difusão da coleção documental	
Parada Livre: nuances/RS	106
Museologia LGBT e seus entraves	108
<b>PÔSTER</b>	<b>109</b>
Nega Lú :um frenesi na maldita Porto Alegre - vestígios de um processo criativo	110
Blog Museu Drag	111
Imagens Dissidentes - Poéticas Visuais de Artistas com Deficiências LGBTQIAPN+	112
Ampliando a Representatividade LGBTQIA: + dos Quadrinhos à Exposição de uma REALIDADE!	113
<b>GT 6 - COISAS E INDIVÍDUOS EM MOVIMENTO: MUSEOLOGIAS, COLEÇÕES E ARQUEOLOGIAS</b>	<b>114</b>
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>116</b>
Cemitério/Museu :avizinhamentos entre o espaço dos mortos e dos vivos	117
Do espaço privado a Reserva Técnica Visitável: trajetória de uma coleção no MAE-USP	118
Conexão de Tempos :Galerias de Arte Urbana nas Ruas de Santo Ângelo	120
Uma Pesquisa em andamento, a pesquisa sobre processos museológicos nos times de futebol de várzea	122
Entre cenas e vitrines :desafios e potencialidades da musealização em acervos de figurino	123
A Musealização da Arqueologia no contexto do resgate das peças egípcias do Museu Nacional	125
Elos que se conectam: Arqueologia e Museologia - um olhar a partir das Cadeias Operatórias	126
Água fria não é chá gelado: decocções conceituais na aproximação entre museus e cemitérios	127
Um chinelo arqueológico e o debate museal	128
PROCESSOS DE MEMORIALIZAÇÃO Reflexões sobre a cidade de Gravataí	129
Redescobrir o Acervo Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano	131
O podcast do MUARAN :adaptação de um Museu de ações sociais à necessidade de distanciamento social	132
Biografia cultural-museológica :o caso do acervo Banco Santos no MAE/USP	133
Museus, Acervos Arqueológicos e Licenciamento Ambiental	134
Caminhar e aprender na Vila dos Ferroviários: fazeres em Museologia e educação	135
Arenas que desafiam a gestão de acervos: Arqueologia preventiva em debate	136
<b>GT 7 - DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA COMO FERRAMENTA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL</b>	<b>137</b>
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>139</b>
Estudo sobre o Acervo Iconográfico do Museu do Trem de São Leopoldo	140

Coleção Oceanos Gêmeos :a documentação museológica de uma coleção apreendida	141
UM ACERVO ANIMADO :documentação museológica aplicada a bonecos da cena	142
O Inventário Participativo de Galópolis e a Gestão Comunitária do Patrimônio Industrial	143
História das Mulheres no Acervo do Museu Julio de Castilhos (1995-2010)	144
<b>PÔSTER</b>	<b>145</b>
Documentação museológica e arte contemporânea : a implementação do Tainacan no MACRS	146
Museu Casa Kubitschek :os processos e caminhos para a documentação do acervo fonográfico	148
Documentando e mobilizando :o caso do Inventário Participativo de Galópolis	149
A associação entre acervos de anatomia patológica e sua documentação histórica em arquivo permanente	151

## **GT 8 - COLEÇÕES, MUSEUS E REDES DE COOPERAÇÃO NAS UNIVERSIDADES** **152**

<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>154</b>
Coleções e Museus Universitários :um ecossistema museal emergente	155
Museus Universitários de Arte no Brasil :Perspectivas e atualizações	156
Documentação e Conservação do Acervo de Patologia da Faculdade de Medicina da USP	157
Financiamento para museus e acervos universitários	159
Museus universitários :retomando a temática dos públicos	160
Museu da Rádio da UFRGS :um acervo em busca de seu lugar	161
Museus universitários da UFPA :mapeamento e considerações iniciais	162
Museus Universitários Federais - Uma abordagem em processo coletivo	164
Memorial da FAMED:projeto para salvaguarda e preservação do seu patrimônio e memória	165
Museu” Luiz de Queiroz :“ações de valorização do acervo para uso como recurso didático	166
A experiência colaborativa na exposição de 50 anos do Museu Antropológico/UFG	168
Extensão universitária em pauta :o educativo do MAFRO-UFBA sob análise	169
Improvisação Teatral Na Formação de Educadores	170
A Política Institucional da UFBA e a Gestão do Patrimônio Cultural Universitário	171
<b>PÔSTER</b>	<b>173</b>
MAPE.ANDO: um recorte da obra de Hermano José presente no acervo da Pinacoteca UFPB	174
A Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e as práticas museológicas	176

## **GT 9 - MUSEOLOGIAS EMERGENTES** **178**

<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>180</b>
Mulheres na Ciência e nos Museus	181
Emergências Amazonianas ,Experiências Decoloniais	182
Porque não há grandes rappers mulheres?	183
Museus Indígenas E Contra-Museologia	184
A masculinidade hegemônicas nos museus	185
Os Invisíveis Visíveis :um estudo de caso dos grupos de dança no MAM do Rio de Janeiro	186
O preconceito de cada dia:educadoras museais e marcadores que operam suas exclusões	187

Da intenção ao gesto :reflexões sobre o patrimônio indígena no Museu Julio de Castilhos	188
Musealização e Ação Social :construção da Memória de Mulheres Cervejeiras em Goiás	189
Itinerários sobre representações femininas nas coleções do Museu Julio de Castilhos	190
Sujeito inacabado e ação educativa em museu	191
MUSEALIZAÇÃO DO HIP HOP: uma análise da implementação do Museu da Cultura Hip Hop-RS	192
A Presença das Mulheres no Museu do Grêmio ,RS :pesquisa museológica em ação	193
Modos de fazer ações educativas como diálogos interculturais: Caixa Educativa Guarani Mbyá	<b>194</b>
<b>PÔSTER</b>	195
Patrimônio natural e racismo ambiental:abordagem crítica para a Serra das Areias	196
O Projeto Presença Karajá e as possibilidades de práticas colaborativas na documentação	197
Pescando Memórias nas Ilhas do Guaíba	198
Vivências Museais no Terreiro de D. Maria: construindo um discurso feminino Afro-Amazônida	199
Museu Antonio Selistre de Campos e a visibilidade dos povos indígenas do Oeste Catarinense	200
Quando o Hallyu chega a Museologia :um recorte sobre o K-pop como cultura no Brasil	201
A Apropriação do Patrimônio Alimentar pelo Agro e o Prejuízo Material e Simbólico aos Povos Tradicionais	202
Marabaixo :leituras decoloniais e feministas de um registro do patrimônio	203
"Corpo Negro ,Cubro Branco":caminhos para uma crítica institucional no presente	204

## **GT 10 - DESAFIOS DOS MODELOS DE GESTÃO EM MUSEUS NA CONTEMPORANEIDADE** **205**

<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>207</b>
Plano Museológico do MUSEARQUI :desafios ,percepções e possibilidades pós publicação	208
Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito - CEMAC: desafios de um Centro de Memória Institucional	209
Planejamento Estratégico para Coleções Biológicas do Museu da Patologia :complexidades e desafios do presente e futuro	210
Políticas Públicas para a Gestão dos Museus no Brasil	211
Diagnóstico participativo na elaboração do Plano Museológico do Museu Histórico de Itajaí	212
Ecomuseu Delta Parnaíba :Gestão e Documentação Participativas	213
Casa de Dona Yayá :Patrimonialização e Musealização	215
Economia Política da Cultura como instrumento basilar para uma Gestão Museológica	216
<b>PÔSTER</b>	<b>217</b>
Centro de Memória do Esporte Paranaense :da Idealização à Concretização	218

## **GT 11 - PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES** **219**

<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>221</b>
---------------------------	------------

Memória tecida com agulha e linha: trabalhos manuais femininos na Coleção Nina Sargaço	222
Moda e Cultura Popular: uma investigação no acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro	223
Casa de Jota Rodrigues: trabalho e família na reconstrução de um centro cultural	224
Constituição, percurso e perspectiva da Coleção Congada da Lapa do MAE - UFPR	225
<b>GT 12 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA</b>	<b>226</b>
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>228</b>
Museu Histórico Nacional: história, trabalho e objetos museais	229
Tudo que é sólido se desmancha no ar : museus e desenvolvimentismo desde a Mesa de Santiago	230
Redução de danos e a Museologia do cuidado	231
Democratização da Cultura e Democracia Cultural : rotas para um horizonte utópico	232
Memorial da Cidade de Gravatá : lugar de memória e representatividade social	233
A escrita do passado nos museus históricos Abílio Barreto e da cidade Governador Valadares-MG	234
A coleção musealizada do “Museu Espaço dos Anjos” (Leopoldina, Minas Gerais)	235
O desenvolvimento de políticas culturais a partir do Museu Nacional do Kiribati	236
Uma política de ações educativas: ferramenta de poder em ascensão nos museus	237
Traduzindo uma epistemologia da Educação Museal : revolta e resistência	241
<b>PÔSTER</b>	<b>242</b>
Levantamento dos museus com Plano Museológico em Minas Gerais	243
Exporvisões : Miradas afetivas sobre museus , patrimônios e afins	244
<b>GT 13 - PROCESSOS CURATORIAIS E CONTRA-COLONIALIDADES</b>	<b>245</b>
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>247</b>
Expografia da ausência uma análise da Galeria do Parthenon no Museu da Acrópole	248
“Entidades”: o espelho que reflete e faz refletir a urgência da vida	249
Questionamentos Decoloniais: Maurício de Nassau em foco na exposição “Shifting Image”	250
A Decolonização no Discurso do Museu dos Trópicos de Amsterdam	251
Curadoria no Museu da História e da Cultura Afro-brasileira : negociação e discurso na arte	252
Análise curatorial da presença de mulheres negras na exposição de longa duração do MABE	253
Análise curatorial da exposição temporária “Presença negra em Bogotá: 1940-1960”	255
<b>PÔSTER</b>	<b>256</b>
“Brasil : Vermelho como Brasa ,” questionando a brasilidade e disputando imaginários	257
Arte Urbana e Artivismo : as percepções sociais sobre o pixo das ruas até os murais do festival CURA	258
Estruturação de metodologias de processos curatoriais participativos MAFRO/UFBA2011-2018	259
<b>GT 15 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL</b>	<b>260</b>
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>262</b>
Museu Joaquim Nabuco: uma experiência social (1974 - 1985)	263
“Vaso Marajoara”: aspectos do acervo do Museu Nacional expostos em	

revistas (1937 - 1945)	264
Parque Histórico Carambeí :delineamentos da tipologia de Museu de História Viva no Brasil	265
Narrativas expográficas na construção das histórias e memórias da saúde no Rio Grande do Sul	266
Liana Ocampo e sua contribuição para o campo museal brasileiro	267
Os agentes e propostas de criação do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa	268
O Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS : a tessitura de uma pesquisa	269
A escrita da história através da coleção do Museu Armido Lauffer em Três Coroas/RS	270
A presença de autores brasileiros nas revistas ISS do ICOFOM durante a década de 1980	271
Quando um museu inaugura a cidade: notas sobre a imaginação museal de Juscelino Kubitschek	272
Cadernos de registros no Museu do Colégio Mauá:um estudo de biografia do objeto	274
História e memória dos museus goianos :notas de uma pesquisa em andamento	275
Um Professor no Museu: práticas educativas no Museu Julio de Castilhos (1939-1950)	276
MARGS extramuros e seus agentes mediadores :uma experiência da Museologia regional na década de 1970	277
O Departamento de Geologia de Paleontologia do Museu Nacional e seu acervo 1842-1892	278
Projeto decorativo do Museu Paulista e Grandes Vultos ,de Afonso Taunay : análise comparativa	279
“Eu não coleciono borboletas”:Pio Buck (1883-1972) e o Museu Anchieta de Ciências Naturais	280
Uma coleção de quadros parietais no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre - RS)	281
<b>PÔSTER</b>	<b>282</b>
Glossário de termos das “ Novas Museologias “da segunda metade do século XX - etapa Brasil	283
Dante de Laytano :contornos de um intelectual no Museu Julio de Castilhos	284
Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias	285
Christina Balbão :uma profissional do campo dos museus	286
Afetividades Sonoras :garimpando vestígios da história do ensino de Museologia na UFRGS	287
A participação dos profissionais de museus no Congresso Nacional do Folclore (déc. 1950)	288
Análise das representações e manutenção dos estereótipos nos materiais pedagógicos museais	289
Sujeito oculto na Museologia brasileira :o legado de Júlio Abe Wakahara	290
A História para crianças nos materiais pedagógicos do Museu Imperial	291

## **GT 16 - MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO: ANCESTRALIDADES, LUTAS E EXISTÊNCIAS** **292**

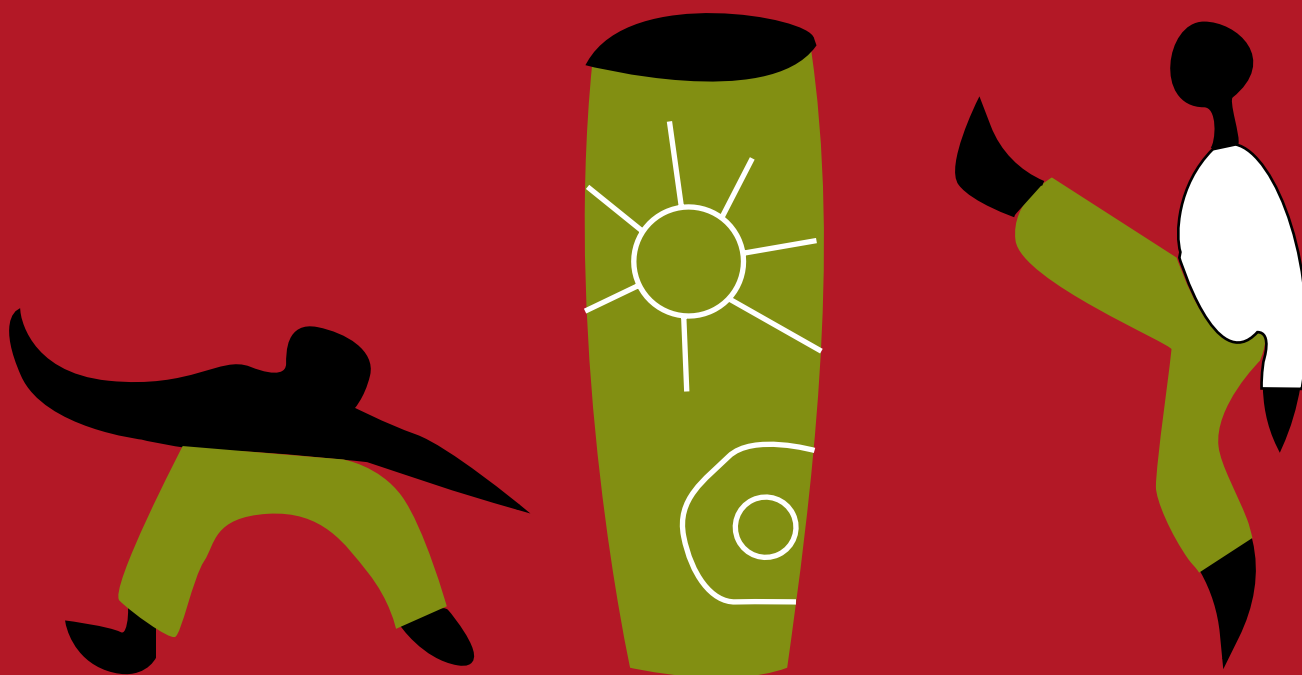
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>294</b>
Museu do Percurso do Negro como equidades ao ensino Porto Alegre/RS	295
Por um Museu da Presença Negra em Caxias do Sul-RS :um ensaio propositivo	296
Mestre Griô Paraquedas e a Emergência da Valorização do Patrimônio Vivo	297

Reflexos da Política Nacional de Museus no Museu Histórico de Itajaí	298
A lembrança à revelia do esquecimento :o carnaval do Afro-Sul/Quilombo de em Porto Alegre/RS	299
Insulas Periféricas em Diadema :o Hip Hop como Patrimônio	300
Práticas de Museologia Social no Terreiro Matamba Tombenci Neto em Ilhéus - BA	301
Quem é essa negra aí? Marcas da racialidade nas representações negras em acervos de museu	302
Clubes Sociais Negros de Santa Catarina :educação ,memória e patrimonialização	303
Quando o pai de Macunaíma pariu o patrimônio cultural brasileiro, os parceiros eram brancos	304
O Clube Gaúcho de Caxias do Sul/RS e a ausência negra nos Museus	305
A tradição do batuque de Porto Alegre como patrimônio cultural negro	306
Bens culturais afro-brasileiros e os embates para seus reconhecimentos enquanto patrimônios	307
Educação museal e educação escolar: diálogos para uma sociedade antirracista	308
Processos de patrimonialização e o racismo na salvaguarda de acervos religiosos	309
<b>PÔSTER</b>	<b>310</b>
A fotografia como fragmento da presença de racialidades, classe e gênero na infância	311
Musealização de território como forma de preservação: o Museu de Território dos Aflitos	312
Territórios Negros em Mapa :inventário dos Pontos Negros da Memória de Jaguarão/RS	313
Exú Museália - a performance da memória dos Exús nos terreiros de Umbanda	314
Patrimônio das palavras :arte literária de mulheres negras na teoria e prática museológica	315
Pluralismo jurídico e decolonialidade: museus e memória dos Movimentos Negros Gaúchos	316
<b>GT 17 - MUSEALIZAÇÃO E GESTÃO DE MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS</b>	<b>317</b>
<b>COMUNICAÇÕES ORAIS</b>	<b>319</b>
O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas eos Espaços de uma Educação Museal Emancipadora	320
Homogeneização e silenciamento das memórias coletivas na construção dos lugares de memória :o caso do subdistrito de Bento Rodrigues	322
Uma mirada sobre o bem comum no Museo Internacional para la Democracia	324
Um museu virtual para as memórias do (IN) possível: trauma ,resistência e intervenção	325
Ensino da Shoá a crianças e adolescentes no museu : os casos de Washington e São Paulo	327
O Projeto de Musealização do Antigo DOPS/MG: potencialidades e desafios	328
Dopinho :lutas e percalços para sua patrimonialização e musealização	330
A Memorialização dos mortos pela Covid-19	331
<b>PÔSTER</b>	<b>332</b>
Ação Iconha :Relatos sobre desastre com acervo do Espaço Cultural Zoé Rodrigues Misságia	333

**5<sup>o</sup> Sebrae  
mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

**GT 1**  
**MUSEALIZAÇÃO DA ARTE: POLÍTICAS  
DA RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DA  
PRODUÇÃO ARTÍSTICA**





## **GT 1 - MUSEALIZAÇÃO DA ARTE: POLÍTICAS DA RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA**

### **Coordenadores**

Anna Paula da Silva (UFBA)  
Emerson Dionisio Gomes de Oliveira (UNB)  
Mariana Estellita Lins Silva (UFMA)

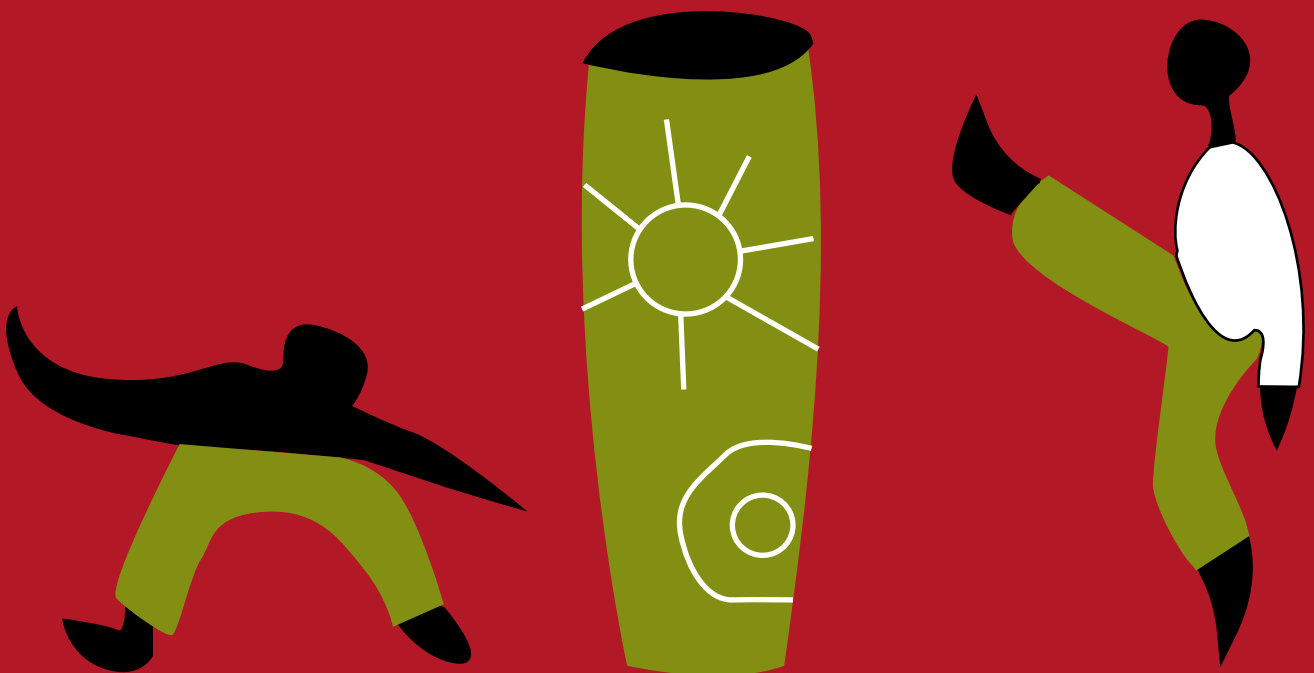
### **Resumo**

Na ocasião da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972), outra operação intelectual e política estava em curso: a constituição do acervo do Museu da Solidariedade, cuja coleção surgiu como ação política deliberada desde 1971 — acervo formado em nome da resistência e da solidariedade, em prol da democracia chilena. Resistência que guiou as ações do museu no exílio, após o golpe de estado de 1973, que instituiu uma das mais violentas ditaduras da América do Sul. Inspirados na história do atual Museu da Solidariedade Salvador Allende, nossa proposta acolhe discussões sobre musealização como ato de resistência para a preservação da produção artística, no contexto político das últimas décadas. Diante do cenário atual em que discussões sobre questões sociais, econômicas, políticas, étnico-raciais, culturais tornaram-se ainda pungentes, em razão da pandemia e das políticas de desmonte na área da cultura e da educação, compreender a musealização como processo de assimilação e de sobrevivência da produção artística pode apontar caminhos possíveis para a atuação das instituições e de seus agentes, garantindo a institucionalização de obras. A partir disto, se considera os desafios das instituições e seu papel na salvaguarda de acervos, reafirmando sua importância como espaços de preservação de bens culturais. Nesse sentido, o objetivo principal é discutir a preservação, constituição, gestão, mediação, extroversão de acervos artísticos públicos e privados de modo interdisciplinar. Para tanto, as comunicações podem abordar práticas e políticas de aquisição; documentação museológica; conservação de acervos; exposição; ação cultural; uso de tecnologias; pautas sociais; políticas públicas; e políticas institucionais. O acervo é basilar não apenas para diversas teorias museológicas que norteiam práticas profissionais, como também para fomentar a circulação da produção artística e o desenvolvimento das instituições. Portanto, o GT propõe o debate da musealização da arte enquanto processo que instaura o papel do acervo nas instituições museológicas e na produção crítica e historiográfica das artes visuais. Deste modo, a partir do reconhecimento da musealização como resistência, o GT será espaço colaborativo para comunicações sobre a produção artística em acervos e coleções.

5<sup>o</sup> sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## A Importância do Quinto Marco do Museu de Percurso do Negro de Porto Alegre

**Jeanice Dias Ramos**

Grupo de trabalho Angola Janga

### RESUMO

Em respeito à memória da comunidade negra porto-alegrense é que reivindicamos a instalação do V marco do Museu de Percurso Negro de Porto Alegre. Trata-se de uma obra do artista plástico Leandro Machado, sob a égide de Xangô, o justiceiro, localizado “entre a cruz e a espada”, ou seja, entre a Igreja das Dores e o III Exército, no Centro Histórico da Capital. O Museu de Percurso Negro de Porto Alegre notabiliza-se como uma parte crucial de referência da cultura negra gaúcha. Além disso, interessados de outras localidades visitam os marcos já existentes. O Bará do Mercado é uma referência da religiosidade de matriz africana. Adeptos desta religião reverenciam o Bará depositando moedas e balas sobre a obra. O Tambor transformou-se em ponto de encontro da intelectualidade, dos estudiosos da cultura africana. Virou ponto de excursões de colégios, em busca de registros autênticos. A Pegada Africana localizada na Praça da Alfândega agregou um elemento negro aos equipamentos e monumentos já existentes de longa data. O Painel Afro-brasileiro deu um especial colorido ao Largo Glênio Peres. É um verdadeiro cartão postal de Porto Alegre. Todos estes pontos citados fazem parte do Centro Histórico da capital dos gaúchos, financiados pelo governo municipal, estadual e federal, sabedores da importância deste projeto para a comunidade, não apenas negra, como a sociedade como um todo. Veio a fazer parte do projeto Territórios Negros desenvolvido pela Secretaria de Cultura, ligada à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Considerando que é o único museu a céu aberto da cidade, que as obras encontram-se no espaço físico do Centro Histórico da Capital, mas em lugares distintos; Bará, Mercado Público; Tambor, Praça Brigadeiro Sampaio; Pegada Africana, Praça da Alfândega; e Painel Afro-brasileiro no Largo Glênio Peres. Levando em conta a visibilidade da cultura afro-gaúcha versus o apagamento que sempre vem acompanhando; o resgate da memória local e a universalização que é proposta. Os reais equipamentos negros gaúchos frente à simbologia reinante; a valorização do artista negro gaúcho, tendo em vista que apenas no Tambor houve a presença de uma artista não negra.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu de percurso. Negritude. Porto Alegre. Cultura Popular.



## Mapeamento de Estudos da Musealização da Arte no Brasil

**Anna Paula da Silva**

Universidade Federal da Bahia - Professora

### RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar um mapeamento prévio dos estudos desenvolvidos no Brasil sobre a musealização da arte. Compreende-se a musealização como noção fundamental para a pesquisa em Museologia, o que envolve processos e dinâmicas que são internos e externos às instituições museológicas. Portanto, a noção de musealização empregada neste trabalho engloba discussões dos contextos das obras fora e dentro das instituições; as obras de arte com diversas linguagens; o protagonismo dos agentes e das agências; as alterações e as adaptações institucionais; e o desenvolvimento dessas discussões no âmbito da área de Museologia, e de modo interdisciplinar desta com outras áreas do conhecimento, sobretudo quando se pensa na formação dos cursos de graduação e de pós-graduação. Assim, metodologicamente, o mapeamento a ser apresentado tem como base artigos dos periódicos *Museologia & Interdisciplinaridade* e *Museologia e Patrimônio*; e dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em Museologia do Brasil. A partir desse estudo será pontuado as considerações sobre musealização dos trabalhos, as temáticas relacionadas à musealização da arte e a relação de referenciais utilizados nas produções científicas escolhidas. Deste modo, analisar os estudos da musealização da arte pode apontar caminhos da noção - musealização - empregada de modos distintos, não só atrelados a ideia de retirar de um contexto determinado objeto, inclusive pelas obras de arte serem antes, durante e depois obras, e que entram nas instituições como tal, evidentemente, que são agregados outros valores de institucionalidade. Ademais, esta discussão também pode apontar a produção científica da Museologia sobre a temática em espaços específicos da área, a partir de discussões sobre acervos de museus, colecionismo, linguagens da arte contemporânea, desafios que as obras causam aos processos institucionais e a própria concepção de visibilidade desses acervos. Assim, a comunicação assume a musealização como vetor de produção científica da área de Museologia e sua especificação está voltada para as artes.

### PALAVRAS-CHAVE

Musealização. Musealização da Arte. Museologia.



## **MEOC-HPSP: nasce um museu espaço de arte, saúde mental e resistência**

**Blanca Brites**

Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (MEOC-HPSP), curadora

**Barbara Neubarth**

Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (MEOC-HPSP), curadora

### **RESUMO**

Nosso interesse é apresentar as origens do MEOC-HPSP - Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro- oficializado pela portaria Nº 49/2022 em 24/01/2022, ato que reconhece o Acervo da Oficina de Criatividade HPSP, como museu. A Oficina, constituída desde 1990, é um espaço de reabilitação psicossocial, pioneira desse serviço em nosso Estado, utiliza as artes visuais como produção de vida e novos sentidos para pessoas internadas no referido hospital, e para os CAPs. A Oficina, inspirada no trabalho da psiquiatra Nise da Silveira, preservou toda produção dos ateliês e reúne em seu Acervo cerca de 100.000 itens entre desenhos, pinturas, bordados, esculturas, textos, documentos. Este tem sido material de ensino, pesquisa e extensão para diversas áreas do conhecimento seja por seu teor artístico, também para Psicologia, no âmbito da saúde mental, História, Antropologia e, sobretudo, para a Museologia que acompanha a construção de um museu em sua potencialidade através de atividades acadêmicas junto aos cursos de graduação e pós-graduação da UFRGS. São estudos registrados em teses, dissertações, monografias, TCC, filmes, livros, registros fotográficos e exposições. Material este que propicia problematizações entre arte, loucura e sociedade, propondo reflexões sobre como agir e reagir nesse contexto. Em 2017, o Acervo da Oficina de Criatividade HPSP recebeu o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do IPHAN na categoria Iniciativas de excelência em técnicas de preservação do Patrimônio Cultural. Um reconhecimento nacional que consagra este acervo, que se encontra em processo de musealização, como um dos quatro grandes museus de sua área: Museu Imagens do Inconsciente - Rio de Janeiro, Museu de Arte Osório Cesar - Complexo Hospitalar do Juquery em Franco da Rocha, SP, Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea na Colônia Juliano Moreira no Rio de Janeiro e o nosso Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre -RS. O Acervo do MEOC-HPSP tem sido amplamente divulgado através de exposições em espaços culturais reconhecidos pelo sistema de artes como o MARGS, Casa de Cultura Mario Quintana, Museu da UFRGS entre outros e nacionalmente participou de mostras no MAR do RJ, no SESC Pompéia SP. O MEOC-HPSP nasce de ações de resistência e assim permanecerá dando voz à potencialidade dos excluídos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

MEOC-HPSP. Hospital Psiquiátrico São Pedro.  
Arte e saúde mental. Oficina de Criatividade HPSP.



## **Entre ocorrências e documentos: vaga em campo de rejeito, de M. Helena Bernardes, no MACRS**

**Isadora Heimig**

PPG Muspa UFRGS - aluna

**Fernanda Albuquerque**

PPG Muspa UFRGS - docente

### **RESUMO**

Este trabalho parte de uma pergunta: como musealizar a obra *Vaga em campo de rejeito*, de Maria Helena Bernardes? Que desafios se impõem nesse exercício? Voltada ao processo e à experiência, a proposta artística parte de uma aventura. Entre 2001 e 2002, junto a um grupo de moradores de Arroio dos Ratos/RS, a artista vivenciou o processo de identificar uma vaga e reproduzi-la no terreno de um antigo depósito de rejeito de carvão. A tal vaga descoberta por Maria Helena Bernardes, área vazia e sem uso localizada entre dois prédios da cidade, foi objeto de uma longa ação coletiva que culminou na empreitada de reconstruir o pequeno espaço sobre o terreno de uma mineradora desativada. A saga que envolveu a escolha e a construção da vaga é contada pela própria artista, em um relato em tom intimista e reflexivo, na primeira pessoa, em livro que leva o mesmo título do trabalho. Assim, é de se indagar quais as possibilidades não apenas de apresentação ou comunicação de *Vaga em campo de rejeito*, mas mesmo de aquisição e preservação por parte do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), para o qual a obra foi doada em 2013. O livro escrito por Maria Helena Bernardes figura como uma espécie de etapa ou ocorrência do trabalho, no entendimento da artista, assim como os registros da ação, tal qual um filme documentário e uma série de oito fotografias impressas – todos esses elementos presentes no acervo do MACRS. Para Maria Helena, o que está no acervo do museu, para além de etapas ou ocorrências da *Vaga*, são documentos que compõem um arquivo. Embora a artista não entenda que haja uma definição precisa de como esses elementos devem ser apresentados, é importante entender que eles fazem parte de um conjunto. A artista lança uma provocação para se pensar o processo de musealização da *Vaga* e de trabalhos orientados ao processo e à experiência de modo geral: a necessidade de o museu se adequar ao pensamento e às propostas artísticas. Se existem partes ou ocorrências de *Vaga em campo de rejeito* que não são transponíveis para o contexto museológico, ou seja, que não podem ser adquiridas, preservadas ou expostas, é necessário que o museu trabalhe com esses desafios. Trata-se de entender que a musealização da obra guarda limites. Pois existem partes do trabalho que são intransponíveis para o contexto museológico. Há, portanto, aprendizados e acomodações implícitos nas experiências de musealização desse tipo de obra, tanto por parte do museu quanto dos artistas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Musealização. Arte processual. MACRS.



## Ocupação Cromática: notas sobre uma experiência de imaginação, ocupação e certo esperançar

**Fernanda Carvalho de Albuquerque**

Professora Adjunta, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

### RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a obra-exposição Ocupação Cromática (2021), do artista Fernando Limberger, e sua doação à Pinacoteca Aldo Locatelli, em Porto Alegre. Com curadoria de Fernanda Albuquerque, o projeto foi pensado e desenhado especialmente para o porão do Paço dos Açorianos, onde funciona a Pinacoteca municipal. Um entrelaçamento de instalações criadas para esse contexto em particular, em diálogo com sua arquitetura, com a paisagem urbana do entorno e com certos sentidos que o lugar evoca. A relação com a ideia de sonho é cara ao trabalho. O conjunto de instalações site-specific se apresentou como uma espécie de paisagem onírica que tomou conta do porão, acrescentando a ele cores e inserindo elementos tais como pedras, areia, palha e penas tingidas. Para visitar o trabalho, era necessário experimentá-lo com o corpo, para além dos olhos e da cabeça. A vontade era de tocar nos tijolos coloridos, sentar nas pedras monocromáticas, abraçar as lágrimas de penas pretas, adentrar a areia vermelha, sentir o cheiro da palha roxa, percorrer o jardim a germinar. E quase tudo isso era possível, à exceção do jardim instalado no cofre, que estava ali para ser contemplado. Ao final da mostra, o trabalho foi doado pelo artista à Pinacoteca Aldo Locatelli. O processo envolveu a doação dos desenhos que imaginaram a obra-exposição - mais do que a projetaram - e que foram também exibidos, no andar superior ao porão. Além disso, preparou-se um memorial descritivo detalhado do trabalho, incluindo especificações sobre os materiais e a montagem, de modo a informar uma futura reinstalação. Fazer acontecer uma mostra de tal porte, desenhada especialmente para o porão do espaço e ainda integrá-la ao acervo da instituição, em se tratando de um museu público municipal, é celebrar um certo impossível tornado possível. Um esperançar tornado real. Sabemos ser tempos duros os que vivemos. De uma realidade tornada pesadelo – social, política, ambiental e humanitariamente falando. Talvez em resistência, Ocupação Cromática nos convidasse a uma experiência do sonho, ora estranha, ora encantadora. Uma paisagem inventada. Um emaranhado de instalações que nos convocava a imaginar a vida enquanto potência poética, reafirmando o lugar necessário da arte para, se não transformar, ao menos desacomodar modos de ver o mundo, de nos relacionar com os lugares que habitamos e com as paisagens culturais que nos rodeiam e que também colaboramos para construir - ou desconstruir.

### PALAVRAS-CHAVE

Fernando Limberger. Pinacoteca Aldo Locatelli. Ocupação Cromática.  
Site-Specific. Obra-exposição.



## **Categorias de valor: estudo de caso da patrimonialização da coleção Mário de Andrade**

**Inês Gouveia**

Docente no Instituto de Estudos Brasileiro - USP

### **RESUMO**

A pesquisa se concentrou na análise das categorias de valor que são associadas ao patrimônio cultural. Na primeira etapa o foco foi a análise da patrimonialização do acervo Mário de Andrade, sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros. Dois “atos” institucionais foram estudados: a aquisição do acervo, em 1968 e seu tombamento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1996. Algumas das indagações que têm norteado a análise são: quais valores figuraram no discurso do processo de aquisição e tombamento? Estes foram determinantes para a ação efetiva de salvaguarda? Como estão relacionados à trajetória de Mário de Andrade e do próprio IEB? A pesquisa se desenvolve no âmbito do projeto acadêmico docente e sua primeira etapa foi realizada em conjunto com uma investigação de iniciação científica. Inicialmente se fez o cotejamento das categorias de valor presentes na literatura que repercutem no campo da preservação no Brasil, sublinhando os sentidos atribuídos ao valor artístico e histórico, mas também, outros valores menos evidentes, como o valor cívico, testemunhal, valor de novidade, e valor utilitário/de uso. Com base nesta sistematização estão sendo analisados os processos que forjam a coleção pessoal de Mário de Andrade enquanto patrimônio. Trata-se de uma coleção de destaque na história do Instituto, com seus 60 anos recém-completados em 2022. Adquirida por meio de compra, na primeira década do IEB, foi determinante para a separação interna do acervo em Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais. Além de influenciar as linhas de colecionamento do Instituto, o acervo inscreveu a instituição na ação de salvaguarda do modernismo brasileiro. As conclusões desta etapa evidenciam a prevalência do valor artístico. Além das já mencionadas, diversas indagações decorrem daí e norteiam as etapas seguintes da pesquisa, a exemplo de: a prevalência do valor artístico pode ser associada à valoração econômica? Como estes processos de valoração estão entrecruzados com as dinâmicas sociais que os mobilizam? Em longo prazo, estima-se que a decantação das categorias de valor, à luz da análise de outros estudos de caso, conduza a uma contribuição teórica, que atualiza os termos, com base na realidade brasileira contemporânea.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimonialização. Categorias de valor. Mario de Andrade. Acervo.



## **A revolta do azulejo no ardente e mágico barroco brasileiro**

**Emerson Dionisio Gomes de Oliveira**

Universidade de Brasília, Docente do Departamento de Artes Visuais

### **RESUMO**

A exibição da obra “A terra que nos move foge debaixo dos pés”, da artista portuguesa Manuela Pimentel, na exposição “Barroco Ardente e Sincrético”, em 2017, e sua aquisição para o acervo do Museu da Associação Museu Afro Brasil perturbou a linearidade da curadoria devotada à produção artística colonial luso-afro-brasileira e, ao mesmo tempo, atendeu seus apelos para os trânsitos entre diferentes regimes estético-culturais. Nas últimas décadas, temos assistido com maior frequência a um conjunto de mostras dedicadas a reunir diferentes regimes temporais e tipologias artísticas, num processo de imbricamento trans-histórico. Mostras preocupadas em reposicionar as narrativas matriciais da história da arte brasileira, em especial aquelas que insistem em apartar os fenômenos artísticos dos processos culturais mais amplos. Nesse conjunto de exposições, queremos destacar um projeto curatorial particular, realizado dentro de um processo de expansão dos espaços de cidadania, de revisitação da história cultural brasileira e da visibilidade das culturas afro-diaspóricas no escopo patrimonial, que delineiam o fenômeno do barroco tropical brasileiro. Tradicionalmente, a ideia de projeto curatorial busca construir, a priori, um discurso unificador, modelando expografias, narrativas historiadoras, pedagogias mediadoras e representações midiáticas. Tais projetos atendem aos desejos e às premissas das tradicionais instituições museológicas e do sistema da arte, preocupados em garantir que o “ambiente” artístico permaneça estável, incorporando novas possibilidades poéticas e assimilando a própria crítica ao sistema. Não foi o que ocorreu com a exposição citada, realizada em São Paulo, com curadoria de Emanuel Araújo. A mostra do Museu Afro Brasil buscou viabilizar a reunião de obras de arte produzidas no presente e no passado, num estendido aqui-e-agora. Como em outras instituições, jogos e narrativas curatoriais reuniram acervos consolidados oriundos de diferentes regimes históricos e projetos poéticos. Estratégias de subordinação e de sobreposição organizaram os espaços expositivos. Nessa perspectiva, a convivência entre diferentes regimes artístico-culturais buscou atualizar a percepção e a relação que as instituições - e suas operações discursivas - têm com obras do passado.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte contemporânea. Curadoria de arte. Acervo de arte.  
Barroco Tropical. Trans-historicidade.



## **Quebrando a Moldura: a Musealização do Corpo em Movimento**

**Angela Luciane Peyerl**

Univille - Doutoranda

**Dra.Nadja de Carvalho Lamas**

Univille - Docente

**Dra.Luana de Carvalho Silva Gusso**

Univille - Docente

### **RESUMO**

O papel dos museus na sociedade atravessa séculos com diferentes roupagens, ganhando e perdendo funções de acordo com o período e a sociedade na qual estiveram inseridos. Por terem uma trajetória é que essa instituição chegou ao século XXI com uma função social. Diante disso, o presente trabalho tem o intuito de refletir acerca das definições de museus instituídas pelo ICOM. Analisando assim os pontos de tensão existentes entre arte e patrimônio, buscando assim experimentar ser museu, um diálogo além da materialidade do objeto, entendendo que o corpo do dançarino/performer em movimento pode se tornar passível de ser musealizado. Com o intuito de refletir a respeito do diálogo existente entre um corpo arquivo e os processos de corporificação, buscamos por meio deste trabalho analisar o conceito de artificação do corpo sem órgãos, este que é cunhado por Artaud (1983) e as experimentações de um corpo enquanto campo de forças e, conseqüentemente, passível de atravessamentos. A abordagem desta pesquisa é teórica, no que tange propor repensar os processos museológicos, em especial o processo de musealização. Assim, procuramos refletir sobre a inserção do corpo em movimento como algo novo e desafiador para a realidade atual das instituições de arte hoje no Brasil.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimônio Cultural. Museologia. Corpo. Arte Contemporânea.



## **A musealização como resistência: uma análise dos objetos de guerra e imigração**

**Joana Pinheiro Gomes Arêas**

Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia/  
Universidade de São Paulo (USP)/ Mestranda em museologia (USP)

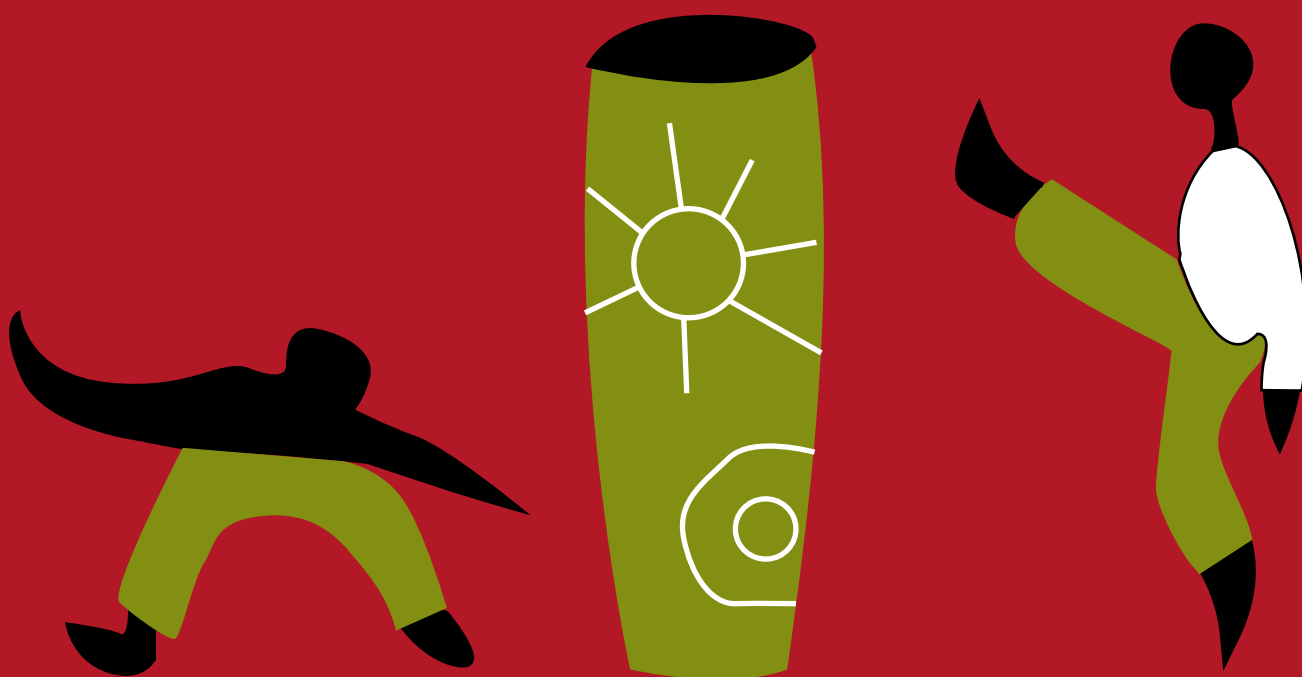
### **RESUMO**

O presente trabalho almeja investigar os objetos relativos ao contexto de guerra e imigração dos monges da Congregação Húngara da Ordem de São Bento, que emigraram da Hungria, após a Segunda Guerra Mundial, e que hoje estão musealizados no acervo do Museu da Abadia São Geraldo, na cidade de São Paulo. Em 1950, a implementação do governo soviético na Hungria no pós-guerra gerou uma situação crítica para as instituições religiosas no país com as restrições à liberdade de culto, obrigando o exílio e a imigração dos religiosos. O trauma do processo migratório vivido pelos beneditinos pode ser percebido nos objetos pessoais que foram trazidos para a longa viagem de navio ao Brasil. Um frasco com amostra do solo húngaro, pinturas e esculturas dos santos padroeiros da Hungria, objetos litúrgicos, álbuns fotográficos, películas, livros religiosos e livros de ficção, arte e cultura húngara. No Brasil, os monges húngaros vieram com a clara intenção de permanência. E, sem a perspectiva do retorno ao país de origem, os objetos trazidos nas malas de viagem apresentavam um desejo simbólico de trazer parte dos costumes e tradições da Hungria para a América, especialmente a tradição católica. Neste estudo, abordaremos as características dos objetos relativos à imigração dos beneditinos húngaros musealizados no Museu da Abadia Geraldo analisando, além das diferentes tipologias, o tombamento tardio destes objetos no acervo. Enquanto o patrimônio religioso e os objetos de cultura húngara ingressaram no museu nos primeiros anos de funcionamento da instituição, entre os anos 1999 e 2000, os objetos relativos à imigração começaram a ser musealizados somente a partir de 2011. A nossa hipótese de leitura é que a memória da guerra e da imigração ainda necessitava de um longo período de silêncio, não como produto do esquecimento, mas como condição necessária para a gestão da memória diante de um trauma recente. Por isso, os objetos representativos deste contexto de guerra e imigração, ao contrário dos demais objetos musealizados no acervo, permaneceram guardados no interior das celas dos monges na Abadia São Geraldo, como reminiscência de um passado traumático.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Documentação museológica. Imigração. Memória.  
Patrimônio cultural. Cultura húngara.

# PÔSTERES





## Relações de pesquisa: acervo MACRS em rede

**Bruna Martin**

UFRGS, Aluna

**Maria Luiza Mello**

UFRGS, Aluna

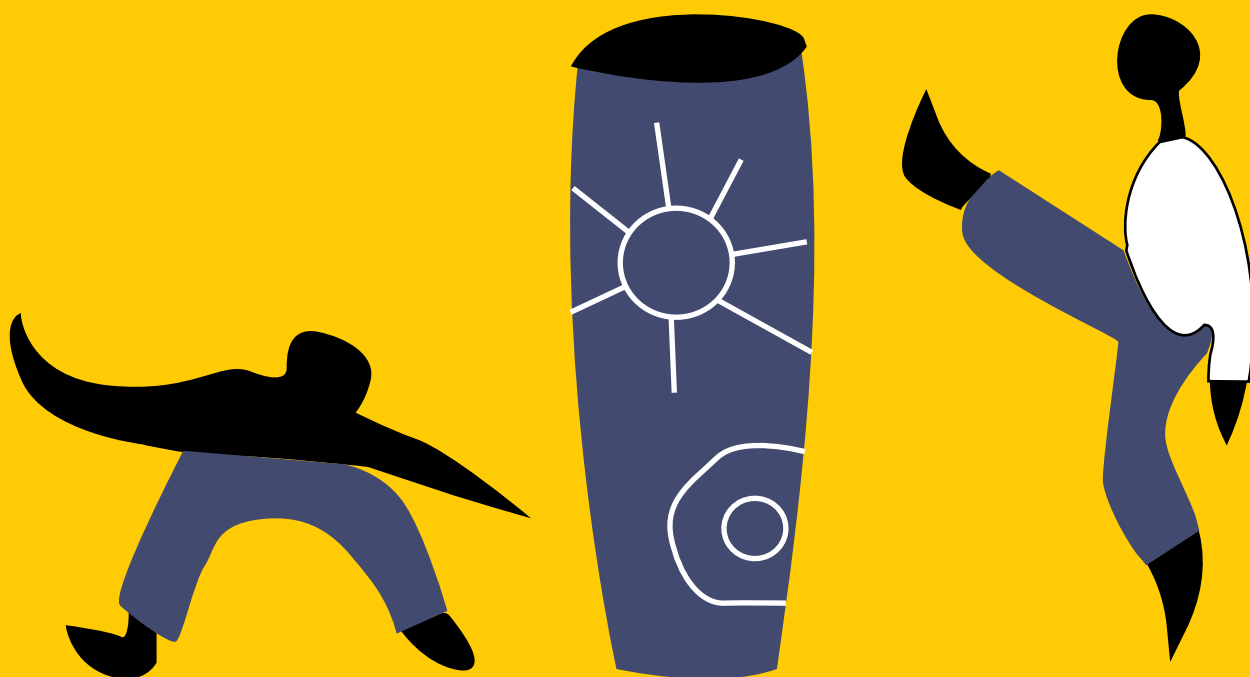
### RESUMO

Uma exposição é sempre provocativa, pois nos coloca a questionar a sociedade e nós mesmos. Mas para que ela exista, um longo caminho é percorrido por muitos profissionais de áreas distintas. Desde a equipe de manutenção do espaço, responsável para que ele sempre esteja pronto a nos acolher; até a equipe de pesquisadores e pesquisadoras que investigam as formas e possibilidades de expor e de comunicar o que se pretende. O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) em parceria com o curso de Museologia da Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) disponibiliza parte de seu acervo online através do repositório digital Tainacan, uma plataforma flexível e democrática de difusão e preservação de acervos de instituições culturais na internet. A mostra apresenta os resultados das pesquisas das obras vinculadas à exposição comemorativa dos 30 anos do museu, “Matéria Difusa - um olhar sobre a coleção MACRS”, com curadoria de Gabriela Motta. A iniciativa é uma continuidade dos movimentos realizados em 2020 pela instituição, que resultaram na publicação do catálogo e do acervo online. Através da mostra, o Museu pretende aproximar seu público do processo de documentação realizado pela equipe, trazendo para dentro da galeria materiais como catálogos, livros, convites de exposições e vídeos utilizados ao longo da catalogação. Foram escolhidas quatro obras a fim de exemplificar a diversidade presente no acervo, são elas: a litografia “Oitenta Qualidades” (2014) e uma pintura em grafite (1988) da artista Elida Tessler, a assemblage “Deleitar-se um pouco com os brilhos” (2000), de Téli Waldraff e a fotografia “Espaços para esconderijos” (1973-1975), de Carlos Pasquetti. Seguindo a missão do museu, esse projeto representa a importância do trabalho da gestão de seu acervo tendo em vista o reconhecimento como patrimônio relevante para a pesquisa e para os processos acessíveis de aprendizado em arte e cultura.

### PALAVRAS-CHAVE

Exposição de arte. Documentação. Curadoria.  
Bastidores de exposição. Musealização

**GT 2**  
**MUSEOLOGIA EM PROCESSO:**  
**FORMAÇÃO E PESQUISA**





## **GT 2 - MUSEOLOGIA EM PROCESSO: FORMAÇÃO E PESQUISA**

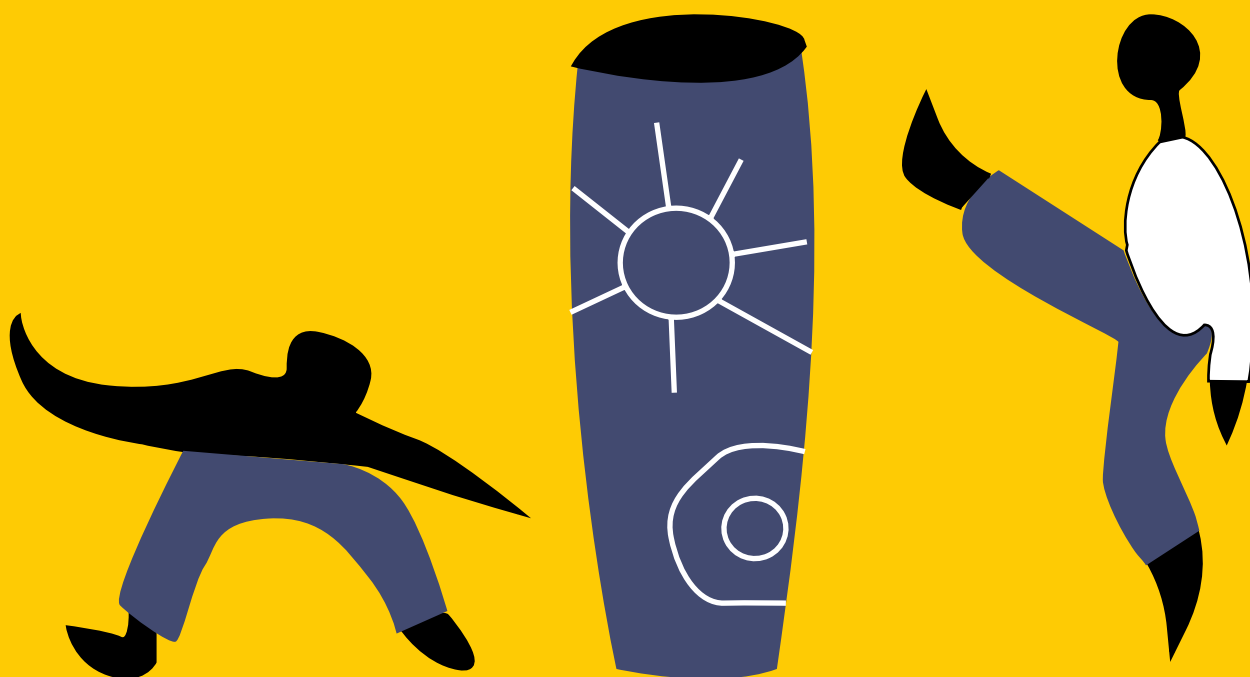
### **Coordenadores**

Maria Cristina Bruno (USP)  
Judite Santo Primo (ULHT-Lisboa)

### **Resumo**

Apresentamos a proposta de um grupo de trabalho para abordar as especificidades do ensino e pesquisa em Museologia, considerando as suas implicações nas ações museológicas contemporâneas. Por um lado, pretende-se reunir estudantes e professores para discussões sobre metodologias de ensino nos cursos de graduação e pós-graduação e, por outro, espera-se identificar os impactos das pesquisas acadêmicas nos diferentes contextos de políticas públicas para museus e ações museológicas. Entendemos que nos últimos anos três pontos devem ser considerados neste contexto: o novo olhar para as questões que envolvem os repertórios patrimoniais museológicos à luz das discussões sobre decolonialidade, diversidade cultural e direitos humanos e o quanto as pesquisas e as ementas de formação profissional estão evidenciando estas preocupações; o impacto da discussão sobre a nova definição de museus, realizada pelo ICOM - Conselho Internacional de Museus e de que forma os professores e estudantes estão envolvidos nestes trâmites; a inserção dos estudantes e professores nas discussões e ações sobre as políticas públicas museológicas e áreas afins. Esses pontos foram selecionados, entre muitos outros, com o propósito de verificar qual é o impacto das pesquisas e dos cursos de formação nas múltiplas dimensões da museologia em processo.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **Análise de Narrativas Museológicas: o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo**

**John Keven Nunes Silva**

Mestre em Museologia pelo PPGMus/USP

### **RESUMO**

Esta comunicação tem como finalidade exibir os resultados de nossa pesquisa intitulada “Objetos Indicadores da Memória: os acervos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo” desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMus/USP) sob orientação da professora Maria Cristina Oliveira Bruno, apresentada e aprovada em março de 2022, e que teve como objetivo principal investigar as narrativas museológicas irradiadas a partir da exposição Liceu: História e Memória. O Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo é uma instituição escolar da cidade de São Paulo, no Brasil. A expografia suscita versões da história do Liceu, busca entrelaçá-la com a história do desenvolvimento urbano e social da cidade de São Paulo e, através de evidências e apagamentos, apresenta ao público visitante uma memória oficial da instituição. A exposição teve o papel de reforçar a imagem do Liceu enquanto espaço educacional de excelência e espaço de produção manufatureira de objetos. As narrativas museológicas presentes na exposição Liceu: História e Memória estão baseadas no percurso do desenvolvimento escolar do Liceu e na arqueologia das memórias industriais da instituição. A dissertação está dividida em Introdução, três capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo trouxemos debates teóricos da Museologia, nos autores Bruno Soares Brulon (2015), Ivan Vaz (2017), Krzysztof Pomian (1984), Maria Cristina Oliveira Bruno (2000, 2008, 2009, 2014, 2015, 2020) e Ulpiano Bezerra de Meneses (1994, 1998). Apresentamos os conceitos de cultura material, objeto de museu (museália) e coleção, memória aplicada à Museologia, fato, fenômeno e processo museológico, cadeia operatória da Museologia, pedagogia museológica e musealidade. No capítulo segundo dissertamos sobre a trajetória do Liceu desde o início de sua formação, no final do século XIX até o ano de 2018, data de reinauguração do Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. No terceiro capítulo descrevemos e analisamos a exposição Liceu: História e Memória, e, a partir dos acervos, realizamos estudos sobre as narrativas evocadas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Narrativas museológicas. Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.  
Exposição.



## **Museologia e participação: ensino e experimentação na disciplina Função Social dos Museus**

**Luiz Henrique Assis Garcia**

UFMG - Prof. Graduação em Museologia e PPG em Ciência da Informação

### **RESUMO**

Apresento neste artigo um relato analítico de atividades de ensino, pesquisa e extensão associadas à disciplina Função Social dos Museus, que é ofertada por mim no curso de graduação em Museologia da UFMG desde 2011. Após uma apresentação inicial que procura elucidar algumas escolhas teórico-metodológicas e pedagógicas, relato detalhadamente o conteúdo programático e as principais atividades desenvolvidas em sala de aula e em atividades de campo, tendo como cerne o estudo e aplicação de perspectivas oriundas da Museologia social, em diálogo interdisciplinar com investigações promovidas pelos Estudos de público, a Sociologia da cultura, a História e o Urbanismo, enfatizando conceitos como sujeito histórico, participação e público. Os museus são hoje importante ferramenta de intervenção social quando incorporam a noção de que o seu público é constituído de sujeitos ativos capazes de transformar a realidade, nesse sentido habilitado a participar inclusive da construção institucional e da ampla gama de processos que a mesma enseja. Compreender e estimular tal participação consiste num elemento chave das transformações epistemológicas ocorridas na Museologia especialmente desde a segunda metade do século XX. Podemos dizer que são noções articuladas - a de participação e a de público, conceitos da Política, e a de sujeito, tal como a pensa a História. Alternando entre seminários e atividades experimentais em museus da cidade, os estudantes exercitam em campo seu aprendizado teórico, reelaborando-o na prática junto dos profissionais das instituições e do público. Tomar conhecimento de experiências de trabalho realizadas em cenários diversos e articulá-las aos constantes debates que reconfiguram o conceito de museu e as formas de atuação da(o)s museóloga(o)s é uma maneira de oferecer um repertório básico a partir do qual a(o)s aluna(o)s irão participar dos seminários e realizar as atividades aplicadas da disciplina. Nosso objetivo central é permitir que vivenciem as dificuldades e estímulos concretos que emergem do desafio de promover a participação num contexto muitas vezes carente de cultura democrática e iniciativas institucionalizadas de engajamento. Finalmente, apresento um panorama dos trabalhos finais realizados pelos estudantes, concluindo com um balanço crítico da disciplina que preza fundamentalmente por avaliar em que medida se constrói na dialética entre teoria e empiria a noção fulcral de que a função social dos museus é eminentemente transformadora.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia social. Ensino. Sujeito histórico. Participação. Público.



## **Museologia Social e Ciência Cidadã: o Programa Expográfico da Igreja de Santa Engrácia**

**Adel Pausini**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa

**Maria Monsalve**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa

### **RESUMO**

Nesta investigação de doutoramento, em desenvolvimento no Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Lisboa pretendemos discutir a importância dos processos colaborativos e participativos como potenciadores de construções identitárias em função de memórias e vivências coletivas e individuais, partindo do pressuposto que a participação mobiliza a solidariedade social, e ao propiciar formas de interação entre as pessoas, aprofunda a coesão de grupo. Destacamos assim, o papel da participação na articulação de identidades individuais e coletivas a partir de projetos comuns, e a sua dimensão política uma vez que implica tomadas de consciência e decisão na implementação das diretivas comunitárias. Mediante o estudo de caso em curso na Igreja Paroquial de Santa Engrácia em Lisboa, analisamos o processo participativo envolvendo membros internos e externos à comunidade local para organização de uma exposição. As ações incluem a ordenação e limpeza dos espaços, inventariação, classificação e restauro do acervo para realização da exposição de construção conjunta. assente numa metodologia de trabalho alicerçada na equivalência entre saberes académicos e não académicos, a partir do estímulo da ciência cidadã aproximando academia e sociedade, em processo colaborativo em que as pessoas envolvidas atuam em oficinas temáticas em torno das vivências comunitárias e do património. O edifício da igreja, cenário e objeto das atividades do projeto, pertenceu ao Convento dos Barbadinhos e parte das suas dependências foram transformadas há alguns anos em condomínio habitacional, com características muito distintas do anterior quadro demográfico, social e económico do bairro, inserido numa freguesia que desde o início e até meados do século XX, era proporcionalmente uma das mais povoadas da capital portuguesa, situação que se foi alterando progressivamente com o envelhecimento da população local, a ausência de empregos e a migração dos jovens. O bairro integra o processo de descoberta turística de Lisboa, onde a especulação imobiliária e seus empreendimentos modificou predatoriamente as dinâmicas prejudicando a interação e a vivência comunitária daqueles que resistiram e persistem morando na freguesia, sendo deste modo, o projeto colaborativo e participativo uma retomada do protagonismo destas pessoas no cenário local por meio daquilo que compreendem como património.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Participação. Comunidade. Santa Engrácia. Património. Ciência-cidadã.



## **Os modelos didáticos do MLJB: A pesquisa museológica no museu escolar.**

**Pollynne Ferreira de Santana**

Mestre em Museologia (PPGMUS-USP); Museóloga (UFPE)

### **RESUMO**

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa a nível de mestrado, cujo objetivo é compreender o processo de formação de uma coleção museológica formada por modelos didáticos destinados a disciplina de História Natural, em especial, aos conteúdos de Botânica. Ao total a coleção é formada por 139 modelos didáticos que fazem referências a morfologia das plantas e suas respectivas partes. Todos os modelos dessa coleção museológica foram fabricados por empresas oriundas da França, Alemanha e Itália. Para metodologia recorreremos ao método de estudo das coleções postulado por Lourenço e Gessner (2012). Os resultados alcançados durante a aplicação do método são sistematizados em uma ficha de catalogação do qual os campos de informação selecionados para compor essa documentação museológica resulta na gestão de coleções que recupera da biografia dos objetos museológicos através do desenvolvimento da pesquisa museológica. Para isso recorreremos a fontes de documentações textuais, banco de dados de coleções museológicas, inventários, periódicos, fotografias e catálogos comerciais. O alcance desse estudo proporciona a salvaguarda, pesquisa, comunicação e a valorização de coleções didáticas utilizadas em colégios, em especial, nos museus escolares comumente localizados nas escolas do final do século XIX e início do século XX para as atividades pedagógicas utilizando o método lições das coisas. Esse método pedagógico defendia o aprendizado dos alunos através de experimentações nos espaços museais (museus escolares) localizados nas escolas. A pesquisa teve como locus o Museu Louis Jacques Brunet (MLJB) que encontra-se situado na atual Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano (EREMGP), antigo Liceu Provincial, fundado em 1825.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Pesquisa Museológica. Museus escolares. Museus escolares.  
Coleções didáticas. Ensino de Botânica.



## **MINA - Museologias Insurgentes en Nuestra América**

**Fernanda Rechenberg**

Professora Adjunta DCI/UFRGS

**Júlio Cezar Chaves**

Doutorando ULHT

**Vania Maria Andrade Brayner Rangel**

Professora ULHT

### **RESUMO**

Por que criar um grupo de estudos sobre museologias insurgentes na América Latina? Por que se considera importante conhecer e debater a diversidade de possibilidades museais e de experiências de memórias coletivas a espalhar-se desde o México até o Sul da Argentina e do Chile? Como um grupo de investigadores latino-americanos pode atuar como espaço de ideias, práticas e formação alternativas, mobilizando repertórios diversos no e para o campo museal? Criado em final de 2021, o MINA - Museologias Insurgentes en Nuestra América é um grupo de estudos pós-graduados, vinculado à Cátedra Unesco "Educação, Cidadania e Diversidade Cultural" da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Esse grupo "faz uma opção decolonial epistêmica, teórica, afetiva e política da museologia em sua dimensão social" e está aberto a todo o campo museológico interessado em voltar-se para os estudos das ideias e práticas em torno de um patrimônio comunal, vítima de genocídios e epistemicídios. Além de vincular uma potente e diversa rede de pesquisadoras/es, o MINA vem desenvolvendo coletivamente uma série de seminários em comemoração aos 50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile, um encontro emblemático para quem defende uma museologia integrada às dinâmicas sociais. Tais seminários têm promovido encontros entre saberes diversos no campo da ação museológica, seguindo as linhas debatidas na Mesa de Santiago, a saber: museus e desenvolvimento cultural em áreas rurais, museus e o desenvolvimento científico e tecnológico, museus e meio ambiente, e museus e educação permanente. Tais linhas são exploradas em diálogos que possibilitem atualizar os debates para o nosso momento histórico, conferindo espaço às discontinuidades, tensões e contradições emergentes de tais temas. "Aquí (en Abya Yala), donde la palabra oficial encubre lo no-dicho de la dominación étnica y patriarcal, es donde mejor se comprende el nexo entre las memorias y vivencias, personales/colectivas, y un pensamiento crítico enraizado, con los pies en la tierra", nos diz a socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui. É com esse pensamento que o MINA aspira que os seus estudos, análises, diálogos e proposições busquem a transformação de ideias e práticas, a partir de uma outra forma de ser museu, de ser museóloga/o e de pensar a Museologia; e esperamos também que contribuam para a formulação de políticas públicas de base comunitária, voltadas às memórias coletivas latino-americanas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Memórias Coletivas. Sociomuseologia. América Latina.  
Diversidade Cultural. Diálogos Interculturais.



## Museologando amorosamente com Paulo Freire

**Moana Soto**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museóloga)  
Cátedra UNESCO-ULHT Educação, Cidadania e Diversidade Cultural (Bolsista)

### RESUMO

Buscamos identificar o papel de Paulo Freire nos museus e na museologia, estabelecendo influências de diretrizes socioeducativas dialógicas para a construção de teoria e prática museológica voltadas para o exercício consciente da cidadania. Através do diálogo intercultural, abordamos as redes de interação dos vários setores sociais, incluindo aquelas que permitem a articulação entre os diferentes centros educativos, para permitir a reflexão sobre a realidade atual, englobando todas as etapas da ação patrimonial numa perspectiva de construção e reconstrução de identidades, em um desenvolvimento museológico com foco no desenvolvimento social, envolvendo toda a comunidade. O objetivo principal desta pesquisa é reconhecer e sistematizar a influência de Paulo Freire na transformação do modo de fazer e pensar os museus, uma Museologia dialógica, participativa e comunitária. Em termos metodológicos, foi feito um estudo da obra de Freire para encontrar relações entre ela e o campo dos museus e da museologia. A pesquisa de campo é realizada por meio de reuniões do grupo Sociomuseologia + Paulo Freire, grupo de debate formado por pesquisadores em Museologia. A bibliografia base deste trabalho é a obra de Paulo Freire, bem como o que já foi produzido sobre sua obra e, além da obra de Freire, analisaremos publicações no campo da Museologia. A obra de Freire está presente nos fundamentos da Sociomuseologia, onde influenciou decisivamente o processo de renovação do museu iniciado na década de 1970, e que teve como marco central a Mesa Redonda de Santiago do Chile, no qual foi sintomaticamente convidado a presidir, mas foi impedido pelo veto da ditadura militar brasileira. Buscaremos nos autores do museu a referência bibliográfica para a construção desta obra, a fim de encontrar a face museológica de Paulo Freire. Com este trabalho, não estamos apenas tentando fazer uma genealogia do pensamento museológico e patrimonial em sua relação com o pensamento de Freire. Isso por si só já seria importante, pois daria status acadêmico ao reconhecimento assistemático que os personagens centrais desse processo de renovação do museu deram à influência de Freire. Acreditamos, porém, que além de promover o reconhecimento do papel de Paulo Freire em nosso campo, o que se abre a partir daí é a possibilidade de retornar, de forma sistemática e profunda, às suas reflexões.

### PALAVRAS-CHAVE

Sociomuseologia. Paulo Freire. Educação. Diálogo. Esperançar.



## **A produção acadêmica do Dep. de Museologia da ULHT e a construção da Sociomuseologia**

**Angelo Renato Biléssimo**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Doutorando

**Mário Moutinho**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Docente Orientador

### **RESUMO**

Este trabalho propõe apresentar uma investigação em desenvolvimento no âmbito do Doutorado em Museologia, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com bolsa de estudos da Cátedra Unesco: Educação, Cidadania e Diversidade Cultural, também da ULHT. Tem como objetivo principal analisar as teses e dissertações defendidas nos Programas de Mestrado e Doutorado em Sociomuseologia, do Departamento de Museologia da ULHT, entre os anos de 2001 e 2022. Buscamos compreender como as dinâmicas e processos em torno dos quais vem sendo estruturada a produção de conhecimento na área da Museologia lusófona, e a emergência da Sociomuseologia, transparecem nessas produções acadêmicas. Esta aproximação nos parece possível se entendermos essas investigações como parte de uma discussão mais ampla, que ultrapasse o trabalho individual de cada pesquisador, articuladas a temas, problemáticas e questões contemporâneos dos contextos social, político e teórico de cada época analisada pela investigação. A recolha de dados e o levantamento das teses foi realizado a partir do ReCil, repositório da ULHT e do arquivo digital e físico do Departamento de Museologia, procedendo-se à criação de uma base de dados, que serve como base para o desenvolvimento da investigação. Com mais de 50 (cinquenta) teses de doutorado e 80 (oitenta) dissertações de mestrado analisadas, é possível apontar alguns caminhos trilhados pelo campo, ao longo do período analisado. As produções são analisadas uma a uma, a partir de pontos como prevalência de temas, características da investigação, palavras e conceitos utilizados, opções metodológicas, objetos abordados e bibliografia utilizada, entre outros. Ainda que reconheçamos que cada um dos trabalhos abordados tem sua historicidade e individualidade, respondendo no mais das vezes a questionamentos e inquietações construídas a partir da trajetória de cada pesquisador, uma aproximação do conjunto de trabalhos desenvolvidos pode nos dar base para uma compreensão maior da conformação e do desenvolvimento teórico e prático e dos discursos no campo. Nesta perspectiva, nosso objetivo é, a partir desta análise, compreender desafios e possibilidades que essas investigações têm apresentado, a partir de uma perspectiva do desenvolvimento da Sociomuseologia enquanto uma Escola de Pensamento e desenvolvimento da área do conhecimento da Museologia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Sociomuseologia. Museologia. Produção Acadêmica.

Departamento de Museologia. ULHT.



## Projetos de investigação e reciprocidade de saberes na formação em Sociomuseologia na ULHT

**Maristela Simão**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Docente

**Mário Moutinho**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Docente

### RESUMO

Essa proposta tem por objetivo refletir e apresentar práticas e metodologias participativas de ensino aprendizagem na formação dos programas de mestrado, doutoramento, pós-doutoramento e residência científica em Sociomuseologia da Universidade Lusófona, com foco na partilha de projetos de investigação e intervenção e reciprocidade de saberes realizados no departamento entre 2019 e 2022. A atuação se desenvolve sob as lentes da Sociomuseologia e da Museologia Social, onde prática e teoria se retroalimentam, com ênfase nas preocupações sociais e políticas, que também se fazem presentes, permanentemente, na formação pós-graduada em Museologia da ULHT, com atenção aos diferentes contextos sociais onde se desenvolvem e às condições de produção dos variados discursos museológicos e suas diferentes áreas de intervenção. Tais iniciativas têm como base, entre outros documentos e diretrizes, as Recomendações da UNESCO de 2015 e os Descritores de Dublin de 2003, focadas na consciência de sua função social e na perspectiva comunitária, além da necessária participação dos discentes, docentes e investigadores que formam uma sólida rede de reciprocidade de fazeres e saberes na área. Nessa perspectiva, propomos partilhar, como relato de experiência, projetos desenvolvidos na esfera do Departamento de Museologia da ULHT, especialmente o Renova Museu no Museu de Monte Redondo - IBERMUSEUS, o Lugar do Patrimônio Imaterial nos Processos Educativos - CeiED, o Poesimus: Arquivo Multimídia da CPLP - Cátedra UNESCO Educação, Cidadania e Diversidade Cultural, o EcoHeritage: ecomuseus como uma abordagem colaborativa - ERAMUS + e o Projeto O papel da Inovação nos museus portugueses - CeiED, assim como as Exposições "(Ins)urgências", a exposição Informação, desinformação e deformação: a construção da ignorância e da desigualdade - Fórum Liberdade e Pensamento Crítico e a Expo Saramago e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Buscamos, assim, apresentar estas iniciativas sob a perspectiva de análise de seus processos participativos, de reflexão e intervenção comunitária, e os possíveis desdobramentos e contribuições na formação e na produção acadêmica e profissional da área da Museologia e da Sociomuseologia na ULHT.

### PALAVRAS-CHAVE

Sociomuseologia. Formação. Reciprocidade de Saberes. ULHT.



## Esperançar em diálogo: Sociomuseologia + Paulo Freire

**Moana Soto**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museóloga)  
Cátedra UNESCO-ULHT Educação, Cidadania e Diversidade Cultural (Bolsista)

### RESUMO

O Grupo de Estudos Sociomuseologia + Paulo Freire é um coletivo de pesquisadore(a)s, aluno(a)s e professore(a)s que buscam estudar e refletir os temas da Sociomuseologia a partir da obra de Paulo Freire. O grupo está vinculado à Cátedra UNESCO-ULHT Educação, Cidadania e Diversidade Cultural Unidade de Investigação e Pós graduação em Sociomuseologia, integrado ao Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) no âmbito do Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Aberto à participação de toda comunidade acadêmica da Universidade Lusófona e da Cátedra UNESCO-ULHT tendo ênfase nos integrantes da Unidade de Investigação e Pós graduação em Sociomuseologia do Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, o grupo também está aberto à participação externa, tem buscado alcançar o(a)s professore(a)s dos ciclos escolares e profissionais que atuam em espaços não formais de educação, tais como museus, centros de ciência e de cultura. Os encontros têm periodicidade quinzenal e são dinamizados através de Rodas de Conversa ou Ciclos de Cultura (conforme a terminologia freireana) conduzidos por convidado(a) (professore(a)s, pesquisadore(a)s e profissionais das áreas da educação, museologia, cultura, memória e património), tendo sempre como tema gerador uma das obras de Paulo Freire, lida pela ótica da Sociomuseologia, ou algum projeto com inspiração freireana no campo da Museologia, Educação, Cultura, Memória ou Patrimônio. Neste ano, 2022, foi lançada uma edição especial da revista Cadernos de Sociomuseologia a partir do que foi apresentado nos seminários públicos do grupo e, futuramente, o grupo visa organizar cursos e seminários sobre a obra, a influência e ressonâncias de Paulo Freire nas áreas acima mencionadas que estão abertos ao público em geral.

### PALAVRAS-CHAVE

Sociomuseologia. Paulo Freire. Educação. Diálogo. Esperançar.



## **EcoHeritage: capacitação de comunidades para aprofundar a função social dos museus**

**Nathalia Pamio Luiz**

Doutoranda - Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

**Marcelo Lages Murta**

Investigador - Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

**Leandro França**

Técnico e Investigador – Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias(ULHT)

### **RESUMO**

*EcoHeritage* é um projeto financiado pelo Programa Erasmus+ (União Europeia) com foco em ecomuseus e desenvolvimento local, reunindo parceiros da Itália, Polónia, Portugal e Espanha. O projeto está em desenvolvimento desde dezembro de 2020, e visa contribuir para a conscientização e consolidação dos ecomuseus como modelo de gestão patrimonial sustentável e colaborativa para o desenvolvimento e a coesão social das comunidades. A comunicação proposta busca evidenciar a articulação existente entre as universidades dos quatro países e os ecomuseus envolvidos no projeto, com ênfase nas diferentes necessidades formativas e possibilidades de interlocução entre os conhecimentos acadêmico e comunitário. A primeira fase do projeto baseou-se essencialmente na investigação desenvolvida pela equipa de cada país, recolhendo informação sobre a situação dos ecomuseus nos quatro contextos. Nesse sentido, foi realizado um levantamento para identificar as necessidades de formação e treinamento em cada região, com a definição de um conjunto de boas práticas para o desenvolvimento de um kit abordando os temas discutidos durante o período de pesquisa. Os primeiros resultados deste projeto de investigação revelaram uma ligação muito estreita entre as comunidades e os ecomuseus, que buscam encontrar soluções inovadoras para a resolução de problemas locais e evidenciar o papel social dos museus. A educação e a ação cultural foram destacadas como propósito central das instituições, pois os seus profissionais revelaram um profundo engajamento em tais ações destinadas a facilitar e mediar as relações entre os museus e suas comunidades. As ferramentas e melhores práticas identificadas incluem inventários participativos, inventários digitais e desenvolvimento de parcerias para o desenvolvimento de projetos específicos, todos apresentando vínculos claros com o patrimônio imaterial salvaguardado pelas comunidades locais. Esta comunicação pretende apresentar o panorama geral do projeto EcoHeritage, centrando-se nos casos portugueses identificados no processo de investigação e discutindo as estratégias utilizadas pelos museus para reforçar a sua coesão social e o seu papel educativo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia Social. Ecomuseus. Capacitação. Desenvolvimento Sustentável.



## Laboratório Virtual como Recurso Pedagógico de Estágio Supervisionado

**Profª Drª Andréa Reis da Silveira**

Museóloga ,Docente Cursos de Museologia ,Arquivologia e Biblioteconomia UNIASSELVI

**Profª Drª Miriam Mattos**

Bibliotecária ,Pedagoga ,Coordenadora Cursos de Arquivologia ,Biblioteconomia e Museologia UNIASSELVI

**Profª Me Raffaella Afonso**

Arquivista e Bibliotecária ,Docente Cursos de Arquivologia ,Biblioteconomia UNIASSELVI

### RESUMO

A comunicação visa apresentar a utilização interdisciplinar do Laboratório Virtual como prática pedagógica de Estágio Supervisionado, no Curso de Museologia da Universidade Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). O Bacharelado em Museologia foi criado em 2020, tendo sido autorizado em 2019, e atualmente aguarda processo de reconhecimento pelo MEC. Tratando-se de uma graduação em modalidade de Ensino a Distância, prevê em seu PPC a tecnologia inovadora do laboratório virtual como opção de aperfeiçoamento e vivência dos acadêmicos nas atividades práticas do curso. O ambiente virtual do laboratório mimetiza o ambiente físico, proporcionando ao aluno uma experiência mediada e realística das atividades operacionais da Museologia, em experimentos virtuais. O Laboratório objetiva desenvolver habilidades nas diferentes fases interdisciplinares do curso, por meio de recursos tecnológicos, em que o aluno, de modo individual ou coletivo, amplia o conhecimento e desenvolve experiência. Dessa forma, os discentes adquirem experiências somativas na educação a distância, acompanhados dos tutores e docentes, facilitando o aprendizado em simulação de situações reais. As práticas laboratoriais abordam os requisitos de acessibilidade e de adequação das atividades às pessoas com deficiência (desde que intermediadas de intérprete), e referenciam as normas de segurança utilizadas para a realização das práticas acadêmicas. O Laboratório Virtual de Estágio Supervisionado tem foco na organização de museus, em que o acadêmico observa um museu fictício, sua estrutura física, organizacional e técnica para que a partir da observação desenvolva as habilidades e competências de diagnosticar pontos fracos, fortes, ameaças e fortalezas da instituição simulada. Mais do que uma simples emulação aos ambientes físicos, o laboratório virtual oferece várias vantagens de ordem prática e pedagógica, como realizar a prática direta em tempo e lugar de sua escolha, roteiros dinâmicos, repetições ilimitadas, viabilidade técnica de não comprometer a instituição real, verificação do conhecimento teórico e entendimento da atividade prática.

### PALAVRAS-CHAVE

Experiência prática. Laboratório virtual. Simulação. Museu virtualizado.



## **Ausências na mítica Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972: esboço de uma narrativa**

**Julio César Chaves**

Doutorando em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e museólogo na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

### **RESUMO**

Apresento parte da minha pesquisa de doutoramento que objetiva entender os processos de invisibilização, silenciamento e apagamento sobre a Mesa Redonda de Santiago do Chile (MRSC), realizada em maio de 1972. A pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e uma breve visita ao Chile em maio de 2022. Dos resultados delineados até o presente momento do mais emblemático acontecimento museológico do século XX na América Latina, alguns merecem destaques: a Mesa Redonda foi um acontecimento restrito e não foi o principal àquele momento em Santiago; as museologias em geral e a sociomuseologia em particular desconhecem as/os participantes, debatedores e observadoras/es da MRSC; o contexto do Chile em 1972, juntamente com a programação externa organizada para as/os participantes foram essenciais para o conteúdo da Declaração de Santiago do Chile. Simultaneamente, coloca-se o desafio da autocrítica por parte da comunidade dos museus e da museologia, urge reconhecer o quase total desconhecimento [proposital ou não] de todas/os participantes, debatedores, observadoras/es e mesmo de parte da equipe UNESCO/ICOM. A omissão e destaque nas referências biográficas de algumas pessoas apagou, silenciou e invisibilizou outras. Em decorrência, os participantes mais citados nas narrativas de pesquisadoras/es latino-americanas/os e portuguesas/es contribuíram para o soterramento da presença e do protagonismo feminino na MRSC. Além da museóloga brasileira Lygia Martins Costa, pouco ou nada conhecemos sobre a antropóloga colombiana Alicia Dussán de Reichel; a historiadora da arte boliviana, Teresa Gisbert de Mesa; a francesa Raymonde Frin, da Seção de Normas, Investigações y Museus do Departamento do Patrimônio Cultural da UNESCO; a arqueóloga, antropóloga e curadora do Museu Nacional de História Natural do Chile (MNHN), Grete Mostny. Sobre essa última, durante a minha pesquisa de campo em maio de 2022, eu encontrei dois documentos nos quais ela aparece como a coordenadora da Mesa Redonda de Santiago do Chile, fato ausente na bibliografia e documentação existentes, num claro exemplo de apagamento do protagonismo de Grete Mostny. Outro fato desconhecido na bibliografia e nos documentos sobre a MRSC é o fato que ela foi a primeira a divulgar a Declaração de Santiago através de uma publicação do Museo Nacional de Historia Natural, em maio e junho de 1972.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mesa Redonda de Santiago. Visibilidade Feminina. Sociomuseologia. Chile



## **De objetos da Missão Anchieta à museália: a coleção etnológica do Museu Anchieta de Ciências Naturais**

**Roberta Madeira de Melo**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Pesquisadora

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta parte da pesquisa realizada para a elaboração do projeto de Tese vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS), na linha de pesquisa História, Memória e Educação, intitulado: De objetos, de quadros fotográficos, até mesmo de cartões postais, a historiadora faz outra coisa, faz deles a história: a biografia da coleção etnológica do Museu Anchieta de Ciências Naturais. Trata-se de uma análise histórica sobre o percurso biográfico da coleção etnológica do Museu Anchieta de Ciências Naturais, fundado, em 1908, localizado no Colégio Anchieta, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Parte significativa da coleção que, atualmente, conta com 6.407 itens, divididos em 2.504 objetos indígenas, 472 quadros fotográficos, 1905 cartões postais e 1523 fotografias, tem sua origem relacionada à mediação e comercialização de peças indígenas realizada pelos padres jesuítas que atuavam na Missão Anchieta, uma entidade de filantrópica vinculada à ordem jesuíta, a qual atuava na região do Mato Grosso e Amazônia mato-grossense, desde a década de 1930, e que desenvolvia serviços de assistências e de evangelização aos povos Rikbaktsa, Irantxe, Kayabi, Nambikwara, entre outros. Diante desta percepção questiona-se: Qual a relação entre a Missão Anchieta e o Museu Anchieta de Ciências Naturais? Por que os objetos indígenas interessavam os missionários? Como foram musealizados estes objetos? Como podemos refletir sobre a complexa relação entre os missionários e os povos indígenas a partir da biografia da coleção etnológica? Estas foram algumas questões iniciais que permearam o projeto de Tese e que serão ponderadas neste trabalho. A base teórica e metodológica do estudo fundamenta-se, principalmente, na História Cultural, na Museologia e na Teoria Decolonial. Com esta comunicação procura-se contribuir com as discussões que envolvem a história da musealização de objetos indígenas e a relação dos espaços museais com os povos originários.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Anchieta de Ciências Naturais. Missão Anchieta.  
Coleção. Povos Originários. História.



## **O Manancial Missioneiro de São Miguel das Missões: museu ou não museu?**

**Vânia Gondim**  
ULHT/aluna

### **RESUMO**

A partir da perspectiva das museologias emergentes e da construção de espaços museais que se encontram em constante processo de invenção e reinvenção, o presente estudo busca pensar o Manancial Missioneiro de São Miguel das Missões à luz de sua categorização semântica. Ou seja, apoiado no ponto de vista dos estudos decoloniais, ele investiga se o referido Manancial Missioneiro é ou não é um museu em função do que ele agrega e do trabalho que desenvolve, bem como do reconhecimento de que goza do ponto de vista tanto institucional – de outros museus e das instituições que lidam com o tema – quanto da comunidade e de outros agentes que com ele interagem. O foco principal reside em trazer à baila, a partir do objeto em questão, elementos que apontam para a construção de uma abordagem crítica do processo de musealização observado no Manancial Missioneiro, baseado no modo como o patrimônio e a memória nele se fazem presentes e são retomados por aqueles que dele se ocupam, em sua exposição nas ações educativas e narrativas desenvolvidas, no modo como se dá a gestão museológica e na documentação e conservação do acervo que está sob sua guarda. Ademais e para além dos enquadramentos semânticos da Museologia e da Museologia Social, os resultados do estudo aqui em tela apontam que o Manancial Missioneiro é muito mais do que simplesmente uma casa-museu, de modo que tal constatação nos instiga a pensar uma museologia sempre em movimento que, a cada instante, a cada fato novo, nos impõe novas reflexões e novos desafios. E mais: avesso às categorias das ciências modernas (da Museologia e da Sociomuseologia) e não estando preso a abordagens teóricas claramente definidas no âmbito dessas ciências, o Manancial Missioneiro é mais do que uma instituição museal em si, na medida em que constitui para a população da região um instrumento de luta e resistência, por ter nele a memória de grupos subalternizados que outros espaços museais deixaram de lado e invisibilizaram, ao tomarem como referente a historiografia oficial.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Museologia Social. Museus e não museus.  
Manancial Missioneiro. São Miguel das Missões.



## **Museologia e participação: ensino e experimentação na disciplina Função Social dos Museus**

**Luiz Henrique Assis Garcia**

UFMG - Prof. Graduação em Museologia e PPG em Ciência da Informação

### **RESUMO**

Apresento neste artigo um relato analítico de atividades de ensino, pesquisa e extensão associadas à disciplina Função Social dos Museus, que é ofertada por mim no curso de graduação em Museologia da UFMG desde 2011. Após uma apresentação inicial que procura elucidar algumas escolhas teórico-metodológicas e pedagógicas, relato detalhadamente o conteúdo programático e as principais atividades desenvolvidas em sala de aula e em atividades de campo, tendo como cerne o estudo e aplicação de perspectivas oriundas da Museologia social, em diálogo interdisciplinar com investigações promovidas pelos Estudos de público, a Sociologia da cultura, a História e o Urbanismo, enfatizando conceitos como sujeito histórico, participação e público. Os museus são hoje importante ferramenta de intervenção social quando incorporam a noção de que o seu público é constituído de sujeitos ativos capazes de transformar a realidade, nesse sentido habilitado a participar inclusive da construção institucional e da ampla gama de processos que a mesma enseja. Compreender e estimular tal participação consiste num elemento chave das transformações epistemológicas ocorridas na Museologia especialmente desde a segunda metade do século XX. Podemos dizer que são noções articuladas - a de participação e a de público, conceitos da Política, e a de sujeito, tal como a pensa a História. Alternando entre seminários e atividades experimentais em museus da cidade, os estudantes exercitam em campo seu aprendizado teórico, reelaborando-o na prática junto dos profissionais das instituições e do público. Tomar conhecimento de experiências de trabalho realizadas em cenários diversos e articulá-las aos constantes debates que reconfiguram o conceito de museu e as formas de atuação da(o)s museóloga(o)s é uma maneira de oferecer um repertório básico a partir do qual a(o)s aluna(o)s irão participar dos seminários e realizar as atividades aplicadas da disciplina. Nosso objetivo central é permitir que vivenciem as dificuldades e estímulos concretos que emergem do desafio de promover a participação num contexto muitas vezes carente de cultura democrática e iniciativas institucionalizadas de engajamento. Finalmente, apresento um panorama dos trabalhos finais realizados pelos estudantes, concluindo com um balanço crítico da disciplina que preza fundamentalmente por avaliar em que medida se constrói na dialética entre teoria e empiria a noção fulcral de que a função social dos museus é eminentemente transformadora.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia social. Ensino. Sujeito histórico. Participação. Público.



## O processo de musealização como metodologia de pesquisa

**Marijara Souza Queiroz**

Universidade de Brasília - UnB

Professora Adjunta do Curso de Museologia

### RESUMO

A musealização é compreendida como uma série de etapas processuais em cadeia às quais o objeto é submetido ao ser incorporado ao acervo de um museu ou espaço museal. Desde a seleção, à documentação e formas de comunicação com o público, sobretudo por meio da exposição que opera na organização da informação e produção de conhecimentos, tais procedimentos são atravessados pela pesquisa, seja de forma sistemática ou desordenada, de modo a delinear a trajetória do objeto na instituição, bem como na sociedade, a partir da enunciação de discursos. A seleção do objeto ou coleção indica uma intenção de agrupamento tanto no sentido material como na dimensão memorialista, por meio da representação social. Há museus que definem critérios de entrada de peças como parte do planejamento e gestão do acervo, tanto na perspectiva operacional (de ordem institucional) como temática (de ordem social). Como tal, a musealização destitui usos e institui valores. A resignificação do objeto por meio desse processo que decorre de um regime classificatório estabelece hierarquias entre objetos e coleções de modo a reproduzir poderes hegemônicos socialmente constituído. De outro modo, os regimes narrativos/discursivos permitem abordagens interdisciplinares a partir da documentação museológica e dos sentidos científicos, culturais ou educativos atribuídos aos objetos e coleções a partir das exposições. Nesse sentido, a musealização é objeto empírico e modelo metodológico de pesquisa, tanto na perspectiva teórica como a partir das práticas que integram a cadeia operatória que atravessa o objeto ou coleção desde o seu ingresso ao museu.

### PALAVRAS-CHAVE

Musealização. Metodologia de pesquisa. Coleções. Museus. Análise do discurso.



## **Museologia e literatura de mulheres negras: descolonização do olhar em Arte Decorativa**

**Joseania Miranda Freitas**  
Universidade Federal da Bahia - Docente

### **RESUMO**

Esta comunicação tem como base as discussões teóricas e metodológicas vivenciadas no projeto interinstitucional de Iniciação Científica, entre a UFPA e a UFBA, gestado em experiências docentes, que movem inquietações e implicações sobre pesquisa e formação acadêmica no campo museológico. As bolsistas, nas duas instituições, têm sido estimuladas à vivência da percepção sensorial sobre como os objetos que aparecem na literatura se entrelaçam às narrativas biográficas, de pessoas e objetos, visando compreender como são estes decifrados nas obras literárias selecionadas e suas interfaces com aqueles expostos em instituições museológicas e/ou afins. O projeto na UFBA está ancorado na experiência docente relativa ao campo de arte decorativa, com foco nas ações afirmativas, trabalhando empiricamente com acervos do Museu de Arte da Bahia, do Memorial de Mãe Menininha do Gantois e do Terreiro Maroketu, na cidade de Salvador. O campo de estudo de objetos é muito fértil, passa pelos estudos de cultura material, biografia dos objetos, oferecendo suportes para a compreensão da relação entre humanos e objetos, sua produção, comercialização, uso, descarte ou salvaguarda. Um dos grandes problemas dos museus, e instituições afins, está na dificuldade de apresentar ao público, em suas exposições de longa duração, descrições dos objetos, de forma ampla, pois de maneira geral, as informações são restritas às materialidades técnicas, às formas e às funções. Na literatura selecionada nesta fase (Fatou Diome, Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz), encontram-se ricas e diversas possibilidades para ampliação do campo descritivo dos objetos. As obras e autoras apresentam formas mais expansivas, que apontam para um campo de registro dos objetos no qual as subjetividades se entrelaçam às vidas das pessoas negras retratadas. Esta literatura de mulheres negras tem oferecido o necessário protagonismo às personagens negras e aos objetos que dão sentido às suas existências humanas e subjetividades. Com esta inspiração foi construído um artigo, com a bolsista Rosa Catão Cruz, visando sintetizar as reflexões e argumentos que foram elaborados entre 2020 e 2022; o artigo está composto por três narrativas que sinalizam para os ocultamentos, visibilidades e interfaces sobre a presença-ausência-presença de mulheres negras em acervos de porcelana.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Arte Decorativa. Literatura de mulheres negras.  
Formação acadêmica. Biografia de objetos.



## **Nova Definição de Museus na Perspectiva da Região Norte do Brasil**

**Sandra Regina Coelho da Rosa**

Universidade Federal do Pará, Pesquisadora

**Rosangela Marques de Britto**

Universidade Federal do Pará, Docente

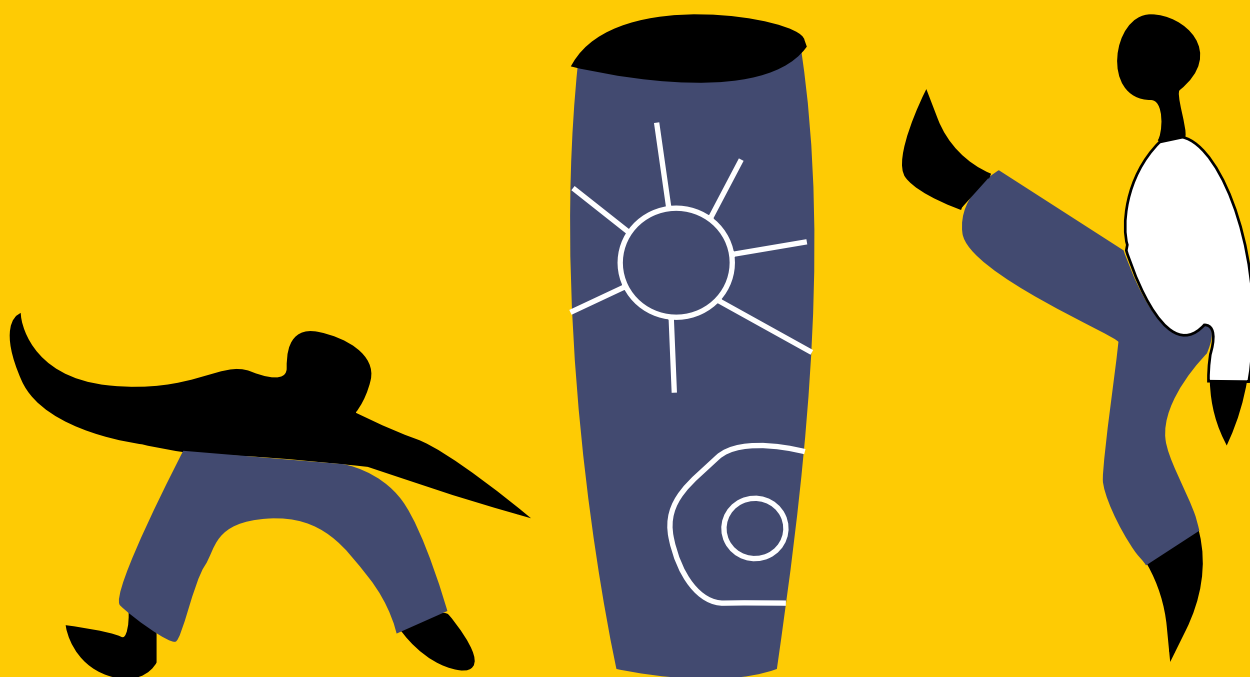
### **RESUMO**

O presente estudo relata a experiência no Projeto de Extensão “ICOM DEFINE - Definição de Museu contribuição da perspectiva do Norte”, da Universidade Federal do Pará (UFPA), acerca das atividades desenvolvidas para mobilizar profissionais, pesquisadores, estudantes, voluntários e outros, que atuam em museus universitários e espaços museológicos instituídos ou não nesse território, fomentando a participação da consulta pública sobre recomendação de conceitos-chave e valores que podem fazer parte da definição do museu contemporâneo. Esta ação promovida pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), quando convocou Grupos de Trabalho (GT) para estimular a discussão sobre o preenchimento de formulário eletrônico de forma conjunta ou individual, acerca da consulta aberta da nova definição de museu em conformidade com processo metodológico, sendo quatro rodadas de consultas, divididas em 11 etapas, com duração de 18 meses, de dezembro de 2020 a maio de 2022. Nesse interim que o GT do Norte organizou encontros em plataforma virtual para debater previamente entre a comunidade acadêmica da UFPA e outras instituições interessadas no debate, utilizando roteiro sugerido pelo ICOM Brasil para socializar nos grupos e um template de convite para difusão das discussões. Para socializar os esses debates por meio de rodas de conversas abordando diferentes temáticas sobre o futuro dos espaços museológicos na região norte e as contribuições, fomentando a participação na consulta aberta por meio da criação de uma rede de contatos nos museus institucionalizados ou não institucionalizados, espaços culturais, pontos de memória e memoriais, museus universitários, galerias etc. Essa ação demandou uma pesquisa na Internet sobre o cadastro dessas organizações na região norte de brasileira para elaborar uma planilha com os dados informacionais dos estados dessa região, visando disparar os convites para responsáveis participares das discursões acerca da nova definição de museus, principalmente durante as 4 rodadas. A partir dessa localização pontual dessas instituições no Estado do Pará e nos demais estados nortistas foram programadas as rodas de conversas e o preenchimento de um questionário, abordando questões sobre a perspectiva da Amazônia brasileira acerca da definição de museu e os resultados dessa ferramenta foi incluída no relatório enviado ao Conselho Internacional de Museus – Brasil a fim de apresentar a perspectiva da Amazônia brasileira acerca da definição de museu.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Nova Definição de Museus. ICOM Define. Conceitos-Chaves

# PÔSTERES





## Mapa de Estágios do Curso de Museologia da UFOP

**Isa Vitória de Sousa Sales**

Aluna do Curso de Museologia  
Bolsista do Programa Pró Ativa-PROGRAD  
Universidade Federal de Ouro Preto

**Gilson Antônio Nunes**

Professor do Departamento de Museologia  
Escola de Direito, Turismo e Museologia  
Universidade Federal de Ouro Preto

### RESUMO

Com o advento de dez anos de criação do curso de graduação em Museologia na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o primeiro de Minas Gerais, percebeu-se a necessidade de pesquisar o processo de formação profissional do museólogo nas instituições, sendo criado o projeto Mapa de Estágios do Curso de Museologia no âmbito do Programa Pró-ativa selecionado por edital da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD). Esse projeto tem como objetivo acompanhar a trajetória acadêmica e profissional dos graduandos em Museologia da UFOP, identificando as instituições em que foram feitos os estágios curriculares e o possível impacto que estes tiveram na vida profissional destes, já inseridos no mercado de trabalho. A metodologia utilizada foi, a primeiro momento, uma revisão bibliográfica para a orientação da pesquisa, logo após foi criada uma tabela eletrônica com dados dos arquivos relacionados aos estágios curriculares, disponibilizados pela secretaria do Colegiado do Curso de Museologia, bem como com as informações encontradas no sistema de registro acadêmico da PROGRAD e também com as informações do Projeto Mapa de Egressos realizado em período anterior. Com a tabela elaborada a partir dos dados coletados foi possível responder algumas perguntas, como: as principais áreas da museologia que são escolhidas para a realização dos estágios, a média de tempo que os estudantes levam para concluir a graduação, as cidades e instituições mais procuradas para realização dos estágios. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, com as informações coletadas detectou-se que a área de conservação foi o campo museológico mais procurado, e que 78% dos estágios curriculares foram desenvolvidos em museus de Ouro Preto. Destes, 53% nas instituições da própria universidade. Diversos estágios foram realizados em instituições de outras cidades interioranas do estado, como: Mariana, Itabirito, Contagem, Ponte Nova, Campanha, Lagoa Santa e Barra Longa. Conclui-se também com a pesquisa que 80% dos estudantes concluíram a graduação no tempo previsto dos 4 anos e os outros 20% que utilizaram período de tempo superior a esse. Na continuidade do projeto os dados obtidos serão apresentados em reuniões do Núcleo Docente Estruturante, Departamento e Colegiado do Curso de Museologia, fomentando discussões e reflexões que possam aprimorar o ensino de graduação.

### PALAVRAS-CHAVE

Museologia. Estágio. Formação. Museus. Graduação.



## **Musealização do Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro**

**Julia Ferreira da Silva**  
Discente - Museologia /UFRGS  
**Paula Reichelt Dias**  
Discente - Pedagogia/UFRGS

### **RESUMO**

O Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (MEOC-HPSP) foi instituído no dia 8 de fevereiro de 2022 como um órgão vinculado à Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul. A entidade tem o objetivo de salvaguardar, conservar, pesquisar e comunicar as produções que compõem o acervo da Oficina de Criatividade, fundada em 1990 como equipamento de reabilitação psicossocial da rede de saúde mental do Sistema Único de Saúde. Sua coleção, cerca de 200 mil obras de diversas materialidades, está inserida no âmbito dos acervos museológicos de Arte e Saúde Mental do país, ao lado do Museu de Imagens do Inconsciente, do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea e do Museu de Arte Osório César. Nesse contexto, surge o Programa de Extensão “Museu Oficina de Criatividade (MEOC-HPSP): Diálogos museológicos e museográficos sobre arte e saúde mental”, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, o qual visa a implantação de ações de salvaguarda (documentação, pesquisa e conservação preventiva) com base nos referenciais da Museologia. Atualmente a equipe trabalha no desenvolvimento do Regimento Interno e na construção de termos institucionais específicos, além das ações de documentação museológica e pesquisa do acervo. Também participa do projeto “Salvaguarda e Memória - Artistas do Fora na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro”, contemplado no Edital FAC Patrimônio fomentado pelo Fundo de Apoio à Cultura do RS. O projeto pretende catalogar no repositório digital Tainacan parte do trabalho desenvolvido na Oficina por seus frequentadores, aqueles que considerados loucos sofreram as agruras de internações sem perspectivas de alta e que tiveram na Oficina um espaço de acolhida, respeito e produção de significado. O MEOC-HPSP já possui um espaço destinado a ser sua sede: o antigo prédio da Farmácia, dentro do complexo hospitalar. Será um ambiente com salas expositivas, auditório, sala de pesquisa e biblioteca. Atualmente, sua Reserva Técnica funciona no espaço onde está a Oficina, um ambiente adequado para ações de documentação e conservação preventiva com mobiliário específico para o armazenamento do acervo. Por fim, essa parceria entre a Universidade e o MEOC-HPSP através deste Programa de Extensão visa estabelecer relações dialógicas com a sociedade ampliando o acesso a este acervo singular em nosso Estado e fomentar ações de pesquisa, ensino, extensão e inovação no âmbito dos museus e da Museologia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Estadual Oficina de Criatividade. Hospital Psiquiátrico São Pedro.



## **Estratégias Educacionais: panorama das Ações Educativas do Museu Casa Kubitschek**

**Hellen Tauana Silva Batista**

Universidade Federal de Minas Gerais - Graduanda em Museologia / ECI

### **RESUMO**

Diante da função comunicadora dos museus, o educador em suas atribuições de difusor de conhecimentos, e potencial transformador social, dentro das instituições museológicas, atua como uma ponte entre público, instituição e objetos, e por meio da exposição das significações da cultura e da memória, trabalha a fim de possibilitar o ensino, o diálogo, e a compreensão das narrativas museais de forma linear, entre seus diversos públicos frequentadores. A educação museal é uma das principais incumbências dos museus, e o setor educativo possui a função de apresentar e explorar possibilidades educacionais, entre propostas inéditas, inovadoras, e inspirações baseadas em experiências já executadas, e que obtiveram sucesso em outras instituições. Portanto, esta pesquisa pretende difundir o trabalho realizado pelo setor educativo do Museu Casa Kubitschek (MCK). Apresentando um panorama das principais ações educativas realizadas atualmente, destacando a relevância das mesmas frente à interação com o público, por intermédio do meu relato de experiência em meio ao estágio como Educadora na instituição. O Museu Casa Kubitschek está localizado às margens da Lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte/MG, junto ao Conjunto Moderno da Pampulha, declarado Patrimônio Mundial da Humanidade em 2016. A casa construída na década de 40, foi a residência de veraneio do então prefeito Juscelino Kubitschek, e a escolha pela Pampulha, teve o intuito de estimular a construção de um bairro com referências modernistas na cidade. A casa possui projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, paisagismo de Roberto Burle Marx, e painéis em azulejaria de Volpi e Zanini, e Paulo Werneck. É considerada hoje como referência em arquitetura modernista; tendo destaque para o telhado borboleta, treliças, cobogós, e a divisão em setores bem marcados. A casa abriga desde 2013 o Museu Casa Kubitschek, que busca oferecer ao público experiências reflexivas e sensíveis, nas áreas da arquitetura residencial e paisagismo; explorando os modos de morar, juntamente à história da Pampulha. Neste cenário, promovem-se ações educativas como a “Caminhada Arquitetônica”: um percurso de imersão histórico-cultural e contemplação, ao ar livre. Mas como a prática educacional que ultrapassa o ambiente museal se reflete na experiência do público? Tal questão será analisada por este estudo, junto ao compartilhamento de experiências, buscando ressaltar os resultados obtidos através das ações educacionais realizadas pela instituição.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação Museal. Museu Casa Kubitschek. Ação Educativa.



## Levantamento da Produção Científica Discente de Monografias do Departamento de Museologia

**Dra. Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira**

Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, docente

**Isabella Aparecida Ponciano Moraes**

Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, discente

### RESUMO

A pesquisa em andamento intitulada “Levantamento da produção científica discente do Departamento de Museologia a partir do arrolamento das Monografias desenvolvidas entre os anos 2012 a 2021” é desenvolvida com bolsa do programa Pró-Ativa da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) sob orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira. A monografia é um dos requisitos mínimos para formação de Bacharel em Museologia do Curso de Museologia da UFOP. A metodologia consiste no arrolamento de dados objetivos das monografias, bem como leitura e fichamento de bibliografia correlata. Dados coletados do conjunto documental foram sistematizados a partir da criação de campos informacionais tais como: título da monografia, autor (a), data da defesa, orientador (a), palavras-chave, linha de pesquisa, quantidade de páginas, anexos ou apêndices, co-orientação e banca avaliadora. A análise é quantitativa e qualitativa e os dados são apresentados tanto em gráficos e tabelas quanto em análises de relações contextuais. Alguns resultados parciais podem ser observados: enquanto algumas dessas informações se apresentam preenchidas com etiquetas como “não há informação” pelo fato de não serem elementos fundamentais, outras se dão em função da falta desses dados. Um exemplo é a categoria da linha de pesquisa (catalogada como “sem indicação” na falta da informação) pois foi um critério definido como essencial recentemente pelas bancas examinadoras. Isso aponta para as mudanças de critérios utilizados pelo Departamento de Museologia ao longo do período analisado. Em 2017 foi agregada ao SISBIN (Sistema de Informação e Bibliotecas da UFOP) a Biblioteca Digital de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação e especialização, trazendo uniformidade para os dados indexados. Assim, destaca-se ainda que após a mudança na forma de depósito (físico para digital) mais informações estão presentes na base de dados do SISBIN. Quanto à temática, podemos constatar que grande parte das monografias são sobre assuntos relacionados ao patrimônio da cidade de Ouro Preto e sua região. É possível observar através dos dados sistematizados até o momento a relevância da pesquisa para melhor compreensão da construção científica do campo, mas também para a organização e acondicionamento do acervo, bem como para facilitar consultas e pesquisas futuras por parte de discentes, docentes e demais pesquisadoras/res com interesse no tema.

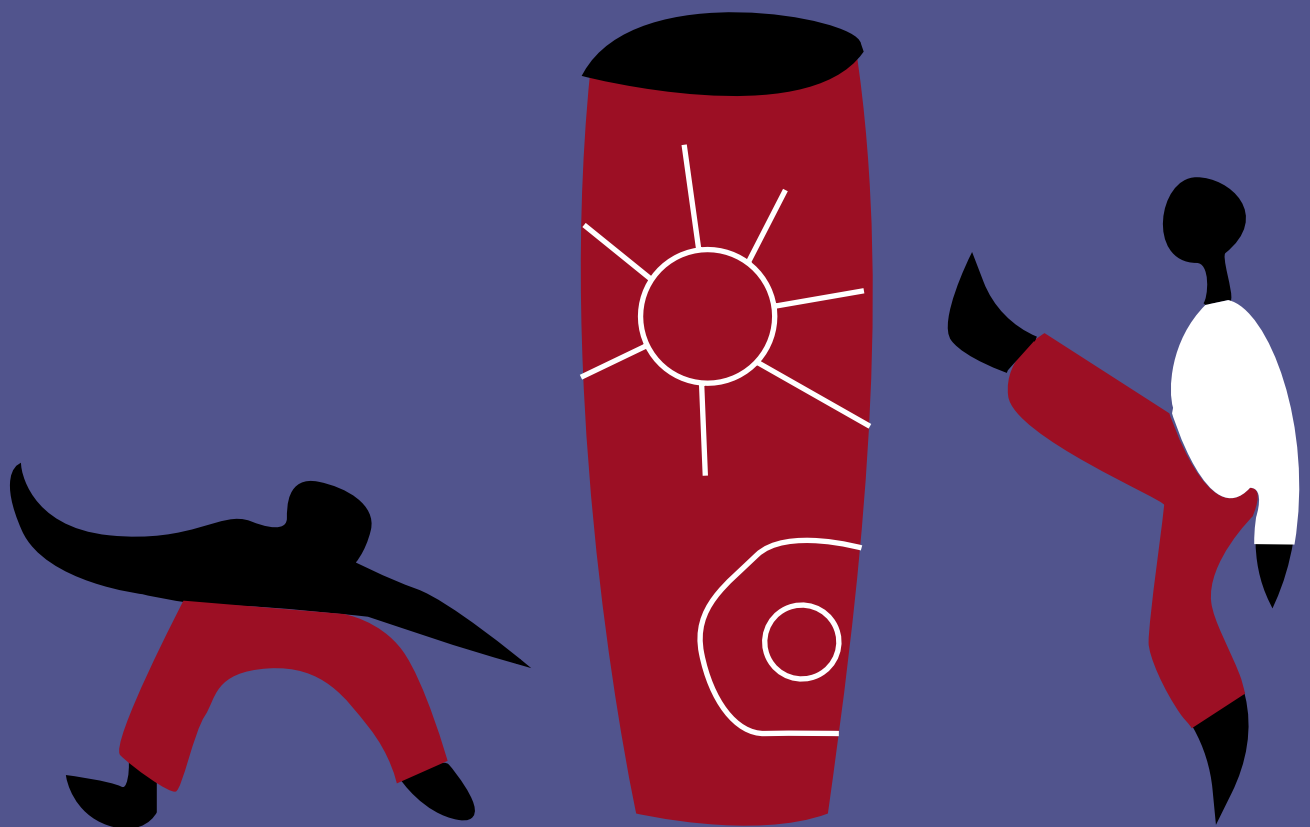
### PALAVRAS-CHAVE

Universidade Federal de Ouro Preto. Museologia. Documentação museológica. Monografia. Produção científica.

5<sup>o</sup> **sebra**  
**mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

**GT 3**  
**CONSERVAÇÃO**





## **GT 3 - CONSERVAÇÃO**

### **Coordenadores**

Silmara Küster de Paula Carvalho (UFRJ)

Marcus Granato (UNIRIO/MAST)

Clara Landim (UFPR)

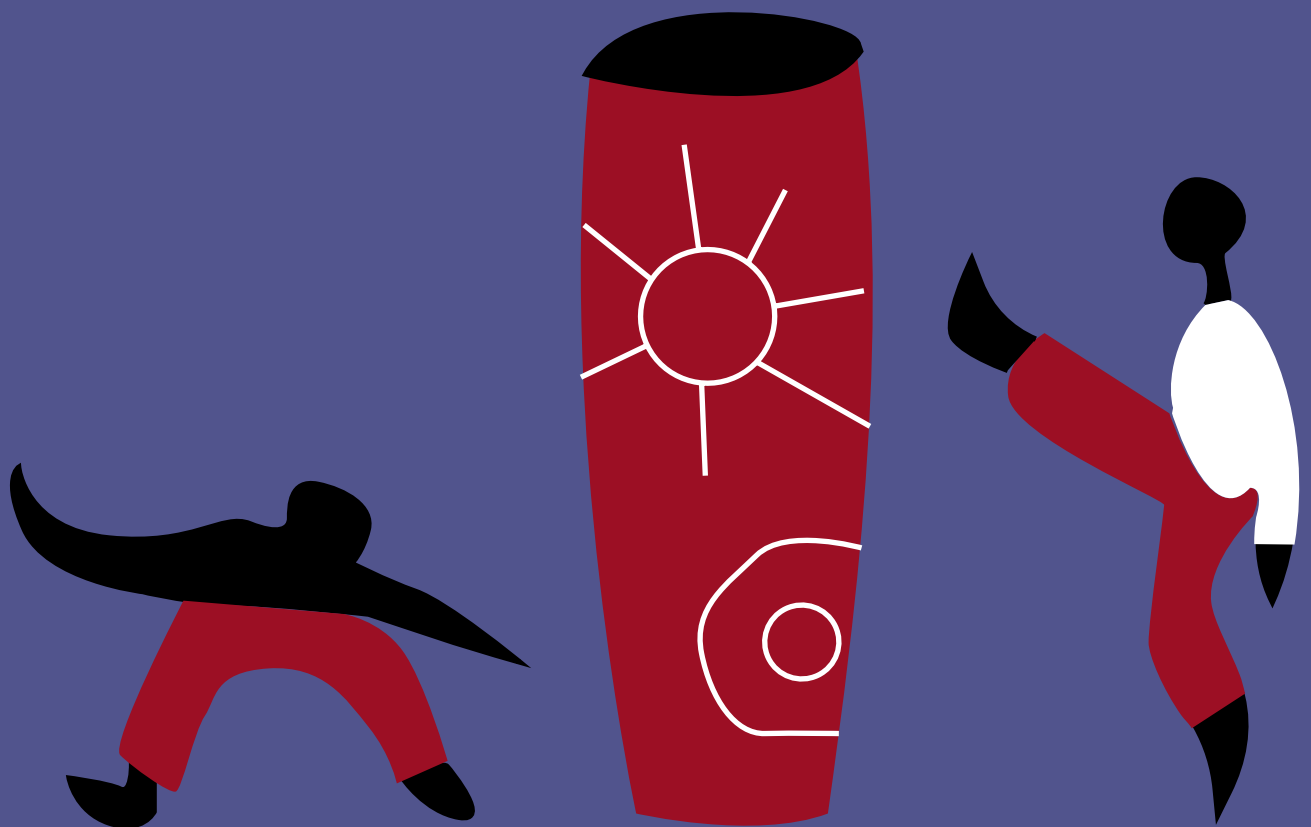
### **Resumo**

O GT CONSERVAÇÃO tem por objetivo divulgar e promover pesquisas sobre conservação aplicada em instituições tradicionais ou de iniciativa comunitária, assim como mediar debates e experiências sobre processos de conservação em curso e que tenham por finalidade a preservação de acervos culturais. Diante de novas abordagens da conservação, acrescentamos a Conservação Participativa com o intuito de ampliar a reflexão da conservação em territórios e espaços comunitários, conforme as práticas locais de conservação e suas singularidades, considerando o patrimônio imaterial. A conservação tem a finalidade de prevenir e estabilizar os processos de degradação, manter as condições adequadas dos acervos, preservando o seu significado para o acesso seguro às gerações atuais e futuras. Assim, a pesquisa é imprescindível para diagnosticar as causas de degradação, reconhecer a tipologia dos materiais que compõem os acervos, assim como verificar quais os meios possíveis à sua permanência. Os temas a serem contemplados por esse Grupo de Trabalho são os aspectos teóricos e práticos da conservação, gestão de riscos, ações de conservação participativa, métodos científicos de pesquisa e novas tecnologias em conservação. Considerando a complexidade deste campo do saber, o Grupo de Trabalho em Conservação é um espaço para a reflexão crítica e fomento de discussões, entre pesquisadores da área sobre questões pertinentes e específicas da conservação na contemporaneidade.

5<sup>o</sup> Sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Museu do Instituto de Química da UFRGS e pesquisas avançadas em Ciência do Patrimônio

**Jeniffer Alves Cuty**

UFRGS, Docente

**Henri Stephan Schrekker**

UFRGS, Docente

**Nathália Marcolin Simon**

UFRGS, Docente

### RESUMO

O Museu do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (MIQ/UFRGS) é um setor do Instituto de Química (IQ) e compõe a Rede de Museus e Acervos Museológicos (REMAM) da UFRGS. O MIQ, inaugurado em 2021, organiza-se em seis coleções museológicas (entre elas: "Instrumentos científicos" e "Vidraria") e um arquivo histórico. No que tange às coleções museológicas, o acervo se organiza, prioritariamente, por objetos oriundos das atividades de ensino e pesquisa, muitos deles equipamentos de nacionalidade alemã e norte-americana. Destaca-se o primeiro equipamento de Ressonância Magnética de Campo do país, da marca Varian, bem como uma subcoleção de balanças analíticas centenárias, a qual protagoniza um projeto-piloto de educação patrimonial em escolas. Tendo em vista pesquisas avançadas do IQ no campo da Conservação e da Ciência do Patrimônio (Heritage Science), vem-se organizando atividades do MIQ com base nas propostas metodológicas dos projetos NANORESTART (*NANOMaterials for the RESToration of works of ART*), APACHE (*Active & intelligent PACKaging materials and display cases as a tool for preventive conservation of Cultural Heritage*) e GREENART (*GREEN ENdeavor in Art ResToration*), todos decorrentes de convênio do IQ/UFRGS com a União Europeia, através dos Programas Horizonte 2020 e Horizonte Europa. Coloca-se o seguinte problema de pesquisa: Tendo em vista estudos avançados em Conservação e Ciência do Patrimônio, realizados no IQ e difundidos pelo MIQ, como é possível contribuir para uma gestão inovadora e sustentável dos acervos de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Assim, deveremos realizar, em futuro próximo, a aplicação de metodologias e produtos desenvolvidos por estas pesquisas, salientando a proposta de inovação, sustentabilidade financeira e ambiental (produtos com tecnologias verdes) e difusão desse conhecimento por meio do MIQ e de seus parceiros. O MIQ já promoveu, com sucesso, dois simpósios internacionais na UFRGS, divulgando as pesquisas dos projetos NANORESTART e APACHE e provocando, sobretudo museólogos, químicos e conservadores-restauradores à atuação interdisciplinar e cooperada.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário. Museu de Ciência e Tecnologia. Conservação.  
Ciência do Patrimônio. Projetos Internacionais.



## **Preservar, gerir e divulgar: a valoração da coleção de febre amarela do Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ**

**Maria Karla Belo da Silva Tavares**

Museu da Patologia (IOC/FIOCRUZ)  
Museóloga e Mestre em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde

**Andrea Natividade Silva**

Museu da Patologia (IOC/FIOCRUZ)  
Bióloga e Especialista em Malacologia de Vetores

**Pedro Paulo de Abreu Manso**

Museu da Patologia (IOC/FIOCRUZ)  
Doutor em Biologia Celular e Molecular e Curador da Coleção de Febre Amarela

### **RESUMO**

O acesso e o envolvimento da comunidade, a otimização das decisões e o estabelecimento de prioridades no ordenamento das coleções, constituem a base da valoração dos acervos. “Valoração é o processo de pesquisa e compreensão dos significados e valores de itens e coleções [...] o propósito da valoração é entender como e por que um item [ou coleção] é significativo”. (RUSSELL; WINKWORTH, 2009, p.10). O presente trabalho busca apresentar a valoração da Coleção de Febre Amarela (CFA), formada a partir de 1928 no contexto da campanha de erradicação da doença no país, como fruto do acordo entre a Fundação Rockfeller e o governo Brasileiro. A coleção possui 498 mil casos suspeitos, contendo: uma amostra de fígado fixada em formol, um bloco de parafina com tecido hepático e corte histológico corado em lâminas, para diagnóstico. Na década de 1970, a instituição sofreu com uma intervenção militar e parte dessa Coleção foi dissociada, sendo reestruturada a partir da década de 1980 pelo Departamento de Patologia do IOC e incorporada ao Museu da Patologia em 2007. Aplicaremos neste trabalho, a valoração sob o prisma do processo de gestão de riscos, em especial as etapas de estabelecimento de contexto e identificação de riscos, com a inserção da proposta de Menegazzi (2011) voltada para a definição de prioridades de resgate em emergências. Desta maneira, realizaremos a integração da atribuição de valores com a definição de critérios físicos que buscam singularizar os acervos através das suas particularidades, como a composição material e o ambiente de guarda. Os resultados foram tabulados, originando uma lista de bens prioritários a ser utilizada como anteparo para a tomada de decisão. Em geral, a lista é associada a preparação para emergências, como incêndio. Seu uso, porém, pode e deve ser ampliado para outros processos decisórios, como a definição de prioridade no programa de Digitalização Continuada. Outra ação desenvolvida foi o projeto de Aquisição de Equipamentos de Apoio à Prevenção de Riscos nas áreas de guarda de acervos, a partir da análise dos agentes de degradação levantados na etapa de identificação de riscos. “Nesse universo de múltiplos riscos e recursos limitados para a preservação dos acervos, é essencial priorizar para podermos alcançar nosso objetivo comum” (PEDERSOLI, 2020, p. 32). Com isso, consideramos que



a operacionalização dos processos decisórios, por meio de critérios bem definidos e embasados, é o cerne da valoração e contribui diretamente para a gestão e preservação das coleções.

**PALAVRAS-CHAVE**

Valoração. Museu da Patologia. Coleção de Febre Amarela.  
Gestão de Riscos. Conservação Preventiva.



## **Patrimônio bibliográfico do século XIX: salvaguarda e comunicação de ações do Sépia**

**Maria Stephanou**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul ,docente

**Vanessa Barrozo Teixeira Aquino**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul ,docente

**Cláudia Severo**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul ,mestre em Educação

### **RESUMO**

Em instituição centenária de Porto Alegre (RS), denominada Sociedade Polônia, o grupo Sépia UFRGS - Preservação, Memórias, Acervos - a partir de 2018 passou a identificar e reunir um acervo de cerca de 500 obras impressas no século XIX, todas publicadas fora do Brasil e majoritariamente impressas em língua polonesa. As iniciativas do Sépia têm levado a demonstrar não apenas a expressividade numérica dos artefatos desse acervo associado à imigração polonesa, cuja presença tem sido frequentemente ignorada pela historiografia da imprensa ou da imigração no país e escassamente presente nos acervos documentais brasileiros. Face a essas constatações, o Sépia sugeriu à Sociedade Polônia a constituição de uma Coleção Especial de Obras do Século XIX, que contempla temas variados. O trabalho do Sépia vem abrangendo a salvaguarda desse acervo através do tratamento técnico, identificação das marcas de propriedade, marcas de proveniência, marcas de preparo bibliográfico e usos de leitores. As diferentes etapas de tratamento técnico desenvolvem-se simultaneamente às pesquisas histórica e museológica, que tornam possível o reconhecimento de preciosidades bibliográficas. Higienizar e acondicionar cada livro desta coleção, além de garantir a estabilização dos agentes de deterioração do documento e seu acesso com segurança, possibilita olhares mais apurados no âmbito da pesquisa e da identificação das histórias e trajetórias do livro. Os percursos das obras até sua integração ao acervo da Sociedade Polônia não são inteiramente conhecidos, mas podem ser traçados a partir de indícios diversos. Arrolamentos e pesquisas junto a esse acervo nos levam a afirmar que ele guarda documentação quase inexplorada e raridades, como também uma expressividade numérica de artefatos que contrasta com a quase inexistência de tipologia similar em importantes acervos documentais brasileiros. De modo a assegurar a salvaguarda dessa Coleção pela Sociedade Polônia, o Sépia vem investindo em iniciativas diversas de divulgação desse patrimônio bibliográfico através da elaboração de artigos, difusão de conteúdos nas mídias sociais e elaboração de um catálogo da coleção sob o formato e-book, como modo de assegurar a visibilidade do acervo e o compromisso institucional com sua preservação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Salvaguarda. Sépia UFRGS. Conservação Preventiva.  
Patrimônio Bibliográfico. Sociedade Polônia.



## **O Museu de Rua (Re)surge nas aulas de conservação: a preservação acervo documental do Júlio Abe**

**Pollynne Ferreira de Santana**

Docente do Curso Técnico de Museologia (ETEC Parque da Juventude);  
Mestre em Museologia (PPGMUS-USP); Museóloga (UFPE)

**Cecília Machado Fernandes**

Coordenadora do Curso Técnico de Museologia (ETEC Parque da Juventude)

### **RESUMO**

Este trabalho, em andamento, tem o objetivo de apresentar as atividades realizada tem como objetivo apresentar as ações de salvaguarda do acervo documental do museólogo Júlio Abe. As atividades são desenvolvidas pelos alunos do curso técnico de Museologia na Escola Técnica Parque da Juventude durante as aulas das disciplinas de Conservação de acervo e Processos Biodeteriorativos. Os trabalhos de conservação preventiva acontecem no laboratório durante as aulas práticas das disciplinas, sob supervisão da docente museóloga. As técnicas aplicadas nos documentos são realizadas em tais etapas: Preenchimento de ficha técnica; Higienização mecânica (trincha e pó de borracha); Acondicionamento (caixa de papel alcalino). O trabalho supracitado encontra-se há seis meses de desenvolvimento e atualmente, já contamos com 80 volumes de documentos textuais, fotografia e negativos concluídos. Entre os documentos já trabalhados foi identificado informações relativas à pesquisa, fotografia de exposição, projeto expográfico e croqui de mobiliário. Os resultados a serem alcançados nessa atividade de conservação do acervo do Júlio Abe é preservar, recuperar e comunicar o projeto de museologia social que resultou no Museu de Rua localizado na cidade de São Paulo, bem como a importância das disciplinas de conservação de acervo museológico para a formação dos futuros técnicos do estado de São Paulo. O projeto surge a partir do contato que Júlio Abe teve com um acervo de fotografias antigas da Cidade de São Paulo, contato que despertou a vontade de expor as imagens nas ruas. Durante os mais de 40 anos do projeto Museu de Rua, Júlio Abe e pessoas com quem trabalhou, incluindo a população que habitava o território onde era desenvolvido determinado Museu de Rua, montaram exposições em espaços públicos com o objetivo de difundir a história e a cultura dos bairros paulistanos e de cidades paulistas e outros estados brasileiros, mostrando as transformações urbanas através de imagens antigas. Os jornais foram fortes aliados na divulgação das exposições. As atividades aplicadas no acervo em foco contribuirão na formação dos técnicos na área da museologia em prol da preservação e conservação de acervo e em pesquisas futuras sobre a compreensão de museus sociais realizados no estado de São Paulo.

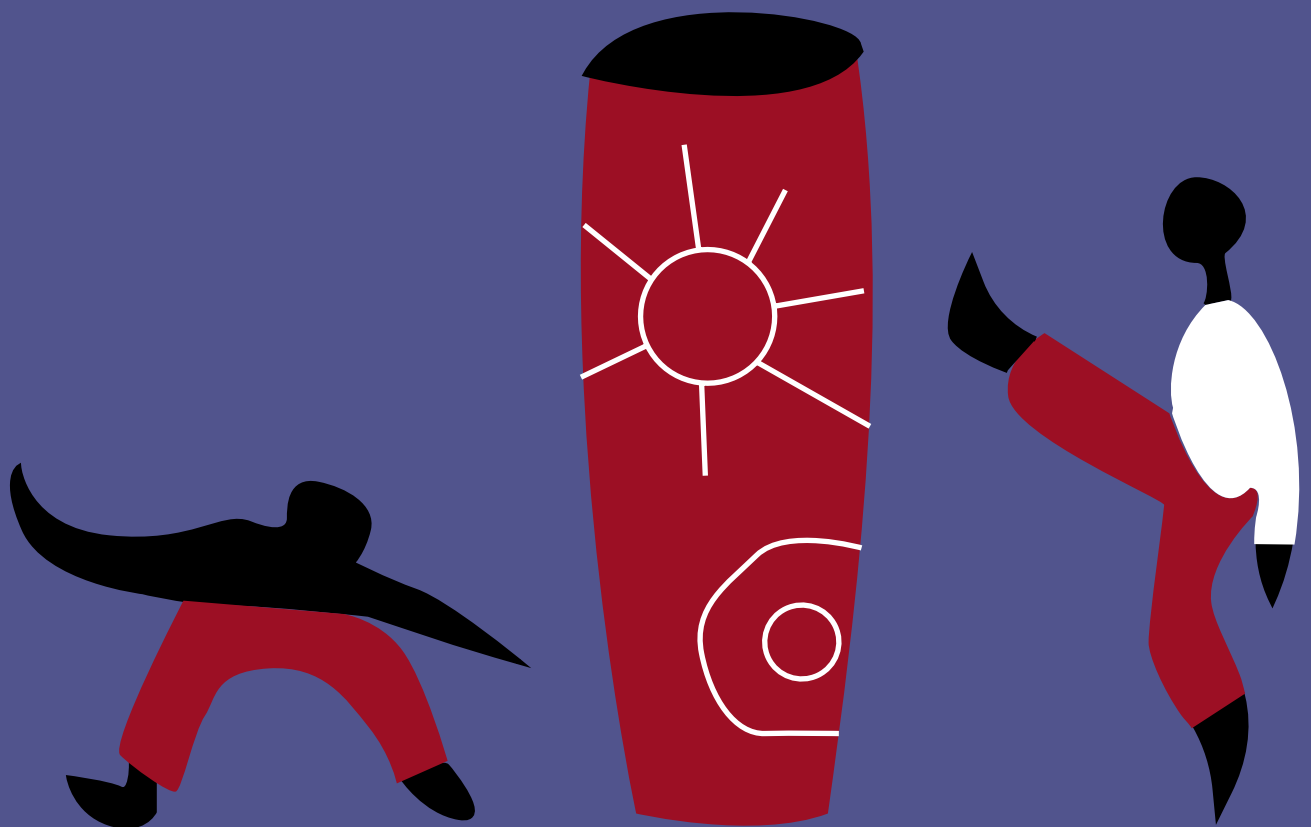
### **PALAVRAS-CHAVE**

Ensino de Museologia. Curso técnico. Conservação Preventiva.  
Coleção. Júlio Abe.

5<sup>o</sup> Sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# PÔSTERES





## Arquivos Fotoativa, retomada de práticas de preservação no acervo da Associação Fotoativa

**Moema de Lima Corrêa**

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

**Joel Carlos Silva da Silva**

Graduando em Museologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Voluntário no projeto 'Arquivos da Fotoativa'

**Raphael da Luz Melo**

Graduando em Museologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Colaborador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Associação Fotoativa

### RESUMO

A Associação Fotoativa, fundada em 1984, é uma organização sem fins lucrativos que emerge da concentração de experiências coletivas como oficinas, projetos e se consolida como um núcleo para o desenvolvimento da prática fotográfica na região amazônica. Dentro da associação existe o Núcleo de Pesquisa e Documentação, fundado em 2009, responsável por projetos voltados para reflexões sobre a imagem e fotografia, também é encarregado pelas ações de salvaguarda do acervo bibliográfico e fotográfico. Após um período sem intervenções mais diretas no acervo, o projeto Arquivos da Fotoativa marca a retomada de práticas de ações de conservação preventiva no acervo da instituição junto a equipe interdisciplinar composta por graduandos de Museologia, Arquivologia, Biblioteconomia e Conservação e Restauro. O presente artigo, busca apresentar as práticas de conservação que foram desenvolvidas durante o período de 15 de setembro a 15 de dezembro de 2021. Tais práticas foram: triagem, higienização, organização e acondicionamento de parte do acervo. Pensando nas práticas de conservação preventiva na Amazônia paraense, um dos principais fatores a ser considerado, é o clima equatorial quente e úmido da cidade, onde fica localizada a Associação Fotoativa. Enfatizamos que algumas principais dificuldades estão centradas na falta de recursos econômicos que impossibilitam a compra de EPIs, materiais para a higienização e armazenamento do acervo, problemas de infraestrutura para reparos no teto danificado, a falta de climatização do ambiente e a insuficiente quantidade de mobiliários para armazenamento do acervo. As próximas etapas de salvaguarda têm sido discutidas a partir da escrita de projetos para a captação de recursos com o objetivo de reestruturar o espaço para as condições necessárias de permanência dos documentos, a criação de um cronograma para inventariar e posteriormente documentar o acervo e seleção de uma equipe interdisciplinar, para que nos próximos anos as informações estejam disponíveis ao alcance da sociedade para consulta e pesquisa.

### PALAVRAS-CHAVE

Associação Fotoativa. Arquivos da Fotoativa. Conservação preventiva.



## **Conservação-Restauração e a Interpretação dos Vestígios: Valores de Memória em Acervos**

**Yasmin Sayegh Al Kas**

Museu Histórico de Itajaí ,Técnica em Conservação e Restauração

**Maykon Daniel Hundenski**

Universidade do Vale do Itajaí ,Acadêmico de História

### **RESUMO**

Um objeto histórico, para além do seu valor de uso, é cheio de significados subjetivos que lhe foram atribuídos ao longo do tempo pelas pessoas que com ele se relacionaram. A partir do momento que esse objeto passa pelo processo de musealização, ele perde o valor inicial, restando o valor de memória, subjetivo a cada pessoa ou comunidade, que a ele atribuem significados. As peças de um Museu Histórico, além de seu simbolismo, são carregadas de outra premissa, o valor histórico, capaz de trazer à tona diferentes sentimentos, de rememoração e interpretação de um momento histórico. A área da conservação-restauração no Brasil expressa diversas linhas com perspectivas teóricas e técnicas que conversam entre si, porém sem um denominador comum na tomada de decisões. Essa falta abre várias possibilidades, permitindo ações arbitrárias de restauração, como a tentativa de alcançar um modelo considerado ideal, o "estado autêntico" da peça na qual se intervém. O que se postula aqui é que a volta a esse estado não deveria ser buscada, pois ele não existe. Alegar que ele existe é o mesmo que afirmar que a peça, em sua atualidade, não é autêntica. Através da perspectiva dos valores de memória, as atividades de restauração devem passar pela minuciosa análise tipológica e por um diálogo intenso com todos os envolvidos, visando a melhor tomada de decisão. Para a intervenção, precede-se a interpretação da obra, dos seus potenciais valores históricos, das marcas de deterioração que ela apresenta e como elas são assimiladas por diferentes pessoas. Daí resultam perguntas: Qual nível de lacunas é aceitável? Qual nível de intervenção é aceitável? Uma marca do tempo é sempre um dano que deve ser tratado? O que é um dano? Dentro de um Museu Histórico, esses questionamentos podem ser interpretados através da noção de respeito aos vestígios e sinais do tempo, tratando-se de registros da história sobre os objetos. Entende-se que toda ação de intervenção surge do conhecimento derivado da interpretação da peça, seu estado de conservação, no que diz respeito a sua inteligibilidade, somado aos conhecimentos e experiências dos profissionais responsáveis pelo acervo, e por fim aos interesses do público. Define-se assim quais as expectativas sobre a apresentação da obra e qual o limite da ação do conservador-restaurador para que a mesma possa ser respeitada em todos os seus aspectos. A forma como o objeto é exposto ao público é, além das possíveis ações de restauro, uma escolha museológica.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Conservação-Restauração. Museu Histórico. Vestígios. Objeto Histórico



## **Beco da Codorna: diagnóstico sobre conservação preventiva em arte mural urbana**

**Henrique Moreira Oliveira**

Universidade Federal de Goiás - Aluno de Museologia

### **RESUMO**

Este trabalho é voltado a discutir sobre conservação preventiva e gestão de riscos da arte mural urbana, tendo como objeto de estudo o Beco da Codorna, localizado em Goiânia/GO. Propõe-se a partir de um diagnóstico, determinar medidas preventivas para a paisagem musealizada, em um contexto não somente físico, mas também social, o qual se agregam relações culturais afetivas, conexões artísticas e sociais. Se objetiva evidenciar a importância da salvaguarda patrimonial, presente na cadeia operatória museológica, em uma paisagem musealizada, cuja principal característica é a efemeridade de seu acervo exposto. Destacando que a conservação preventiva não só trabalha com patologias físicas, mas sim com a conservação de expressões culturais que muitas vezes ficam às margens do reconhecimento da sociedade, em específico a cultura do Hip hop, que abraça não somente com arte mural (grafites e pichações) o Beco da Codorna, mas, com toda uma estrutura em rede. Todas as ações voltadas à conservação do objeto de estudo, tem como metodologia inicial a adoção de proposições investigativas: conhecer, em primeiro lugar, a sua identidade criativa dos artistas e acervo, já que talvez a intenção de preservar e “congelar” uma criação pode ser contradito com a razão pela qual foi concebida. A partir de uma metodologia observacional, se promove a identificação de vinte e quatro riscos ao patrimônio musealizado, com suas causas, efeitos e frequências. Com estes, se aplica o “Método ABC” de Stefan Michalski, que analisa a Magnitude de Riscos e seu Índice de Prioridade no tratamento das patologias museológicas encontradas. Com o diagnóstico, se espera princípios norteadores para a gestão e tratamento de riscos do Beco da Codorna, local que somente pela oralidade é considerado um museu a céu aberto, já que não institucionalizado pela Lei n. 11.904, que determina seu reconhecimento e implantação de um plano museológico. Este conjunto, visa a mitigação e eliminação dos riscos existentes e futuros, pensando uma seleção de medidas eficazes, que respeitem majoritariamente, o desejo dos detentores da memória do local. A efemeridade, portanto, não se basta a negação de preservação do acervo e espaço, mas sim na possibilidade de renovação, a partir da qualidade ambiental e reconhecimento da imaterialidade cultural e suas manifestações. Desta forma, temos uma estrutura local e social, capaz de evocar novos artistas e acervos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Conservação. Prevenção. Arte Mural. Efêmero. Riscos.



## **Processos de Conservação Preventiva do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul**

**Bruna Guaresi Costa Troian**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Graduanda

**Natasha Quednau Fraga**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Graduanda

### **RESUMO**

A preservação do patrimônio histórico-cultural museológico é imprescindível para informar, fomentar e promover o conhecimento - essas são funções primárias das instituições museais. Neste aspecto, o presente trabalho busca discutir as práticas de conservação preventiva realizadas nos espaços do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM). A apresentação se dará considerando os equipamentos utilizados no monitoramento de condições do ambiente bem como as demais práticas de preservação de acervo com vistas à contenção de danos que podem incidir sobre as coleções. O MUHM foi criado no ano de 2007, a partir da preocupação por parte do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS) - seu mantenedor - com a memória dos profissionais de Medicina do Estado. As atividades iniciaram através de um projeto chamado Memória Médica, materializando-se posteriormente por meio dos acervos históricos doados por médicos, instituições hospitalares e profissionais das áreas da saúde e seus familiares. Para a preservação desses acervos que estão sob a guarda da instituição é fundamental a organização de rotinas de conservação preventiva destes itens, com base nos dados coletados. Apresentaremos as ações relacionadas ao controle da incidência de luz, de umidade, de temperatura, de pragas e de poluentes. A identificação destes fatores se dará, inicialmente, por meio do levantamento e apresentação dos equipamentos instalados nas dependências do espaço de guarda do Museu, como: termo-higrômetro eletrônico, ventiladores, desumidificadores, luxímetro e substâncias higroscópicas. O trabalho de conservação inicia-se na avaliação de acervo e coleta de novas doações, após este procedimento, ocorre o registro na instituição. A higienização e acondicionamento do acervo é parte fundamental do processo de conservação preventiva e procedimentos de segurança, a fim de que não haja degradação ou conseqüente perda do objeto. O sistema de catalogação deve estar em constante atualização. Buscando evitar a dissociação, há a etapa de inclusão de pesquisas sobre dados históricos dos objetos museológicos. A partir disso, são confeccionadas etiquetas de identificação dos itens além da determinação dos materiais ideais para acondicionamento e mobiliários adequados para cada materialidade. Essas são práticas que visam a salvaguarda das coleções museais e a manutenção da memória médica e da história da saúde no Rio Grande do Sul.

### **PALAVRAS-CHAVE**

MUHM. Conservação. Acervos. Medicina



## **Experiência no Acervo Histórico Municipal de Salvador: Laboratório de Conservação e Restauro**

**Ana Letícia Rodrigues Ribeiro**

Mestranda em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)

### **RESUMO**

Este resumo visa apresentar algumas rotinas realizadas no laboratório de restauro de documentos do consórcio Qualycopy-Acesso para o projeto da Prefeitura Municipal de Salvador onde trabalhamos o acervo do Arquivo Histórico Municipal da cidade de Salvador. Desde o papel artesanal, e seu aproveitamento máximo para evitar desperdício, como as ferramentas criadas a partir de outras já existentes, como prensas e tear. O objetivo é partilhar novos conhecimentos da área de conservação e restauração de documentos antigos para beneficiar a área com investimentos de baixo orçamento. Além dos novos cálculos para o uso da Máquina Obturadora de Papéis (MOP), como essa fórmula pode ajudar a economizar polpa artesanal. Ao vivenciar a rotina de um laboratório de conservação e restauro durante um ano, aprendizados além dos técnicos são aprofundados. Trabalhar com um acervo tão delicado e importante, que estava em estado precário, sujeito a umidade, calor, agentes biológicos, camadas e camadas de poeiras e outras intervenções inapropriadas foi um grande desafio. Medidas sustentáveis foram tomadas para tentar adaptar o prédio à triagem do material e a produção de higienização e restauro nos documentos que levam o nome da história do nosso país. Cálculos foram criados para otimizar o uso de material em uma das máquinas utilizadas no laboratório, e instrumentos como prensas, mesas de higienização e tear para costura foram improvisados com materiais reutilizados. Ver a história se degradar estava sendo triste, mas poder recuperá-la foi um aprendizado imenso. Este projeto contou também com a digitalização desse material recuperado, sabemos que todo trabalho de preservação de uma estrutura como o papel não é eterno, apenas estamos postergando o desaparecimento do suporte para continuarmos o máximo possível com o acesso original à memória de sua produção.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Preservação. Laboratório. Patrimônio Documental.  
Acervo Histórico. Conservação e Restauro.



## **A conservação preventiva do acervo bibliográfico do Museu de História da Medicina do RS**

**Sofia Naime**

Estagiária do Museu de História da Medicina do RS

**Kayla Calistro**

Estagiária do Museu de História da Medicina do RS

### **RESUMO**

Este resumo apresenta o trabalho de higienização, conservação preventiva e documentação realizado, no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM), na Seção de Acervo Bibliográfico. O processo de inserção deste acervo inicia com a doação, que segue as normas estipuladas na Política de Aquisição e Descarte, indicando quais os critérios dos livros que serão recebidos. Há uma rotina consolidada quanto ao recebimento de doações, ocorrendo inicialmente a avaliação e posteriormente incorporação ao acervo; Após a busca e a seleção, iniciam-se os procedimentos para higienização, pesquisa, catalogação e acondicionamento do acervo. O processo de higienização das obras bibliográficas centra-se na retirada de grampos e materiais enferrujados, sujidades de uso, pó, resíduos de poluição e agentes biológicos como cupins, traças e brocas - para que não ocorra a contaminação do restante do acervo já musealizado. Para realizarmos este trabalho utilizamos diversos recursos que nos auxiliam no processo, como trinchas, pincéis, extratores de grampo, bisturis, entre outros. Os profissionais envolvidos nesta atividade fazem uso de Equipamento de Proteção Individual como luvas e máscaras descartáveis, além de utilizarem jaleco, para proteger as roupas das diversas sujidades. Após a higienização, os livros são cadastrados no banco de dados próprio, chamado MUHMWEB. Para isso é necessário a realização de análise da obra bibliográfica e a pesquisa sobre suas características intrínsecas e extrínsecas, descrição do estado de conservação da obra, e preenchimento de informações sobre autor, edição, além de um resumo do que trata o seu conteúdo. Ainda ocorre uma pesquisa sobre o doador do acervo, buscando entender em que contexto essa obra foi usada. Após o cadastro ocorre o acondicionamento e armazenamento das obras na seção de Acervo Bibliográfico, na reserva técnica do MUHM, que conta com controle de temperatura, umidade e luz. Estes são colocados em estantes - e quando necessário acondicionados em caixas de papel neutro e, posteriormente organizadas por especialidade médica. Já as obras que necessitam de pequenos reparos são acondicionadas dentro da própria sala de higienização em uma estante específica para este fim. Nesta etapa utilizamos papel japonês, cola CMC, papel neutro, entre outros. O objetivo da preservação do Acervo Bibliográfico do MUHM centra-se no seu significativo valor enquanto patrimônio da história da saúde e da medicina, contendo obras dos séculos XIX e XX. As obras em questão são utilizadas pelos mais diversos pesquisadores, possibilitando desenvolver estudos em diversas áreas de conhecimento.

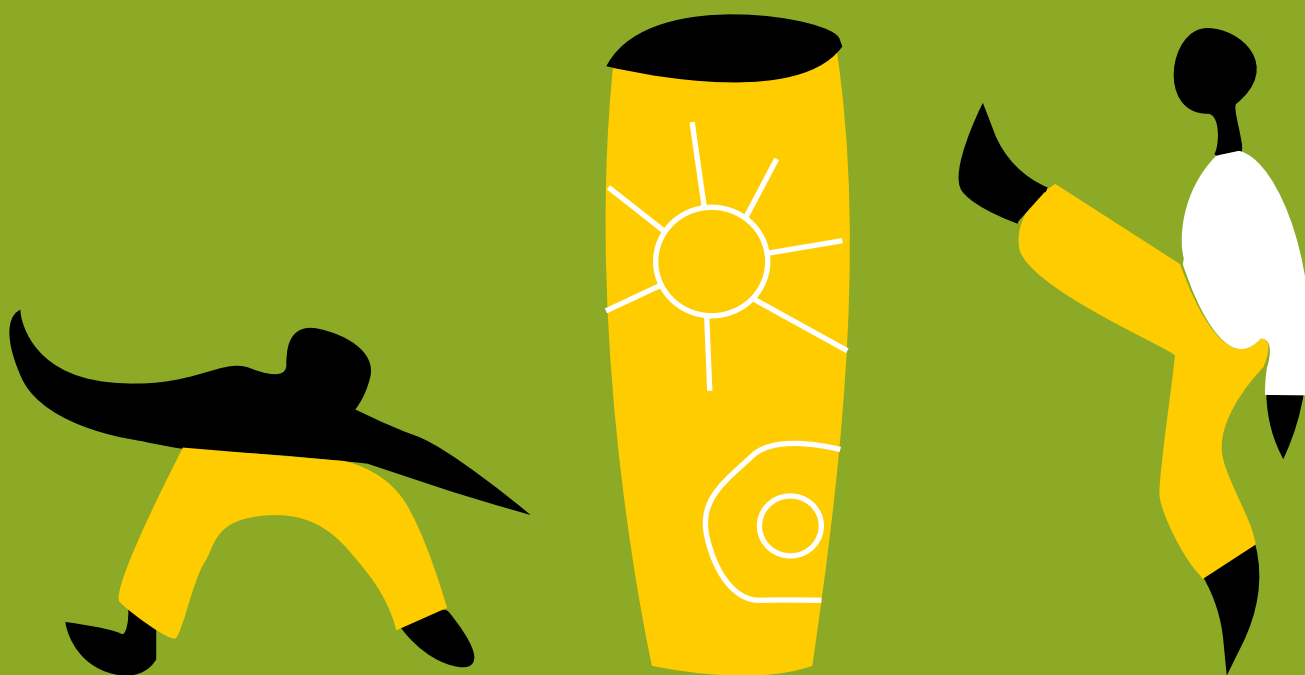


Além disso, essas obras preservadas são utilizadas como acervos expográficos do MUHM.

**PALAVRAS-CHAVE**

MUHM. Acervo bibliográfico. Conservação. Patrimônio

**GT 4**  
**MUSEOLOGIA E CULTURA DIGITAL**





## ***GT 4 - Museologia e Cultura Digital***

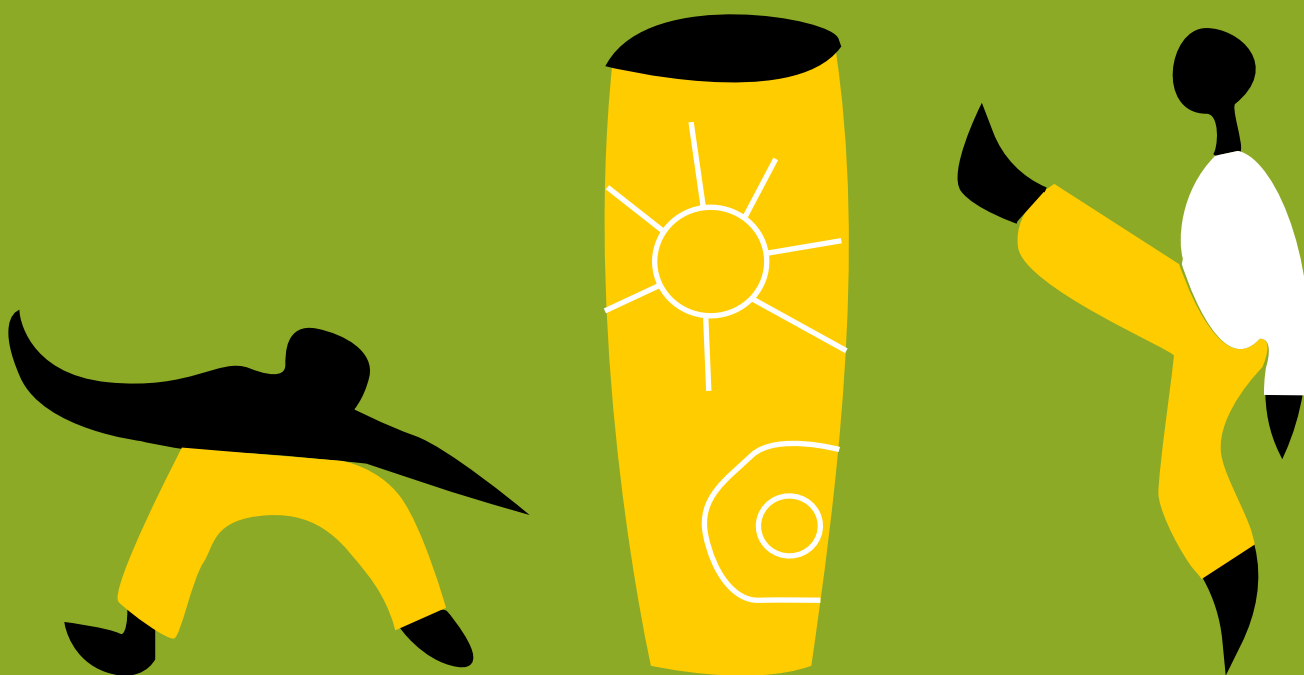
### **Coordenadores**

Carmen Lucia Souza da Silva (UFPA)  
Rita de Cassia Maia da Silva (UFBA)  
Rafael Teixeira Chaves (UNIRIO)

### **Resumo**

A conexão entre Museologia e Cultura Digital mobiliza o pensamento sobre a expansão das tecnologias digitais nos processos museológicos e de estudos e vivência do patrimônio. Mobiliza investigações científicas como percursos possíveis para compreender a complexidade dos desafios contemporâneos na relação entre memória e sociedade, cada vez mais ciberconectada. Nestes enlaces, estão implicadas discussões sobre poder e resistência, ciberativismo, cidadania em rede e empoderamento de grupos e comunidades através da expansão do patrimônio cultural e dos museus nas práticas e espaços digitais. Agregamos estudos em cibermuseologia, e sobre o patrimônio e o virtual, mobilizando inclusive perspectivas interdisciplinares para (re)pensar problematizações epistemológicas. Ademais, em consequência da pandemia do COVID-19 que trouxe diversas adversidades para a sociedade como o distanciamento social, novos hábitos e desafios foram gerados. Dentre esses, destaca-se a urgência da presença dos patrimônios e dos museus nos espaços digitais como estratégia, seja para manter as suas ações diante da necessidade de fechar as portas, seja pela atualização premente reivindicada por grupos sociais silenciados e excluídos na sociedade que, diante da pandemia, se (re)descobrem cada vez mais (inter)ativos nas redes, ressignificando através do digital seus patrimônios, suas memórias e suas lutas. Neste sentido, o GT Museologia e Cultura Digital busca fomentar debates sobre estas e outras reflexões conexas, como, na Museologia aplicada, acerca da reinvenção das ações museais na virtualidade, compartilhando experiências museológicas e discutindo a sua continuidade; ou como, na Museologia teórico-empírica, a atualidade e a potência das virtualidades nas transformações dos espaços museais e patrimoniais, e na vivência cultural, sempre afetadas pelos desejos por uma democracia cognitiva. Seguindo, fortalecendo e expandindo as discussões do Fórum de Estudos em Museologia e Cultura Digital.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **As tecnologias de mídia e a comunicação dos Museus Imperial (RJ) e do Diamante (MG)**

**Isabella Favero Fazani**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interunidades em  
Museologia da Universidade de São Paulo

**Maria Margaret Lopes**

Docente e Orientadora Plena do Programa de Pós-Graduação  
Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

### **RESUMO**

Para se comunicarem com o mundo, os museus utilizam diferentes tipos de mídia, tecnologias de comunicação, que portam propriedades materiais e simbólicas, com grande poder de influência sobre as instituições culturais, que por suas vezes, têm a capacidade de agrupar, em um único espaço, todo um complexo conjunto de mídias. Há uma longa história de produção de tecnologias de mídia para utilização em museus ou, que contaram com a colaboração dessas instituições para serem produzidas. A partir de uma abordagem historicizada, explora-se algumas das tecnologias de mídias utilizadas para a comunicação dos museus, de forma a compreender o contexto no qual os celulares e os computadores, com sua infraestrutura de comunicação chave, a internet, são empregados hoje pelas instituições culturais. Estuda-se dois Museus: Imperial (Petrópolis - RJ) e do Diamante (Diamantina – MG), de forma a identificar como se apresentam na internet e propor problematizações em relação às práticas dos museus presenciais nesse âmbito. Considerando que a utilização das tecnologias de mídia para a comunicação dos museus recai sobre quatro objetivos principais, entre eles, expandir a atuação das instituições, que atravessam suas paredes e edifícios, para espaços além de suas próprias instalações físicas, compreende-se que esse processo não remete somente à contemporaneidade, mas também, ao início das operações editoriais nos museus, entre os séculos XVIII e XIX, com os catálogos de coleções e, após o período da Segunda Guerra Mundial, há o exemplo da televisão. Então, apesar da crescente importância das mídias eletrônicas, principalmente durante o período de agravamento da pandemia de COVID-19, as mídias têm sido utilizadas para amplificar a comunicação dos museus já há algumas centenas de anos. Se após a segunda metade do século XX, houve grande avanço no desenvolvimento da computação digital e, no início do século XXI, o desafio era adotar a internet para uma melhor comunicação fora dos espaços físicos dos museus, nos últimos anos, cresceram exponencialmente as possibilidades de comunicação através de mídias, por conta das tecnologias nativas digitais e das que podem ser transformadas e adquirem formato digital. Compreende-se que o atual panorama do conjunto de mídias modifica as formas através das quais se comunica e, portanto, impacta diretamente os museus, exigindo a revisão de conteúdos e formatos de troca e negociação de valor pelas instituições.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Tecnologias de Mídia. Comunicação Museal. Internet.  
Museu Imperial. Museu do Diamante.



## **Visualidades e Virtualidades: a imagem na comunicação museológica online em Museus de Arte**

**Aylana Teixeira Pimentel Canto**

Universidade Federal da Bahia ,Mestranda

**Humberto Torres Gonzales**

Universidade Federal da Bahia ,Mestrando

**Ana Helena da Silva Delfino Duarte**

Universidade Federal de Uberlândia ,Professora Associada

### **RESUMO**

O presente trabalho, tem por objetivo tecer reflexões quanto ao uso intencional de imagens e mídias visuais, empreendido por museus, sobremaneira museus de arte, ao longo da pandemia de Covid-19. Nesse sentido, virtualidade e visualidade se acercaram de maneira frequente e potencial, por intermédio de ações comunicacionais desenvolvidas em ambientes online, notadamente através de redes sociais e *sites* institucionais, nas quais as práticas museológicas se atualizaram, objetivando transcender de modo mais evidenciado, as fronteiras físicas da comunicação museológica habitual, ao privilegiar uma conexão mais interativa dos museus frente a seu *webpúblico*. O estudo apoia-se nos relatórios “*Museums, museum professionals and COVID-19*” e “*Museums around the world in the face of COVID-19*”, de autoria do ICOM e da UNESCO, respectivamente, bem como nas observações, materiais e referências provenientes das pesquisas de mestrado dos autores, ambas em desenvolvimento pela linha de Patrimônio e Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU-UFBA), afim de compreender a imagem no meio digital enquanto estratégia de comunicação museológica expandida, assumindo diversos formatos e desempenhando um papel central enquanto suporte da informação. Imagens digitalizadas de obras de arte do acervo, composições que articulam informação textual e visual criadas através de *softwares* de programação visual e design gráfico, e vídeos, para nomear algumas categorias, são materiais que possibilitaram, protagonizaram e aglutinaram uma gama de atividades virtuais, como exposições *online*, publicações e desafios nas redes sociais, dentre outras práticas identificadas. O acesso, a fruição e a interpretação dos públicos que se conectam com essas imagens são igualmente enfocados neste escrito, frente à, previamente mencionada, intencionalidade no uso dessas mídias e ao desafio das instituições museológicas em adentrarem as intersecções possíveis entre a dimensão do visual e do virtual apesar das adversidades acentuadas pela pandemia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Comunicação Museológica. Ciberespaço. Imagem. Museus de Arte. Pandemia.



## **Relatos de pesquisas de mestrado: compartilhando o fazer museológico no contexto pandêmico**

**Mayra Carvalho Ferreira de França**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

**Isabella Favero Fazani**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

**Siele Cristine Barbosa**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

### **RESUMO**

A partir da apresentação de três pesquisas de mestrado em andamento, realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP, e da experiência compartilhada das autoras enquanto grupo de estudos, relatam-se as imposições de adaptação nas metodologias de pesquisa frente aos desafios do fazer científico no contexto da pandemia da COVID-19, considerando os impactos na produtividade geral causados pela pandemia, que foram intensificados por fatores como raça e gênero, e a necessidade de documentar a pesquisa em Ciências Humanas, sobretudo em contextos atípicos. “As Revistas Publicadas pelo Museu Nacional entre 1932 e 1950: ‘Divulgar as Ciências Naturais e os Resultados das Pesquisas, Estudos e Explorações Por Todos Os Meios Ao Seu Alcance’”, “Casa de Dona Yayá: Patrimonialização e relações com o entorno” e “Os Museus no Ciberespaço: Usos da internet para a comunicação do Museu Imperial e do Museu do Diamante”, são dissertações em desenvolvimento com escopos distintos, mas que partem da mesma base teórica-metodológica, fator que gerou condições para trocas acadêmicas e a criação de um pequeno grupo de estudos. Além disso, a experiência compartilhada de formação, pesquisa e vivência em contexto pandêmico, onde cronogramas tiveram de ser repensados para atender aos prazos e, também, diferentes formas de acessar fontes de pesquisa à distância tiveram de ser encontrados, evidenciaram a importância de uma rede de apoio no meio acadêmico e a necessidade de repensar formas de interação social e pesquisa. A partir da retomada gradual de atividades presenciais e da circulação de pessoas, reiteramos a singular necessidade de adequar novamente as metodologias com as quais se trabalhava. O relato é um modo de trocar experiências com outros pesquisadores e de refletir sobre como trabalhar para construir futuros em tempos tão incertos. A crise sanitária, social e institucional afetou profundamente os setores cultural e acadêmico e impôs mais dificuldades materiais e subjetivas aos pesquisadores; além disso, o meio digital tem suas particularidades de todo ainda não apreendidas, de modo que profusão e carência, interação e solidão são contradições aparentemente inerentes ao ciberespaço. Contudo, considerando que o trabalho da Museologia



é estabelecer diálogos, conectar referências e criar relações, persiste-se na experimentação enquanto estratégia de adaptação, de modo a reafirmar o compromisso da Museologia com o porvir.

**PALAVRAS-CHAVE**

Pesquisa em Museologia. Grupo de estudos. Relato.  
Pandemia da COVID-19. Adaptação.



## Preservação de Acervos: o processo de digitalização do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

**Marcelo Vianna**

IFRS Campus Osório - Historiador, Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

**Angela Beatriz Pomatti**

Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul - Museóloga, Diretora

**Nicholas Aguirre**

Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul - Museólogo

### RESUMO

Desde a origem do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) no ano de 2007, um de seus desafios foi garantir a organização e a preservação de seus acervos, muitos deles recebidos de parte de instituições e da comunidade médica, assim como promover uma maior acessibilidade de pesquisadores ao material histórico. Isso exigiu que a equipe técnica do museu iniciasse as primeiras ações para disponibilizar obras do acervo em formato digital, o que se tornou imprescindível no contexto da pandemia de Covid-19. No ano de 2020, foi firmado um convênio entre o museu e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), dando início ao projeto "Disseminando o conhecimento histórico da saúde: digitalização e catálogos virtuais de obras raras do Museu da História da Medicina do Rio Grande do Sul". Com recursos da Fapergs, o projeto estabeleceu a digitalização de quatro grupos de acervos do campo da Saúde e Medicina priorizados pelo MUHM, abordando diferentes tipologias de acervos: o primeiro dedicado aos documentos do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre; o segundo foi dedicado às teses médicas, produtos acadêmicos que eram requisitos dos candidatos para atuar em cátedras; o terceiro envolveu coleções de obras consideradas raras como periódicos e livros médicos; o último foi uma seleção de objetos tridimensionais voltados à prática médica. O processo envolveu alguns desafios, como o estabelecimento de prioridades de digitalização de obras, optando-se pelas mais requisitadas por pesquisadores e que se encontravam em difícil acesso ou então em condições consideráveis de degradação. Com recorte cronológico entre os anos de 1850 e 1970, o projeto preocupou-se em gerar arquivos de alta qualidade e as derivadas, voltadas ao acesso público, logrando digitalizar 863 documentos e objetos tridimensionais. Por fim, o projeto envolveu a criação de catálogos digitais dedicados aos quatro acervos, nos quais os pesquisadores e públicos em geral podem acessar o acervo. Como História Pública, eles também possibilitam o público em geral a compreender o contexto histórico da Medicina da época, a partir dos documentos digitalizados. Acreditamos que os catálogos, disponibilizados na página do MUHM, contribuam para a democratização do acervo da instituição, bem como a sua preservação - através da digitalização e redução do contato com a fonte documental original, principalmente as obras bibliográficas raras.

### PALAVRAS-CHAVE

Digitalização. Preservação. História da Medicina e da Saúde.  
História Digital. História Pública.



## O fato museal e as ambiências digitais culturais no metaverso

**Jaber Caetano da Silva Filho**

Universidade Federal de Goiás - Bacharelado Museologia

**Pablo Fabião Lisboa**

Universidade Federal de Goiás - Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Sociais

### RESUMO

O fato museal tem sido reinterpretado desde sua concepção por Waldisa Rússio no início da década de 1980 no axioma da relação do homem com o objeto em um cenário. Na esteira da ampliação do que deveria ser considerado tema de museu, ou tema válido no campo do patrimônio cultural, esse conceito se ampliou para a relação da sociedade com o patrimônio em um território. Em cada momento ao longo destes mais de 40 anos, a museologia, que reflete as mudanças sociais e históricas de seu tempo, estudou a concepção triangular de Rússio e propôs reinterpretções desse conceito fundamental, sobretudo a produzida na América Latina. O advento das tecnologias digitais pressionou por mudanças em todas as dimensões da vida e observamos as ciências sociais refletirem sobre o assunto. Pierre Lévy, em seu livro *Cibercultura*, dava conta de identificar um novo espaço antropológico, a saber o do ciberespaço. Com efeito, houve uma transformação nas relações do ser humano com o ambiente ao seu redor, interferindo diretamente nas conexões sociais, no mundo do trabalho, nas relações afetivas, no trânsito e acesso à informação, e nas maneiras de esquecer e lembrar, essência mártir daquilo que é a ontologia dos museus. Se podemos entender o ciberespaço enquanto um conjunto de ambiências digitais, caberá acolher conceitualmente o metaverso enquanto uma parte mais profunda da cibercultura. E ao estudar a cultura contemporânea, esse devir digital que em simultâneo é ato e potência, poderemos nos debruçar sobre o fato museal à luz do metaverso. Podemos vislumbrar a tríade de Rússio nesta nova relação, onde, no lugar do homem temos o avatar, no lugar do objeto temos os artefatos culturais digitais como obras de artes e os NFTs, e ao invés de um espaço físico institucionalizado, temos as ambiências digitais culturais, inseridas no metaverso, uma realidade paralela. Problematizar o fato museal no contexto do metaverso, exigirá uma mobilização retórica e teórica, e também, uma aplicação conceitual do fato museal em algumas ambiências digitais culturais do mesmo. Entendemos essa propositura como válida e urgente para as discussões do campo da museologia. A partir deste trabalho, poderemos verificar se o fato museal é conceito cabível no metaverso, lançando mão de estudos de casos sobre ações museais deste ambiente.

### PALAVRAS-CHAVE

Fato Museal .Metaverso .Ambiências Digitais .Cultura Digital.



## **Os museus do interior gaúcho no ciberespaço: presenças e ausências durante a pandemia de COVID-19**

**Vanessa Barrozo Teixeira Aquino**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Professora Adjunta do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA)

**Gabriela Meneghel Colla Mattia**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Turismóloga  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Graduanda em Museologia

### **RESUMO**

Conhecer e demarcar a história do tempo presente é essencial para compreendermos os contextos museológicos. A imperiosa necessidade de cuidados sanitários a partir da pandemia de COVID-19 exigiu que diversos espaços culturais permanecessem fechados aos públicos como forma de proteção, evitando assim a transmissão do vírus. Observando esse cenário de incertezas no campo dos museus, o Projeto de Pesquisa “Forma & Conteúdo: reflexões sobre as exposições museológicas” adaptou seus objetivos, considerando necessário mapear, identificar e conhecer o cenário museológico gaúcho referente às ações desenvolvidas no ciberespaço durante os dois primeiros anos da pandemia (2020-2021). Para tal, foram realizadas duas coletas de dados em diferentes plataformas digitais com base nas instituições cadastradas no Sistema Estadual de Museus do RS e na Rede Nacional de Identificação de Museus. Além de dados geográficos, temáticos e identificação de algumas tipologias de museus, foram analisados o uso de *site* e *e-mail* institucional, a presença e continuidade de ações em mídias sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, *Wikipédia* e *TripAdvisor*, a disponibilização de *podcast* e de ciberexposições, *tour* virtual e visita mediada. Nessa perspectiva, este trabalho visa identificar as ações comunicacionais no ciberespaço realizadas por museus do interior do estado - categoria criada para compreender possíveis contextos regionais - e a presença ou não destas instituições museológicas em meios digitais. A partir de 574 instituições analisadas, 435 são do interior do estado (estão fora do circuito de Porto Alegre ou da região metropolitana). Somente no interior do Rio Grande do Sul, entre 2020 e 2021 foram ofertadas mais de 45 ciberexposições, *tour* virtuais ou visitas mediadas. A partir deste recorte, entende-se que cada vez mais instituições do interior do estado estão adotando o compromisso social de divulgação de seus acervos e pesquisas no ciberespaço. Acredita-se que a gratuidade das mídias sociais selecionadas contribuiu para o aumento desta adesão, ao mesmo tempo que a pandemia desafiou os trabalhadores de museus frente às novas estratégias de comunicação em meio digital. Entende-se que os estudos de avaliação são extremamente relevantes para compreender qual tipo de público está ou não sendo alcançado, possibilitando ações específicas de comunicação museológica acessíveis e inclusivas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museus. Ciberespaço. Comunicação museológica. Rio Grande do Sul. COVID-19.



## Os Museus nas Plataformas Digitais: análise do Projeto Google Arts & Culture

**Geórgia Maria Ribeiro de Souza**  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

### RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar reflexões sobre a utilização das plataformas digitais pelos museus, durante o primeiro ano de pandemia de Covid-19, evidenciando a iniciativa *Google Arts & Culture* e suas consequências positivas derivadas das ferramentas de comunicação da plataforma. Diante de um cenário de crise, causada pelo Novo Coronavírus surgiram, em nós, as seguintes questões: como os museus atuaram durante o cerceamento imposto pela pandemia de Covid-19? Como se deu a comunicação com o público? O projeto *Google Arts & Culture* foi uma alternativa para os museus? Buscando respostas nos debruçaremos no tema das plataformas digitais, no projeto do *Google* e nas transformações da museologia, quanto a adaptação às novas tecnologias de comunicação. Atento ao cenário atual de dependência digital - que gera uma vasta oferta de entretenimento *online* - os museus sentem o impacto dessa nova realidade e buscam formas de investir no virtual. As plataformas digitais modificam as relações sociais do dia a dia, e acabam inserindo o lazer até mesmo no trabalho. Durante o expediente, por exemplo, o trabalhador pode ouvir música, conferir as redes sociais, bem como outras fontes de arte. Tudo se adapta às plataformas e, logo, contemplar arte, hoje, se torna acessível ao toque de uma tela. Assim, para enfrentar não apenas o fenômeno de dependência virtual, mas também o desafio imposto pela pandemia, em 2020, os museus viram no digital uma extensão de suas atividades, e visitar museus caminhava para uma atividade *online*. O tema museu virtual não é novo, a museologia, há décadas, busca alternativas para que os museus explorem seus acervos de forma criativa e abracem novas tecnologias. O *Google Arts & Culture* é uma delas. Desde 2011, fornece ferramentas para as instituições digitalizarem e disponibilizarem seus acervos, permitindo que os museus exponham seus objetos musealizados, forneça visitas virtuais e ajude na preservação de coleções. A intenção com esta pesquisa é compreender se o projeto foi benéfico para os museus, durante o período mais crítico da pandemia, e como se dá a adaptação dos museus às plataformas digitais. Para tanto, serão aludidos, aqui, autores que abordam as temáticas museu *online*, plataformização e arte, e será feita a análise do *Google Arts & Culture* - através de um estudo qualiquantitativo - por se tratar de uma plataforma digital que possui parceria com mais de quatro mil museus, acessível, e que fornece ferramentas de divulgação.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu. Plataformas Digitais. Arte. *Google Arts & Culture*. Museu virtual.



## **Futebol, gênero e guerrilha no Twitter: o caso do Museu do Futebol**

**Renata Maria Beltrão Lacerda**

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da  
Universidade de São Paulo - PPGMUS-USP - Mestranda

### **RESUMO**

Inaugurado em 2008 no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, o Museu do Futebol foi concebido com foco no futebol masculino, sendo notável a ausência de representação de mulheres protagonistas na exposição de longa duração, que buscava relacionar esporte, cultura, história e identidade brasileira. A partir de 2015, com a realização do projeto “Visibilidade para o futebol feminino”, o futebol de mulheres começa a entrar no foco da instituição e se estabelece como carro-chefe de mudança no posicionamento institucional e na ação museológica, sobretudo nos programas de pesquisa, exposições, programação cultural, educativo e comunicação. O presente trabalho, realizado no âmbito da pesquisa para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, investiga o uso da internet e das redes sociais como estratégia do Museu do Futebol para assinalar a adoção do futebol de mulheres como causa. A instituição passa a assumir uma posição clara quanto à questão da desigualdade de gênero, especialmente no campo esportivo, e usa a internet para reverberar essa escolha. A medida também opera no sentido de fortalecer a rede de relacionamento com mulheres atletas, pesquisadoras e jornalistas, assim como na tentativa de diversificar o perfil do público visitante e virtual. No Twitter, especialmente, a atuação do Museu se dá no sentido de ocupar um espaço de liderança quanto ao assunto. Isso fica claro nas ações realizadas em 2021 e 2022 na data de 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, quando a instituição mobilizou campanhas sob as hashtags #MeuRival e #CartãoVermelho, respectivamente, para estimular a exposição de situações sexistas no ambiente esportivo. Nos dois anos, a campanha teve grande adesão e chegou aos *trending topics* de esportes, sendo que em 2021 atingiu também os *trending topics Brasil*, ganhando adesão fora do mundo futebolístico e chamando a atenção da imprensa. Conclui-se que a estratégia de comunicação de guerrilha utilizada no caso do Twitter guarda sinergia com a lógica de “hackeamento” que foi um dos resultados do projeto “Visibilidade para o Futebol Feminino”, quando conteúdos sobre o futebol de mulheres foram inseridos na exposição de longa duração em várias das salas do museu, mantendo-se a estrutura narrativa e a cenografia originais, a partir de uma curadoria compartilhada com atletas, pesquisadoras e jornalistas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia e Gênero. Futebol. Comunicação. Redes Sociais.



## **Práticas Educativas no Museu de História da Medicina do RS em tempo de pandemia**

**Gláucia Giovana Lixinski de Lima Kulzer**  
Pedagoga do Museu de História da Medicina do RS

### **RESUMO**

No início de 2020 a população mundial entrou em contato com o vírus causador da covid-19 que trouxe temor, insegurança e muitas mortes, o que levou a exigência de distanciamento e isolamento social como medidas de prevenção do contágio, já que ainda não se tinha conhecimento científico sobre a doença. Esse novo cenário que se estabeleceu provocou uma alteração na rotina das pessoas e das instituições como um todo, o que impactou também no cotidiano dos museus e sua relação com o público e no desenvolvimento de suas atividades. No Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) não foi diferente e foi necessário suspender todas as atividades presenciais. Num primeiro momento não imaginávamos que a doença iria nos impor a interrupção das atividades técnicas com o acervo e educativas por tempo tão longo. A realidade imposta pela pandemia da covid-19 fez com que o MUHM desenvolvesse atividades não presenciais com base na elaboração de exposições virtuais, novos recursos educativos e interações síncronas através de lives e contações de histórias. Esse resumo busca apresentar as práticas educativas desenvolvidas pelo MUHM durante o período de 2020 e 2021, já que diante da pandemia foi necessário ressignificar as ações para dar continuidade ao atendimento ao público, por meio virtual. Essa estratégia foi utilizada por inúmeras instituições museológicas e, auxiliou a manter o diálogo com o público, principalmente o escolar. A utilização de um ambiente virtual para comunicar as exposições e desenvolver atividades pedagógicas a princípio foi um desafio que também oportunizou a ampliação do acesso ao acervo do MUHM e das suas ações no estado do RS. A exigência do uso de tecnologias digitais como ferramenta de trabalho principal, neste período, proporcionou o repensar e a concepção de novos materiais educativos no formato de “contação de história” para os alunos das séries iniciais do ensino fundamental e, “quiz” para os alunos das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio. Esse novo formato imposto possibilitou o acesso a uma nova experiência museológica e educativa, auxiliando no desenvolvimento significativo do conhecimento através de novas relações de aprendizagem mediada pelo meio virtual. Apresentar a experiência do MUHM no contexto da pandemia e todo o processo de estruturação do educativo e os resultados obtidos também faz parte desse trabalho.

### **PALAVRAS-CHAVE**

MUHM. Educativo. Virtual. Pandemia. Covid-19.



## **O cinema mega-exposto: o digital nas relações museu, cinema e exposições museológicas**

**Bruno Couto Porpora**

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da  
Universidade de São Paulo - PPGMus-USP

### **RESUMO**

Esta comunicação, oriunda de pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPGMus-USP) sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, objetiva desvelar as relações entre museus, cinema e megaexposições no contexto da “virada digital” da década de 1990 e seus desdobramentos na contemporaneidade. Em 1992, a Declaração de Caracas consagra o museu como um meio de comunicação que transmite mensagens por meio da linguagem específica das exposições. No referido decênio, as chamadas megaexposições se expandem pelo mundo, destacando uma crescente relação entre museus e cultura de massa. O centenário simbólico do cinema, comemorado em 1995, deflagra uma crise da sétima arte evidenciada pelo progressivo abandono da película com a crescente produção cinematográfica em digital, aliado ao surgimento de novas mídias e tecnologias, como os CD-ROMs, DVDs e Internet, que fazem ruir as estruturas da experiência fílmica tradicional. O cinema, como conhecido ao longo do século XX, migra para outros espaços. Deste modo, a produção cinematográfica realizada até então ganha atenção renovada enquanto registro da memória cultural. Trata-se do momento em que museus em todo o mundo passam a dar lugar ao cinema para além das suas salas de projeção, realizando exposições tematizando cineastas e movimentos cinematográficos consagrados. Tomando como referências do campo da Museologia autoras(es) como Waldisa Rússio, Cristina Bruno e Jean Davallon, aliados a autores do campo dos estudos cinematográficos, como Thomas Elsaesser e Francesco Casetti, buscamos compreender como se opera o “fato museal” neste cenário híbrido, onde imagens em movimento e som digitalizados projetados no espaço expositivo do museu coabitam com objetos da prática e difusão da arte cinematográfica, como câmeras, roteiros e cartazes publicitários. Destacamos nesta comunicação algumas das estratégias tecnológicas e expográficas para “fazer o cinema vir à tona” empregadas na exposição “Hitchcock – Bastidores do Suspense”, realizada pelo museu em 2018.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Megaexposições. Cinema. Museu. Museologia. Alfred Hitchcock.



## **Reinvenção Museal durante a Pandemia COVID-19: Fato Cibermuseal**

**Rafael Teixeira Chaves**

Universidade Federal de Pelotas

**Daniel Maurício Viana de Souza**

Universidade Federal de Pelotas

### **RESUMO**

Este resumo tem como objetivo refletir sobre a pandemia e como ela fomentou a virtualidade como processo museológico, focando nos pontos de ruptura que permeiam a suposta reinvenção museal e o próprio objeto da Museologia. Analisando de que forma a pandemia teve impacto nos museus e na sociedade, identificar os impactos que a pandemia trouxe para o campo museológico, investigar os pontos de ruptura, e por fim compreender e refletir a reinvenção do objeto da museologia. Com surgimento do novo Coronavírus, nomeado de Sars-CoV-2, que ficou nomeado popularmente por Coronavírus- COVID-19, trouxe novos desafios para os museus a partir do momento em que a pandemia passou a exigir distanciamento e isolamento social como medidas indispensáveis para a prevenção do contágio, o que impactou a rotina dos museus e sua relação com o público. Este resumo tem como o objetivo abordar algumas reflexões acerca da pandemia, e seus impactos em especial no campo museal, focando nos pontos de ruptura que permeiam a suposta reinvenção museal e o próprio objeto da Museologia. A pandemia e seus impactos na sociedade e na cultura, Coronavírus causador da COVID-19 trouxe novos desafios para o mundo e que nesta pesquisa debruça-se nos museus, na medida em que o fato de a pandemia ter passado a exigir distanciamento e isolamento social como medidas para a prevenção do contágio, impactou a rotina dos museus e sua relação com o público. Nesse novo cenário, a comunicação virtual se ressignifica dentro das instituições museológicas. Com o uso do meio virtual como única forma de os museus se comunicarem com seu público, uma série de fatores suscitam algumas discussões que permeiam a virtualidade. Nesse sentido, considerando o uso de tecnologias no ambiente web pelos museus, pretendemos analisar de que maneira algumas instituições museológicas ressignifica suas ações diante da pandemia e como pensar as ações futuras em interface com o meio virtual tornou-se um grande desafio para os museus. Assim, por meio da abordagem de discussões teóricas que envolvem virtualidade, musealização e digitalização do objeto museológico, o artigo propõe uma reflexão acerca dos desafios enfrentados pelos museus no período da pandemia e sobre como repensar os usos da virtualidade por essas, ainda buscar identificar pontos de ruptura acerca do Fato museal neste período de reinvenção, e de contextualizar e refletir a própria noção do objeto da museologia no conceito proposto dito Fato Cibermuseal.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Pandemia. Covid-19. Cibermuseal. Fato Museal. Museologia.



## **Memórias patrimoniais na Amazônia: a imagem, o digital e a decolonialidade**

**Carmen Lucia Souza da Silva**

Docente da Universidade Federal do Pará (Museologia e PPGPatri)

**Ana Claudia da Cruz Melo**

Docente da Universidade Federal do Pará (Cinema e Audiovisual e PPGArtes)

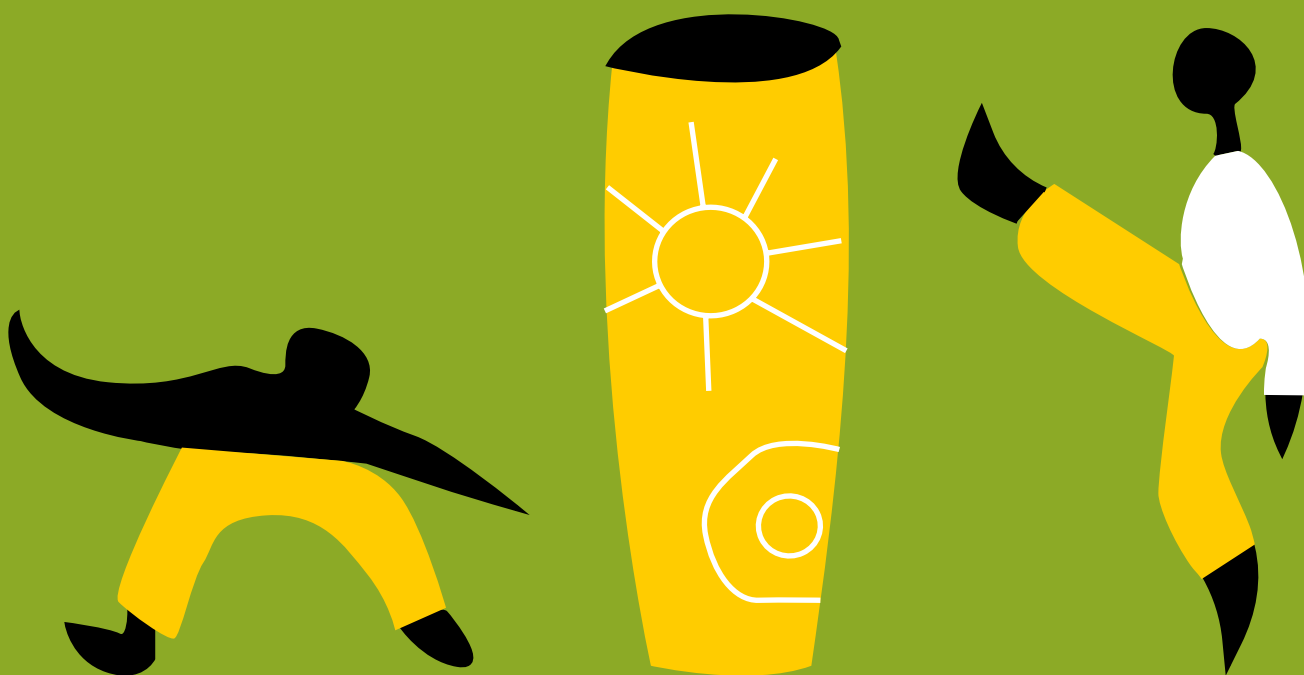
### **RESUMO**

Como os estudos que conjuguem a imagem e o digital podem contribuir para visibilização de epistemes subalternizadas em processos de patrimonialização cultural? Em busca de responder este questionamento, este trabalho propõe refletir sobre a redistribuição e os reconhecimentos patrimoniais, considerando a interculturalidade crítica, as diversidades de saberes e vivências culturais, tendo como base o pensamento e a perspectiva da decolonialidade. Esta reflexão será desenvolvida sob dois enfoques. O primeiro se volta para os arquivos e os acervos imagéticos digitalizados, imersa em uma política de democratização de acesso a estes documentos. Em 2010, a Lei 12.343 instituiu, no Brasil, o Plano Nacional de Cultura e criou o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais. Com duração projetada para 14 anos, em 2022 ainda está longe de alcançar a meta prevista. O plano previa implementar, entre diretrizes e estratégias, uma política nacional de digitalização e atualização tecnológica de documentos e acervos culturais mantidos em museus, bibliotecas e arquivos, integrando seus bancos de conteúdos e recursos tecnológicos. Nesta abordagem, propomos discutir como o acesso on line a estes materiais, mais precisamente fotografias, pode contribuir para o desenvolvimento de estudos que busquem descortinar lógicas de colonialidade na patrimonialização de bens culturais, bem como evidenciar saberes silenciados nesse processo. Para isso, temos como objetos de estudo os álbuns oficiais de governos com fotografias de edificações e paisagens da Amazônia paraense, além de retratos, da virada entre os séculos XIX para XX. O segundo enfoque discutirá estratégias decoloniais de resistência e insurgência com uso de imagens, sobretudo fotográficas, utilizadas pelo protagonismo digital na internet para transgressão de concepções acerca do patrimônio cultural brasileiro, em especial da Amazônia paraense. Por fim, em uma conjunção entre os dois enfoques, discutir ações epistemológicas-metodológicas que possam colaborar para repensar o uso da imagem, e em especial da fotografia, em práticas e estudos decoloniais sobre Patrimônio, Museus e Museologia. Ao identificar a complexidade da temática, nosso referencial teórico se baseará em autores de diversos campos de conhecimento, como Catherine Walsh, Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Michel Foucault, Achille Mbembe, Lucia Santaella, Boris Kossov, Pedro Karp Vasquez, Boaventura de Sousa Santos, entre outros.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Imagem. Fotografia. Digital. Patrimônio Cultural. Decolonialidade.

# PÔSTERES





## **EMARANHADO: experiências online da 11ª exposição curricular da Museologia/UFRGS**

**Victoria Lima Hornos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - Graduanda em Museologia

**Gabriela M .Leindecker**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - Graduanda em Museologia

**Gabriela Meneghel Colla Mattia**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Turismóloga

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - Graduanda em Museologia

### **RESUMO**

A pandemia de COVID-19 impactou vidas e vivências de inúmeras formas, inclusive nas práticas educacionais do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ficou em hiato por dois anos o exercício prático de curadoria compartilhada em formato presencial e duas turmas tiveram de pesquisar e conceber ciberexposições, realizando o exercício acadêmico em formato *online*. Este trabalho visa apresentar a 11ª exposição curricular da Museologia/UFRGS, intitulada “EMARANHADO: reflexões sobre a cibercultura”, e identificar potencialidades e necessidades de diferentes mídias do ciberespaço para fins expográficos. A ciberexposição aconteceu entre 11 de outubro a 12 de novembro de 2021, com a curadoria de dez estudantes, orientação da Profa. Dra. Vanessa Aquino e assessoria do Museólogo Elias Machado. O objetivo da proposta curatorial era propor espaços de diálogo e reflexões acerca de conceitos como cibercultura e sociedade da informação, questionar sobre influências e impactos que o ciberespaço exerce no mundo contemporâneo. Inicialmente projetada para o formato presencial, a EMARANHADO foi adaptada para o *online*, modificando sua estrutura, seus núcleos e seus objetos, se tornando a primeira exposição curricular do curso de Museologia/UFRGS a utilizar majoritariamente acervo nato digital. Uma das estratégias foi estar presente em diversas mídias: dois espaços expográficos independentes - *site* próprio e perfil no *Instagram* -, realizando divulgação da exposição e produção de conteúdos no *TikTok*, *Twitter*, *newsletter*, cinco episódios em *podcast*, seis *lives* com especialistas, criação de *playlist* no *YouTube* e *Spotify* e dois materiais educativos para *download* (um para o público infanto-juvenil e seus familiares e outro voltado para o público de terceira idade). Durante o período de visita foram registrados 311 acessos ao *site*, 446 seguidores no *Instagram*, além de 789 visualizações nas *lives* no *YouTube*. Ao total, foram mais de 1.500 visitas à exposição. A presença da EMARANHADO em diferentes plataformas evidencia novas oportunidades, caminhos e formatos para exposições de cursos de Museologia e de museus no país. Compreendendo que diversas instituições carecem de recursos financeiros e humanos, o exercício de exposição curricular *online*, especialmente, contribui para



a formação de estudantes quanto às potencialidades e dificuldades de utilizar-se de plataformas *online* para a difusão de propostas curatoriais, de espaços museológicos e seus acervos.

**PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Curadoria. Ciberexposição. Mídias sociais. Exposição curricular.



## **Museu Diários do Isolamento (MUDI): trilhando caminhos para um museu total**

**Renan Marques Azevedo da Mata**

Universidade Federal de Pelotas Graduando - Museologia

**Nicóly Ayres da Silva**

Universidade Federal de Pelotas e Graduanda - Museologia

**Noris Mara Pacheco Martins Leal**

Universidade Federal de Pelotas e Professora adjunta - Museologia

### **RESUMO**

Intentamos apresentar o Museu Diários do Isolamento (MuDI), um museu de virtuais conexões localizado no território digital, no qual teve sua gênese no período de crise social agravada pela pandemia de COVID-19, visto a necessidade de estimular uma conscientização coletiva-crítica acerca dos significados socioculturais deste período. Desse modo, objetivamos compartilhar nossas experiências até o presente momento, a exemplo de exposições, ciclo de debates, ações educativo-comunicacionais, etc, valorizando a importância da ciência e do conhecimento em uma perspectiva dialógica. Ademais, destacar que a realidade pode ser considerada “a palavra museológica”, e que na virtualidade há uma enorme potencialidade de que diferentes sujeitos sociais se apropriem dos conhecimentos científicos-patrimoniais a partir do diálogo baseado em sua realidade concreta cotidiana. Portanto, os museus devem ser como um ponto de encontro para fomentar o diálogo horizontal e verdadeiramente democrático, estimulando a participação popular em relação à ciência e servir como instrumento de escuta atenta às demandas das comunidades. Nesse aspecto, trabalharemos na perspectiva do objeto real, intermediado através do território da internet, compreendendo a importância do diálogo e da atuação intercultural nos museus e na Museologia. Além disso, analisar a premência de que os museus estabeleçam elos profundos com as comunidades ciberconectadas, por exemplo, e, não somente, visando a superação dos desafios impostos pela dinâmica dos meios de comunicação na atualidade. E que estimulem uma cultura digital capaz de desenvolver uma identificação coletiva perante aos indicadores de memória e os referenciais patrimoniais. Logo, os caminhos a serem trilhados para os museus e uma museologia total, são tarefas complexas para toda a sociedade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Diários do Isolamento. Virtuais conexões. Território digital.

Museu total. Museologia total.



## Mídias digitais: divulgação das ações de pesquisa e extensão museológica do Sépia UFRGS

**Vivienne Stephanou**

Discente Curso de Biblioteconomia UFRGS

**Gabriela Machado Leindecker**

Discente Curso de Museologia UFRGS

**Pauline Tante de Tróia**

Discente Curso de Pedagogia UFRGS

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as ações de difusão científica que são realizadas através de mídias digitais pelo grupo de pesquisa e extensão Sépia. Realizando atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação desde 2018, o grupo reúne pesquisadores do campo da História, da Museologia e da Educação e possui como eixo de atenção os acervos documentais, com o propósito de salvaguardar, compreender e preservar suas coleções. Com o intuito de promover a divulgação científica e o acesso à sua produção para além dos contextos acadêmicos, no início de 2020 o Sépia criou perfis nas plataformas digitais *Instagram* e *YouTube*, marcando sua presença no ciberespaço. No *Instagram*, iniciou sua trajetória através de publicações baseadas nas descobertas dos objetos que compõem a coleção de obras do século XIX do acervo da Sociedade Polônia de Porto Alegre, por meio da divulgação das ações de documentação e de conservação preventiva. O Sépia, criado oficialmente em setembro de 2020, com registro junto à UFRGS e ao CNPq, definiu sua identidade visual e seu plano de comunicação, dispondo de linhas editoriais específicas que geram conteúdos diversos no ambiente *online* e contribuem para a cultura digital no ciberespaço, como o compartilhamento de ações voltadas ao tratamento técnico dos documentos pesquisados, as curiosidades acerca das pesquisas realizadas pelo grupo e a divulgação de eventos, incluindo as oficinas *online* de conservação preventiva de documentos pessoais e familiares em suporte de papel ministradas pelas líderes do grupo juntamente com as bolsistas. No mesmo ano, foi criado um canal no *YouTube* para compartilhar algumas das produções realizadas durante o período de atividades de pesquisa e extensão na modalidade remota, no qual foram publicados os vídeos realizados pelas estudantes de graduação do Sépia para o Salão UFRGS 2020, as Reuniões Abertas com pesquisadores de diferentes instituições do Rio Grande do Sul e os Colóquios do Sépia 2021, evento *online* com o apoio da PROEXT. A presença do Sépia no ciberespaço em período pandêmico se tornou um movimento de diálogos multidisciplinares com o seu público. Com o uso das métricas disponíveis nestas mídias tornou-se possível a realização de uma análise do alcance dos conteúdos postados, informação imprescindível para um planejamento decisivo, com aplicabilidade tanto em futuras ações de divulgação científica elaboradas pelo Sépia, como no aprimoramento da figuração cultural do grupo no ciberespaço.



**PALAVRAS-CHAVE**

Divulgação científica. Mídias sociais. Cultura Digital.  
Preservação de acervos. Sépia UFRGS.



## **Digitalização e Curadoria Digital do Museu da Patologia**

**João Paulo Rodrigues dos Santos**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

**Newton Marinho da Costa Júnior**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

**Pedro Paulo de Abreu Manso**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

### **RESUMO**

O Museu da Patologia (MP) tem origem em 1903 quando Oswaldo Cruz, então Diretor Geral de Saúde Pública, orienta seus colegas pesquisadores a reunir peças anatômicas com alterações significativas para o estudo das principais epidemias da época no Museu do Instituto Soroterápico de Manguinhos. Atualmente, fazem parte do Museu: a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), a Coleção de Febre Amarela (CFA) e a Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT). Apesar de possuírem características semelhantes, existem diferenças que marcam a história de cada uma dessas coleções. Nos anos 1970, durante a intervenção militar, parte das coleções foi dissociada com grandes perdas para o acervo e sua documentação correspondente. A reorganização vem sendo realizada nos últimos anos, visando divulgar este patrimônio ao público. Uma das ações voltadas para esse fim é a criação e alimentação de três bancos de dados, a partir de inventário feito pela equipe do MP, que conta também com o levantamento de informações atreladas aos bens em cooperação com o Departamento de Arquivo e Documentação/Casa de Oswaldo Cruz, órgão responsável pela guarda da memória institucional da Fiocruz. O banco de dados é atualizado com informações relativas a cada peça da CSAP e às lâminas histológicas produzidas a partir deste material. O mesmo processo é feito com o acervo da CFA, composto por reservas em formol, blocos de parafina e cortes histológicos. Formada mais recentemente, a CDEPAT não passou pelo mesmo processo de dispersão que as outras coleções e, por isso, tem todos os seus registros cadastrados de acordo com o material que vem sendo depositado. Outro processo em andamento é o Programa de Digitalização Continuada dos acervos, iniciado com as lâminas da CFA, que chegam a aproximadamente 500 mil unidades. Cada lâmina é digitalizada a partir de uma câmera acoplada a um microscópio e convertida em uma imagem de alta resolução. Ainda em fase de implementação, a digitalização em 3D das peças da CSAP consiste na transformação da peça anatômica em um objeto virtual em três dimensões que pode ser manipulado livremente e analisado de forma remota. Esse projeto, que alia conservação e inovação, constitui um grande passo na área de preservação de coleções biológicas e um desafio, dada a natureza desses acervos, para a curadoria de dados digitais, tendo em vista a disponibilização das informações para consulta e estudo em ambiente virtual.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Coleções biológicas. Banco de dados. Digitalização.



## **Museu Diários do Isolamento: Redes Sociais como ferramenta de extroversão do conhecimento científico**

**Matheus Cruz**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Gabriela Gonçalves da Rosa Ferreira**

Universidade Federal de Pelotas

**Isadora Costa Oliveira**

Universidade Federal de Pelotas

### **RESUMO**

Intentamos apresentar o Museu Diários do Isolamento (MuDI), um museu de virtuais conexões localizado no território digital, no qual teve sua gênese no período de crise social agravada pela pandemia de COVID-19, visto a necessidade de estimular uma conscientização coletiva-crítica acerca dos significados socioculturais deste período. Desse modo, objetivamos compartilhar nossas experiências até o presente momento, a exemplo de exposições, ciclo de debates, ações educativo-comunicacionais, etc, valorizando a importância da ciência e do conhecimento em uma perspectiva dialógica. Ademais, destacar que a realidade pode ser considerada “a palavra museológica”, e que na virtualidade há uma enorme potencialidade de que diferentes sujeitos sociais se apropriem dos conhecimentos científicos-patrimoniais a partir do diálogo baseado em sua realidade concreta cotidiana. Portanto, os museus devem ser como um ponto de encontro para fomentar o diálogo horizontal e verdadeiramente democrático, estimulando a participação popular em relação à ciência e servir como instrumento de escuta atenta às demandas das comunidades. Nesse aspecto, trabalharemos na perspectiva do objeto real, intermediado através do território da internet, compreendendo a importância do diálogo e da atuação intercultural nos museus e na Museologia. Além disso, analisar a presença de que os museus estabeleçam elos profundos com as comunidades ciberconectadas, por exemplo, e, não somente, visando a superação dos desafios impostos pela dinâmica dos meios de comunicação na atualidade. E que estimulem uma cultura digital capaz de desenvolver uma identificação coletiva perante aos indicadores de memória e os referenciais patrimoniais. Logo, os caminhos a serem trilhados para os museus e uma museologia total, são tarefas complexas para toda a sociedade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Diários do Isolamento. Redes Sociais. Cultura Digital.  
Ambiente virtual. Comunicação.



## **Ações virtuais dos museus e seus públicos**

**Bia Pimentel**

Graduando em Museologia) UFMG (e bolsista de Iniciação Científica

**Wellington Luiz Silva**

Mestrando em Educação e Docência) FAE/UFMG (e  
assessor do Núcleo de Ações Educativas do Espaço do Conhecimento UFMG

**Sibelle Cornélio Diniz**

Docente do Departamento de Ciências Econômicas) UFMG (e  
Diretora do Espaço do Conhecimento UFMG

### **RESUMO**

A inserção dos museus no meio digital é permeada por desafios, com a pandemia de COVID-19, o Espaço do Conhecimento UFMG, assim como todos os museus do mundo, foi desafiado a desenvolver atividades virtuais para manter o contato com o seu público. O Espaço do Conhecimento UFMG é um museu da Universidade Federal de Minas Gerais, localizado na cidade de Belo Horizonte. Entre as ações do museu no período de distanciamento social estão: oficinas educativas virtuais; a produção de vídeos; a elaboração de podcasts e textos de divulgação científico cultural; visitas e exposições virtuais; vídeos e oficinas acessíveis em Libras. Em paralelo, foi realizada uma pesquisa junto ao público, com o objetivo de entender os perfis e as interações, no momento da pandemia. A coleta dos dados foi através de um questionário virtual, com questões sobre idade, gênero, escolaridade, hábitos culturais, dentre outras. O questionário foi divulgado nas redes sociais, durante as atividades online e no site do museu, ficou disponível entre outubro de 2021 e janeiro de 2022, e obteve 174 respostas. Considerando o público das atividades virtuais, observou-se que mais de 50% dos respondentes já tinham cursado ou estavam cursando o ensino superior. No que diz respeito à renda familiar, para 38% do público virtual do Espaço, esta era superior a 5 salários mínimos. Esses dados sugerem que, apesar da internet potencializar o acesso às ações, ele ainda se restringe a uma parcela específica da população, de mais alta renda e escolaridade, o que constitui um grande desafio para os museus. 22,8% das pessoas não conheciam o Espaço antes da pandemia e 15,4% conheciam, mas não acompanhavam as atividades presenciais, passando a participar das atividades durante a pandemia. Outro dado interessante é que 74,3% do público utilizava o Instagram como principal meio para acessar as informações referentes às atividades do museu. Isso demonstra a apropriação das redes sociais como fonte de informações sobre atividades culturais. Em relação ao dispositivo utilizado para interagir com os conteúdos elaborados pelo museu, o aparelho celular ficou em primeiro lugar, seguido do notebook e computador desktop. O Espaço do Conhecimento UFMG retomou suas atividades presenciais, mas as atividades retornaram de forma diferente. Com os conhecimentos adquiridos durante a pandemia e das interações que as redes possibilitam, agora, o museu, pensa em ações para atender tanto o público presencial quanto o virtual.

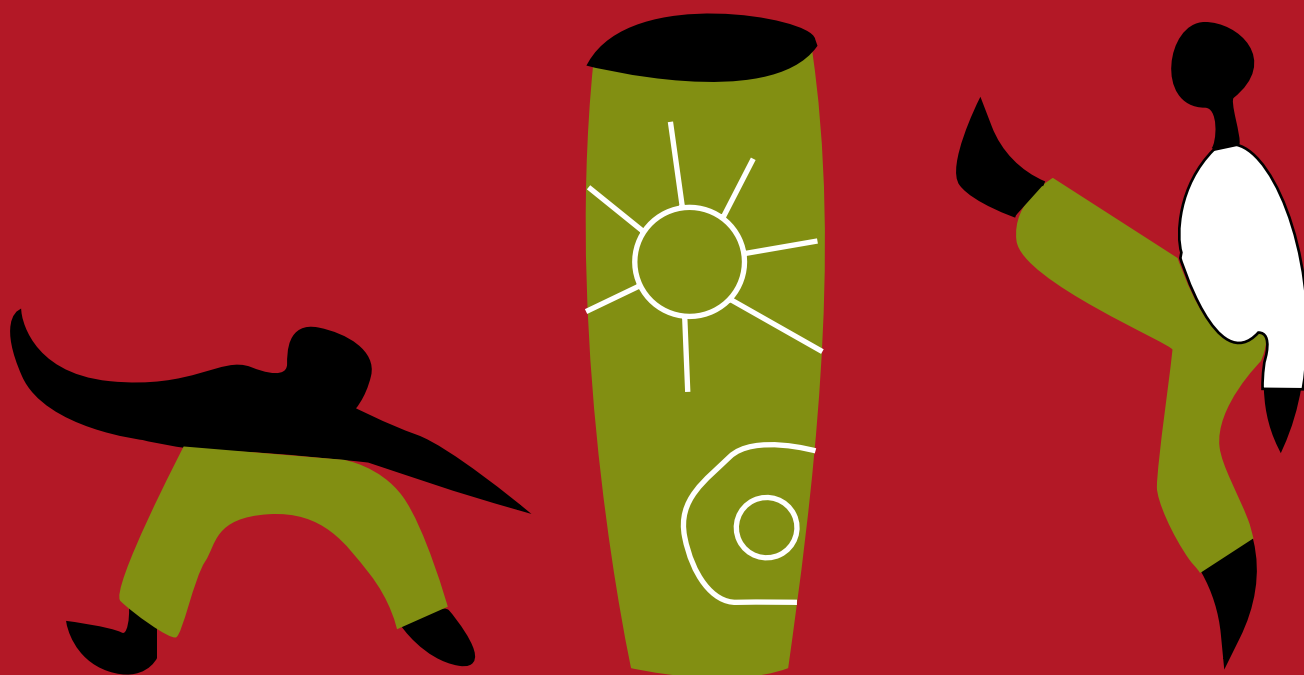
### **PALAVRAS-CHAVE**

Ações-educativas. Estudo de público. Público virtual. Divulgação científico cultural.

**5<sup>o</sup> Sebra  
mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

**GT 5**  
**MUSEUS, MEMÓRIA E MUSEOLOGIA**  
**LGBT+**





## **GT 5 - MUSEUS, MEMÓRIA E MUSEOLOGIA LGBT+**

### **Coordenadores**

Tony Willian Boita (UFRGS)  
Marlise Maria Giovanaz (UFRGS)  
Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

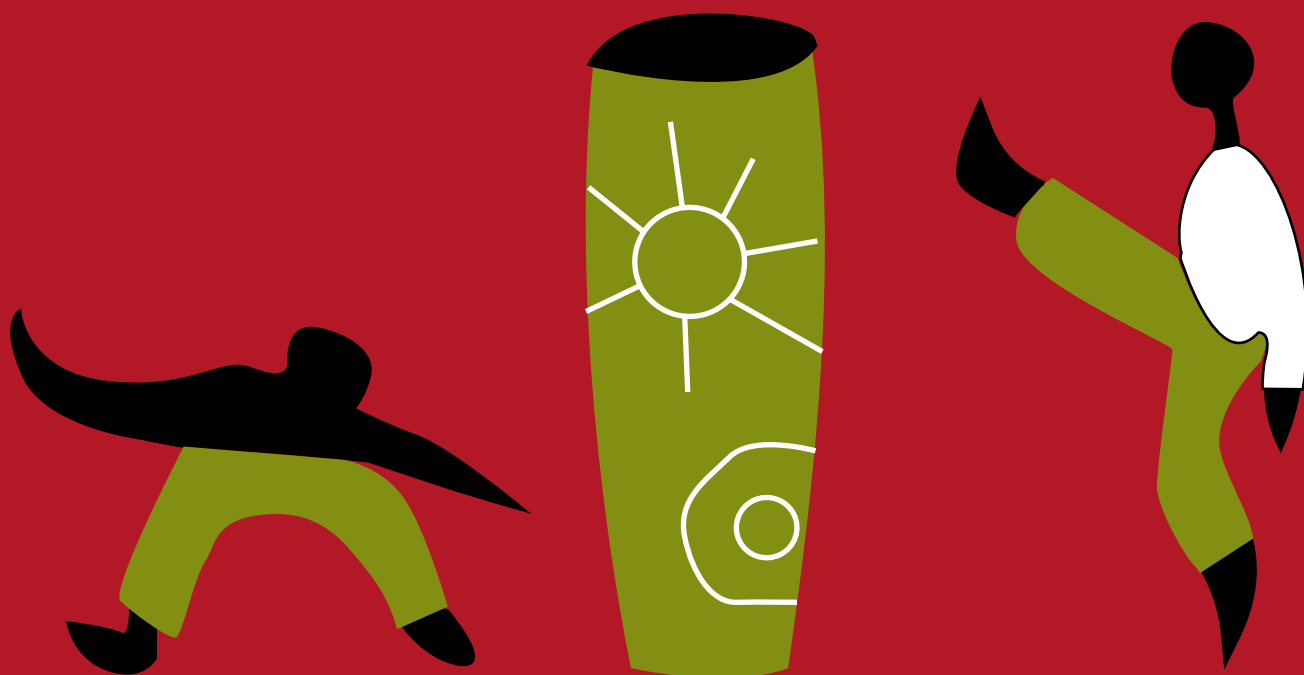
### **Resumo**

O presente Grupo de Trabalho objetiva reunir pesquisas que versem sobre museus, memória e Museologia produzidas pela comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais). Neste cenário, problematizam-se estratégias museais interessadas na superação da LGBTfobia (categoria jurídica vigente nas políticas públicas brasileiras), no que pode ser chamado de Museologia LGBT+, entre outras possíveis designações. Para tal, reúnem-se novas abordagens teóricas relacionadas a políticas públicas, direitos humanos, estudos queer e interseccionalidade, além das práticas inovadoras expressas na criação de museus com tipologia própria, abordagens que problematizem o fato museal e a cadeia operatória museológica, estudos de musealização de coleções representativas da comunidade LGBTQIA+, história dos museus, monumentos, patrimônios, arquivos, ressignificação de exposições e de acervos já musealizados, difusão de memórias orais, invisibilização das sexualidades dissidentes em exposições de curta e longa duração, entre outras possibilidades que demonstram a potencialidade desta proposta e sua ampla diversidade de atuação. O GT conta com apoio do Centro de Referência da História LGBTQI+ do RS (CLOSE – RS)/UFRGS, da Rede LGBT+ de Memória e Museologia Social, a Revista Memórias LGBT+ e do Grupo de Pesquisa Museologia e Sexualidade (MusaSex/CNPq).

5<sup>o</sup> **sebra**  
**mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Observatório do Patrimônio Cultural LGBT

**Jezulino Lúcio Mendes Braga**

Universidade Federal de Minas Gerais - Docente

### RESUMO

As políticas de Patrimônio podem contribuir para ações de visibilidade da população LGBT e superação da homolebobitansfobia. Os acervos das populações LGBT levantam questões desafiadoras que museus e instituições de preservação do patrimônio têm considerado mais fácil ignorar do que enfrentar. Em 2017 a carta de Mário de Andrade a Manoel Bandeira onde estaria inícios de sua homossexualidade foi liberada para consulta após um longo processo com base na Lei Geral de Acesso a Informação. O documento faz parte da coleção da Fundação Casa Rui Barbosa que se negava a dar acesso aos pesquisadores alegando que a doação do documento teria sido condicionada a limitação de acesso. A resistência da fundação em liberar acesso ao documento alegando preservar a integridade do autor da carta, revela a resistência em debater o tema em um momento no qual o conhecimento sobre a história da população LGBT seria uma estratégia para superação das fobias em relação a condição sexual e de gênero. A proposta de criação de um Observatório do Patrimônio Cultural LGBTI+ é uma tentativa de referenciar acervos, museus, personalidades, lugares que podem ser considerados patrimônios da população LGBT. O Observatório virtual pretende ser um instrumento para o combate a homolebobitansfobia e consiste em ações nas redes sociais, podcasts e encontros com pesquisadores. Além dessas ações, a Atividade Acadêmica Curricular MUSEUS E DIVERSIDADE é ofertada na FT LGBT QUEER e no curso de museologia da UFMG. Neste ano de 2022 será ofertado um projeto de um curso de formação para educadores da Rede Municipal cujo título é "Educação Patrimonial LGBT+: práticas pedagógicas e educação para a diversidade". Como parte das ações do observatório está sendo organizado o acervo do Centro de Estudos Pesquisa e Memória Cintura Fina que está depositado na biblioteca da FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas). Este centro de estudos foi constituído a partir da doação do acervo do pesquisador Luiz Morando e recebe o nome da travesti Cintura Fina que chegou em Belo Horizonte em 1953 e viveu na zona boêmia da cidade. O acervo é constituído por material jornalístico e bibliográfico sobre a história LGBT. Pretendemos ampliar o acesso a documentação depositada neste centro, por meio da difusão do acervo. O inventário deste acervo está sendo feito por estudantes do curso de museologia que este ano vão apresentar uma extroversão da coleção na AAC Exposição Curricular II.

### PALAVRAS-CHAVE

População LGBT. Observatório do Patrimônio Cultural LGBTI+. Acervo.



## **Processos Educativos no Combate a Homossexualidade nos Museus**

**Jezulino Lúcio Mendes Braga**

Universidade Federal de Minas Gerais - Docente

### **RESUMO**

Em 2017 veio a público um caso de lesbofobia no CCBB do Rio de Janeiro. Um casal de lésbicas visitava uma das exposições quando viu gravada em um quadro destinado a intervenção do público os dizeres: Fora Lésbicas. O caso foi relatado em uma rede social e imediatamente ganhou repercussão nacional. A instituição cultural foi a público e disseram repudiar qualquer ato de intolerância afastando a funcionária do cargo que ocupava por ter colaborado com as ofensas. No mesmo ano mais um caso de lesbofobia aconteceu em Curitiba. Duas mulheres foram repreendidas por um segurança no Museu Paraense em Curitiba ao trocar um beijo. Ao portal Géledes, contam que a abordagem do segurança se deu a partir do momento em que demonstraram o amor que sentem uma pela outra por meio de seus corpos dentro do museu. Como o CCBB, o museu disse repudiar atos homossexuais e que tomaria medidas para conscientizar os funcionários para que na próxima visita o casal se sentisse acolhido. Os dois casos que vieram a público são uma ponta do iceberg de intolerâncias contra visitantes que ocorrem nos museus. Profissionais de museus não estão preparados para lidar com a diversidade de corpos que acessam estes espaços em busca de entretenimento, fruição da arte, conhecimento e informação. É raro que os cursos de graduação em museologia e cursos de formação de educadores o debate sobre gênero, identidade e sexualidades dissidentes. Em um mapeamento recente feito pelo grupo de pesquisa MUSASEX, as atividades de pesquisa, ensino e extensão nos cursos de museologia são tímidas diante do desafio de superação da homossexualidade no Brasil. Apresento ações desenvolvidas na AAC Museus e Diversidade ofertada no curso de museologia da UFMG em 2018 e 2019 como parte integrante da carga de optativas. A optativa tornou-se uma referência em formação para os estudantes e foi incorporada a Formação Transversal LGBT QUEER da Universidade Federal de Minas Gerais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Memória. Educação. Formação Transversal.



## O que há no âmago da transgressão? História Trans no MARS

**Caio de Souza Tedesco**  
PPGH/UFRGS - Doutorando

### RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise crítica do processo de construção da exposição “No Âmago da Transgressão: Histórias Trans no Rio Grande do Sul”, primeira exposição acerca de histórias trans do Brasil, com curadoria de Caio de Souza Tedesco e Morgan Lemes Santos, ambos homens trans, com obras dos artistas Levy e Gabz404, duas pessoas trans não-binárias. Tal exposição foi realizada pelo Museu Antropológico do Rio Grande do Sul, esteve em cartaz no Memorial do Rio Grande do Sul em julho e agosto de 2022 e contou com o apoio do CLOSE - Centro de Referência da História LGBTQIAP+ do Rio Grande do Sul, do Coletivo Homens Trans em Ação, da ONG Igualdade RS (voltada para mulheres trans e travestis) e do Coletivo Pela Educação Popular TransENEM. Assim, sob uma perspectiva transfeminista, decolonial e antirracista, com base em Viviane Vergueiro, Judith Butler, Michel de Certeau, entre outras autorias, pretendo questionar as possibilidades de tensionar a cisheteronormatividade e a ciscolonialidade através de narrativas expográficas, bem como através de operações historiográficas relacionadas a espaços museais, acentuando a importância de se estar em diálogo com os movimentos sociais, bem como do diálogo e perspectiva trans na produção de saberes. Desse modo, problematizações como “é possível corroborar com o combate à desumanização da população trans em espaços museais, de memória e de história?”, “como ser anticisnormativo e pedagógico em um Museu?” orientam tal análise. Ainda, tendo em vista que os corpos e identidades trans sofrem, há séculos, apagamentos e aniquilamentos estruturais, faz-se relevante refletir não somente sobre a importância de tornarmos-nos visíveis, mas de como essa visibilidade é construída. Afinal, há uma produção do esquecimento sobre passados e sujeitos trans, que é parte da desumanização do fenômeno psicossocial chamado “transgeneridade”. Logo, buscarei apresentar o processo de produção da exposição, junto aos questionamentos que guiaram essa trajetória, a fim de provocar: (como) é possível haver transgressão nos museus?

### PALAVRAS-CHAVE

Museologia LGBT. Transgeneridade. Gênero e Sexualidade.  
Decolonialidade. História LGBT.



## **nuances do arco-íris: práticas de Museologia LGBT na UFRGS**

**Elisângela Silveira de Assumpção**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - graduada

**Zita Rosane Possamai**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - docente

### **RESUMO**

Esse trabalho de conclusão de curso propôs compreender a relação entre Museologia e movimento LGBT a partir da atuação de seus agentes. O foco foi a análise de experiências expográficas realizadas entre os membros do nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual e curadores ligados ao campo da Museologia, como diretores de museus, docentes e estudantes do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Submetendo como objetos de pesquisa as exposições Uma Cidade Pelas Margens (2016), De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação (2019) e 50 Anos de Ação: de Stonewall ao nuances & TAMBÉM (2019). A metodologia seguida foi a pesquisa documental no acervo do grupo e das ações efetivadas por eles no Centro de Referência da História LGBTQIA+ do Rio Grande do Sul e no Projeto de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, além da realização de entrevistas semi-estruturadas com participantes dos processos expográficos; e neste íterim a caracterização e análise das ações museográficas realizadas e a análise das narrativas dos agentes envolvidos nesse processo constituíram significados relevantes a memória LGBT. A pesquisa concluiu que a interação entre sujeitos da Museologia e membros do grupo LGBT investigado proporcionou benefícios em duas frentes: por um lado, desafiou docentes, estudantes e gestores para a inclusão de pautas LGBT nas ações museais e, por outro lado, proporcionou à comunidade LGBT maior visibilidade de suas problemáticas e a legitimação de suas memórias, exaltando a falta de materialidade tridimensional da temática. Assim, preservar a crença de que a Museologia, por meio de seus agentes, tem a possibilidade de tornar os museus em espaços de memória, de resistência e de enfrentamento à violência, ao preconceito e à discriminação com o propósito de criar uma sociedade inclusiva.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Comunidade LGBT. Expografia. Exposições Museológicas. Museologia. nuances.



## **Hilda Furacão como patrimônio do Pelourinho: “musealização da pessoa” e a metonímia do patrimônio no desigual Centro Histórico de Salvador**

**Vinícius Santos da Silva Zacarias**

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade  
Federal da Bahia (POSAFRO/UFBA)

### **RESUMO**

Compreendendo a musealização como uma passagem criadora que envolve práticas específicas e levam ao estado liminar da performance e a experiência humana como um legítimo e verdadeiro objeto do museu, proponho uma reflexão teórica, crítica e dialética – a partir do o ponto de vista empírico – sobre a manifestação do fenômeno museu, tendo “a pessoa” como objeto-índice das memórias e das relações em um território compartilhado. Reivindicada pelos próprios sujeitos de campo nas ações dos processos culturais performativos, Hilda Furacão evidencia-se como estudo de caso, um corpo-ser andrógono e racializado, figura emblemática da metonímia dos contos e histórias do Centro Histórico de Salvador na Bahia e no “território da fechação”. Este ensaio intelectual, inspirado em pesquisa etnográfica, propõe refletir acerca das facetas caóticas das violências homofóbico-raciais na ambiguidade do patrimônio cultural baiano, à luz da recente teoria museológica e do raciocínio decolonial que toma a performance negra como registro gráfico de memórias e resistências.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Hilda Furacão; Musealização da Pessoa; Performance.



## Memórias LGBT +Goiás

**Tony Willian Boita**  
Revista Memórias LGBT

### RESUMO

O projeto Memórias LGBT+ objetiva valorizar, preservar e difundir a memórias de pessoas travestis, transexuais, lésbicas, bissexuais, gays e outras sexualidades não normativas no estado de Goiás. Para tal, pretende difundir a memória LGBT+ através de publicações impressas e virtuais da Revista Memória LGBT, apresentado o patrimônio local, espaços de sociabilidade, memórias e coletivos de pessoas LGBT+ em Goiás. Esta iniciativa se justifica pela ausência de políticas públicas (sobretudo federais), invisibilidade e vulnerabilidade da comunidade LGBT+ na história e na memória do estado de Goiás. Para tal, queremos garantir o direito à memória e à história a grupos historicamente excluídos, além de representá-los como parte significativa da sociedade goiana através do registro e preservação de três edições da Revista Memórias LGBT+. Tais edições pretendem potencializar a positividade da memória de pessoas com Sexualidades dissidentes. Este projeto atende a um direito contemporâneo desta comunidade e fortalece as ações que têm sido desenvolvidas em Goiás, no Brasil e no mundo. A iniciativa foi contemplada no edital de Demandas Culturais do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017. Como se sabe, o Direito Constitucional brasileiro, atualmente, não atende às demandas da comunidade LGBT+. Em uma breve leitura da constituição brasileira, percebemos os equívocos e ausência de qualquer amparo jurídico. A partir disto, torna-se um privilégio no Brasil para um LGBT+ conquistar algum direito. É notório que essa ausência de marcos legais culminou não só em perseguição e violência (física e/ou verbal), mas, também, de exclusão social e cultural. Contudo, verifica-se que a invisibilização contemporânea de pessoas LGBT+ foi e é estimulada, pelo Estado brasileiro. Por fim, esse projeto visa estimular a visibilização das memórias LGBT+ nos espaços de memória do estado de Goiás. Somam-se, assim, os equipamentos culturais goianos a centenas iniciativas museológicas e patrimoniais nacionais. Em conjunto, entende-se que ao visibilizar e positivar a identidade cultural LGBT+ se está potencializando as ações de superação à LGBTfobia. De fato, todas as pessoas que participarem do projeto direta ou indiretamente ganham e fortalecem a rede de memórias de pessoas LGBT+.

### PALAVRAS-CHAVE

LGBT+. Memória. Museus. Museologia. Goiás.



## **História pública e cultura transnacional da memória LGBTQIA+ da década de 1980 à atualidade**

**Benito Bisso Schmidt**  
UFRGS - Docente

### **RESUMO**

Esta pesquisa busca compreender a conformação de uma cultura pública transnacional da memória LGBTQIA+ a partir da análise de experiências de história pública que, apesar de dispersas geograficamente e variadas em seus propósitos e materialidades, contribuíram sobremaneira para moldar a maneira como as sociedades ocidentais “lembram” desse passado. Estas experiências são: - museus dedicados especificamente à história LGBTQIA+, quais sejam: Schwules Museum em Berlim (1985), GLBT Historical Society Museum em São Francisco (1985), Museu Travesti em Lima (2003), Museu da Diversidade em São Paulo (2012) e National Museum LGBT History and Culture em Nova York (ainda não aberto); - museus-memoriais dedicados à temática do Holocausto, nos quais podem estar presentes ou não seções (textos, vitrines, painéis, objetos, etc.) dedicadas à história LGBTQIA+, especificamente à perseguição dos designados “triângulos rosa”, ou seja, prisioneiros internados nos campos de concentração acusados de “homossexualismo”, são eles: Yad Washem em Jerusalém (1953), Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos em Washington D.C. (1993), Museu do Holocausto em Buenos Aires (1993), Memorial aos Judeus Mortos da Europa em Berlim (2005) e Museu do Holocausto em Curitiba; - memoriais e monumentos dedicados a dois grandes traumas da história LGBTQIA+, a já referida perseguição nazista aos “triângulos rosa” e a epidemia da AIDS: o Aids Memorial Quilt, sem lugar definido, por ser um memorial “móvel” como veremos (1987), o National AIDS Memorial Grove em São Francisco (1991), o Monumento aos Homossexuais Vítimas do Nazismo em Berlim (2008) e o New York City AIDS Memorial (2016). Tenho consciência da diversidade desses espaços e narrativas e que seu agrupamento como objeto de uma pesquisa não tem nada de natural ou necessário. Porém, o que me permite uni-los aqui é a problemática que a eles dirijo: como se conformou uma cultura pública da memória LGBTQIA+ de caráter transnacional no mundo ocidental?

### **PALAVRAS-CHAVE**

História LGBTQIA+. Museologia Queer. Memoriais.  
Memórias Traumáticas. Sexualidade



## **Sempre Afrontosa: salvaguada e difusão da coleção documental Parada Livre: nuances/RS**

**Ana Carolina Gelmini de Faria**

Professora DCI/FABICO/UFRGS

**Marlise M .Giovanaz**

Professora DCI/FABICO/UFRGS

### **RESUMO**

O *nuances* é uma Organização da Sociedade Civil que traz em seu histórico a luta e a defesa dos direitos humanos e civis da população LGBTQIAP +no estado do Rio Grande do Sul e no país. Sua atuação de três décadas tem como marca a militância .Articulado com demais movimentos sociais ,é um dos organizadores da Parada Livre de Porto Alegre ,manifestação de caráter internacional que simboliza a luta contra o preconceito .Organizada desde ,1997 a Parada Livre de Porto Alegre é uma das mais antigas do Brasil e foi realizada sempre com a participação do grupo .Cada edição produz diferentes evidências materiais) tais como fotos ,matérias de jornal, filmagens (e parte dessa memória se encontra no acervo do *nuances*.Fontes primárias possibilitam inúmeras investigações sobre a trajetória de expressões artísticas e de resistência do movimento LGBTQIAP +no Brasil .Nessa perspectiva ,o curso de graduação em Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul )UFRGS ,(em parceria com o *nuances* ,estão realizando um projeto de tratamento documental a essa coleção ,potencializando-a enquanto fonte de informação .O primeiro objetivo deste trabalho é mapear os registros materiais e visuais do *nuances* referentes à Parada Livre de Porto Alegre ,constituindo assim uma coleção ;após este primeiro movimento será necessário realizar um tratamento museológico da coleção Parada Livre de Porto Alegre através de procedimentos de conservação preventiva e de organização e registro documental dos dados referentes aos itens da coleção ,seguindo normativas nacionais e internacionais ;o objetivo final será disponibilizar a coleção Parada Livre de Porto Alegre em repositório digital para livre acesso à informação .Para o *nuances* este é um projeto que reforça seu trabalho de preservação da história da militância LGBTQIAP .+Para os cursos de graduação e pós-graduação da UFRGS é uma demonstração da indissociabilidade entre ensino ,pesquisa ,extensão e inovação .Sabemos da invisibilidade dos sujeitos LGBTQIAP +no campo da memória ,há pouco espaço para este grupo nos acervos e nas salas expositivas ,nestes lugares a memória LGBTQIAP +segue sendo um tabu .Como podemos reverter este ciclo ?Desde 2016 como curso de graduação temos trabalhado em parceria como *nuances* ,tem sido um período de grande aprendizagem e de ganho de experiência .Uma das grandes surpresas desta caminhada foi nos depararmos com uma variedade de documentos que o *nuances* guardou ao longo de seus 30 anos de militância .O *nuances* realizou inúmeras iniciativas de transformação social frente ao contexto político-cultural vivido .As Paradas Livres de Porto Alegre fazem parte desse processo ,reconhecidas como uma das principais ações de visibilidade



LGBTQI +da cidade ,sendo um espaço privilegiado de luta e celebração ,preservá-las é nosso compromisso.

**PALAVRAS-CHAVE**

Museologia LGBTQ+. Memória Social. nuances.  
Parada Livre de Porto Alegre. Coleções digitais.



## Museologia LGBT e seus entraves

Alex Godoy Padilha de Souza  
UFSC

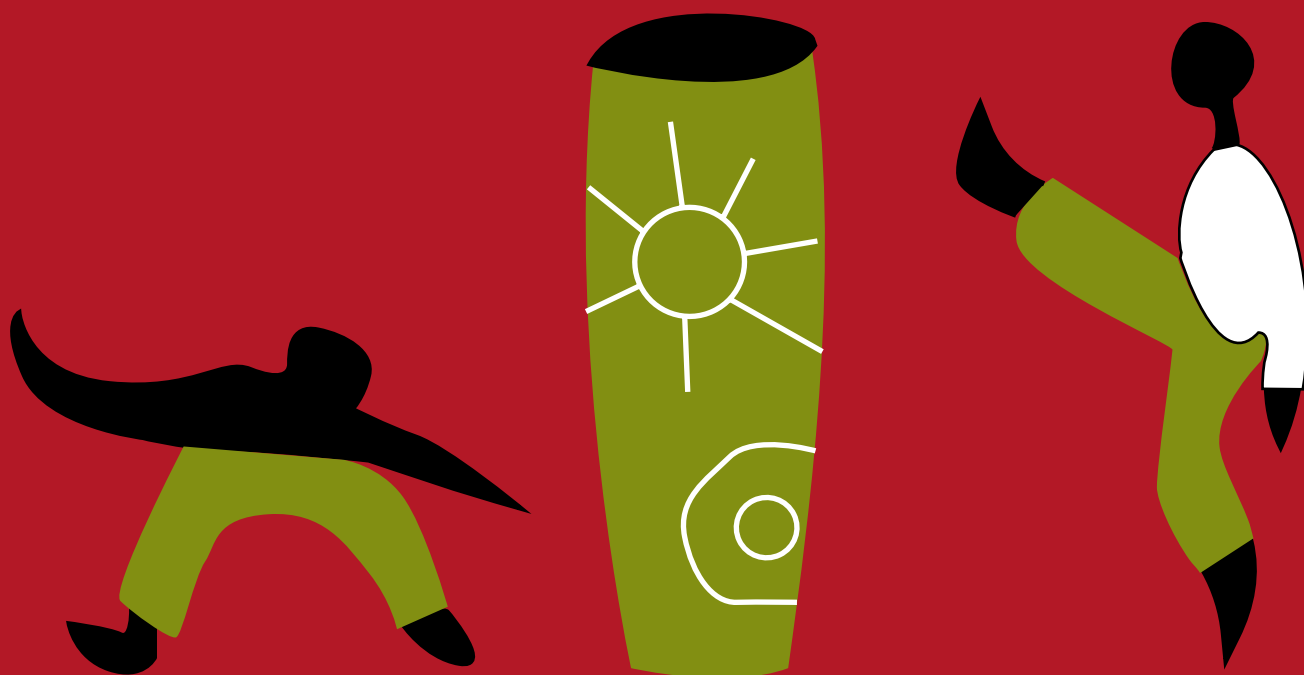
### RESUMO

Em consonância às discussões acerca do patrimônio cultural imaterial e da diversidade cultural que abrem as portas para o pensamento do novo milênio, os museus se firmam como instituições que trabalham fundamentalmente a partir do e com o diferente, o que viabiliza, a reflexão em torno do tema da diversidade cultural e do processo de constituição e afirmação de identidades. Este processo se dá pela construção das mais plurais narrativas existentes dentro e fora dos espaços de museu, estabelecidas pelas relações de poder que evidenciam a inclusão e a exclusão, as lembranças e esquecimentos, a harmonia e tensão, os consensos e conflitos existentes na sociedade. A existência do patrimônio cultural imaterial se dá a partir da existência (materialidade) dos sujeitos aos quais estão relacionadas e sendo assim, torna-se fundamental a preservação da existência destes sujeitos para que seja viabilizada a salvaguarda dos diferentes patrimônios culturais imateriais da humanidade. Porém, quando o assunto é sexualidade, a museologia e seus profissionais ainda seguem determinações hierarquizadas do gênero, possuindo a heterossexualidade como modelo ideológico hegemônico e cuja maioria não incluem a temática por terem sido construídos em contextos fóbicos aos mesmos (BAPTISTA; BOITA, 2014). Para além do preconceito e da invisibilização, soma-se a questão da imaterialidade do patrimônio cultural da comunidade LGBT, que historicamente tende a ser apagada (leia-se destruída), a exemplo do holocausto e da ditadura militar no Brasil, ou pela própria epidemia de AIDS nos anos 80, quando as obras de artistas gays mortos pela doença passaram a ser desvalorizados ou até mesmo descartados. A territorialidade também se torna um impasse na preservação e difusão de memórias LGBTs, uma vez que elas não se concentram em locais legitimamente LGBTs e disputam determinados espaços com outras camadas de memória. O empenho em se estabelecer uma nova museologia aliado à força ativista de profissionais LGBTs dentro do campo faz surgir um alerta para toda a comunidade museológica sobre o apagamento das memórias LGBTs dos espaços museais e evidencia a necessidade e o desejo de preservá-las dentro destes espaços, independentemente de suas tipologias.

### PALAVRAS-CHAVE

Memória LGBT. Patrimônio imaterial. Invisibilização.  
Narrativas dissidentes. Sexualidade.

# PÔSTERES





## **Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre - vestígios de um processo criativo**

**Vitória Werlang**

Discente - Museologia / UFRGS

**Marlise M .Giovanaz**

Professora DCI/FABICO/UFRGS

### **RESUMO**

Em 2021 o *nuances* - grupo pela livre expressão sexual, convidou o curso de Museologia e o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para homenagear uma personagem central na história cultural de Porto Alegre: a Nega Lú. Tal iniciativa integrou o projeto contemplado no edital Eu Sou Respeito do Ministério Público Federal, decorrente da movimentação motivada pelo *nuances* após o fechamento da exposição QueerMuseu em 2017. Nega Lú nasceu no ano 1950 no bairro Menino Deus, na cidade de Porto Alegre, em uma família de negros e foi batizada Luiz Airton Bastos. Ainda quando frequentava a escola já se anunciava como a Nega Lú, e ao longo da vida marcou presença nos mais diversos ambientes culturais da cidade, transitando das salas de dança clássica aos bares menos prestigiosos da capital gaúcha. A parceira originou a exposição Nega Lú: um frenesi na maldita Porto Alegre, que teve como circuito as ruas da cidade, marcando presença com quatro pontos que dialogam com a trajetória da personagem: Lancheria do Parque, local que era hábito encontrá-la começando ou terminando uma noite agitada; Bar Ocidente, referência de criatividade, pluralidade e livre expressão na cidade; bar Plano A que, localizado no bairro Menino Deus, evidencia tradições que influenciaram Nega Lú, sejam familiares ou da comunidade do bairro; e Venezianos Pub Café, local que evoca o mundo das artes. A exposição foi acolhida por um público diferenciado: os transeuntes, que compartilharam minutos de seus percursos para interagir com a mostra. A exposição, de curta-duração, foi uma proposta em defesa da construção de cidadania e promoção da igualdade social. Com o desafio de preservar vestígios desse processo criativo o programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”, coordenado pelas professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz, assume por desafio reunir fontes documentais e orais sobre a experiência museal. Sendo uma subcoleção da integra a coleção Pesquisa e Extensão, torna-se nesse movimento um registro das práticas de Museologia LGBTQ+ voltadas para formação profissional e cidadã de futuros museólogos, visibilidade da comunidade LGBTQIA+ na história dos museus e da Museologia e iniciativa de valorização de pessoas e suas histórias, como um patrimônio. Pretende-se ao preservar, pesquisar e promover esses registros, defender as estratégias museais como recursos de superação da LGBTfobia.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia LGBTQ+. Diversidade sexual. *nuances*. Nega Lú.

Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias.



## Blog Museu Drag

**Joglesson Costa**

Blog Museu Drag / Revista Memórias LGBT+

### RESUMO

O presente trabalho aborda as inspirações para a criação do blog-museu drag. Para tal, tem como objetivo a criação de um museu virtual, no qual serão utilizados procedimentos da Museologia comunitária. O Museu virtual, a princípio é uma plataforma digital acessível, onde as pessoas podem expressar seus sentimentos e ser quem elas desejarem ser, uma plataforma que nos possibilita demonstrar o que realmente queremos fazer. Pensando nessa questão da proximidade com o próximo e a liberdade de se expressar, o museu virtual é construído no formato de blog, uma espécie de diário online. Dessa forma o blog-museu *drag* é algo que penso como uma subversão do museu tradicional em paralelo com a Arte Drag, onde uma pessoa se coloca no *full Drag*, para expressar a melhor versão de si próprio. O Blog-Museu *Drag* passa por essa transformação no exato momento que deixa o conceito de museu tradicional para trás, e se encaixa no meio virtual para poder atender mais pessoas que se relacionam com a cultura *Drag*. É muito importante entender a cultura *drag*, ela surgiu há muito tempo assim como quase sumiu, como relatado. Creio ser importante preservar essa cultura, por não se tratar apenas de colocar uma peruca e se apresentar, se trata de uma compreensão que precisa de prática, paciência, referem-se às performances, de saberes e ensinamentos que podem ser passados para as gerações futuras de *drags*. Trata-se de uma questão de identidade, como *Rupaul* disse uma vez: "Quando você se torna a imagem que imagina de si, é a coisa mais poderosa que você pode fazer". A drag pode ser a porta para o autoconhecimento e compreensão de si mesmo. O Blog-museu Drag está em construção, mas é pensado como uma plataforma de salvaguarda da Cultura Drag, através de suas performances, fotografias e relatos. O projeto do blog museu drag é a porta de entrada para o desenvolvimento de uma Museologia Drag. Atualmente em parceria com a Revista Memórias LGBT+ e o projeto Memórias LGBT+ Goiás, contemplado no edital de Demandas Culturais do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017 o Blog-museu Drag estampará uma edição do periódico apresentando a história drag no Brasil acompanhado de uma exposição em revista.

### PALAVRAS-CHAVE

Memória LGBT. Museu Drag. Cultura Drag. Museologia LGBT



## **Imagens Dissidentes - Poéticas Visuais de Artistas com Deficiências LGBTQIAPN+**

**Robson Xavier da Costa**

UFPB - Docente do Departamento de Artes Visuais e docente/investigador dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE)

**Ana Gabriela do Vale Gomes**

UFPB - Graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Visuais

### **RESUMO**

Na cena artística contemporânea brasileira a produção dos artistas com deficiência (DEFs), com raras exceções, continua invisibilizada, poucos artistas DEFs se destacam nas artes visuais em todo o país, no caso dos artistas DEFs e LGBTQIAPN+ existe uma dupla invisibilidade. No trabalho proposto para o GT 05 - Museus, Memórias e Museologia LGBTQ+ apresentamos uma investigação sobre a produção de artistas DEFs e LGBTQIAPN+ em dois projetos de arte pensados para mapear e promover narrativas de artistas PCDs. O Projeto Demonstra, uma residência artística online, realizada entre 2021/2022, contando com participações de artistas de Portugal e demais países de língua portuguesa e que foi coordenado pelo artista brasileiro Daniel Moraes, mestrando da Faculdade de Belas Artes de Lisboa e contemplado pelo Programa de Apoio Arte Sem Limites, promovido pela Direção Geral das Artes (DGArtes) da República Portuguesa; e o Projeto Arte e Acesso, organizado pelo Itaú Cultural, com edições anuais, voltado para os artistas DEFs. O Itaú Cultural também iniciou em 2021, o mapeamento e desenvolvimento de um portfólio coletivo de artistas com deficiências. Acreditamos que essa pesquisa pode compor estratégias de enfrentamento do duplo apagamento e dos estigmas gerados a partir da intersecção das vivências LGBTQIAPN+ e artistas DEFs no campo da pesquisa em artes e das representações desses corpos na arte contemporânea. Pesquisas como esta podem auxiliar e apoiar a produção, registro, divulgação e circulação dos trabalhos dos artistas com deficiências e LGBTQIAPN+ de todo o país. Trabalharemos com pesquisa qualitativa com estudo de caso, a partir da revisão documental e imagética e dos documentos digitais publicados na internet nos endereços virtuais dos dois projetos citados. O projeto configura então uma ação política e de resistência, contando com a presença de uma bolsista artista DEF e LGBTQIAPN+, graduanda do curso de Artes Visuais (Licenciatura) da UFPB, a partir do PIBIC, com apoio da FAPESQPB.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Artes Visuais. Arte Queer. Artistas com Deficiências.  
LGBTQIAPN+. Arte Contemporânea.



## **Ampliando a Representatividade LGBTQIA+: dos Quadrinhos à Exposição de uma REALIDADE!**

**Jaqueline Abreu**

Universidade Federal de Goiás - graduanda em Museologia

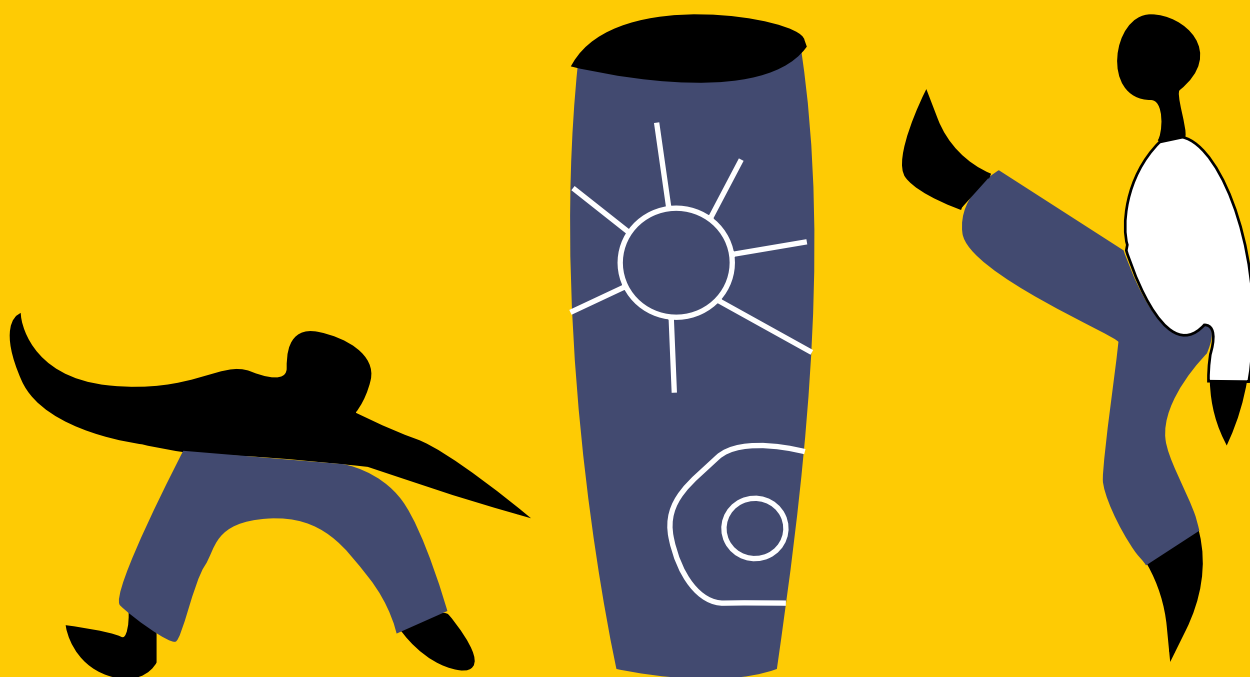
### **RESUMO**

A doravante pesquisa pretende apresentar a existência de histórias em quadrinhos com temática (LGBTQIA+), e a profunda importância desse movimento para a luta diária pela diversidade, representatividade e inclusão. Um ramo de atividade tão encantador e criativo, mas ao mesmo tempo desconhecido, na qual há tanta discriminação, preconceito e desvalorização dos profissionais atuantes nessas obras de HQ's. Também mostrar que apesar dos pesares nós existimos em todos os cantos e encantos, inclusive nas histórias em quadrinhos. E enfatizar que esses fatores não irão estimular as crianças que leem a se tornarem LGBT's, afinal se essas questões realmente influenciassem em algo, toda a população do mundo seria heteronormativa. Pois a heteronormatividade está em tudo, para onde você olha existe um casal padronizado pela sociedade conservadora como o "normal". Enquanto os homoafetivos muitas das vezes se escondem, são pouco vistos, sem demonstração de nenhum afeto em público, desde um simples selinho até segurar as mãos. Muitos confundem representação com sexualização, dois fatores extremamente diferentes. Representatividade é o que essas histórias em quadrinhos estão buscando, com toda inocência e respeito. E cá estamos, fiquei doida procurando saber um pouco mais sobre esse ramo de HQ's destinados a temática LGBT+. Descobri algumas coisas bastante curiosas, como o evento da POC CON, criado em 2019 no estado de São Paulo. Trata-se de uma feira de quadrinhos, que tem como objetivo dar o destaque para a produção e artistas LGBT+ e já tem grandes expectativas para mais edições nos próximos anos, inclusive em 2022. Como também a criação do primeiro personagem gay nas histórias em quadrinhos, Estrela Polar, criado no ano de 1983. Bem na época em que existia um código de quadrinhos na qual proibia qualquer tipo de demonstração de personagem LGBT+ nas historinhas, onde eram julgadas como censura, e assim levadas ao esquecimento. Por fim, a pesquisa espera estabelecer resultados de uma (re)afirmação da existência de um LGBTQIA+ em todos os cantos e encantos, e a sua extrema importância no meio da memória e identificação museológica.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia LGBT. Memória. Identidade. Representatividade.

**GT 6**  
**COISAS E INDIVÍDUOS EM**  
**MOVIMENTO: MUSEOLOGIAS,**  
**COLEÇÕES E ARQUEOLOGIAS**





## **GT 6 - COISAS E INDIVÍDUOS EM MOVIMENTO: MUSEOLOGIAS, COLEÇÕES E ARQUEOLOGIAS**

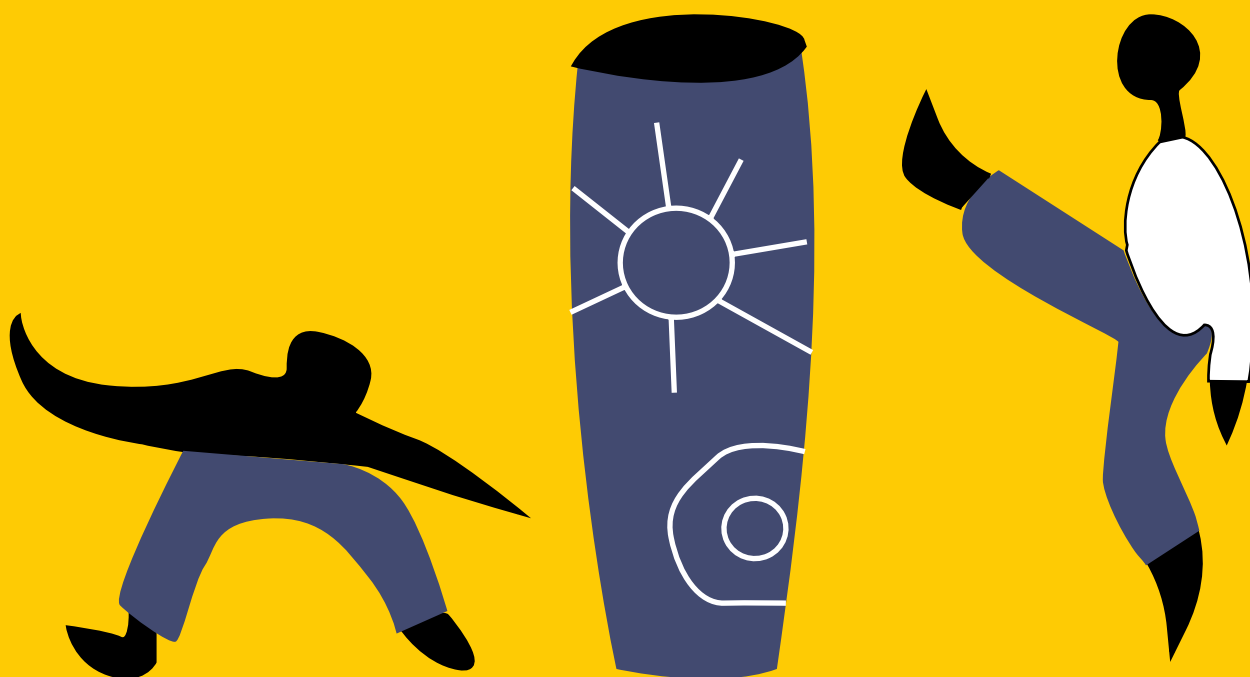
### **Coordenadores**

Diego Lemos Ribeiro (UFG)  
Camila Azevedo de Moraes Wichers (UFPEL)  
Maria Cristina Oliveira Bruno (USP)

### **Resumo**

Os museus e processos de musealização deslocam e enquadram materialidades por meio de rotinas de classificação, normatização e conservação, apresentando-as ao público a partir de discursos expositivos e educativos. Em contraponto, observa-se atualmente a emergência de questionamentos éticos, políticos e epistêmicos de tais enquadramentos; no mesmo compasso, as práticas museológicas têm evidenciado um movimento em direção à interdisciplinaridade e à interculturalidade no tratamento dos acervos. Esse grupo de trabalho abordará novas éticas, teorias e práticas museológicas no tratamento de coleções, depositadas ou não em museus, com especial atenção aos acervos arqueológicos, embora não se restrinja a essa categoria. Os trânsitos, diásporas e êxodos dos objetos de seus territórios e coletivos, bem como as novas políticas de restituição e repatriação também estão no cerne do debate proposto. Ademais, as discussões propiciadas pela virada ontológica, traduzidas pela percepção do trânsito no sentido das coisas, das múltiplas temporalidades da cultura material e da demanda por uma nova ética para lidar com coleções vivas, fora dos marcos regulatórios do campo da museologia, também estarão em debate. Algumas questões serão norteadoras: Como temos selecionado e classificado as materialidades? Comunidades indígenas, quilombolas e tradicionais compartilham das mesmas concepções e prioridades dos museus em relação à gestão das coleções? Quais indivíduos têm o poder de efetuar esses deslocamentos? Como realizar práticas mais horizontais? Como políticas públicas, instituições e museus universitários têm atuado frente a essas demandas? Reflexões teóricas, práticas colaborativas e, ainda que a musealização da arqueologia assuma um eixo importante do grupo de trabalho, experiências com diversas categorias de coleção, que evidenciem os fluxos contínuos entre materialidades e significados das coisas, estão em nosso horizonte de discussão.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **Cemitério/Museu: avizinhamentos entre o espaço dos mortos e dos vivos**

**Alyne Cavalcante Bezerra da Silva**

UFPE, mestranda em Artes Visuais

**Prof. Dr. Robson Xavier da Costa**

UFPB, docente

### **RESUMO**

Desde as vanguardas artísticas até a contemporaneidade, muitas mudanças e adaptações têm sido percebidas nos modos de se fazer arte. O próprio local de salvaguarda de artes e artefatos teve que acompanhar essas mudanças tendo em vista o caráter fluido da arte contemporânea, fato que conferiu aos museus tradicionais campos de atuação cada vez mais amplos. Pensar os museus como locais de guarda e apreciação de vestígios materiais e imateriais de povos outros, traz à tona uma discussão que, embora tenha ainda pouca popularidade no Brasil, apresenta grandes contribuições: as aproximações entre os cemitérios secularizados e os museus. Embora notemos alguns distanciamentos paradigmáticos entre os espaços dos vivos e dos mortos, alguns projetos de musealização de necrópoles têm recebido importante atenção da academia e cabe pensar esses avizinhamentos também na cidade do Recife com a contribuição do Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção, popularmente conhecido como Cemitério de Santo Amaro. Através de um levantamento e diálogo teórico de pesquisadores que já trilharam esse caminho de forma bem-sucedida e do aporte metodológico de pesquisa bibliográfica e investigação no *locus* da pesquisa, esperamos levantar prerrogativas capazes de provocar aproximações entre as funções tradicionais de museus e as de cemitério (salvaguarda de restos mortais, obras de arte, preservação de múltiplas memórias, etc.) para traçar caminhos iniciais que contribuam com uma provável musealização da maior necrópole recifense e assim, contribuir para a discussão acerca da ampliação do conceito de museu para além do tradicionalismo. Além disso, pensamos que a visibilidade trazida para o cemitério a partir de um olhar museológico, atrairá um maior fluxo de visitantes e pesquisadores e implicará em maiores preocupações em termos de políticas de conservação e restauro do acervo de obras de arte tumulares presentes no local e ainda incitar uma narrativa curatorial para guiar os visitantes.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte tumular. Cemitério. Museu. Artes visuais.



## **Do espaço privado a Reserva Técnica Visitável: trajetória de uma coleção no MAE-USP**

**Mayara Manhães de Oliveira**

Museu da Vida Fiocruz, servidora

**Carla Gruzman**

Museu da Vida Fiocruz, servidora

### **RESUMO**

Trata-se de pesquisa qualitativa sobre a Reserva Técnica Visitável (RTV) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), fundamentada na abordagem sócio-histórica da linguagem. A situação de acervos em reservas técnicas, muitas vezes longe dos visitantes, é ponto de partida do estudo. O recorte aqui proposto se volta para o percurso da coleção de arqueologia amazônica do Instituto Cultural Banco Santos (ICBS), de um âmbito privado para uma instituição pública, para melhor compreensão dos princípios que fundamentam a concepção da RTV e de como se integra às atividades realizadas por este Museu. O MAE-USP é uma das instituições responsáveis pela salvaguarda de bens arqueológicos que, no Brasil, pertencem à União, sendo proibida a destruição, o uso comercial e a posse de natureza particular. Além das coleções constituídas pelo próprio Museu, recebe conjuntos de origem externa, a exemplo daqueles transferidos do ICBS. Criado em 2002, o ICBS contava com diversos tipos de objetos com valor cultural. Na ocasião, o Iphan autorizou a guarda provisória destes bens condicionada à contratação de uma equipe de especialistas. Em consequência da falência do Banco Santos, os objetos foram transferidos para museus da cidade de São Paulo. As coleções arqueológicas e etnológicas, com mais de 3 mil itens, foram direcionadas para o MAE-USP a partir de 2005. Entre eles, estão bens arqueológicos procedentes da Amazônia. Trata-se de objetos líticos e cerâmicos do período pré-colonial, encontrados principalmente na Ilha do Marajó e Santarém, no estado do Pará. Predominam objetos oriundos das culturas marajoara e tapajônica, presentes nestas regiões em tempos remotos, mas também conta com vestígios das culturas guarita e paredão. Como forma de conciliar a conservação e extroversão destes objetos, em 2012 o MAE-USP criou a RTV, espaço de acesso público que promove a divulgação da arqueologia e o processo curatorial de uma coleção. Incorporada aos programas educativos do Museu, a RTV conta com visitas mediadas, oficinas, ações de formação para professores e bolsistas, além de uso de recursos educativo-culturais. A iniciativa da RTV expressa o potencial de museus universitários no exercício da tríade ensino-pesquisa-extensão por meio da exploração de objetos musealizados em diferentes perspectivas. Em uma esfera mais ampla, alinha-se aos esforços de valorização do patrimônio arqueológico pré-colonial para uma compreensão crítica dos processos históricos do Brasil.



### **PALAVRAS-CHAVE**

Divulgação científica. Educação museal. Reserva técnica.  
Objetos musealizados. Públicos de museu.



## **Conexão de Tempos: Galerias de Arte Urbana nas Ruas de Santo Ângelo**

**Manoela Nascimento Souza**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo

**Cristiano de Jesus**

Mestrando no Programa do Mestrado Profissional em Preservação do patrimônio Cultural /IPHAN

**Douglas Barbosa**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa pela Universidade Federal do Pampa Gaúcho – Unipampa

### **RESUMO**

O presente projeto foi vencedor do edital FAC Visual nº 13/2021 da SEDAC/RS, que tem como objetivo inserir as diferentes vozes e o contexto urbano, da cidade de Santo Ângelo, na narrativa missioneira e indígena, transformando as ruas da cidade em grandes galerias de arte urbana possibilitando uma leitura contemporânea sobre esse período histórico. A intervenção é uma extensão do Museu Municipal Dr. José Olavo Machado/MMJOM, que percebeu um distanciamento da comunidade local com a forma tradicional de expor essa temática, mesmo sendo habitantes da capital das missões (*Sant Angel Custódio*, foi a última redução jesuítica-guarani, dos sete povos das missões, fundada em 1706 pelo padre Diogo Hase), faltam elementos no cotidiano da população que façam com que os mesmos se apropriem e se vejam integrados e partes da cultura local. Dessa forma, questionamo-nos: o que a história missioneira e indígena representa para a identidade local de Santo Ângelo e toda a região missioneira e indígena, hoje? Utilizando do método empírico de John Dewey (1985), que compreende que o método científico parte da experiência para compreender a complexidade da realidade estudada, a proposta tem como base a experiência cotidiana da comunidade para que, através dela, sejam inseridos elementos de conexão temporal e histórica através da arte para interação urbana que incitem o despertar reflexivo e o sentimento de pertença cultural e histórica. O MMJOM, com objetivo de impulsionar esse movimento, convida, através da execução deste projeto, artistas regionais e indígenas para através da intervenção artística urbana, construir uma narrativa museológica que faça uma leitura contemporânea sobre a história missioneira e indígena em um formato contemporâneo, o grafite e a cidade – não compreendendo, nesta abordagem, apenas o centro antigo como centro histórico, mas toda a cidade como produtora de cultura e interação com diferentes períodos históricos e culturais. As diferentes narrativas artísticas no espaço urbano não se completarão sozinhas, os sujeitos experimentadores sentirão a necessidade de continuidade dessa história e por isso serão levados novamente ao museu municipal que iniciará um processo de espelhamento para incitação do sentimento de pertença cultural e social. Após, será aplicada uma pesquisa de recepção para compreender as transformações ocorridas pela ação interventiva. O Instituto Ações Integradas/IAI, atua como proponente deste projeto por interesse comunitário e social.



### **PALAVRAS-CHAVE**

Conexão temporal. Experiência urbana. Missões Jesuíticas-Guarani.  
Narrativa histórica. Pertencimento cultural.



## **Uma Pesquisa em andamento, a pesquisa sobre processos museológicos nos times de futebol de várzea**

**João Pedro Rodrigues da Conceição**

PPGMus - USP

**Flavson Francisco da Silva**

PPGMus- USP

### **RESUMO**

Esta apresentação tem como propósito falar sobre a dissertação de Mestrado que está sendo realizada no Programa de Pós Graduação em Museologia na USP, que tratará do processo curatorial dos times de Futebol de Várzea. Para tanto, os estudos a serem realizados apresentarão a descrição do processo de seleção, coleta, pesquisa, conservação, exposição e educação considerando a organização, modos de guarda e a comunicação desse acervo dos times de futebol, assim como as intenções que levaram os times à preservação. Como objeto de estudo serão analisadas as práticas curatoriais, conforme é compreendido pelos teóricos da Museologia. Num primeiro momento será apresentado um cenário dos times de futebol de várzea em São Paulo. Num segundo momento atenção especial será dada à Associação Atlética Cohab Juscelino (AACJ), time de Futebol de Várzea, fundado em 25 de janeiro de 2001, situado no bairro da Cohab Juscelino, distrito da Cidade Tiradentes, na Zona Leste da cidade de São Paulo. Para organizar os dados levantados durante essa etapa de pesquisa desenvolvemos uma planilha, em excel, com duas colunas com identificação da pessoa e time indicado por ela. Esses times indicados já foram visitados durante essa etapa inicial da pesquisa. Vale ressaltar a contribuição inicial dessa dissertação em propor até sua conclusão uma Rede de referências dos sujeitos, times e patrimônio mapeados no território em estudo. Em linhas gerais a realização da etapa supracitada na pesquisa é pertinente, pois conseguiremos apresentar os times dos quais preservam seus acervos, como os identificamos pelo olhar da museologia. Depois, será possível, durante as visitas técnicas, conhecer os processos sobre a comunicação e suas atuações no local situado pela “comunidade” que forma o time.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Futebol de Várzea. Futebol. Museu. Musealização.



## **Entre cenas e vitrines: desafios e potencialidades da musealização em acervos de figurino**

**Lorena da Paixão Ribeiro**

Universidade Federal da Bahia - mestranda no Programa de Pós-graduação em Museologia  
PPGMUSEU/UFBA

**Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha**

Universidade Federal da Bahia - Professor do Departamento de Museologia e do Programa  
de Pós-graduação em Museologia - PPGMUSEU/UFBA

### **RESUMO**

A musealização compreende-se pela ação de transição da realidade de uma coisa e/ou objeto de diferentes tipologias e naturezas, a partir da construção de valores que serão atribuídos através de um conjunto de princípios e procedimentos que ressaltam um processo constituído pelas práticas relacionadas a cadeia operatória da Museologia, que abrange a seleção, coleta, identificação, pesquisa, documentação, conservação e comunicação, isto é, fazendo que seja concedido ao objeto a funcionalidade de documento, íntegro de preservação e divulgação no espaço museal. Com as transformações ocorridas ao longo dos anos nos campos do patrimônio cultural e do pensamento museológico acarretaram em novas linguagens de artefatos, bem como, a noção do processo de musealização foi se ampliando e recebendo novas perspectivas, que deslocaram o olhar da Museologia para além dos limites das redes de proteção dos museus, que provocaram uma renovação no que diz respeito às complexidades e possibilidades envolvidas no ato de musealizar. Nesta perspectiva, o presente documento consiste em uma proposta de comunicação oral com base no conteúdo da pesquisa em curso da dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA), intitulada "Uma viagem por dentro do Guarda-Roupa: a trajetória histórica do Acervo de Figurino do Teatro Castro Alves", sob a orientação do prof. Dr. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, e discorrerá sobre algumas provocações referente as novas teorias e práticas museológicas no tratamento de coleções de figurinos teatrais. Apresentando os desafios relacionados à constituição de acervos de figurino de teatro, que muitas vezes, são consideradas fora dos marcos regulatórios comuns do campo museológico, sendo entendidos como uma "coleção viva", devido a muitas peças do acervo possuírem um aspecto operacional e ainda evidenciarem uma função ativa, de composição e circulação em montagens cênicas. Igualmente, será levantado a respeito das potencialidades e as contribuições dessa tipologia de coleção para o entendimento das novas perspectivas e tendências contemporâneas das práticas do processo da musealização, que não são privilégios específicos dos museus e não apresenta somente exigências técnicas apenas da Museologia, mas que estão voltadas exclusivamente para a compreensão de um fazer científico comprometido com o desenvolvimento social.



**PALAVRAS-CHAVE**

Musealização. Novas práticas da Museologia. Coleções.  
Acervos de figurino de teatro.



## **A Musealização da Arqueologia no contexto do resgate das peças egípcias do Museu Nacional**

**Bruna de Oliveira Santos**

Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

Estudante da Pós-graduação em História Antiga e Medieval - Religião e Cultura Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Egressa da Licenciatura em História Universidade Federal de Goiás. Estudante do Bacharelado em Museologia

### **RESUMO**

O Museu Nacional da Quinta da Boa Vista é o mais antigo museu brasileiro, tendo sido bastante mencionado nos últimos tempos devido ao incêndio ocorrido em setembro de 2018, que levantou questionamentos a respeito da situação política brasileira não apenas da época do ocorrido, mas também da atual, e quais as consequências sofridas pelo setor cultural em decorrência da negligência sofrida por parte do poder público. Entretanto, não podemos permitir que o sinistro em si tenha mais destaque do que os intensos esforços da equipe de resgate que trabalhou com o salvamento de várias peças do museu, trazendo novas possibilidades de pesquisa, das quais as que pretendemos problematizar neste trabalho são as relacionadas com a Arqueologia e com a Museologia. Dentre os diversos acervos do Museu Nacional, o escolhido para a nossa pesquisa foi o da coleção egípcia, uma das principais coleções do museu, que possuía uma quantidade superior a 700 peças, das quais mais de 300 foram resgatadas. Sabendo que a Arqueologia foi fundamental para a recuperação desses objetos, que estavam em meio aos escombros do prédio do MN após o incêndio e precisaram então ser recuperadas por métodos da arqueologia, pensamos em abordar neste caso a respeito da musealização dessa coleção arqueológica. Para a realização da pesquisa utilizamos as fontes bibliográficas que trabalham tanto com a musealização da arqueologia quanto com as relações entre museus e patrimônio arqueológico, de autoras como Cristina Bruno e Camila de Moraes Wichers, para que possamos analisar o caso da coleção egípcia do Museu Nacional sob essas perspectivas. As obras dessas e de outras(os) autoras(es) que discutem especificamente sobre o museu e o referido acervo, tanto em uma perspectiva histórica quanto a respeito dos trabalhos que têm sido realizados recentemente nos dando o suporte necessário para a nossa discussão. Com isto, pretendemos compreender não apenas a respeito da história da formação da coleção egípcia, mas como tem se desenvolvido análises sob outras perspectivas, voltadas para o que tem sido realizado atualmente e que torna possível outros questionamentos e novos olhares em relação ao acervo, provenientes das transformações que vem sendo sofridas por ele.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Nacional. Coleção Egípcia. Arqueologia. Museologia. Resgate.



## **Elos que se conectam: Arqueologia e Museologia - um olhar a partir das Cadeias Operatórias**

**Marcus Vinícius Beber**

Acadêmico de Graduação em Museologia UNIASSELVI.  
Pesquisador Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS  
Pós-doutorando do PPGMSPC-UFPEL

### **RESUMO**

Os museus já têm consolidado há muitos anos sua Cadeia Operatória. Trata-se de um conjunto de atividades presentes no dia a dia dos profissionais, como processos de documentação, conservação, pesquisa e comunicação. Sem essas ações desenvolvidas na sua plenitude, o museu perde seus pilares. Essas etapas não são independentes e autônomas, correspondem a uma sequência de atividades - por isso o nome de cadeia operatória - que dependem umas das outras. Não há como ter comunicação - por um catálogo ou texto explicativo de uma exposição - se a documentação não for completa, com todos os dados que identifiquem o objeto, sua origem, seu histórico, e isso não será possível se ao receber a peça - por aquisição, doação ou qualquer outro meio - não for garantida que as informações necessárias a acompanhem. Cumpridos esses requisitos, tem-se um objeto musealizado, com todas as prerrogativas legais para sua preservação numa instituição de memória. Mas e o acervo arqueológico? Como fica, uma vez que já chega como objeto protegido? Quando o acervo é fruto de um projeto de pesquisa, ele já nasce protegido, garantido pela Portaria, publicada no Diário Oficial da União, que autorizou a pesquisa. Isso significa que antes de ser conhecido já está assegurada sua preservação. Então, é fundamental que todas as informações do projeto que o trouxe à luz o acompanhem e que as escolhas feitas pelos pesquisadores estejam documentadas. Em síntese, se não estiver clara qual foi a cadeia operatória usada pelos arqueólogos e, portanto, quais seus limites analíticos e o potencial informativo do acervo, as etapas do trabalho museológico estarão comprometidas. Nessa apresentação, procura-se discutir a incorporação dos acervos arqueológicos nos museus, a qual deve ser pensada na gênese do projeto. A cadeia operatória deve fazer parte da museologia e ser contemplada nas etapas da pesquisa arqueológica. Dessa forma, o diálogo entre as equipes é fundamental. Em última instância, como compatibilizar a Cadeia Operatória da Museologia com a Cadeia Operatória dos trabalhos Arqueológicos? A intenção é justamente compreender essas conexões entre as cadeias a partir de uma abordagem interdisciplinar.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Cadeia Operatória. Museologia. Arqueologia, Acervos Arqueológicos.  
Musealização da Arqueologia.



## Água fria não é chá gelado: decocções conceituais na aproximação entre museus e cemitérios

**Pedro Luiz Vianna Osorio**

Universidade de São Paulo (USP), Mestrando em Museologia

### RESUMO

O processo de preparação por decocção requer o cozimento da matéria-prima vegetal em água fervente, extraíndo dela os princípios ativos essenciais para que a mistura se torne, de fato, um chá. Chá este que pode ser servido após um período de descanso e resfriamento, assentando suas propriedades e transformando a experiência de consumo. O conceito de museu, tal como apreendido hoje, é fruto de um longo processo de decocção, e passou por momentos de fervura para sua discussão e resfriamento para sua apropriação na realidade. Especificamente nas últimas duas décadas, há um crescente interesse pelos espaços de sepultamento como objeto de pesquisa e vetor cultural e de conhecimento sobre a sociedade que os envolve, para além das abordagens tradicionais das ciências humanas. Este trabalho, fruto da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da professora Cristina Bruno, investiga, à luz da Museologia, as potencialidades dos espaços cemiteriais como objetos de interesse para este campo de estudos, tomando como objeto dois cemitérios da cidade de Porto Alegre, o Municipal São João Batista e o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Durante o processo de pesquisa, percebeu-se a adoção recorrente do termo museu a céu aberto e similares como forma de encurtar a distância criada pela associação negativa da sociedade ocidental com o lugar tradicionalmente associado à morte e ao luto. Porém, como a boa vontade não pode sobrepor o rigor científico, faz-se necessário a análise sistemática dessa aproximação de conceitos, uma vez que a simples denominação de um lugar como museu o faz sê-lo de fato. É objetivo deste trabalho observar como dialogar a dinamicidade do conceito quando aplicado a um espaço que, tradicionalmente, não se enquadra na definição, mas que possui aberturas para o diálogo, objetivando o reconhecimento do valor cultural e documental para o estudo da sociedade moderna ocidental. Nesse sentido, é importante a análise do emprego do termo "museu" na designação dos espaços cemiteriais, uma vez que o uso intercambiável de termos não equivalentes pode levar a um uso impreciso de conceitos complexos e estabelecidos. O ponto de fervura para a decocção do conceito em questão está novamente sendo atingido, e não podemos nos dar ao luxo de servir um copo de água fria como se fosse chá gelado.

### PALAVRAS-CHAVE

Espaços cemiteriais. Museu. Teoria museológica.



## Um chinelo arqueológico e o debate museal

**Ilza Carla Favaro de Lima**

Scientia Consultoria Científica, Pesquisadora

**Renato Kipnis**

Scientia Consultoria Científica, Diretor

### RESUMO

A pesquisa arqueológica realizada junto às obras de ampliação, modernização e restauro para a reabertura do Museu Paulista, localizado no bairro do Ipiranga, em São Paulo, realizado desde 2019, têm reunido uma diversidade de objetos, informações e discussões interessantes para análise. O estudo é desenvolvido em virtude da legislação ambiental, que exige procedimentos de avaliação de impacto para proteção do patrimônio cultural. Ao longo de todo o monitoramento arqueológico foram coletadas 1.330 peças de cultura material e vestígios orgânicos. Concomitante com as atividades de campo, a equipe responsável optou por iniciar uma série de postagens nas redes sociais, com intuito de divulgar os resultados parciais; promover maior interação da comunidade com o tema; além fomentar novas perspectivas para construção de conhecimento acerca da pesquisa arqueológica e da valorização museal. Amparados nas divulgações promovidas pela Scientia Consultoria, em sua página no Facebook, a equipe do Museu do Ipiranga passou a compartilhar os conteúdos em suas mídias. Os dados da divulgação realizada pela Conteúdo Comunicações, empresa que presta serviços ao Museu do Ipiranga, apresentam números extremamente expressivos. Entre 2021 e 2022, o Museu do Ipiranga publicou 55 posts sobre arqueologia somando todas as redes (19 no Facebook, 19, no Instagram e 17 no Twitter). O engajamento teve uma média de 61.100 interações entre as redes, com o Facebook sendo o que mais se destacou, com quase 31.082 interações. Somando todos os posts publicados, o alcance foi de mais de 1 milhão de pessoas, divididos quase igualmente entre Facebook e Instagram com média de 500 mil pessoas alcançadas. Os comentários foram 2.281, com o Facebook se destacando com 1.499 comentários, sendo que o objeto com as mais diversificadas interações foi um chinelo de borracha. Ações educativas previstas ainda almejam aprofundar o debate sobre os objetos identificados; sua representatividade e o lugar destes artefatos junto as coleções museológicas, tendo em vista a relevância desta pauta a memória nacional; a potencialidade dos vestígios materiais para o conhecimento das dinâmicas culturais passadas e presentes; o alcance dos espaços digitais e o papel de poder dos museus em nossa sociedade.

### PALAVRAS-CHAVE

Cultura Material. Musealização. Redes Sociais.

Arqueologia. Museu do Ipiranga.



## **PROCESSOS DE MEMORIALIZAÇÃO Reflexões sobre a cidade de Gravataí**

**Helena Thomassim Medeiros**

UFPel Doutoranda

**Daniel Maurício Viana de Souza**

UFPel Docente

**Diego Lemos Ribeiro**

UFPel Docente

### **RESUMO**

A Museologia, enquanto área interdisciplinar, abarca diferentes temáticas vinculadas à relação dos seres humanos, sua realidade e a construção de mecanismos de memorialização. Dentro destas construções narrativas sobre o passado também encontramos o processo de patrimonialização, no qual um bem passa a ser considerado representante de uma sociedade. Entretanto, nas últimas décadas, buscamos questionar a ressonância destas estruturas e como fazer com que elas representem a pluralidade de nossas sociedades, ao invés de impor discursos hegemônicos e, muitas vezes, excludentes sobre o passado e nossas identidades. O presente estudo tem como foco a cidade de Gravataí, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, representa uma das maiores economias do Rio Grande do Sul. O local é povoado desde o século XVIII, quando pertencia a Viamão. Contudo, seu aparato cultural é pequeno em comparação com outros municípios do Estado. Atualmente o município possui apenas um museu, que também é seu arquivo histórico, ambos sem sede desde 2019, tendo passado por diversos períodos anteriores de fechamento. Podemos dizer que as iniciativas patrimoniais de Gravataí iniciam por volta da década de 1970, quando Jorge Rosa inicia a de formação do acervo do Museu, que é aberto oficialmente em 1974. Ao longo deste período o Museu e seus funcionários relacionaram-se intimamente com o processo de patrimonialização de bens da cidade e a própria construção de uma narrativa histórica sobre ela, auxiliando também na formação de uma identidade local. O procedimento de tombamento foi instituído em Gravataí em 2004 e os bens tombados em esfera municipal datam deste ano e de 2005. Por ser também um polo industrial a cidade passou por diferentes períodos de ocupação, tendo sua identidade modificada, todavia, seu aparato cultural segue estagnado. As escolhas entre o que lembrar e esquecer são comuns dentro do desenvolvimento patrimonial, entretanto, sabe-se que, sem a identificação de um grupo social não há como se manter um patrimônio instituído. Ao analisarmos os assuntos abordados nos projetos culturais elaborados na cidade desde 2020, observamos temáticas emergentes, talvez, pouco explorados nas dinâmicas de memorialização municipal. Ao analisar os espaços vinculados a patrimonialização de Gravataí e apontar possíveis patrimonialidades, temos por finalidade refletir sobre a criação de narrativas sobre o passado em nossa sociedade e seus desdobramentos.



**PALAVRAS-CHAVE**

Memorialização. Patrimônio. Patrimonialização. Patrimonialidade. Gravataí-RS.



## Redescobrir o Acervo Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano

**Larissa Girardi Losada**

Universidade de São Paulo.

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia

### RESUMO

A maior parte dos artefatos arqueológicos provenientes de sítios localizados em Sorocaba e região, no interior do estado de São Paulo, foi relegada ao esquecimento. Principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, diversos representantes da cultura material dos grupos indígenas da região foram acidentalmente encontrados e levados ao Museu Histórico Sorocabano, sendo por ele institucionalizados. Sem investimentos e carecendo de corpo técnico adequado (uma realidade nas instituições de preservação do patrimônio no Brasil) permaneceram em condições precárias até o começo de 2022. Por meio do Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo (PROAC), um projeto premiado intitulado “O Patrimônio Arqueológico do Museu Histórico Sorocabano” está em curso, contemplando inventariação e melhoria das condições de guarda e pesquisa do acervo - salvaguardando os materiais que ficaram, ao longo de décadas, invisibilizados na reserva técnica do mesmo museu. Esta comunicação apresenta uma pesquisa iniciante de mestrado que está sendo conduzida sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Oliveira Bruno, no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia - Universidade de São Paulo. A pesquisa tem como horizonte a Musealização da Arqueologia, especificamente no âmbito de potencial extroversão dos bens arqueológicos. Para tanto, objetiva historicizar o processo de musealização do acervo arqueológico do Museu Histórico Sorocabano e, a partir da compreensão dos processos políticos e ideológicos que constituíram as ações da instituição, gerar conteúdo para extroversão desse acervo: um catálogo dos bens arqueológicos. Busca-se a socialização desse acervo que, uma vez salvaguardado, possibilita atividades subsequentes. A metodologia aplicada associa a pesquisa histórica nos arquivos institucionais aos artefatos arqueológicos e às referências bibliográficas sobre o tema, dentre elas os trabalhos de: Maria Cristina Oliveira Bruno, Camila A. de Moraes Wichers, Helena Pinto Lima e Cristiana Barreto. Espera-se, dessa forma, contribuir para a extroversão do acervo arqueológico do Museu Histórico Sorocabano, especificamente de sua maior parcela: que está sendo redescoberta na reserva técnica. Para, assim, colaborar para o reconhecimento da herança cultural dos povos indígenas de Sorocaba e região - suscitando questionamentos que ultrapassem a visão hegemônica ainda atrelada aos colonizadores de tal território.

### PALAVRAS-CHAVE

Musealização da Arqueologia. Acervos arqueológicos. Arqueologia Paulista.  
Museu Histórico Sorocabano. Sorocaba.



## O podcast do MUARAN: adaptação de um Museu de ações sociais à necessidade de distanciamento social

**Pedro Luís Machado Sanches**

Docente do Departamento de Museologia, Conservação e Restauração e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas

**Mariana Brauner Lobato**

Mestranda no curso de Memória social e Patrimônio cultural da Universidade Federal de Pelotas

### RESUMO

O Museu Arqueológico e Antropológico da UFPel (MUARAN) existe há mais de uma década, mas nunca teve sede própria. Surgido enquanto projeto de extensão logo após a criação dos cursos de graduação em Museologia, Arqueologia, Antropologia e Conservação-Restauração da UFPel, o MUARAN sempre visou promover a ligação entre o público externo e acervos, práticas e saberes acumulados pelos diferentes laboratórios arqueológicos e antropológicos da Universidade. Pensado inicialmente como um museu sem acervo próprio, que se valeria de empréstimos de outras instâncias universitárias, diante da inesperada falta de espaço físico, o MUARAN se tornou também um museu sem vitrines, sem fachada, e sem bilheteria. Ações de musealização em espaços alternativos se tornaram sua principal atividade, sob o lema "*Na falta de muros, ações extra-muros!*". Intermitente, o MUARAN expunha e promovia oficinas em praça pública, escolas, instituições filantrópicas e organizações sindicais, no mercado público, até mesmo no jardim de outro museu. Um museu que fazia de coleções didáticas e dados de pesquisa um ponto de encontro entre saberes desenvolvidos dentro e fora da universidade. Frente à pandemia, a existência do MUARAN se viu, pela primeira vez, ameaçada. Vocacionado a promover encontros e colaboração entre pessoas de dentro e de fora da Universidade, o Museu itinerante de ações efêmeras reconheceu sua natureza presencial, ou melhor dizendo, vivencial. Aulas práticas essenciais às mais diversas formações universitárias nunca puderam ser adaptadas aos meios digitais. Do mesmo modo, as ações do MUARAN não poderiam se tornar atividades remotas, não são compatíveis ao ambiente virtual. As pessoas que colaboram diretamente com o Museu decidiram iniciar o *podcast* chamado *Musealização*, atividade compatível com a necessidade de isolamento social e diversa de tudo o que havia sido feito antes no MUARAN, mas com o objetivo de preservar o encontro de saberes acadêmicos e tradicionais, de promover o encontro entre quem está dentro e quem está fora da Universidade. Expondo uma grande amplitude de temas, o *podcast Musealização* prepara neste momento sua quarta edição. A presente comunicação busca mostrar como um Museu Ação Social atravessou a pandemia sem perder de vista seus objetivos.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu universitário. Museu Arqueológico. Museu Antropológico. Muaran. Podcast.



## **Biografia cultural-museológica :o caso do acervo Banco Santos no MAE/USP**

**Matheus Pereira da Costa**

Universidade de São Paulo - USP e Doutorado em Arqueologia no PPGArq/MAE

### **RESUMO**

Este resumo objetiva apresentar a discussão referente a biografia cultural-museológica do acervo Banco Santos, atualmente sob guarda do MAE/USP. Historicamente, o processo de formação desse acervo é um tanto complexo, dadas as circunstâncias diversas em que o mesmo foi destinado provisoriamente ao MAE, em meados de 2005, através da decisão judicial conferida pelo M. Juiz Federal Fausto De Sanctis; na época juiz-membro da 6ª Vara Criminal de São Paulo, no processo referente a apreensão das obras de arte do extinto Instituto Cultural Banco Santos (ICBS). Na ocasião, o MAE como uma instituição de referência em salvaguarda e pesquisa do Estado de São Paulo, prestou assistência técnico-científica ao acervo arqueológico, (predominantemente amazônico) e etnográfico (amazônico e andino) apreendido, que estava sob tutela inicial do referido instituto entre 2002-2004. Após a vistoria do acervo, o MAE através de sua diretoria técnica, compôs um projeto de acolhimento curatorial sendo necessário a mobilização de uma equipe multiprofissional para dar conta das diligências do processo. Apesar de todo esforço que vem sendo mobilizado desde 2005, em 2021 – mesmo sem embasamento legal, a massa falida do banco suscitou judicialmente a possibilidade de avaliação pecuniária do Acervo, com a finalidade de restituição das dívidas dos credores do Banco. Vale ressaltar que do ponto de vista jurídico, temos apoio de legislação federal que desde o decreto-Lei nº 25/1937; à Lei Nº 3.924, de 26 de julho de 1961; à Lei nº 9.605/1998, 375, garantem à proteção a esses bens que são considerados inalienáveis, por direito; isto é, não podem ser comercializados devido a sua relevância sociocultural, e por se constituírem bens da União, conforme art. 20 e 23, da constituição federal de 1988, respectivamente, incisos III e IV. Com base no exposto, este trabalho propõem uma imersão na trajetória cultural-museológica do acervo, considerando os diversos fatores históricos e sociais que inclusive se entrelaçam a própria vida social dos objetos e das pessoas. Em 2025, o acervo completará 20 anos de história institucional, sendo um marco importante na consolidação da Arqueologia no país, da própria instituição e de seus curadores enquanto agentes responsáveis pela sua defesa cultural e institucional. Essa condição nos possibilita a proposição de algumas experimentações museológicas junto ao acervo - como a possibilidade de inseri-lo em um novo debate social e institucional pelo país.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Biografia. Acervo Arqueológico. Banco Santos. Musealização. MAE/USP.



## Museus, Acervos Arqueológicos e Licenciamento Ambiental

**Grasiela Tebaldi Toledo**

IPHAN/RS - arqueóloga

**Alberto Tavares Duarte de Oliveira**

IPHAN/RS - arqueólogo

### RESUMO

Como os acervos arqueológicos presentes em museus podem contribuir em processos de licenciamento ambiental? Tal questionamento visa instigar uma reflexão acerca da arqueologia preventiva, nos seus aspectos metodológicos e de socialização do patrimônio. As metodologias de avaliação de impacto ao patrimônio arqueológico habitualmente avaliam as áreas diretamente afetadas pelos empreendimentos, realizando levantamentos arqueológicos focados no trabalho de campo. Todavia, a existência de coleções arqueológicas em museus com abrangência municipal, ainda que com limitadas possibilidades interpretativas para a arqueologia, permite a ampliação desta perspectiva metodológica para a avaliação arqueológica de uma região, principalmente em municípios onde não exista cadastro de sítios arqueológicos e/ou estudos arqueológicos anteriores. Nesse sentido, observa-se como um importante aspecto metodológico a incorporação, nesses estudos, do levantamento dos acervos arqueológicos e sua documentação, pois apontam para as diferentes sociedades do processo de ocupação humana da região e, a partir das informações contidas na documentação, podem indicar a localização dos sítios arqueológicos de onde provêm esses vestígios. Essa interlocução permite aproximar as realidades arqueológicas e museológicas, oportunizando a construção de um território patrimonial interdisciplinar. Além de aprimorar a pesquisa arqueológica, essa prática pode qualificar esses espaços museais, favorecendo a valorização dos acervos arqueológicos. Outro proveito dessa relação é a possibilidade de desenvolvimento de ações educativas que envolvam os sítios arqueológicos, as coleções e os museus, resultando em uma relação mais efetiva e afetiva entre o patrimônio arqueológico e a comunidade local. Enfim, esta é uma proposta prática que resulta na aproximação entre Arqueologia e Museologia, contribuindo para a preservação do patrimônio e para que sejam realizadas pesquisas arqueológicas de maneira integral, integrada e interdisciplinar.

### PALAVRAS-CHAVE

Acervo Arqueológico. Licenciamento Ambiental. Arqueologia. Museus.



## **Caminhar e aprender na Vila dos Ferroviários: fazeres em museologia e educação**

**Alice Bemvenuti**

PUCRS, doutoranda em Educação

**Fernanda Bittencourt Ribeiro**

PUCRS, Profa. Dra. Orientadora

### **RESUMO**

A comunicação apresenta parte da pesquisa de doutorado em Educação que pretende investigar o caminhar na relação com o aprender, considerando referenciais da educação, da antropologia e da museologia, em um contexto específico: o patrimônio industrial ferroviário, tendo como locus a Vila dos Ferroviários, em Porto Alegre, RS, Brasil. As caminhadas realizadas entre os anos 2011 e 2021 envolvendo iniciativas e projetos distintos no Museu do Trem (São Leopoldo); nas aulas do Curso de Fotografia (Canoas) e nas Oficinas de Álbum de Família pelo Ponto de Cultura Ferrinho (Porto Alegre), subsidiaram a formação de um corpus documental agrupando fotografias, entrevistas, diário de campo, textos e avaliações de alunos, entre outros, que permitem tecer considerações a respeito do aprender e do caminhar. A coleta para essa investigação pressupõe tempo de estar junto no espaço da vila, compartilhamentos, observação de situações não previstas e o encontro com e entre moradores. A proposta de caminhar na vila com grupo de pessoas, seja enquanto museu, ou enquanto grupo acadêmico, se confirma à medida que a experiência de estar presente no local reverbera e é percebido pelo corpo de quem caminha numa relação da prática de espaço (CERTEUA, 1998). Caminhar, neste sentido não se trata de uma tarefa ou um deslocamento de um ponto a outro, ou mesmo de transportar algo de um lado a outro. Caminhar é encontro, estar junto, é relacionar-se num tempo e num espaço. Caminhar é estar lá, em contato. Quando você caminha, você é parte do lugar durante a caminhada. Sobre esse aprender na condição de existir, de estar no mundo, de conhecer o mundo quando na relação e em relação com humanos e não-humanos. A investigação requer seguir caminhando no local e pressupõe engajamento, à medida que a etnografia exige da pesquisadora exposição e encontro. Como prática de educação, pretende-se discutir o aprender não como resultado de uma ação, atividade ou estudo, mas como um devir (INGOLD, 2020). A discussão também pretende acolher narrativas diversas e refletir sobre as experiências compartilhadas, plurais e singulares, possibilitando contrapor o discurso linear, cronológico definido por fatos históricos apresentado através das coleções do museu como definidor de uma versão afirmativa e única, isenta de questionamentos sobre o modo de apresentar um patrimônio, uma herança, uma memória. Neste sentido a pesquisa está em andamento.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Caminhar. Aprender. Patrimônio Industrial Ferroviário.



## **Arenas que desafiam a gestão de acervos: Arqueologia preventiva em debate**

**Maria Tereza Vieira Parente**

Mestranda do Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

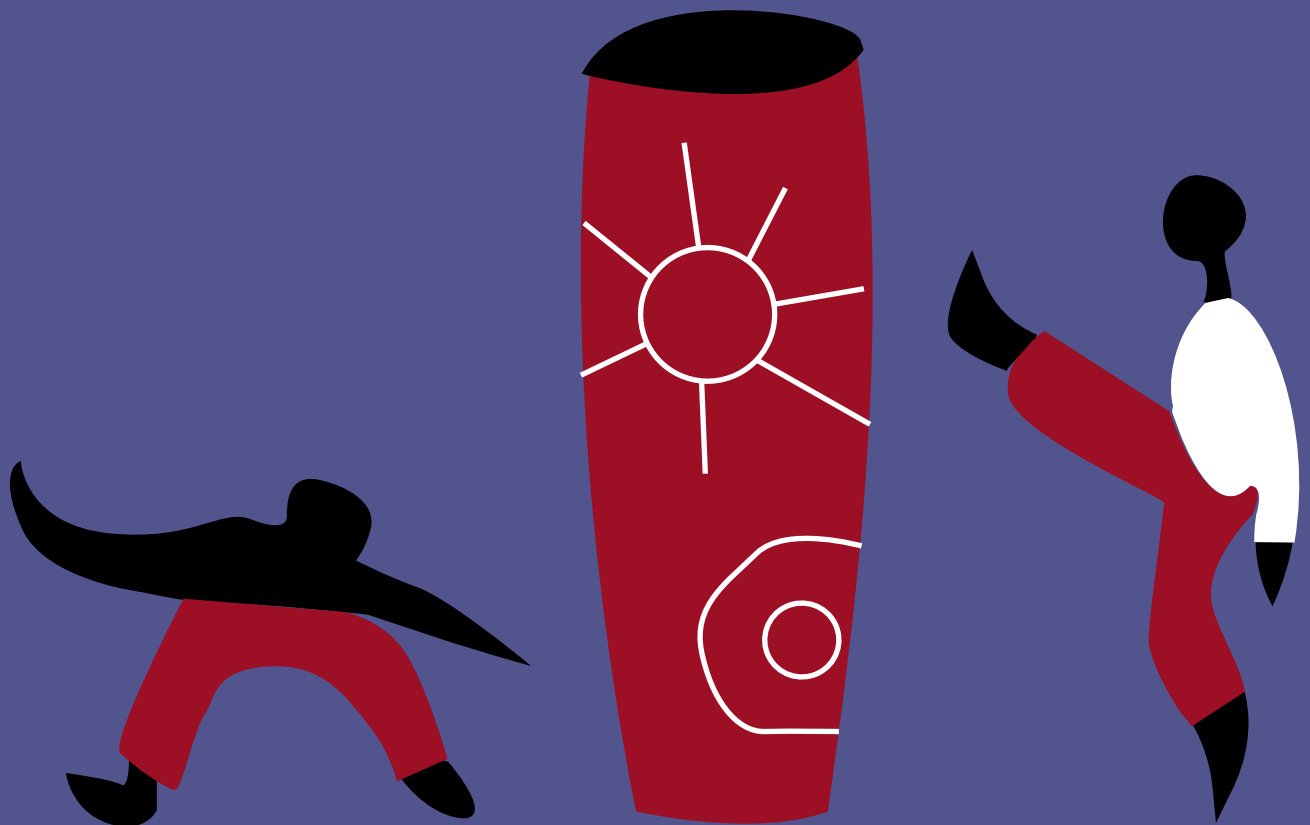
### **RESUMO**

A história de constituição dos acervos arqueológicos no Brasil encontra, no surgimento e consolidação da Arqueologia Preventiva, um marco urgente de reflexões propositivas, considerando-se a complexidade da cadeia operatória museológica que, simultaneamente, lhe confere sentido e que, a partir dela, projeta buscas por sustentabilidade. As recentes dinâmicas de surgimento de acervos arqueológicos e de operação de instituições museológicas traduzem, nesse sentido, aprendizados valiosos. Sobretudo, pode-se dizer que desvelaram desafios que aparecem na forma da multiplicidade de conexões entre as pesquisas arqueológicas, as instituições museológicas e a legislação de referência, tendo como pano de fundo as diferentes formas de relação que são estabelecidas com as populações locais através do patrimônio arqueológico. O mosaico que se forma, nesse cenário, ganha contornos particulares, que quando avaliados de modo holístico, possibilitam aberturas epistemológicas importantes. Experiências vivenciadas no município de Tapira/MG oferecem bases para fortalecer tais reflexões, uma vez que os caminhos trilhados envolveram agentes diversos, motivados pela criação de um museu para salvaguardar e comunicar o acervo do sítio arqueológico Valter Dentista, identificado em uma área de mineração de fosfato. Para além disso, destaca-se que as demandas que subsidiaram tal demanda potencializaram musealidades já em movimento naquele território, de modo que ativaram um processo museológico cujas bases constituem uma arena com vida própria. Tais experiências vêm mostrando que, tão importante quanto assumir o desafio da gestão de acervos arqueológicos em sua dimensão aplicada – bem como desvelar as bases teóricas e legais que lhe confere sentido – é criar canais para que a população local dê forma e se aproprie desse processo. Espera-se destacar as práticas educativas como essenciais para o estabelecimento de relações sustentáveis e éticas com o patrimônio cultural, destacando-se os “inventários participativos” como chave para o diagnóstico e a ação museológica em processos de musealização da arqueologia. Pergunta-se, portanto: o que faz com que acervos gerados pelas pesquisas arqueológicas levem à criação de uma instituição museológica? Qual o papel da população local nesse processo? As reflexões ora apresentadas são parte de um mestrado em andamento, orientado pela Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Musealização da Arqueologia. Inventários Participativos. Arqueologia Preventiva.

**GT 7**  
**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA**  
**COMO FERRAMENTA PARA A**  
**TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL**





## **GT 7 - DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA COMO FERRAMENTA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL**

### **Coordenadores**

Renata Cardozo Padilha (CEM/CFH)

Mara Lúcia Carrett de Vasconcelos (Museu Victor Meirelles/Ibram/MTur)

Elias Palminor Machado (UFRGS)

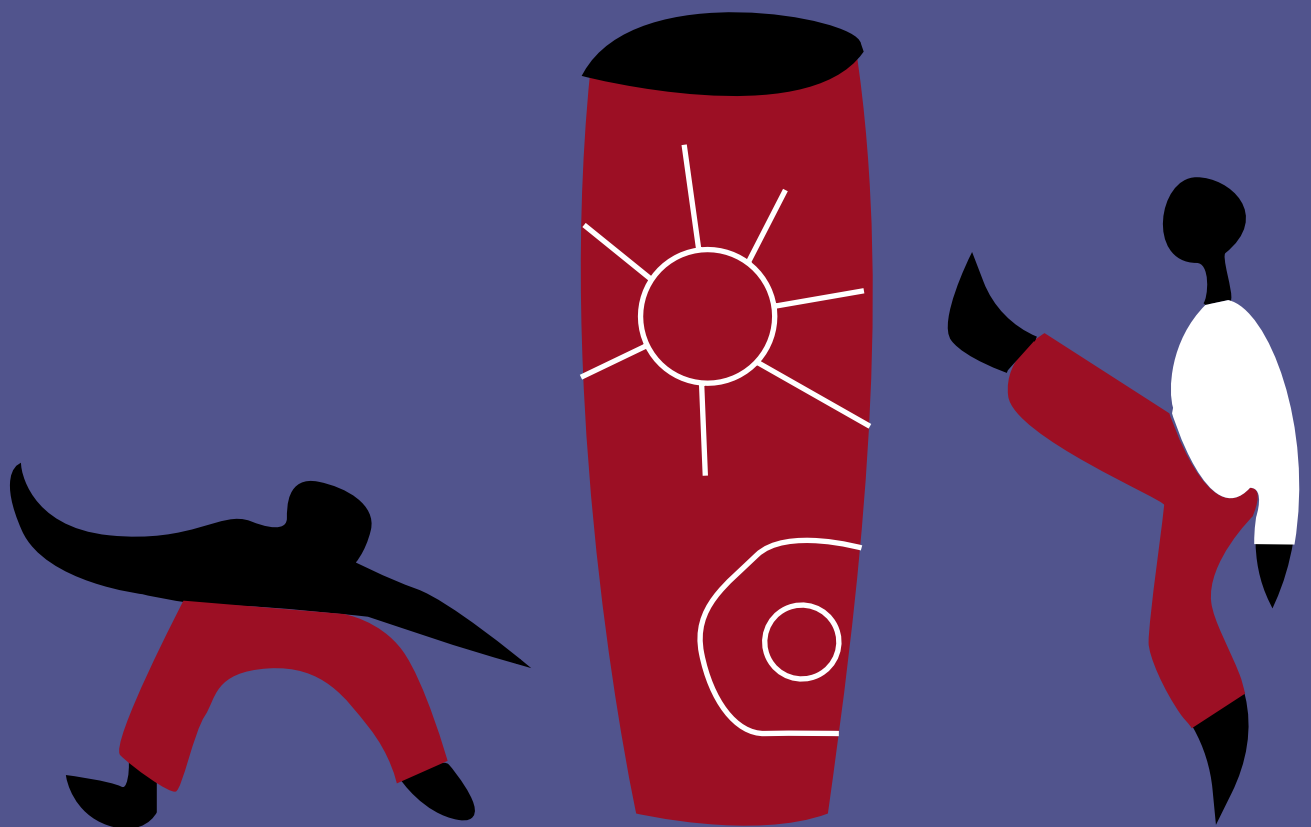
### **Resumo**

Este GT visa estimular a formação e o pensamento crítico por meio do levantamento de investigações teórico-metodológicas relacionadas à documentação museológica e sua interface com as outras disciplinas envolvidas no processo de musealização, a fim de identificar os principais elementos informacionais que representam à diversidade social dos acervos culturais existentes nas instituições museológicas, bem como analisar as metodologias e técnicas que envolvem os processos documentais no século XXI. Os estudos e diretrizes sobre documentação no campo da Museologia tem como um importante marco a criação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC/ICOM), nos anos de 1950, dando início a procedimentos técnicos de normatização e registros de bens culturais em museus e que se expande, ao longo das próximas décadas até final do século XX, com discussões que envolvem padrões mínimos de metadados e controle de vocabulários e terminologias. Com a virada do século, identifica-se que as transformações sociais, culturais e tecnológicas, bem como os problemas latentes da nossa sociedade como o racismo, o machismo, a lgtbfobia, o capacitismo, manifestam-se com força nas discussões do campo museológico e requerem mudanças na prática, refletindo na representação da informação nos museus. Compreendemos que os procedimentos documentais devem atender primordialmente às necessidades informacionais dos públicos e dos grupos representados nas coleções, à salvaguarda e autenticidade dos acervos e à legalidade e ética das instituições museológicas. Para tanto, o GT visa uma abordagem interdisciplinar sobre novas dimensões teórico-metodológicas da documentação museológica que considerem as variedades tipológicas de acervos, os grupos representados e as áreas envolvidas, e que proponham debates contemporâneos a respeito de temas como acervos digitais, arte contemporânea, diversidade sexual, questões étnico-raciais, interculturalidade, gestão e curadoria compartilhada, entre outros.

5<sup>o</sup> sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **Estudo sobre o Acervo Iconográfico do Museu do Trem de São Leopoldo**

**Cinara Isolde Koch Lewinski**

Graduada em História, Graduada do curso de museologia UFRGS

### **RESUMO**

O presente trabalho apresentará um estudo sobre o acervo iconográfico que se constituiu a partir da inauguração do Museu do Trem de São Leopoldo, no dia 26 de novembro de 1976. No decorrer de sua trajetória, a instituição passou por diferentes administrações: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo em convênio com a RFFSA (1976 a 1980), Programa de Preservação do Patrimônio Histórico do governo federal - Preserve (década de oitenta) e governo municipal de São Leopoldo (1991 aos dias atuais). Nestes três momentos o museu recebeu doações de acervos, sendo que na época do Preserve também foram transferidos pela RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima) acervos de diversas tipologias. Então, todo o acervo salvaguardado foi registrado, em 2008, no Inventário de bens móveis de valor histórico, artístico e cultural e de acordo com o documento, o Museu do Trem São Leopoldo-RS possui um acervo tridimensional e documental remanescente de diversos departamentos da ferrovia no Rio Grande do Sul, um acervo bibliográfico referente aos assuntos da estrada de ferro e um acervo audiovisual. O acervo documental e o acervo tridimensional já estavam catalogados, porém, o acervo audiovisual não havia sido arrolado no inventário. Atualmente, o Museu tem o documento mencionado como referência, do qual se entende o acervo audiovisual como um conjunto que abrange um número significativo de fotografias em papel, com alguns negativos em vidro e registros audiovisuais em diferentes mídias, porém, neste estudo a fotografia será tratada como acervo iconográfico. Partindo deste pressuposto e percebendo a necessidade de suprir a falta de documentação museológica, um diagnóstico e uma pesquisa histórica foram feitos para compreender o acervo como um todo, mesmo que as fotografias já estivessem separadas por coleções sem o registro dos critérios de indexação que foram adotados. Além disso, percebeu-se a oportunidade de estudar a organização de acervos iconográficos de dois museus ferroviários que possuem um perfil muito semelhante ao acervo que se tornou objeto da pesquisa. Em suma, este trabalho trata de um estudo a partir de atividades práticas no acervo iconográfico com ênfase na documentação museológica e busca refletir sobre a importância do diálogo sobre esse assunto com outras instituições da mesma temática, ainda mais em tempos que se fala tanto em socialização de acervos em rede.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Acervo iconográfico .Museu do Trem de São Leopoldo.  
Documentação museológica .Museus ferroviários.



## **Coleção Oceanos Gêmeos: a documentação museológica de uma coleção apreendida**

**Wilton Borges de Sousa**

Universidade de Brasília - UnB - Aluno da Graduação e do mestrado

### **RESUMO**

A presente comunicação faz parte de pesquisa acadêmica relacionada ao Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do curso de Museologia da Universidade de Brasília - UnB, e tem como objetivo apresentar a documentação museológica da coleção denominada "Oceanos Gêmeos", um conjunto de 182 obras de arte, atribuídas a diversos e renomados artistas, que se encontra em processo de incorporação ao acervo do Museu Nacional da República - MUN, em Brasília. O referido conjunto de obras foi apreendido no âmbito de uma operação policial que nomeia a referida coleção e, por decisão da Justiça Federal em São Paulo, encontram-se "custodiadas" naquela instituição museal. A pesquisa realizada tenta estabelecer uma discussão a respeito de como foi construída a denominada "cadeia museológica" do referido acervo, bem como sua relação com as teorias da Museologia, notadamente no que diz respeito à documentação museológica produzida. A pesquisa também busca delinear as peculiaridades dessas obras sob a guarda do MUN e os seus possíveis reflexos nos processos de incorporação de acervos provenientes de ações judiciais criminais nos museus e instituições congêneres.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Cadeia operatória. Coleção. Museu Nacional da República.  
Obras apreendidas. Documentação museológica



## **UM ACERVO ANIMADO: documentação museológica aplicada a bonecos da cena**

**Stephanie Lins Campos Lobato**

Bacharela em Museologia - UFPA

**Aníbal José Pacha Correia**

Mestre em Artes- PPGARTE/UFPA

### **RESUMO**

Esse escrito vai apresentar os caminhos entrelaçados entre o campo da museologia e o Teatro de Animação, estreitando relações de procedimentos em seus fazeres acadêmicos e profissionais, criando possibilidades de se entender um conjunto de bens culturais, de caráter material que integra o acervo de bonecos do grupo "In Bust Teatro com Bonecos" como um conjunto de objetos/documentos, que correspondem ao interesse das artes cênicas e da documentação museológica, enquanto campo de atuação da Museologia que trata da recuperação e organização da informação relacionada aos objetos inseridos no contexto de musealização. Objetivando promover processos criativos através de oficina para catalogação e recuperação de acervo de bonecos da cena, foram aplicadas metodologias da documentação museológica em bonecos produzidos no período de 1998 a 2004. Para tanto, foi elaborada uma ficha catalográfica que atendesse as especificações informacionais do acervo, bem como um manual de preenchimento e ações de Conservação Preventiva também foram aplicadas num total de 502 bonecos. Dentre esses, 100 bonecos foram catalogados e registrados fotograficamente, gerando um banco com 1414 imagens técnicas, tratadas e sistematizadas através de código de identificação relacionado com a identificação do objeto. Além de possibilitar a gestão informacional da produção artística realizada pelo grupo, também foi possível apreender termos técnicos pertencentes a terminologias do teatro de bonecos ainda não sistematizadas nos instrumentos museológicos já publicados, que norteiam a classificação de acervos. A partir deste encontro de perspectivas, o indutor - ora boneco, ora objeto, ora documento, passa a ser o referencial na construção de uma poética particular, promovendo um outro olhar, na perspectiva da produção de conhecimentos nas artes teatrais da bonecagem e museológicas do extremo norte do Brasil.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Documentação Museológica. Teatro de Animação.  
Bonecos da cena. Gestão de Acervo. Ficha catalográfica.



## **O Inventário Participativo de Galópolis e a Gestão Comunitária do Patrimônio Industrial**

**Geovana Erlo**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGMusPa/UFRGS

### **RESUMO**

O trabalho analisa a potencialidade do método do inventário participativo dentro das metodologias de educação para o patrimônio como estratégia para o fomento à gestão comunitária do patrimônio industrial, principal tipologia patrimonial presente na região onde se aplica o Inventário Participativo de Galópolis – objeto de estudo desta pesquisa, realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS. Galópolis é um bairro da cidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul), que foi construído como vila operária a partir da implantação da primeira cooperativa têxtil da zona colonial italiana, em 1894. Esta indústria, posteriormente adquirida por Hércules Galló (origem do nome “Galópolis” como “Cidade de Galló”), organizou a vida dentro e fora do parque fabril em um modelo paternalista de gerência, que perpassou gerações até o final da década de 1990 e impediu a autonomia dos seus habitantes. O senso de pertencimento dos moradores a este território criado pela dinâmica industrial continua presente na realidade dos trabalhadores, fazendo com que haja uma demanda coletiva pela preservação do patrimônio cultural remanescente do período industrial áureo. Diversas foram as manifestações pela manutenção destas referências culturais desde a década de 1970, em sua maioria organizadas pelas entidades associativas do bairro, mas também pelo Poder Público e pela iniciativa privada. Esta última foi a responsável pela criação do Museu de Território de Galópolis (2015) que objetiva fomentar o turismo na localidade a partir da instalação de um “museu a céu aberto” elaborado com a participação da comunidade sob os preceitos da Museologia Social. Porém, avaliando o processo de musealização em questão, percebeu-se um baixo nível de envolvimento comunitário e uma reivindicação latente pela retomada do seu protagonismo na gestão patrimonial. Diante desta premissa, desde março de 2022 o Centro Comunitário e Cultural Galópolis vem realizando o Inventário Participativo de Galópolis, que busca refletir sobre a importância da participação popular na preservação do patrimônio industrial local. O estudo apresenta interpretações sobre os efeitos da intersecção entre a perspectiva da Museologia Social com o exercício de uma Educação para o Patrimônio aplicada ao Patrimônio Industrial, identificando a potencialidade do método do inventário participativo para o fomento à gestão comunitária de seu território.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia Social. Patrimônio Industrial. Gestão Comunitária. Educação para o Patrimônio Cultural. Inventário Participativo de Galópolis.



## **História das Mulheres no Acervo do Museu Julio de Castilhos (1995-2010)**

**Andréa Reis da Silveira**

Docente Universidade Leonardo Da Vinci - UNIASSSELVI

### **RESUMO**

O texto está situado nas perspectivas da História do Tempo Presente (HTP), em que o tempo é elástico no movimento entre o passado e o presente. A HTP retoma o político que deixa marcas no social, nas mudanças e permanências. Neste sentido, entende-se os museus como espaços políticos orientados à função social. A investigação apresentada tratou a respeito das representações produzidas sobre as histórias das mulheres rio-grandenses no acervo do Museu Julio de Castilhos (MJC). A análise partiu da apuração dos objetos musealizados adquiridos sob doação no intervalo de tempo de 1995-2010. Foram examinadas as coleções de Indumentária, Iconografia e Documentos, cujos dados consistiram da coleta ocorrida durante as 4 gestões do período, ocupadas por mulheres. O corpus documental da investigação contou ainda com os registros do banco de dados institucional, Sistema Donato 3.0, bem como os documentos dos arquivos permanentes da instituição. Verificou-se na análise que, as coleções do acervo que representam as histórias das mulheres, estiveram subsumidas por problemas decorrente da incorporação das peças, pelas narrativas insuficientes das agentes, doadoras e funcionárias do museu, denominadas de intelectuais mediadoras. Foi verificado ainda que a documentação museológica do acervo se mostrou estéril de informações, autorizando a composição museológica das narrativas alicerçada em estereótipos, que são persistentes no contemporâneo. A mecanização das informações do acervo no banco dados, feita de modo ineficaz, gerou representações significadas de ausências e silenciamentos das histórias das mulheres. Sem um planejamento interoperativo de dados e informações, as representações foram controladas a partir de um lugar social, decorrente de distinções de classe, etnia, faixa etária, religiosidade e estado civil, que emergiu das próprias mulheres que constituíram os registros museológicos. Essas não foram condizentes com as histórias e memórias das pluralidades de mulheres existentes em todos os tempos e espaços de atuação e presença. Considerou-se que os 1324 objetos relacionados como pertencentes as histórias das mulheres, obliteraram as suas vivências e os seus espaços de experiências.

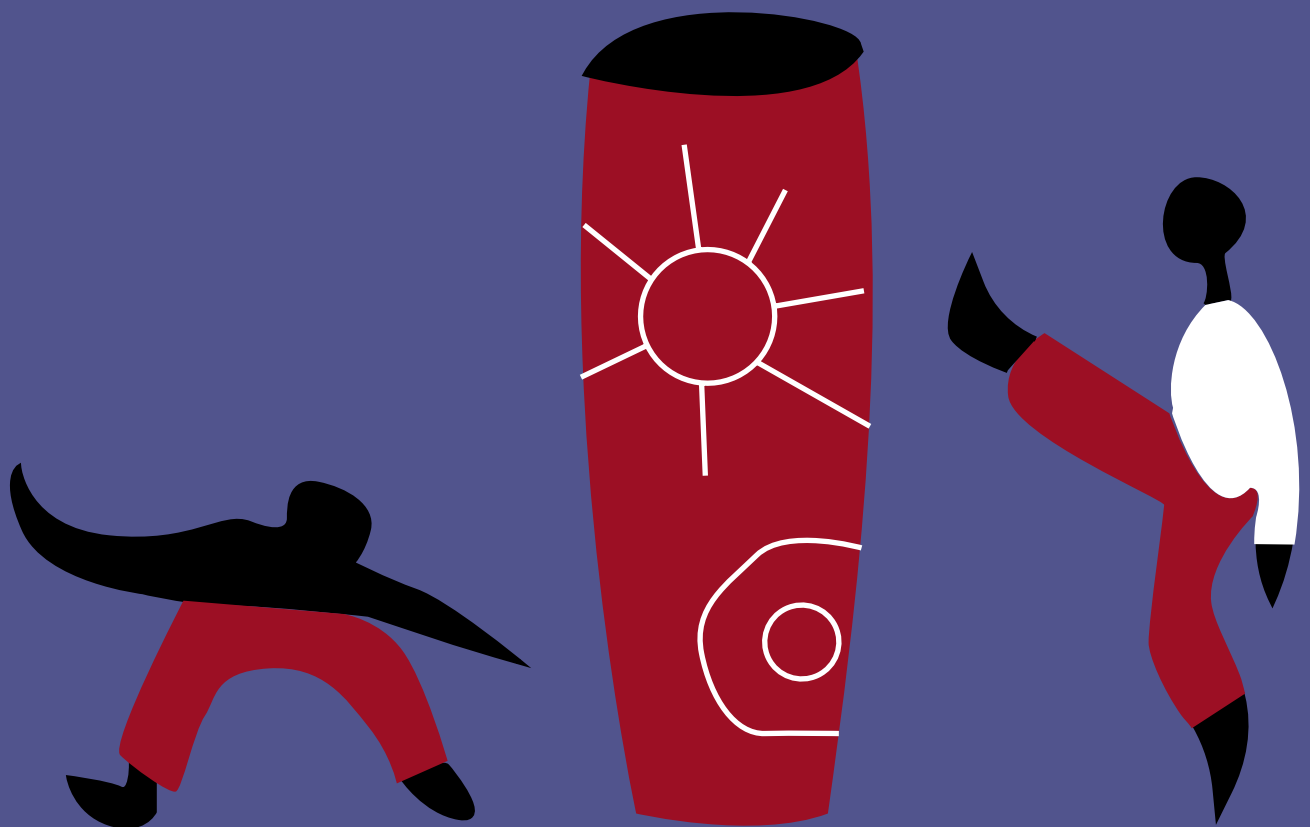
### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu. História das Mulheres. Representações. Acervos. Documentação.

5<sup>o</sup> Sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# PÔSTERES





## **Documentação museológica e arte contemporânea: a implementação do Tainacan no MACRS**

**Maria Luiza Mello**

Aluna de Museologia, UFRGS

**Bruna Martin**

Aluna de Museologia, UFRGS

**Adriana Boff**

MACRS

### **RESUMO**

O trabalho apresenta relato de experiência do projeto de implementação do repositório digital Tainacan no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Tem como objetivo descrever e analisar os procedimentos de documentação museológica aplicados nas etapas precedentes à difusão do acervo digital MACRS. Em parceria com o projeto de extensão Gestão e Divulgação de Acervos, do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2021 a equipe de acervo do MACRS desenvolveu um plano de trabalho que teve início na criação de um conjunto de metadados para o MACRS. A proposta de metadados teve como arcabouço os elementos da instrução normativa nº 2 do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), além dos padrões CDWA, Dublin Core e VRA Core. Estudou-se o uso de vocabulários controlados em acervos de arte contemporânea, através da investigação de terminologias utilizadas por outras instituições desta tipologia. O levantamento resultou em um estudo comparativo de vocabulários empregados pela Fundação Iberê Camargo (Porto Alegre/RS), o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) e a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da UFRGS. Tendo ciência da importância da padronização de vocabulários controlados para acervos museológicos e sua interoperabilidade, a equipe adotou o Art & Architecture Thesaurus (AAT), do Getty Research Institute. Procurou-se também vocabulários específicos para metadados como identidade de gênero e orientação sexual, localizações geográficas e formatos de arquivos digitais. O resultado desta fase foi a produção de um arranjo de vocabulários controlados e glossário de termos do MACRS. Elaborou-se então o manual de preenchimento do Tainacan MACRS, instrumento de assistência ao catalogador no momento de inserção de itens do acervo no repositório, que aponta diretrizes para o preenchimento de cada metadado, tendo como alicerce teórico o manual de Catalogação de Objetos Culturais (CCO) do VRA. A seguir, a ferramenta OpenRefine foi utilizada para o refinamento de dados e reconciliação de taxonomias da coleção piloto, Matéria Difusa. A etapa final, atualmente em andamento, contempla a publicização da coleção no Tainacan. Este processo desdobrou-se na concepção na mostra Relações de Pesquisa: Acervo MACRS em Rede, que propõe uma experiência visual dos processos de documentação, sistematização e pesquisa de um acervo museológico.



#### **PALAVRAS-CHAVE**

Documentação museológica. Arte contemporânea.  
Acervos digitais. Padrões de metadados. Tainacan.



## **Museu Casa Kubitschek: os processos e caminhos para a documentação do acervo fonográfico**

**Ana Beatriz Fóscolo Gomes**

Universidade Federal de Minas Gerais - Graduada em Museologia/ECI

### **RESUMO**

Baseado em minha experiência como estagiária e membro da equipe do Centro de Documentação e Gestão de Acervo do Museu Casa Kubitschek (MCK), o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os desafios e caminhos transpassados durante a primeira documentação detalhada do acervo fonográfico da Instituição, realizada entre 2021-2022. Como contextualizar um acervo fonográfico? Como ele dialoga com o restante dos acervos do Museu? Como se dá a materialidade e a imaterialidade do som quando colocado na perspectiva de um objeto musealizado? Qual relação à Instituição estabelece com as manifestações culturais e personalidades representadas? Para isso, realizo uma análise panorâmica da diversidade presente no acervo, bem como a identificação de suas barreiras e potencialidades a partir de uma revisão cronológica do processo documental. Localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, a edificação do Museu Casa Kubitschek foi idealizada, de acordo com o seu tombamento feito pelo IEPHA (2018), para ser uma residência de campo do então prefeito, Juscelino Kubitschek. Contudo, a sua apropriação foi realizada pela Família Guerra, moradores da residência por mais de 50 anos e patronos dos objetos resguardados pela instituição. Sendo assim, mesmo não se enquadrando totalmente nela, o Museu possui uma fina afinidade com a definição de Casa-Museu, tipologia que expõe um recorte de determinado período histórico através da ótica das personalidades que ali habitaram, sejam elas históricas ou anônimas. Contudo, como infere o Plano Museológico (2020-2024) do espaço museal, o acervo institucional é a edificação em si e seus objetos, logo, os diferentes modos de morar e transformar um espaço em lugar. Sendo assim, com tais perspectivas em mente, a documentação museológica do acervo fonográfico foi realizada, utilizando como metodologia o Caderno de Diretrizes Museológicas I, publicado pela Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais (2002). Com 103 objetos, a pesquisa teve como foco o reconhecimento historiográfico dos artistas presentes e a sua relação com os gêneros e estilos musicais que desenvolveram em seus trabalhos, o que permitiu encontrar os pontos de acesso do acervo, ou seja, formas com que se estabeleça uma linha de pensamento para futuras exposições e debates realizados pela Instituição. Como resultado, apresento as fichas catalográficas produzidas, bem como o desenvolvimento inicial da digitalização de tais informações através da plataforma Tainacan/WordPress.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Documentação Museológica. Coleção Fonográfica. Museu Casa Kubitschek



## **Documentando e mobilizando: o caso do Inventário Participativo de Galópolis**

**Naylane Giazzon Sartor**

Graduanda em História pelo Centro Universitário Internacional- UNINTER

**Geovana Erlo**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul- PPGMusPa/UFRGS

### **RESUMO**

O trabalho é um estudo de caso que reflete sobre a documentação de acervos familiares no processo de musealização do patrimônio cultural de Galópolis (bairro da cidade de Caxias do Sul/Rio Grande do Sul), realizado por meio do “Inventário Participativo de Galópolis” – projeto organizado e efetivado pela comunidade através do Centro Comunitário e Cultural Galópolis desde março de 2022. O projeto em questão foi executado com o objetivo de trazer à tona o senso de pertencimento dos moradores ao bairro, com a valorização de suas memórias individuais e coletivas, tendo em vista a demanda por participação comunitária nos processos que envolvem a patrimonialização local e que vem acontecendo principalmente após 2010 – período em que houve a retomada da História Oficial de Galópolis. A região foi o berço da primeira cooperativa têxtil industrial da zona colonial italiana, fundada ainda em 1894, quando imigrantes italianos expulsos de seu país (por organizarem uma greve) receberam lotes de terras devolutas do Estado na serra gaúcha. Embora a origem deste Lanifício tenha sido cooperativista, a fábrica ficou famosa após sua aquisição por Hércules Galló (que nomeia a localidade), personalidade que recebeu grande visibilidade pela historiografia local em detrimento da presença operária. Os encontros do Inventário Participativo de Galópolis reuniram pessoas com o interesse de retomar o seu papel protagonista na gestão do território e preservar a sua história e memória operária. Embora o Inventário (como é popularmente chamado pelos moradores) não seja uma instituição museológica, para alcançar tal premissa, se iniciou o processo de aquisição e catalogação do acervo trazido pelos participantes, com base nos preceitos da documentação museológica. Com impossibilidade de salvaguardar de forma física os objetos tridimensionais, fotográficos, documentais, bibliográficos e memórias orais trazidas pelos participantes, fez-se uso de um repositório virtual – o que proporcionou o acesso de forma facilitada aos demais interessados e auxiliou as pesquisas sobre a história local. De tal forma, pretende-se apresentar neste trabalho uma reflexão que relaciona os conceitos de Museologia Social, Patrimônio Cultural, História Crítica e Documentação Museológica, concluindo a necessidade de se documentar de forma científica iniciativas de gestão comunitária do patrimônio cultural, balizando o projeto em questão como uma iniciativa museológica de cunho comunitário.



### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia Social. Documentação Museológica. Gestão Comunitária do Patrimônio Cultural. Inventário Participativo de Galópolis. Memória operária.



## **A associação entre acervos de anatomia patológica e sua documentação histórica em arquivo permanente**

**Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de Oliveira**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

**Alexandra Corrêa Pereira**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

**Maria Karla Belo da S. Tavares**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

### **RESUMO**

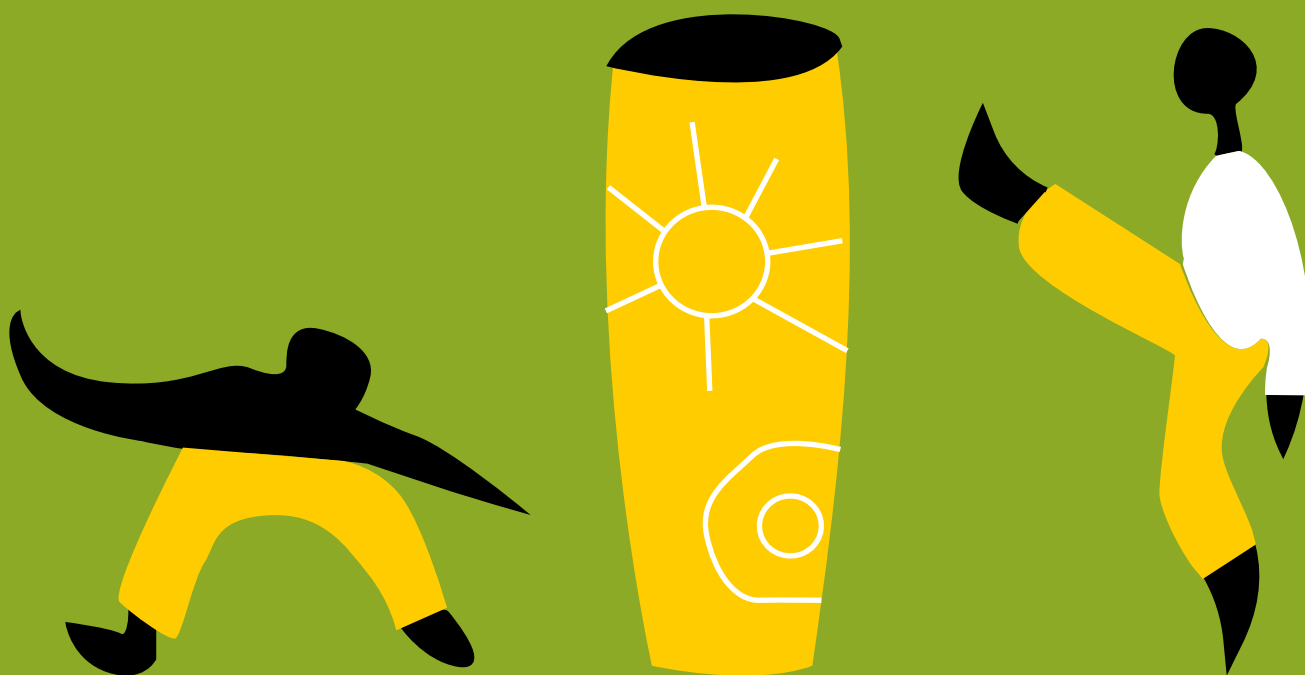
O presente trabalho busca refletir sobre a importância da documentação para o reconhecimento, difusão e preservação da Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP) do Museu da Patologia (MP). A CSAP foi formada nos idos de 1903, na profilaxia e diagnósticos necroscópicos de doenças como a Febre Amarela. Os órgãos com alterações eram selecionados e preservados pelo MP, unidade do Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz. Na década de 1970, ocorre uma intervenção militar na instituição com pesquisadores cassados e laboratórios fechados. A coleção foi afetada diretamente, tendo seu acervo dissociado e parte da documentação perdida. Nos anos 2000, cerca de 850 peças foram localizadas em um armazém da instituição e foi iniciado o processo de recuperação física do acervo. Um dos casos emblemáticos presentes na CSAP, é a peça anatômica 14.565, um coração fixado por Emmanuel Dias e utilizado como modelo para estudar a cardiopatia chagásica. As únicas informações estão contidas em uma etiqueta fragmentada que consta: nome do paciente, causa do óbito, pesquisador e local de coleta. Com isto, identificamos que Bambuí - MG tinha sido polo irradiador da doença de Chagas no país, a partir de 1943 com 368 casos agudos descritos e cerca de 10 mil casos crônicos. O processo de pesquisa se deu por meio da reconstituição da obra do pesquisador, documentos sobre o posto avançado em Bambuí e informações de pacientes através do arquivo institucional da Fiocruz. Neste período, pleiteamos o acesso aos prontuários médicos do Hospital Evandro Chagas, unidade da Fiocruz, que recebia autópsias e peças oriundas de Bambuí. Peças com alteração poderiam ser depositadas na CSAP, o que parece ser o caso do coração chagásico e de outras peças similares. Os apontamentos da pesquisa fazem parte do esforço do Museu de resgatar informações que contribuirão para a geração de conhecimento sobre o objeto enquanto estrutura física e valor simbólico. "A virtude de um objeto científico é indissociável da virtude da ciência: está na possibilidade de compreender o mundo à nossa volta e em conceder um significado mais global às nossas vivências do dia a dia." (LOURENÇO, 2000, p.109).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Documentação museológica. Coleção biológica. Massacre de Manguinhos.

Pesquisa documental. Banco de Dados.

**GT 8**  
**COLEÇÕES, MUSEUS E REDES DE  
COOPERAÇÃO NAS UNIVERSIDADES**





## **GT 8 - COLEÇÕES, MUSEUS E REDES DE COOPERAÇÃO NAS UNIVERSIDADES**

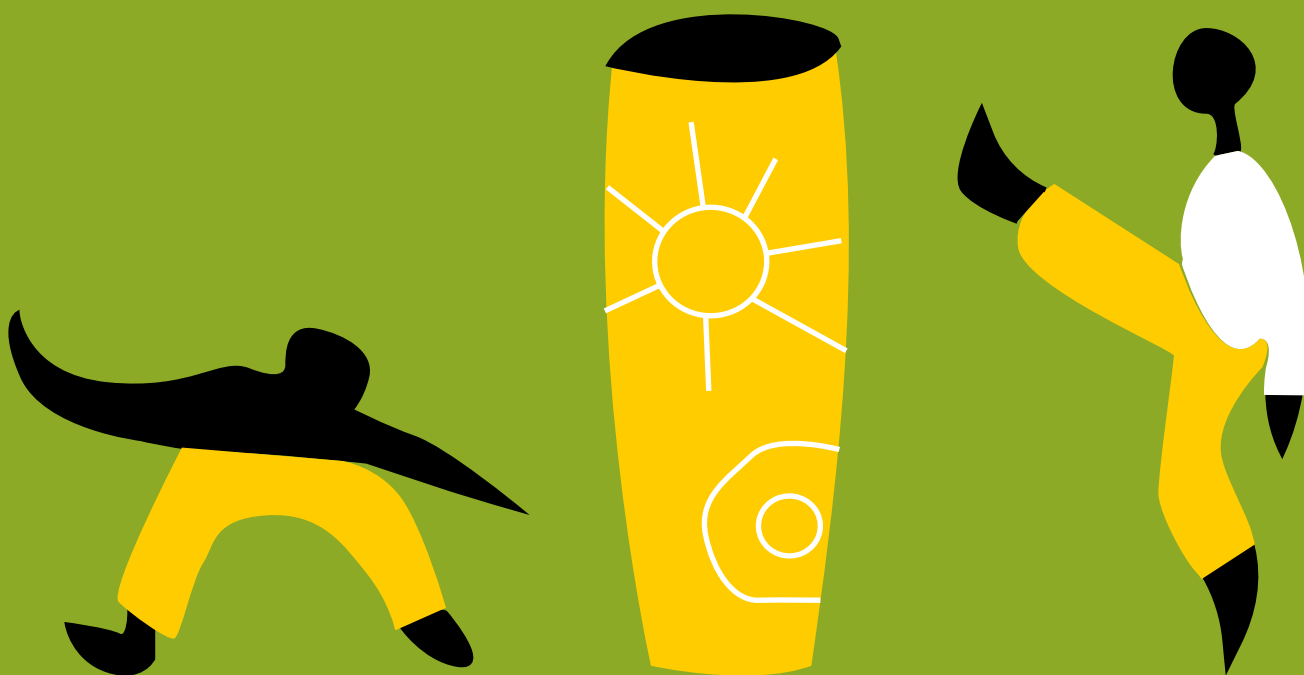
### **Coordenadores**

Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL)  
Mauricio Candido da Silva (Museu de Anatomia Veterinária FMVZ USP)  
Hugo Xavier Guarilha (UFOP)

### **Resumo**

O patrimônio histórico, cultural, artístico, natural e científico brasileiro é notadamente representado, em boa parte, nas coleções universitárias. Os acervos existentes nas instituições de educação superior são utilizados no tripé pesquisa, ensino e extensão e abrangem todos os campos do conhecimento. Na busca da preservação deste rico patrimônio, há mais de 20 anos, no Brasil, surgiram as primeiras redes que visam articular esses espaços para proteção e difusão do conhecimento científico produzido, a partir das coleções universitárias. Na atualidade esse movimento teve um novo impulso, onde várias iniciativas surgiram mostrando o seu potencial de articular o trabalho cooperativo necessário para a promoção deste conjunto patrimonial. Neste contexto, o grupo de trabalho Redes de Coleções e Museus Universitários, ConectaRmus, nasceu no VI Fórum Permanente de Museus Universitários, em outubro de 2021, com a proposta de conectar e apoiar as redes e os sistemas de coleções e museus universitários. Trata-se de um espaço de troca de ideias e informações com o objetivo de aprender uns com os outros, como uma forma de ampliação do debate. O Grupo de Trabalho Coleções, Museus e Redes de Cooperação nas Universidades dentro do 5º Sebramus busca reunir estudos que abordem essa temática e ampliar a discussão sobre o tema. A troca de conhecimentos entre os trabalhos mais longevos com os mais recentes podem proporcionar o fortalecimento dos processos e aproximação das diferentes experiências. No entendimento que redes são positivas e realmente conectam seus membros em função do seu caráter democrático e participativo nas questões envolvendo os processos de salvaguarda, comunicação, educação e pesquisa relacionadas ao patrimônio museológico universitário, torna-se imprescindível a discussão do conhecimento produzido a partir das redes criadas ou em criação nas universidades brasileiras.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Coleções e Museus Universitários: um ecossistema museal emergente

**Mauricio Candido da Silva**

Instituição e vínculo

Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia  
da Universidade de São Paulo

### RESUMO

A presente proposta de comunicação tem por objetivo apresentar aspectos do conceito de **Ecosistema Museal Emergente** identificado nas instituições de educação superior no Brasil. Esta nova proposição está baseada na busca de uma síntese para a complexa teia de interações entre as coleções e os museus existentes no ambiente acadêmico. O patrimônio museológico universitário mapeado abrange uma ampla categoria de pelo menos 45 denominações distintas, que aqui estão contidas na ideia representativa de **Núcleos Museológicos Universitários**, sendo eles, por natureza, heterogêneos, intersticiais e símbolos da modernidade das universidades, como espaços públicos e cientificamente organizados. Com maior ou menor grau, atuam na pesquisa, no ensino e na extensão universitária, seja em seu conjunto ou em um destes pilares da estrutura da universidade. Na mesma equação, cada Núcleo isoladamente desenvolve o conjunto do processo de trabalho inerente a todo museu, ou mesmo em parte dele, ou seja, na salvaguarda e/ou na comunicação do patrimônio tangível e intangível. Identificados e categorizados como Sistemas Complexos (processos integrais) e Sistemas Específicos (processos parciais), a observação de multiplicidades de simples interações entre os Núcleos nos permite propor a existência de um **Ecosistema Museal Emergente** endêmico nas instituições brasileiras de educação superior. Potente, mas frágil, ele é significativo dentro do patrimônio da humanidade, pois em seu DNA estão as estruturas museais e universitárias, sociais e científicas, modernas e contemporâneas, de alta significância cultural. Sem os museus e sem as universidades, o humanismo, como o entendemos, não existiria. Estabelecido a partir da pesquisa de pós-doutorado e da constituição da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU), este trabalho foi iniciado em 2017 e continua ativo. Entre os resultados desta pesquisa, destaca-se a consolidação da implantação de uma ampla rede nacional de profissionais, pesquisadores, docentes e alunos interessados no tema, por meio da estruturação de uma plataforma digital que congrega um conjunto de quatro bases de dados abertas para consultas sobre núcleos museológicos, pessoas, publicações e eventos (<http://rbcmu.com.br>). A pesquisa substanciou o projeto da RBCMU implantada e com vocação a tornar-se uma referência para os estudos no campo da museologia.

### PALAVRAS-CHAVE

Museus Universitários. Redes de Museus.  
Coleções Museológicas. Patrimônio universitário.



## **Museus Universitários de Arte no Brasil: Perspectivas e atualizações**

**Humberto Torres Gonzales**

Universidade Federal da Bahia ,Mestrando

**Ana Helena da Silva Delfino Duarte**

Universidade Federal de Uberlândia ,Professora Associada

### **RESUMO**

Dentre os múltiplos perfis de instituições museológicas, constata-se uma categoria responsável pela salvaguarda e comunicação de objetos, coleções e saberes que encontram-se sob os cuidados administrativos de instituições de ensino superior. Os museus universitários estão inseridos em uma configuração que se estabelece a partir da convergência entre a esfera museológica e a esfera universitária, e portanto, encontram-se sujeitos às lógicas, práticas e especificidades de ambos os contextos. Este ponto interseccional confere a tais museus, notáveis potencialidades comunicacionais, considerando sua inserção e atuação pautada na dinâmica universitária do ensino, da pesquisa e da extensão. Isto posto, o presente estudo tem por objetivo, investigar e apresentar considerações em movência acerca de uma tipologia específica dessa natureza de instituição: os museus universitários de arte, que, analogamente aos demais museus, compreendem subdivisões características, sistematizadas a partir da natureza de seus acervos, como obras de arte moderna, objetos votivos e de arte sacra ou produções em arte contemporânea, a título de exemplo. Respaldados pela base de dados do repositório da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) e do Mapa de Museus Universitários no Brasil, publicizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), bem como embasados nas referências e nas reflexões verificadas ao longo da pesquisa de mestrado do autor, atualmente em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU-UFBA), o escrito revisita a literatura científica previamente desenvolvida acerca dos museus universitários de arte no contexto brasileiro, com a finalidade de apresentar um recorte atualizado do vasto panorama que compreende a pluralidade de instituições e práticas museológicas-universitárias, com foco dirigido à sua quantificação e às já mencionadas especificidades de acervos passíveis de serem encontradas nos referidos museus.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museus Universitários. Museu de Arte. Museus Brasileiros.  
Museus Universitários de Arte. Acervo.



## **Documentação e Conservação do Acervo de Patologia da Faculdade de Medicina da USP**

**José Guilherme Veras Closs**

Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo e  
Laboratório de Patologia Ambiental e Experimental/ LPAE-LIM , (05 Departamento de Patologia da Faculdade de  
Medicina da Universidade de São Paulo-HC/FMUSP

**Karina do Valle Marques**

Laboratório de Cirurgia Experimental e Técnicas Cirúrgicas , Departamento de Cirurgia da Universidade Federal de  
Uberlândia-UFU

**Mariana Matera Veras**

Laboratório de Patologia Ambiental e Experimental) LPAE-LIM , (05 Departamento de Patologia da Faculdade de  
Medicina da Universidade de São Paulo- HC/FMUSP

### **RESUMO**

Na então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje Faculdade de Medicina da USP, a regência da primeira cátedra de Patologia Geral foi do Prof. Alexandre Donati (1877-1949), mas foi somente com a nomeação do Prof. Ludgero da Cunha Motta (1888-1967) para catedrático de Patologia Geral e Experimental em 1925 que a Patologia viu avanços significativos na pesquisa e ensino. A USP possui o Museu de Anatomia Humana Professor Alfonso Bovero, que guarda o resultado de anos de trabalho para produção de peças anatômicas (<https://museu.icb.usp.br/>). No entanto, as peças produzidas no Depto. de Patologia permaneceram guardadas no prédio definitivo da FMUSP. Essa coleção inclui espécimes de órgãos afetados por doenças raras, fetos malformados e doenças comuns em estágios muito avançados de desenvolvimento. Nosso objetivo é transformar este acervo em um museu virtual de anatomia patológica 3D, autoguiado e gratuito. Dentre nossas motivações, está a irreproduzibilidade dessa coleção pelo avanço nos métodos de diagnóstico, prevenção e tratamento. Além de visitas virtuais ao museu, pretendemos criar um catálogo online para fins de pesquisa e aprendizado contendo imagens 3D interativas de todos os espécimes. Além disso, todas as peças serão tomografadas para aqueles interessados em diagnósticos por imagem. Também haverá a descrição do caso, a historiografia da doença na América Latina, etiologia, tratamentos passados e atuais, métodos diagnósticos, mapas de incidência no Brasil e um link para uma aula de patologia geral do sistema a que o espécime pertence. Um plano museológico começou a ser realizado em 2021 e está sendo implantado para que este museu possa contribuir tanto para o ensino, como para a formação de profissionais de saúde, além de proporcionar ao público em geral a possibilidade de entender e conhecer as principais patologias que acometem o corpo humano. O levantamento das peças foi realizado, atualmente contamos com cerca de 400 peças, que estão sendo catalogadas e revitalizadas, para então serem tomografadas e digitalizadas. Pretendemos ainda, contribuir com novas peças relacionadas a doenças emergentes como a COVID19, hepatite viral infantil entre outras provenientes de casos autopsiados junto ao Serviço de Verificação de óbitos da Capital –SP. Assim, este novo museu pretende suprir a falta de peças anatômicas patológicas para fins didáticos, promover novas alternativas de ensino



(online) de anatomia e patologia, compartilhar conhecimentos, além de preservar o acervo do Departamento de Patologia reconhecendo seu valor histórico. Esperamos oferecer aos visitantes do Museu virtual uma experiência educacional e interativa em um ambiente autoguiado, com informações abrangentes e confiáveis relacionadas aos processos de saúde e doença.

**PALAVRAS-CHAVE**

Musealização. Ações Curatorias. Anatomia patológica.



## Financiamento para museus e acervos universitários

**Hugo Xavier Guarilha**

Universidade Federal de Ouro Preto - Servidor Técnico Administrativo em Educação

**Raquel Leite Braz**

Universidade Federal de Ouro Preto - Servidora Técnico Administrativo em Educação

### RESUMO

Neste trabalho vamos apresentar um estudo realizado no âmbito da Rede de Museus e Acervos da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, no qual sistematizamos algumas informações sobre o financiamento de projetos e atividades realizadas por museus e outros setores responsáveis pela preservação e gestão de coleções universitárias. Esta reflexão tem em vista o estabelecimento de condições adequadas para o tratamento museológico e a abertura dos acervos para as comunidades, de modo a colaborar para o melhor cumprimento tanto da função social dos museus como das universidades. A busca por financiamento é um dos grandes desafios enfrentados nos processos de gestão de museus e acervos universitários. A pesquisa realizada em 2020 pelo Grupo de Trabalho Interministerial Museus Federais indica que 88% das 166 instituições de caráter museológico vinculadas ao MEC que responderam ao formulário não possuem orçamento próprio; 90% não apresentam mecanismos para captação direta de recursos; e 45% contam exclusivamente com a verba oferecida pela instituição federal de ensino superior para a manutenção de suas atividades. Outro dado relevante é que das 166 instituições que participaram da pesquisa, apenas 9 estabelecem parcerias com associações de amigos. As redes de museus universitários podem contribuir em um processo de maior reconhecimento das ações de preservação de acervos nas instituições de ensino superior, o que certamente inclui o trabalho para um melhor planejamento e garantia de dotação orçamentária específica para a gestão de coleções museológicas. Entretanto, a realidade de corte de recursos que vivemos nas universidades públicas nos empurra para a investigação de meios para a captação externa. A solução mais satisfatória certamente seria poder contar com o financiamento público, porém na prática essa perspectiva tem gerado condições de trabalho muito ruins para os profissionais de museus universitários, além de projetar as coleções universitárias em situações de risco. Nossa motivação em estudar as possibilidades para a captação externa de recursos é promover uma melhor compreensão dos caminhos e das perspectivas da administração pública nesse contexto. Vamos refletir sobre a criação de associações de amigos no âmbito das redes de museus universitários e sobre as diferentes possibilidades de apoio que elas podem oferecer junto a leis de incentivo, editais externos ou mesmo junto a iniciativas privadas e crowdfunding.

### PALAVRAS-CHAVE

Redes de museus. Acervos universitários. Financiamento.  
Associação de Amigos. Captação de recursos.



## Museus universitários: retomando a temática dos públicos

**Adriana Mortara Almeida**

Escola de Ciência da Informação da UFMG - Professora adjunta

### RESUMO

Há 20 anos atrás provoquei a discussão sobre os públicos de museus universitários, questionando a vocação dessa tipologia de museu. Naquele momento, a partir de pesquisas, identifiquei diferentes interlocuções com públicos por coleções e museus universitários na América do Norte e Reino Unido. Alguns museus serviam exclusivamente aos públicos universitários (alunos, funcionários e professores). Outros tinham se afastado da comunidade universitária e recebiam prioritariamente “públicos não-universitários”, ou seja, turistas, estudantes e professores de nível básico. E havia aqueles museus que atuavam tanto para os públicos universitários e não-universitários. Essas vocações diversas também estavam presentes em coleções e museus universitários brasileiros. Desde então houve um processo de construção de redes nacionais e internacionais de museus universitários, potencializadas pela constituição do Comitê Internacional de Coleções e Museus Universitários do Conselho Internacional de Museus (UMAC-ICOM) no ano 2000. A identificação e mapeamento dos museus universitários ao redor do mundo deu maior visibilidade a essas instituições e facilitou a troca de experiências. No Brasil, reuniões do Fórum Permanente de Museus Universitários (iniciadas em 1992) e a constituição da Rede de Coleções e Museus Universitários (2017) proporcionaram a articulação de profissionais de diferentes universidades na busca de soluções para desafios comuns. Neste ano de 2022, a nova definição de “museu” do ICOM afirma que os museus são acessíveis e inclusivos e que, com a participação de comunidades, promovem o compartilhamento de conhecimento. E como estão os museus universitários atualmente? São acessíveis e inclusivos? Trabalham junto às comunidades? É fundamental identificar quem são as pessoas que compõem as “comunidades”. Caso sejam alunos, funcionários e professores da universidade, é possível observar avanços? E se as comunidades são formadas por moradores do entorno do museu, como são construídas as relações? Considero que coleções e museus universitários ainda têm muito a avançar em suas relações com públicos, muito além de ações realizadas pelos setores educativos. Defendo que as relações com públicos devam estar presentes na política institucional, lideradas pela gestão. Sem isso não há consolidação que garanta continuidade, tão importante quando tratamos de ações com/para públicos de museus.

### PALAVRAS-CHAVE

Museus universitários. Públicos. Comunidades.



## **Museu da Rádio da UFRGS :um acervo em busca de seu lugar**

**Letícia Turcato Heinzelmann**

Jornalista pela PUCRS ,graduanda em Museologia pela UFRGS e bolsista do SPH

**Camila Casarotto Martins**

Mestranda em Museologia e Patrimônio - PPGMUSPA/UFRGS

**Lizandra Caon Bittencourt**

Mestranda em Museologia e Patrimônio - PPGMUSPA/UFRGS

Graduanda em Museologia pela UFRGS

### **RESUMO**

Prestes a completar 65 anos operando na frequência 1080kHz, a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é pioneira na radiodifusão universitária, transmitindo experimentalmente desde 1950 ensinamentos, palestras e informações do Observatório Astronômico, em ondas curtas. Em 1960, a emissora que operava vinculada ao Instituto de Física é transferida para seu atual endereço, o prédio da antiga Seção de Meteorologia do Observatório Astronômico da Escola de Engenharia. Após chegar a ser retirada do ar em 1953 pela ousadia de manter programação musical, a Rádio da UFRGS se torna na década de 1990 a primeira emissora AM de Porto Alegre a transmitir músicas utilizando a tecnologia de disco laser. Em meio à crescente modernização, em 2002 é inaugurado o Museu da Rádio da UFRGS, com o objetivo de preservar a história da radiodifusão universitária. Não se sabe ao certo em que momento o museu deixou de receber manutenção, sendo desconhecido a existência de inventário de acervo. Fato é que a instituição não conta com qualquer suporte para a conservação preventiva e nem mesmo suportes expográficos para a coleção, que está em depósitos ou integrada ao mobiliário do prédio, que hoje é inteiramente ocupado por atividades cotidianas das emissoras de rádio e TV da UFRGS. Desde 2020, o prédio centenário é destaque do Dia da Doação, iniciativa do Setor de Patrimônio Histórico (SPH) para angariar fundos para sua reforma e implantação de acessibilidade. A ação se encerra em dezembro de 2022, dias após o aniversário da Rádio da UFRGS, em 18 de novembro. Em meio a duas datas tão importantes para a memória e a preservação da história, no ano em que o Museu da Rádio completaria duas décadas, faz-se pungente lembrar de destinar atenção museológica a seu acervo, que resiste mesmo sem cuidados específicos. Por isso, a instituição vem se aproximando da Rede de Museus e Acervos UFRGS (REMAM), a qual deve passar a integrar, e busca viabilizar uma exposição de curta duração no final do ano, a fim de dar visibilidade para a coleção e atuar para a reinstitucionalização do museu. Este trabalho tem como objetivo discutir o uso das exposições como ferramenta de comunicação e alertar a respeito da importância de coleções e instituições que estão invisibilizadas, mesmo dentro da Universidade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Rádio da UFRGS. Museus universitários. REMAM.

Patrimônio histórico. Coleções.



## **Museus universitários da UFPA: mapeamento e considerações iniciais**

**Manuela Soutello Mendes da Fonseca Santos**

Universidade Federal do Pará- UFPA  
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação- PPGCI/UFPA

**Alegria Benchimol**

Universidade Federal do Pará- UFPA/(Museu Paraense Emílio Goeldi- MPEG  
Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação- PPGCI/UFPA  
Docente do programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural- PPGDS

**Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- Unirio  
Docente no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST- PPGMus/USP

### **RESUMO**

Uma universidade pode, dentro de seus muros, ter espaços como museus, coleções, reservas técnicas, laboratórios ou centros de ciências. Na Universidade Federal do Pará (UFPA), criada em 1957, há 12 *campi* no Estado, com 15 institutos, oito núcleos, além de escolas, hospitais e polos de educação à distância (EaD). Esta dimensão nos permitiu o mapeamento de 14 espaços culturais e científicos localizados na cidade de Belém, dentro e fora do campus universitário. Os resultados compartilhados compõem a pesquisa de dissertação intitulada “Museus Universitários da Universidade Federal do Pará (UFPA): um olhar da Ciência da Informação e da Museologia”, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPA (PPGCI/UFPA). Nosso objetivo para este trabalho é apresentar o mapeamento atual de museus, coleções e espaços culturais da UFPA, analisando-os sob a ótica da Ciência da Informação e da Museologia, por meio das suas práticas de ensino, pesquisa e extensão. Em virtude da pandemia de COVID-19, o levantamento realizado foi exclusivamente *online* e compreendeu como fontes: Portal da UFPA, *sites* dos Institutos e *sites* dos espaços, regimentos, quando disponíveis, planos de desenvolvimento das unidades, relatórios de atividades. Além de fontes externas à Universidade, tais quais: Guia dos Museus Brasileiros (2011), Plataforma MuseusBr, Mapa de Museus Universitários no Brasil (2021), base de dados do Comitê Internacional para Museus e Coleções Universitárias (UMAC), Guia de Museus e Galerias de Arte de Belém (2010), e as Plataformas Sucupira e Currículo Lattes. Nesta perspectiva, alcançamos o total de 14 espaços distribuídos em seis Institutos, dois Núcleos e uma Unidade. Com exceção do Museu da UFPA, os demais espaços surgiram, predominantemente, a partir de projetos de pesquisa ou extensão. A consulta aos Regimentos Internos mostrou que menos da metade dos espaços é mencionado, o que significa uma falta de reconhecimento desses locais que atuam como meios de ensino, pesquisa e extensão, além de apresentarem a Instituição para o público externo, uma das características do museu universitário. Estas atividades, por vezes, exercem o papel de divulgação



científica, sintetizando um viés da Comunicação na Ciência da Informação, e da comunicação da Museologia, como parte do processo de musealização. Ponderamos que o reconhecimento dos espaços dê maior visibilidade e colabore para uma atuação em rede, fortalecendo os mesmos.

**PALAVRAS-CHAVE**

Museus universitários. Universidade Federal do Pará.  
Ciência da Informação. Museologia.



## **Museus Universitários Federais- Uma abordagem em processo coletivo**

**Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha**

Universidade Federal da Bahia - Docente

**Cláudia Rodrigues Carvalho**

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Docente

**Letícia Julião**

Universidade Federal de Minas Gerais - Docente

### **RESUMO**

Essa comunicação tem por objetivo apresentar dados relativos a análise diagnóstica das condições de uso, funcionamento e manutenção dos museus das IFEs brasileiras, realizada por grupo de assessoria ao GT de Museus da Andifes (constituído em 2020) em trabalho de colaboração com o MEC. Essa ação visou fornecer subsídios ao Ministério da Educação, para a elaboração de um plano de ação, em atendimento ao disposto no Acórdão 1243/2019, do Tribunal de Contas da União, visando identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos públicos”. Para tal, foi criado grupo de assessoria ao GT de Museus da Andifes, com a designação, da Prof<sup>a</sup> Cláudia Rodrigues Carvalho (UFRJ), Prof<sup>a</sup> Letícia Julião (UFMG) e Prof. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (UFBA). A base de análise foi formulário de coleta de dados, concebido pelo MEC e IBRAM, composto por sete blocos de questões: Identificação; Caracterização Institucional; Instrumentos de Gestão; Condições de funcionamento e segurança do museu; Avaliação de Riscos; Acervo e Financiamento e Fomento. Da análise dos dados o grupo produziu representação gráfica, interpretação e análises das informações. Em linhas gerais o que foi possível depreender das informações aos museus Universitários federais é um cenário marcado pela diversidade tipológica e do perfil dessas instituições, dos acervos preservados, dos contextos de gênese, dos vínculos institucionais no organograma das IFEs, de trajetórias e do papel que desempenham no meio acadêmico. Foi compreendido que tal diversidade constitui potencialidade no horizonte das atividades de pesquisa, ensino e extensão universitárias, devendo orientar o estabelecimento de normativas e de um plano de ação que observem, sem hierarquização, distintos contextos de patrimonialização e musealização. Em meados do ano de 2022, já com indicações de ações a serem desenvolvidas pelos museus, a partir de documento do TCU, a discussão foi retomada, com reativação do grupo, em reuniões periódicas e elaboração de novo questionário de aprofundamento, encaminhados para preenchimento por parte dos gestores dos Museus Universitários Federais. Essa comunicação pretende, então, dar conhecimento do estado das análises e providências operacionais ocorridas nos Museus, a partir das avaliações realizadas e estratégias de ordenamento e adequação, visando organizar e otimizar o cenário dos Museus Universitários Federais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museus Universitários. Gestão. ANDIFES. Avaliação.



## **Memorial da FAMED: projeto para salvaguarda e preservação do seu patrimônio e memória**

**Rosangela Cristina Ribeiro Ramos**

Historiadora .Graduanda em Museologia-UFRGS

**Shirlei Galarça Salort**

Mestre em Educação ,Bibliotecária da Faculdade de Medicina da UFRGS ,Coordenadora do Projeto Memorial da FAMED/UFRGS e Membro da Rede de Museus da UFRGS/ REMAM

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta as ações realizadas no Projeto Memorial da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também denominado Memorial da FAMED. Trata-se de um projeto de extensão cujo objetivo é a recuperação, salvaguarda e divulgação do patrimônio material e imaterial da instituição. São abordados aspectos da trajetória da Faculdade, que em julho deste ano completou 124 anos, e as principais ações desenvolvidas nos eixos de trabalho, em prol da preservação e conservação do patrimônio cultural. Os eixos de trabalho do projeto envolvem o tratamento das coleções arquivísticas, bibliográficas e museológicas, e compreendem: Ações de acervo, cujo objetivo é inventariar as coleções e realizar a organização e gestão dos diferentes acervos; História oral, a fim de coletar depoimentos, a partir da realização de entrevistas com personagens históricos; Documentação histórico-administrativa, cultural e acadêmica, com o intuito de inventariar, catalogar, indexar e restaurar documentos e objetos; e Memorial Virtual, para dar amplo acesso às coleções. Atualmente, as atividades de cada eixo estão sendo realizadas paralelamente, mas é importante ressaltar que algumas estão mais adiantadas do que outras, seja em decorrência das políticas institucionais ou da carência de recursos financeiros e humanos. A Universidade possui uma política de acervos bem definida no que tange a salvaguarda das coleções arquivísticas e bibliográficas, tendo em vista as legislações federais consolidadas nessas áreas. Porém, no tocante aos acervos museológicos, ainda há a necessidade de criação de políticas institucionais. Contudo, em 2018, iniciou-se o tratamento das coleções museológicas da FAMED, partindo de um arrolamento inicial dos objetos, no qual foram descritas as principais categorias dos itens encontrados, dentre elas: iconografia, placas, mobiliário, troféus e numismática. Recentemente, foi criado um site para divulgação do projeto e das coleções, e com o retorno das atividades presenciais na Universidade, após dois anos de suspensão em decorrência da pandemia de covid-19, foram retomadas as ações de organização, higienização e arrolamento dos objetos museais, assim como, as atividades de digitalização do acervo bibliográfico histórico, que compõem o projeto. Além disso, pretende-se concluir a política de gestão de acervos e iniciar a coleta dos depoimentos dos personagens históricos, a fim de registrar e complementar a memória institucional.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimônio. Memória. Memorial da FAMED.

Documentação. Gestão de acervos.



## **Museu “Luiz de Queiroz”: ações de valorização do acervo para uso como recurso didático**

**Charles Albert Medeiros**

Museu e Centro de Ciências ,Educação e Artes” Luiz de Queiroz - “ESALQ/USP - Pesquisador

**Edno Aparecido Dario**

Museu e Centro de Ciências ,Educação e Artes” Luiz de Queiroz - “ESALQ/USP - Pesquisador

**Rosebelly Nunes Marques**

Escola Superior de Agricultura” Luiz de Queiroz - “ESALQ/USP- Docente

### **RESUMO**

O Museu “Luiz de Queiroz” possui um acervo composto por objetos tridimensionais, iconográficos e textuais, com variação de tempo de 20 a 120 anos de existência, que remetem às suas aplicações, na trajetória da Escola e a evolução do ensino de ciências agrárias. Dessa forma, o espaço é atualmente um polo de atividades de ensino, pesquisa e extensão, tanto para alunos da universidade quanto para colaboradores e público geral. Por meio de ações envolvendo tais temas e de áreas correlatas (física, química, história, biologia, solos, dentre outros), são feitos processos de transposição didática, através de monitorias com os visitantes, atrelando a divulgação científica e a valorização do ensino com narrativas, exposições e atividades práticas. Porém, com a constante evolução de métodos educativos e por conteúdos acessíveis e didáticos, o retrabalho de informações, expografias e bases de dados se mostrou necessário. Em virtude de tais demandas, foram selecionados três ambientes do Museu, cada qual com uma proposta para reestruturação, sendo elas: 1) revisão de conteúdo e disposição de itens expostos, junto a adição de novos materiais sobre mecanização e agricultura; 2) unificação de dois ambientes para melhor visibilidade da história da ESALQ e o cotidiano dos alunos, oferecendo oportunidades de entender e aplicar o acervo adjunto a textos mais simples, porém técnicos; 3) utilização do espaço desfeito para a elaboração de um ambiente temático, trazendo à tona itens da coleção guardados em reservas técnicas, dados e informações, discorrendo sobre laboratórios práticos de ciência. Ainda, adjunto a tais pontos, foram elaborados jogos didáticos de ensino, que acompanham as temáticas dos ambientes, transformando o conhecimento em algo mais prático e dinâmico, por meio tanto da revisão e adequação de textos físicos, como a adição de conteúdo virtual, acessível por QR Codes. Dessa forma, esse projeto trouxe ao Museu resultados em três frentes: 1) valorização do acervo, relevância histórica e melhor acessibilidade para o público quanto ao conteúdo e material exposto; 2) melhores oportunidades para aprendizado e apreciação da trajetória da ESALQ e das ciências agrárias; 3) oportunidade para replicação das ações nos demais ambientes da unidade. Com isso, a proposta busca agora melhorar ainda



mais o Museu e seu conteúdo, visando dispor ao visitante, maior qualidade e oportunidades para acesso do conhecimento, demonstrando a relevância de coleções universitárias.

**PALAVRAS-CHAVE**

Transposição didática. Recursos de Ensino.  
Educação não formal. Ciências agrárias.



## **A experiência colaborativa na exposição de 50 anos do Museu Antropológico/UFG**

**Diego Teixeira Mendes**

Museu Antropológico/UFG

**Manuel Ferreira Lima Filho**

Museu Antropológico/UFG

**Rafael Lemos de Souza**

Museu Antropológico/UFG

### **RESUMO**

Ao iniciarmos a concepção da exposição comemorativa dos 50 anos do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, não tínhamos clareza aonde chegaríamos. Isto se deu porque desde o início nossa única era: a exposição deveria ser concebida e executada de forma compartilhada com os nossos interlocutores. Foi a partir daí que iniciamos uma série de encontros e oficinas com os diferentes atores: equipe do MA/UFG (antropólogos, arqueólogos, arquivistas, arquitetos, assistentes administrativos, designers, museólogos, restauradores/conservadores, educadores, eletricitas, marceneiros, pintores e funcionários terceirizados da limpeza e segurança) e os curadores convidados Autaki Perí (Waujá), Leomar Wainnê Xerente, Michael Rã'wa Tsa'e'omo'wa (Xavante), Ailton José Meri Ekureu (Boe Bororo), Idjaruma Kamayura Karajá, Jeronilson Quirino da Silva (Kalunga do Vão do Moleque), Lorryne de Aquino dos Santos Rosa (Kalunga do Vão das Almas), o Coletivo Desencuca (ligado à luta antimanicomial e saúde mental) e Giovanna Silveira Santos (museóloga/antropóloga representante da cultura Hip-Hop). Esse movimento derivou pesquisa sistemática nas reservas técnicas arqueológicas e etnográficas da instituição objetivando o diagnóstico e escolha de objetos por parte dos curadores. Em alguns casos, constatamos a ausência de materialidades representativas dos grupos, o que gerou o movimento de produção na comunidade de objetos para doação ou aquisição pelo MA. No caso do Hip-Hop a curadora optou por uma Expografia sem objetos; por sua vez, o Coletivo Desencuca emprestou três objetos que marcam suas performances e podem ser retirados para uso em determinadas ocasiões. Todo esse processo ocorreu em meio ao movimento das pessoas e materialidades com suas casas/comunidades espalhadas pelo país. Cabe ressaltar que fomos também impactados pela pandemia de Covid-19 que demandou novas estratégias de comunicação com os atores. O presente trabalho visa apresentar essa experiência e seus resultados. Buscaremos discutir o processo colaborativo como um desdobramento da história institucional, a necessidade de flexibilidade metodológica, a elaboração e escolha de textos e imagens - que envolveu o apontamento de potencialidades e fragilidades das relações estabelecidas - e a resposta dada às demandas de autorrepresentação por parte de pessoas/coletivos que marcamos museus na contemporaneidade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Colaboração. Museu Antropológico/UFG. Indígenas. Quilombolas. Grupos urbanos.



## **Extensão universitária em pauta: o educativo do MAFRO-UFBA sob análise**

**Amélia Pereira Costa**

Universidade Federal da Bahia - mestranda no Programa de pós-graduação em Museologia- PPGMuseu-UFBA

**Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha**

Professor na graduação e pós-graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia

### **RESUMO**

Se considerarmos educação como todo e qualquer processo capaz de desenvolver e preparar o indivíduo para a vida em sociedade, os museus são empreendimentos essencialmente educativos. Toda a curadoria que envolve a constituição desses empreendimentos, desde a escolha do tema/fato histórico/personalidade que norteará o museu, até o prédio que o abrigará, o acervo, está circunscrita em ideais educativos, ainda que não explícitos ou inconscientemente postos. Os museus universitários possuem uma relação ainda mais estreita e particular com a educação, pois envoltos no contexto de ensino, pesquisa e extensão das universidades, são impactados diretamente por esse tripé em todas suas funções, em especial a educativa. O Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia (MAFRO-UFBA), instituição fundada em 1974 e inaugurada em 1982 na cidade de Salvador- BA, é um espaço fruto desse contexto. O museu desenvolveu, desde antes de sua abertura ao público, projetos e programas robustos que, possivelmente, só foram possíveis pelo contexto universitário ao qual está exposto, até mesmo pelo perfil dos funcionários e gestores que recebe. Nosso objetivo é demonstrar como a instituição coloca em prática o art. 207 da CF/88, modificado por emenda constitucional em 1998, o qual trata justamente da indissociabilidade das funções de ensino, pesquisa e extensão dentro das universidades. Para tal, iremos costurar alguns pontos da trajetória de exercício educacional no MAFRO, partindo do primeiro programa educativo desenvolvido pela instituição, qual seja, o Programa Museu-Comunidade, passando por outros importantes marcos da trajetória institucional ao longo de suas quatro décadas de existência, refletindo sobre seu compromisso e exercício educacional e, portanto, extensionista, implicado com a sociedade na qual está inserido.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação museal. Museus Universitários. Exercício educativo.  
Museu-educação.



## **Improvisação Teatral Na Formação de Educadores**

**Amanda Ribeiro Marzano**

Universidade Federal de Minas Gerais Mestranda

### **RESUMO**

Esse trabalho é um projeto de mestrado da Linha de Educação em Museus e Divulgação Científica do Promestre, mestrado profissional de educação e docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. São objetivos desse trabalho: o estudo e a utilização da improvisação teatral para complementar a formação dos educadores museais com o propósito de atingir maior fluidez dos mesmos durante a mediação, melhorar a atitude dos educadores para lidar com situações de imprevisibilidades que ocorrem durante a mediação, desenvolver a imaginação, a espontaneidade, a observação, a aceitação e a escuta, melhorar o trabalho em equipe, melhorar a percepção e comunicação dos educadores. A justificativa do trabalho estuda a importância de refletir e pensar sobre a formação dos educadores museais. A formação e a profissionalização andam juntas, se não há formação, não há profissionalização, a profissão de educador museal não é regulamentada, a maioria das pessoas que desempenham papéis de educadores de museus são bolsistas ou estagiários, é muito escasso ter educadores de museus com carteira assinada. E para além disso, para buscar alcançar uma boa interação na relação entre educador e público é essencial investir na formação dos mediadores visto que eles possuem uma função comunicativa importante e ocupam papel central, dado que são eles que realizam a comunicação da instituição com o público e permitem o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados. A improvisação teatral busca, despertar a criatividade e a espontaneidade, além de melhorar a capacidade de comunicação das pessoas, todas essas características são muito importantes para os educadores. O produto desse projeto consiste em várias formações com os mediadores do Espaço do conhecimento UFMG onde os mediadores possam jogar os jogos teatrais de improvisação e depois relacionar e refletir como os jogos ajudam no processo de mediação e de formação dos educadores.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mediação. Improvisação. Comunicação. Educador



## **A Política Institucional da UFBA e a Gestão do Patrimônio Cultural Universitário**

**Celina Rosa Santana**  
Universidade Federal da Bahia  
Mestranda em Museologia

### **RESUMO**

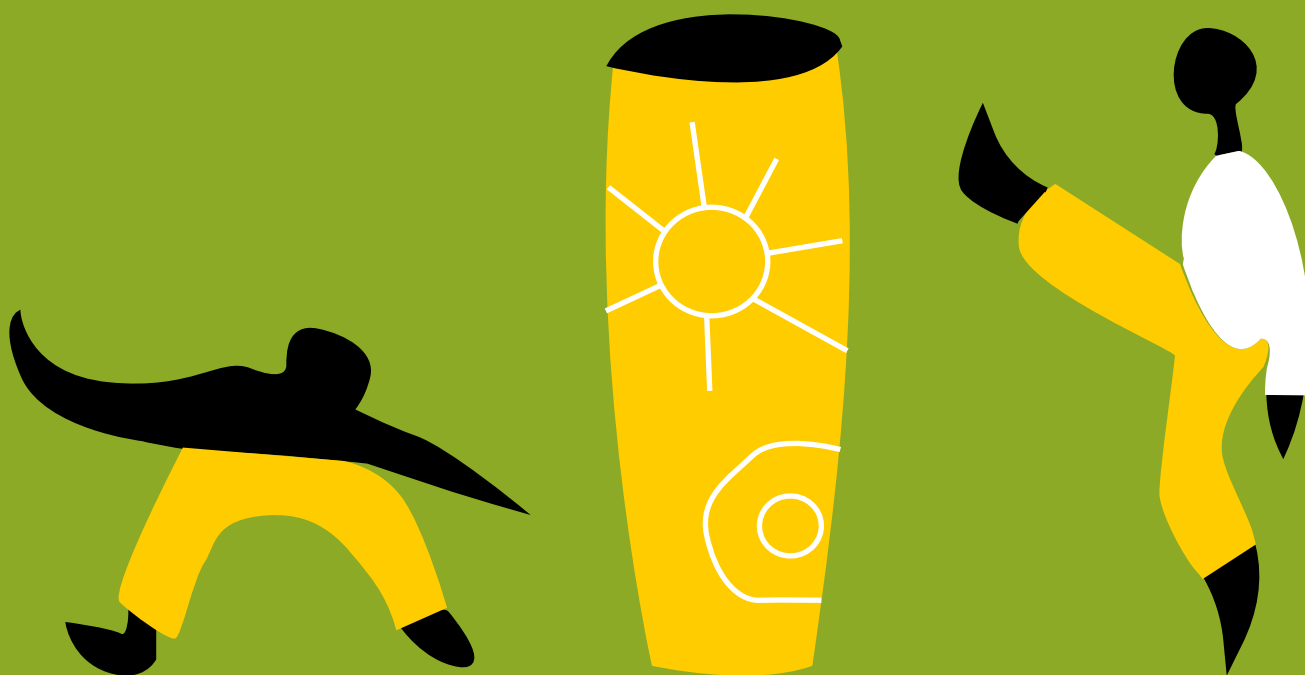
Este resumo visa apresentar o projeto de mestrado “Os Bens Culturais da Universidade Federal da Bahia: a Política Institucional como Estratégia para a Gestão do Patrimônio Cultural Universitário” em desenvolvimento na linha 1 do programa de pós graduação em museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU UFBA). O projeto de pesquisa tem como ponto de partida as discussões sobre patrimônio cultural universitário da UFBA, constituído ao longo dos 75 anos da instituição, e a política de gestão institucional, buscando compreender qual o lugar institucional que os bens culturais ocupam na Universidade. A UFBA não conta com uma política específica de gestão e os protocolos de preservação dos acervos ficam sob a responsabilidade das unidades em que as coleções estão salvaguardadas: são os profissionais desses lugares que se encarregam da tarefa de lidar diariamente com estes bens culturais, que por vezes são desconhecidos pelo restante da instituição, sem que exista uma política institucional que estabeleça diretrizes específicas. Muitos destes espaços se configuram, por exemplo, como museus e memoriais, como, por exemplo, o Museu de Arte Sacra, Museu de Arqueologia e Etnologia e o Museu Afro Brasileiro que utilizam instrumentos específicos de gestão. Nas unidades de ensino, por sua vez, nas quais o foco não é a preservação dos acervos, estes instrumentos provavelmente são inexistentes. É a UFBA, porém, em última instância, a responsável legal por este patrimônio, e, neste sentido, caberia a esta o estabelecimento de políticas institucionais para sua preservação. No que se refere ao tratamento institucional conferido a este patrimônio, no entanto, identificam-se apenas iniciativas pontuais de preservação e gestão, e ainda uma diminuta produção científica sobre o tema. Neste contexto, o projeto tem como objetivo geral: Avaliar como as políticas institucionais dispensadas pela UFBA para os bens culturais interferem (ou não) na preservação do seu patrimônio cultural universitário. Como pressuposto, acredita-se que a elaboração e implantação de uma política de acervos institucionais pode se configurar como uma ferramenta importante para a preservação e gestão dos bens culturais universitários. Quanto à metodologia, a abordagem se caracteriza como qualitativa, tendo como método de procedimento o estudo de caso de nível descritivo e instrumentos de investigação, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.



#### **PALAVRAS-CHAVE**

Coleções e acervos universitários. Patrimônio cultural universitário. Política de gestão de acervos. Museus universitários. Universidade Federal da Bahia.

# PÔSTERES





## **MAPE.ANDO: um recorte da obra de Hermano José presente no acervo da Pinacoteca UFPB**

**Robson Xavier da Costa**

UFPB - Docente do Departamento de Artes Visuais e docente/investigador dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE)

**Victor Hugo Borba da Silva**

Universidade Federal da Paraíba, Graduando em Artes Visuais

### **RESUMO**

Durante a pandemia da SARS/COV-19 as escolas do/e no campo e as às instituições culturais foram fechadas, mas o contato com profissionais da educação continuou por outros caminhos à distância, demonstrando que a arte pode romper fronteiras. Esta pesquisa tem o objetivo de ampliar o acesos do público ao acervo da Pinacoteca, da Universidade Federal da Paraíba (Pinacoteca UFPB), por meio da produção de um material educativo, para além da visita às exposições nas instalações físicas ou virtuais da instituição. Assim, esta pesquisa justifica-se na escassez destes materiais produzidos sobre o tema da educação do campo observando o seu viés artístico. Partimos da abordagem triangular sistematizada pela Ana Mae Barbosa; do conceito de Arte Útil elaborado pela Tania Bruguera; e das questões sociais da globalização a partir das ideias de Milton Santos, estabelecendo os caminhos propostos para fundamentar a escolha de obras já disponibilizadas no catálogo geral da Pinacoteca da UFPB organizado e publicado por Gabriel Bechara Filho e Marisa Pires Rodrigues. Desta forma, esta pesquisa é qualitativa aplicada de forma experimental e exploratória. Realizando inicialmente uma curadoria a partir das imagens das obras do acervo da Pinacoteca UFPB publicadas no catálogo, foram selecionadas algumas obras da coleção Hermano José, a qual possui mais de trinta obras no acervo. Posto isto, como resultado elaboramos a zine "Mape.Ando" através de ferramentas digitais como o software Medibang. Em suas páginas iniciais apresentamos o artista e ativista cultural Hermano José e sua poética que registrou as mudanças das paisagens do estado, pois temia que os lugares explorados turisticamente perdessem suas características naturais ao longo do tempo, com as obras selecionadas: Ladeira Do Varjão (1951), Cabo Branco (1947), Palhoça em Barra de Gramame (1951), todas óleo sobre tela, e a sobre tela Parque Solon de Lucena (1953), um pastel oleoso. A última página da zine foi dividida em três partes: a primeira apresenta uma possível rota de visita nos lugares retratados; a segunda é um espaço de sugestão de atividade, na qual propomos a produção de uma zine com os/as estudantes contendo ilustrações e informações sobre os pontos de referência de interesse; e a terceira é um breve manual de instruções de como fazer uma zine semelhante. Logo, esta ação propõe aos docentes a aplicação do ensino



da arte, especialmente em suas expressões regionais, incentivando o protagonismo rural.

**PALAVRAS-CHAVE**

Pinacoteca UFPB. Museu Universitário. UFPB.  
Material Educativo. Escolas do Campo.



## **A Seção Moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA e as práticas museológicas**

**Prof .Ma .Paola Haber Maués**

Museóloga (ICA), coordenadora do Projeto de Extensão 'Amazoniana Documenta: Seção Moda' (FAV) e doutoranda (PPGARTES) na Universidade Federal do Pará

**Joel Carlos Silva da Silva**

Graduando em Museologia e membro discente do Projeto de Extensão 'Amazoniana Documenta: Seção Moda' na Universidade Federal do Pará

**Manuely dos Santos Moraes**

Graduanda em Museologia e membro discente do Projeto de Extensão 'Amazoniana Documenta: Seção Moda' na Universidade Federal do Pará

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar as práticas museológicas que estão sendo desenvolvidas no acervo de moda da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, no âmbito do projeto de extensão 'Amazoniana Documenta: Seção Moda'. Esta coleção vem sendo desenvolvida desde 2010 como um projeto de pesquisa do Prof. Dr. Orlando Maneschy (ICA/UFPA), e se divide em três grandes seções: Artes Visuais, Design e Moda. Em 2014, com o fechamento do ateliê do estilista paraense André Lima, iniciou-se o processo de musealização do seu acervo pessoal, sendo realizado um plano curatorial para doação em forma de conjuntos direcionados a várias instituições, dentre elas a Amazoniana, o que inaugura a Seção Moda da coleção. Com o intuito de dar prosseguimento ao processo de catalogação do acervo da Seção Moda, contribuindo para a sua salvaguarda, idealizou-se em 2022 o projeto de extensão 'Amazoniana Documenta: Seção Moda'. Iremos elaborar um panorama de quais instituições museológicas preservam o acervo de moda no Brasil, e quais universitárias também o fazem, além de apontar quais as principais dificuldades que enfrentam para a salvaguarda, documentação e pesquisa deste acervo. Iremos também apresentar a Amazoniana, com enfoque no desenho do que veio a culminar na Seção Moda desta coleção. Além disso, iremos expor os processos de documentação museológica que foram desenvolvidos anteriormente com este acervo, e quais os objetivos que o projeto de extensão 'Amazoniana Documenta' busca alcançar, abordando os processos de documentação museológica que estão sendo desenvolvidos utilizando a plataforma de repositório digital Tainacan. Apresentaremos também as medidas de conservação preventiva empreendidas, e quais procedimentos acreditamos serem necessários para as boas práticas museológicas na gestão deste acervo. Por fim, iremos expor as dificuldades enfrentadas ao longo dos processos realizados em todas as etapas do projeto até aqui, e elaborar possíveis sugestões para lidar com os problemas encontrados, a partir de bibliografia especializada e diagnóstico do estado do acervo. Encarando a moda como fonte histórica e cultural, além de objeto de pesquisa para diversas áreas do conhecimento, torna-se premente, principalmente em ambiente acadêmico, o tratamento desta tipologia como fonte de informação. Dessa forma,



os processos museológicos empreendidos vêm a ser relevantes para o devido tratamento da Seção Moda como objeto de pesquisa científica, cumprindo o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão.

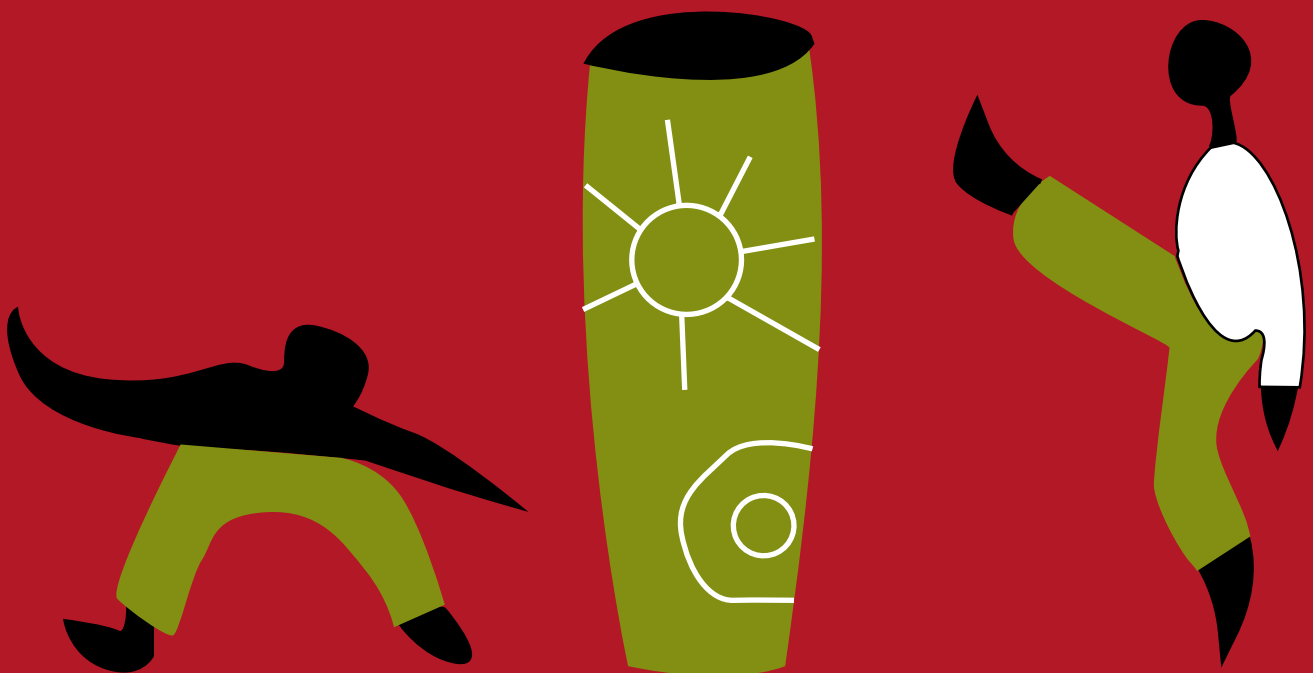
#### **PALAVRAS-CHAVE**

Moda. Práticas museológicas. Museus e coleções universitárias.  
Extensão universitária. Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.

**5<sup>o</sup> sebra  
mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

**GT 9**  
**MUSEOLOGIAS EMERGENTES**





## **GT 9 - MUSEOLOGIAS EMERGENTES**

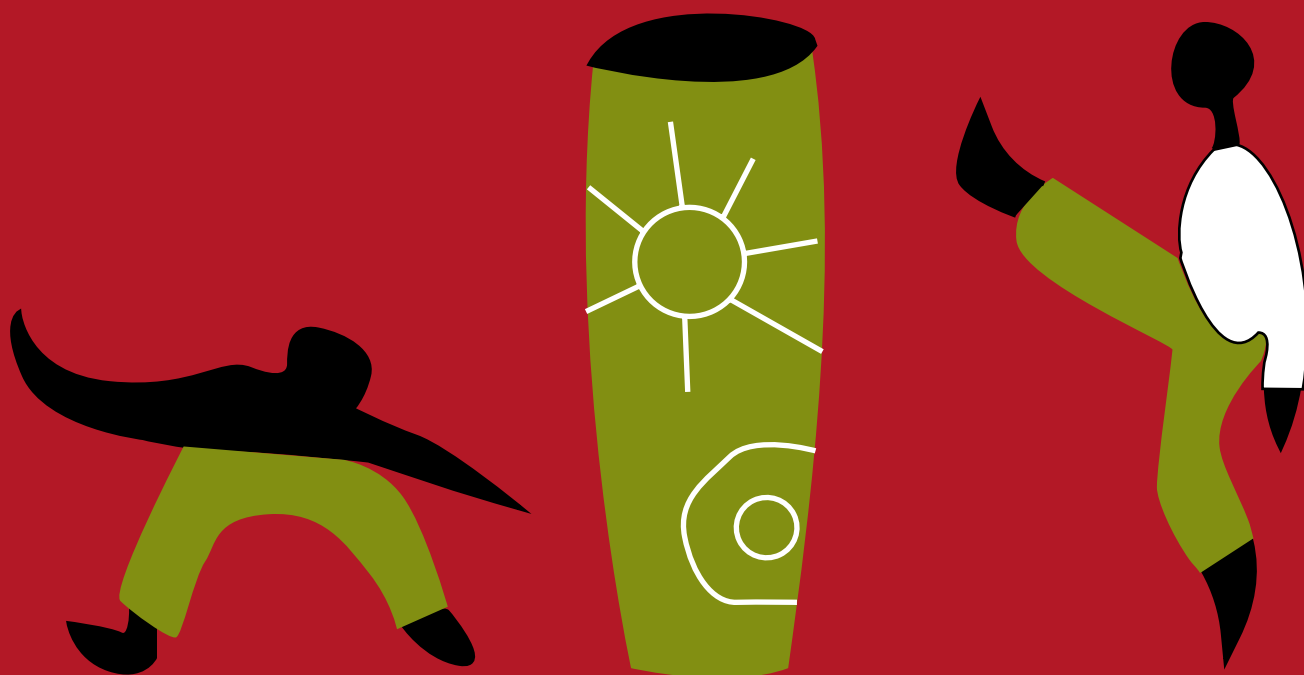
### **Coordenadores**

Karlla Kamylla Passos dos Santos (UFG)  
Giovanna Silveira Santos (UFG)  
Camila Azevedo de Moraes Wichers (UFG)

### **Resumo**

A museologia vem passando por ondas de renovação nas últimas décadas, em um movimento marcado por tensões, negociações e avanços rumo a uma postura mais engajada socialmente. Por um lado, observamos a constituição de um campo científico específico, com teorias e práticas voltadas ao estudo e à intervenção das/nas relações entre pessoas, coisas, significados e espaços de construção das memórias. Por outro lado, essa constituição se vê interpelada por coletivos que demandam por representação em museus e discursos patrimoniais e/ou restituição de suas memórias e patrimônios culturais. Essas ondas demonstram as potencialidades dos processos de musealização, evidenciando debates interdisciplinares e interculturais, no intuito de buscar uma abordagem mais crítica e democrática dos museus e patrimônios. Esse grupo de trabalho visa integrar reflexões sobre as museologias que emergem desse cenário, como as museologias feministas, quilombolas, indígenas, LGBTQIA+, sapatão, periféricas e todas as outras formas do fazer museológico que deslocam e provocam a museologia normativa. Serão bem-vindas investigações de temas emergentes e abordagens críticas dos processos de musealização no campo dos museus, patrimônio e memória, envolvendo estudos de acervo, ações educativas, exposições, gestão museológica, documentação e conservação. Tais propostas devem contribuir para o debate interdisciplinar, intercultural e interseccional na museologia, visando à reflexão dos fenômenos e desafios contemporâneos.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Mulheres na Ciência e nos Museus

**Camila de Macedo Soares Silveira**

Universidade Federal de Pelotas - Mestranda

**Daniel Maurício Viana de Souza**

Universidade Federal de Pelotas - Docente

### RESUMO

Este trabalho propõe-se a fazer uma análise da presença de mulheres em dois campos distintos, mas de maneira integrada: na ciência e nos museus. Desse modo, busca-se compreender como se deu a inserção feminina nas duas áreas, indo em suas raízes para entender por quê e como resultou nos panoramas atuais de tais representações, trazendo um breve histórico e recortes de acontecimentos importantes ao longo de suas estruturações. Apesar de em ambas as áreas existirem poucos volumes de estudos sobre, pretende-se realizar uma investigação sobre como a presença de mulheres se deu em ambos campos, inicialmente de predominância masculina, e como as lutas pelo feminismo abriram espaço para evidenciar esses caracteres e para o decorrer da inserção feminina. Entendendo como os museus têm impacto na sociedade, como ferramenta social de representação identitária e de pertencimento, pode-se, assim, iniciar uma problematização no papel da mulher dentro da ciência e nas instituições de memória, como os museus, investigando também como o campo emergente da Museologia de Gênero se constitui e lida com seus desafios e seu potencial de contribuição na luta contra desigualdades e assimetrias. Ao nos depararmos com museus de ciência raramente iremos encontrar alguma narrativa que abarque descobertas científicas realizadas por cientistas mulheres, ou sobre a historicidade de alguma figura feminina que tenha contribuído de alguma forma para a ciência. É imprescindível que essas instituições, de ciência e de memória, também englobem diferentes vozes, prezando por realizar uma museologia mais inclusiva e representativa, e por meio da divulgação científica, se proponham a gerar debates e reflexões acerca das mais amplas conexões entre ciência e sociedade. Este diálogo é fundamental, ainda, para servir de apoio contra o estereótipo, que muitas atuais e futuras mulheres cientistas travam e trarão, de que mulher não pertence à ciência, servindo também de exemplo e incentivo para fomentar o desejo que meninas e mulheres têm de percorrer estas carreiras.

### PALAVRAS-CHAVE

Mulher. Ciência. Museologia. Museu. Feminismo.



## **Emergências Amazonianas, Experiências Decoloniais**

**Orlando Franco Maneschy**

UFPA - Professor

**Paola Haber Maués**

UFPA - Museóloga - Doutoranda

### **RESUMO**

A construção estética é fruto de complexas relações culturais que ativam e são ativadas por fluxos constituídos no âmago de uma sociedade. Do pensar e do viver experiências na Amazônia veio a compreensão de um território da arte que se manifesta por meio de uma perspectiva decolonial nas mais diversas linguagens. No embate com questões do tempo presente e dos processos da colonialidade que se abateram sobre a região há um conjunto de proposições que vão das estéticas às políticas e que forjam sujeitos que operam em várias instâncias relacionais, do macro às micropolíticas. São formulações epistêmicas que vêm sendo deflagradas com experimentos e vivências estéticas que se manifestam no campo da cultura e da arte. Destacamos nesse contexto a ideia de visualidade amazônica, articulada nos 1980, período do chamado processo de redemocratização, em que muitas atividades artísticas e culturais irrompem na busca de empreender espaço para as vozes oprimidas pelo regime. Nesse cenário surgem vozes como as de João de Jesus Paes Loureiro, Vicente Cecim, de Osmar Pinheiro Jr, que estabelecem bases teóricas para a reflexão sobre a(s) cultura(s) amazônica(s), com os fundamentos da ideia de visualidade amazônica ampliando a discussão pela região amazônica e estabelecer diálogo com a crítica decolonial presente no discurso de Renan de Freitas Pinto, atento aos projetos de construção de uma identidade nacional e suas consequências para a região. A este pensamento sobre a visualidade, aliamos o conceito de Estéticas Decoloniais, estabelecidas pelos pensadores Pedro Pablo Gómes e Walter D Mignolo que entendem estas estéticas como uma dupla trajetória de importância fundamental para processos de transformação e formação das subjetividades e sujeitos decoloniais. Frente a essas perspectivas, em uma análise mais recente, o objetivo evidenciar a vocação da Coleção Amazoniana em seus processos de constituição, evidenciamos a complexidade e importância das escolhas éticas e políticas empreendidas em processos curatoriais, de extroversão e de documentação museológica. Com isso, reconhecemos o que estas políticas terminam por fomentar debate sobre representatividade em museus e coleções, percebendo que a Amazoniana se desenha como uma das coleções mais inclusivas do norte-nordeste do país, trazendo no bojo das questões ativadas em sua construção simbólica a configuração de um ambiente de diálogos éticos, com destaque para a inserção LGBTQIAPN+ expressa nas trocas e obras de artistas incorporados ao longo de sua história.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Coleção Amazoniana. Emergência. Visualidade Amazônica. Arte. Decolonialidade.



## Porque não há grandes rappers mulheres?

**Giovanna Silveira Santos**

Universidade Federal de Goiás - Doutoranda em Antropologia Social

### RESUMO

Por que não há grandes rappers mulheres? Inspirada por Linda Nochlin (1971), trago para um debate contemporâneo a posição das mulheres/minas/manas dentro da cultura Hip Hop. Assim como na arte, na cultura as políticas de sexo também delimitam lugares específicos para mulheres/minas/manas e homens/manos. Com pelo menos cinco décadas desde o início do movimento no Brasil, ainda não há um vislumbre satisfatório da participação não-masculina no Hip Hop. Ao menos não nos eventos, festivais, streamings e plataformas musicais. A maioria esmagadora da atuação ao decorrer das décadas tem sido dada como masculina. Com este cenário apresentado, em 2020 foi lançado o projeto Clássicas Hip Hop, uma idealização das rappers pioneiras Sharylaine, Rúbia RPW e Rose MC. O projeto ressalta a importância da história e da memória e homenageia as mulheres da velha guarda que pavimentaram o movimento Hip Hop no Brasil a partir de suas diversas representações. Nas redes sociais são reunidas e apresentadas as pioneiras do movimento em âmbito nacional, restituindo memórias individuais e coletivas através de contranarrativas e visualidades. Com este trabalho, pretendo destacar a potencialidade de processos de musealização emergentes, que lidam com debates, tensões e demandas específicas de grupos historicamente marginalizados nas narrativas convencionais, a partir de uma proposta expositiva que dialogue com o intuito de comunicar o patrimônio imaterial presente no projeto Clássicas Hip Hop. Não obstante, abordar como uma museologia engajada pode trabalhar rumo a uma democratização de memórias e patrimônios das manas do movimento Hip Hop. Em contrapartida, debater como um movimento cultural de lutas e resistências, que enfrenta desafios próprios, pode interpelar e provocar a museologia normativa mergulhando em suas ondas de renovação (Moraes-Wichers, 2018).

### PALAVRAS-CHAVE

Hip Hop. Memória. Patrimônio. Contranarrativas. Mulheres.



## MUSEUS INDÍGENAS E CONTRA-MUSEOLOGIA

**Camila Azevedo de Moraes Wichers**

Docente de Museologia da Universidade Federal de Goiás

### RESUMO

A Museologia tem se consolidado como ciência social ao mesmo tempo em que tem passado por questionamentos e mudanças teórico-metodológicas significativas, desde a descentralização das ações museológicas, passando pelo alargamento da noção de museus e de patrimônio. Uma das principais críticas feita a esse campo reside na necessidade de democratização não apenas do acesso, mas também da seleção e produção dos bens culturais. Muitas questões emergem nesse cenário: Quais sujeitos de enunciação narram as memórias presentes nos museus e processos de musealização? Quais narrativas têm sido construídas no campo patrimonial? Essas narrativas buscam o controle, por meio da reprodução da ordem colonial, ou buscam questioná-la? Movimentos e avanços podem ser observados no campo. Contudo, não se trata de traçar uma linha de aperfeiçoamento contínuo da Museologia, seja como argumento retórico ou como plano de ação, mas de compreender as nuances, os enfrentamentos e os lampejos disruptivos. Quero desdobrar possíveis diálogos com esse cenário partindo da escuta do pensamento do xamã yanomami Davi Kopenawa (2015). Em “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami”, encontramos um manifesto de Kopenawa, dos yanomami e demais povos indígenas, que também pode ser entendido como grito dos demais povos subalternizados pela colonialidade, contra a dissolução da terra diante da colonização do Ocidente Moderno. Para Viveiros de Castro (2015), “A queda do céu” seria a primeira tentativa de uma “contra-etnografia” histórica do mundo branco, formada por meditações etnográficas sobre os brancos e visões xamânicas. Nessa vereda, os museus indígenas podem ser compreendidos como uma contra-museologia? Rivera Cusicanqui (2010), apresenta a categoria *Ch'ixi*, uma forma andina de nomear os opostos que coexistem sem se misturar, presentes em um mundo manchado e marcado por justaposições. Ao contrário dos museus e do discurso museológico que desloca o indígena para um lugar exótico, distante e no passado, negando o lugar de coetaneidade e contemporaneidade, essa contra-museologia, além de colocar a dicotomia natureza-cultura em suspeição, parece dialogar com a categoria *Ch'ixi* e pautar-se na mistura, em visões, profecias e sonhos, na luta pela terra, enfim, uma cosmopolítica da e pela vida.

### PALAVRAS-CHAVE

Museus indígenas. Contra-museologia. Teoria Museológica.  
Crítica decolonial. Davi Kopenawa.



## A masculinidade hegemônica nos museus

**Leonardo Alencar**

Universidade Federal de Goiás, graduado em Museologia

**Camila de Azevedo Moraes Wichers**

Universidade Federal de Goiás, Docente

### RESUMO

O presente trabalho busca aplicar os conceitos da masculinidade hegemônica (CONNELL1; MESSERSCHMIDT, 2013) e a colonialidade (QUIJANO 2005) nos museus e nos bens patrimoniais de Goiás, com ênfase na capital Goiana. Isso se permeia pela análise do discurso patrimonial onde várias narrativas monumentais, patrimoniais e museais, dissertam em seu discurso uma memória hegemônica nacionalista/regionalista exaltando a memória oriunda da colonização. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 1976). Os discursos museais e patrimoniais se impõem como memória oficial do Estado-Nação, uma memória normativa, atendendo um público específico, ordenado pela matriz heterossexual. Os discursos que emergem do patrimônio podem, conseqüentemente, sustentar uma norma social construída, uma identidade social de gênero binária, que causa tensões aos corpos que não se reconhecem com essa estrutura. Contudo, corpos específicos ocupam esses discursos museais do poder. Homens, brancos, heterossexuais e burgueses. O conceito de masculinidade hegemônica é usado para exemplificar uma masculinidade única, branca e elitista. A autora e o autor nos mostram que essa masculinidade se distancia de outras masculinidades, colocando masculinidades em hierarquias, subalternizando mulheres e homossexuais. Essa masculinidade ocupa e preenche todas as esferas sociais de representação, idealizando o que venha ser um homem. Masculinidade hegemônica e colonialidade se imbricam pela seguinte premissa: partindo da classificação da população pela raça, apenas corpos brancos possuem o privilégio de representação na esfera patrimonial e museal. Destaco que esses corpos são brancos, homens, heterossexuais, burgueses e que se beneficiam de uma masculinidade normativa e hegemônica. A antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya em seu livro "As cores da masculinidade experiências internacionais e práticas de poder na nossa América" afirma que, os únicos que puderam se beneficiar totalmente da modernidade foram os homens brancos heterossexuais, das classes superiores que monopolizavam as regras do controle moral e o privilégio da honorabilidade (VIGOYA, 2018 p. 139). Diante disso, quais os corpos que os museus comportam/suportam?

### PALAVRAS-CHAVE

Masculinidade hegemônica. Colonialidade. Museus.



## **Os Invisíveis Visíveis: um estudo de caso dos grupos de dança no MAM do Rio de Janeiro**

**Millah Christina de Souza Gomes**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO -graduada em Museologia

### **RESUMO**

A educação nos museus é um elemento essencial para seu funcionamento. O público faz parte da missão dos museus, e para isso, a educação é necessária para que a relação entre o visitante e o museu se torne construtiva. No entanto, os museus em sua trajetória histórica, são espaços signos de uma realidade socialmente excludente. Por isso, a educação nos museus é indispensável para modificar as relações sociais e incluir o indivíduo invisibilizado por barreiras culturais. Apesar de tal missão, é perceptível que tal realidade ainda seja uma utopia nos museus brasileiros, contudo, é admissível compreender esta realidade por meio de pesquisas que visam perceber os públicos invisíveis destes espaços. Este trabalho visa apresentar tal realidade disposta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), por meio da ocupação externa por inúmeros grupos de dança que se espalham pelos pilotis nos finais de semana. A pesquisa traz em sua concepção uma reflexão do papel dos museus com o seu público, tendo em vista uma “musealização dos dançarinos” a partir da compreensão dos entrevistados como parte da exposição do museu. Tal dinâmica ocorre principalmente por intermédio de sua arquitetura que produz um reflexo parcial do lado externo, e internamente permite a visualização dos dançarinos por parte dos visitantes. Em um primeiro momento, a pesquisa visa observar as relações dos dançarinos com o museu na utilização da área externa como salas de ensaio. O foco está voltado para a discussão sobre a falta de políticas públicas que atendam as demandas culturais na área da dança na cidade do Rio de Janeiro e que contemplem grupos artísticos independentes. Neste sentido, foi desenvolvido uma investigação etnográfica e sociológica sobre as relações dos dançarinos com o espaço do MAM, por meio da pesquisa de campo. Foram coletados dados através de entrevistas in loco com os integrantes dos grupos, online por meio de agendamento e com o setor educativo, também realizada de forma remota, para perceber a existência de uma possível relação entre o museu e os dançarinos, que envolva mais do que o reflexo da fachada da construção. O intuito foi analisar o que o MAM e seu setor educativo elaboraram como políticas para modificar as relações com esse público que em um primeiro momento é compreendido como um não público. Com a realização da pesquisa em campo foi possível observar uma relação de caráter unilateral dos dançarinos com o Museu.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu. Museologia. Educação em Museus. Públicos Invisíveis.  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM).



## O preconceito de cada dia: educadoras museais e marcadores que operam suas exclusões

**Karlla Kamylla Passos dos Santos**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias ;doutoranda

### RESUMO

Essa comunicação objetiva detalhar aspectos das respostas a um questionário nacional direcionado as educadoras museais brasileiras, especificamente, a pergunta '*Já sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito / racismo / sexismo / LGBTfobia... nos espaços em que trabalhou?*'. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e qualitativo, com 49 perguntas gerais, fechadas e abertas, respondidas entre janeiro e maio de 2022. Aqui trabalharemos apenas a questão 43.1, supramencionada, que foi aberta para as pessoas detalharem casos de preconceito, em que foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Analisamos 444 respostas, dentre essas, 311 pessoas disseram não ter sofrido ou presenciado essas situações, não detalharam ou não responderam. Vamos nos ater nas 133 respostas afirmativas, que evidenciam preconceitos diversos. Para exemplificar, usaremos uma resposta para cada categoria/preconceito identificado. Dentre as 64 menções de machismo, ressaltamos "*No início da carreira, em uma mediação sobre arte clássica e contemporânea, fui exposta por um visitante homem (meia idade, branco) por ser mulher, jovem e por discordar da tradição da arte errônea que o mesmo acreditava*". Já dentre os 58 casos de racismo, podemos destacar a resposta "*Uma estagiária negra foi "orientada" a não usar cabelo afro*". E 28 respostas revelam o preconceito com as sexualidades não normativas, como "*LGBTfobia velada com colegas de trabalho por parte de gestores*". Esses são alguns dos exemplos dentre muitos discursos violentos aos quais as pessoas educadoras estão submetidas em seus cotidianos. Além desses preconceitos explorados, as pessoas também mencionaram classe, aparência geral, formação/conhecimento, xenofobia, etarismo, capacitismo, gordofobia e intolerância religiosa. Esses episódios de preconceito demonstram cenas do que acontece no dia a dia das educadoras nos museus, essas que sofrem e/ou presenciam constantemente essas violências, tanto por parte do público, quanto de colegas e chefes. Tais episódios acontecem pois os museus ainda são espaços que operam na normatividade masculina, branca, heterossexual, de alta renda, escolaridade e outras características que colocam tantas pessoas à margem do convívio cultural. Esperamos que nesse momento de renovação da Museologia e Educação museal, marcado por tensões e avanços, possa emergir um campo de trabalho cada vez menos excludente com as diferenças que fogem à normativa da colonialidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Marcadores sociais da diferença. Educação museal. Preconceito.  
Pesquisa qualitativa. Museologias emergentes.



## **Da intenção ao gesto: reflexões sobre o patrimônio indígena no Museu Julio de Castilhos**

**Iandora de Melo Quadrado**

Historiadora - UNILASALLE,

Bacharela em Museologia - UFRGS,

Especialista em História do Brasil Contemporâneo - FAPA,

Mestre em Museologia e Patrimônio - UFRGS.

### **RESUMO**

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as práticas de musealização acerca do patrimônio indígena existente no Museu Julio de Castilhos) MJC ,(e teve como intuito identificar as narrativas evocadas a partir dos acervos salvaguardados pelo Museu ,que assim como outras instituições museológicas constituídas no Brasil ao longo do período ,foram fortemente influenciadas pelo modelo europeu ,cujos acervos tinham por objetivo representar a cultura do Outro ,dentro de uma lógica hierárquica ,que colocava a cultura europeia como superior .A presente análise trata-se de uma proposta de exercício de alteridade ,motivada por indagações ,dúvidas e anseios e que, mais do que respostas ,suscitam possibilidades futuras ,a partir de um processo teórico-reflexivo. O estudo justifica-se por ser uma oportunidade de ponderar sobre o papel e o lugar social que o Museu Julio de Castilhos tem ocupado frente aos desafios da contemporaneidade ,especialmente no que se refere ao patrimônio indígena que se encontra sob sua salvaguarda .A pesquisa teve como ponto de partida a doação de um petyngua por um membro da etnia Mbyá Guarani ,visto como um ponto de inflexão na trajetória do Museu ,vivenciada até então ,e investiga quais representações indígenas são evocadas por meio desse gesto ,levando em conta a forma como o patrimônio indígena tem sido tratado diante do contexto pós-colonial e a colonialidade .A análise foi realizada em fontes documentais institucionais e bibliográficas ,perante uma abordagem qualitativa .A investigação aponta a urgência da instituição incorporar novas proposições sobre os patrimônios dos povos originários ,de longo prazo ,que estimulem o protagonismo indígena frente às narrativas evocadas a partir de objetos referentes à sua história e às suas memórias, assumindo uma postura que corrobore com a descolonização do pensamento museológico.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Musealização .Descolonização .Museu Julio de Castilhos.

Patrimônio Indígena .Petyngua.



## **Musealização e Ação Social: construção da Memória de Mulheres Cervejeiras em Goiás**

**Bárbara Yanara**

Universidade Federal de Goiás / Docente

### **RESUMO**

Esse trabalho busca refletir sobre processos de musealização centrados na investigação e produção científica com a intenção de gerar impacto social, tendo como referência a concepção e execução do projeto sociocultural intitulado “Cartografia de Mulheres Cervejeiras em Goiás”. O intuito do projeto foi dar voz às mulheres que, historicamente, foram silenciadas e, por meio da museologia, refletir e comunicar suas memórias e referências culturais. A musealização de suas memórias foi concretizada através da Museologia Social e utilizando como ferramentas e métodos o inventário participativo e a curadoria coletiva. Exercendo, assim, o direito à memória e à diversidade cultural e sua difusão aos mais variados públicos. Contar a história de mulheres cervejeiras é fundamental para a transmissão de seus saberes, fazeres, valores e processos de ação social, mas, sobretudo pela representação social do gênero feminino em campos predominantemente masculinos. Essa representação carrega o poder simbólico de ocupação territorial, intelectual e de saberes que emancipam o feminino de seus estigmas. A memória é produtora e legitimadora de identidades, se tornando campo de disputas e acordos. É por isso que a Museologia busca garantir o direito à memória de todos os povos e comunidades. Então, “[...] musealizar também é fazer justiça ao que não pode ser esquecido, pois esquecê-lo seria esquecer o que faz de nós humanos” (SOUZA, 2013). Ou seja, musealizar a memória é um compromisso com a preservação e a comunicação de nossas produções simbólicas, linguagens e valores, indicando nossas identidades, aquilo que nos torna humanos e participantes da sociedade. Todas essas categorias e conceitos formatam um processo uníssono de ressignificação da ação feminina na produção de suas memórias e identidades e na defesa de seus direitos como sujeitos da sociedade contemporânea. Pensar em museologias emergentes é imprescindível para conhecermos e percorrermos novos caminhos mnemônicos, nos conectando com saberes e fazeres seculares e contemporâneos. O propósito dessa investigação é refletir e analisar criticamente os processos museológicos como estratégias de transformação social no campo das representações e significados históricos e sociais. Para isso, utilizo duas vertentes de análise: I – a representação simbólica do feminino no campo de produção de cervejas; II – o desenvolvimento da cultura cervejeira pautada nos saberes e conhecimentos aplicados na produção da bebida.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Musealização. Memória. Mulheres Cervejeiras. Cultura Cervejeira.



## **Itinerários sobre representações femininas nas coleções do Museu Julio de Castilhos**

**Laura Gomes Machado**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Mestranda em Museologia e Patrimônio-PPGMuspa/UFRGS

**Ana Celina Figueira da Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - docente- PPGMuspa/UFRGS

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem o objetivo de contribuir com as discussões existentes a respeito de questões sobre identidade cultural, gênero, feminismo e a representação das mulheres sob o aspecto das coleções pertencentes ao Museu Julio de Castilhos no período de 2011 a 2021. Define o reconhecimento de gênero e as políticas de proteção como marco na luta do feminismo como uma ruptura sobre o que foi construído e que o sujeito mulher foi negligenciado. Abarca articulação teórica entre as temáticas da Museologia e o mundo contemporâneo, de identidade cultural, gênero, feminismo e coleções, objetivando a representatividade das mulheres. O método utilizado foi de levantamento bibliográfico e análise documental. Apresenta o estudo das concepções de identidade cultural na sociedade pós-moderna. Interpreta o sujeito enquanto possuidor de uma identidade cultural em processo de transformação. Analisa o feminismo na formação das identidades sexuais e de gênero. Descreve as rupturas nos discursos do conhecimento e da Museologia na contemporaneidade. Discute a potência das coleções em uma percepção vinculada às relações de gênero. Evidencia a questão de gênero como transformadora das realidades sociais construídas e representadas nos museus. Expressa que os museus representam os gêneros de modo a reiterar as relações e os lugares de mulheres e homens na ordem social hegemônica do sistema patriarcal. Demonstra a importância de estudar e discutir as coleções, como prática social, condicionadas pelas relações de gênero. Aponta para uma mudança significativa nas relações sociais, inclusive sobre o papel das mulheres. Considera que as relações de hierarquia presentes nas relações de gênero precisam ser estudadas, faladas, evidenciadas e não silenciadas. Propõe a representação das mulheres no museu como resistência enquanto identidade cultural. Conclui sobre a materialização da memória pela perspectiva das representações sociais das mulheres no campo dos museus e do patrimônio.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Identidade cultural. Gênero. Feminismo. Coleção. Museu Julio de Castilhos.



## **Sujeito inacabado e ação educativa em museu**

**Adelmar Santos de Araújo**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Universidade Federal de Goiás

### **RESUMO**

A presente comunicação tem como objetivo discutir a relação sujeito histórico e ação educativa em museu. Para tanto realizou-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Como referencial teórico prioritário, trabalhou-se com Maria Célia Santos, Paulo Freire, dentre outros autores. Importa dizer que as formulações freirianas são baseadas em fatos concretos capazes de promover reflexões que retornam em ação prática, e muitos exemplos podem ser encontrados ao longo de sua obra. A existência é pensada a partir de uma pedagogia da práxis humana construindo uma práxis da liberdade. Dessa maneira, é essencial que a educação amplie margens para que o sujeito educando e o sujeito educador se percebam no mundo como agentes do próprio processo numa interação recíproca entre si, e entre ambos e o meio em que se inserem. E quando Freire propõe uma educação libertadora, como superação de uma educação bancária, ele compreende que homens e mulheres ao se sentirem sujeitos do seu pensar, e se tornarem autônomos para problematizar a sua própria visão de mundo, é sinal de que essas mulheres e esses homens já são capazes de viverem em comunhão uns e umas com os outros e as outras como companheiros e companheiras. Na busca por uma sociedade nova em que mulheres novas e homens novos possam se reconhecerem como seres inconclusos e inconclusas, inacabados e inacabadas. A museóloga Maria Célia Santos, por sua vez, entende que escola, museu e comunidade deveriam interagir por meio de ações conjuntas, pois, para ela, o museu tem um compromisso com o processo educacional, de modo a realizar um fazer museológico ajustado à realidade. Na obra da museóloga, o processo educativo ocorre em meio a formulação de novas diretrizes fundamentadas em conhecimentos historicamente acumulados, compreendendo processo museológico como ação educativa e de comunicação. Ao considerar que homens e mulheres se relacionam com o meio em sua totalidade, em suas dimensões de tempo e espaço, em diálogo com o pensamento freiriano, Maria Célia Santos faz emergir uma educação museológica em que os bens culturais musealizados são ampliados, com ações que vão para além dos objetos, coleções etc., e dos próprios museus. Em suma: na dinâmica da vida, o sujeito inacabado educa, pesquisa, preserva, comunica, transforma.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Processo museológico. Ação educativa. Patrimônio cultural.  
Preservação e comunicação.



## **MUSEALIZAÇÃO DO HIP HOP: uma análise da implementação do Museu da Cultura Hip Hop-RS**

**Giovanna Veiga dos Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Discente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

**Márcia Regina Bertotto**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Docente do curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

### **RESUMO**

O hip hop é um movimento social e cultural, que surgiu nos anos de 1970 nos Estados Unidos a partir da junção entre as populações e culturas afro-americanas, latinas e jamaicana. Esse movimento é composto por cinco elementos: o DJ, o MC, o grafite, o break e o conhecimento. Surgiu como uma forma de lazer e sobrevivência da juventude na periferia. O hip hop chega ao Brasil no início de 1980 primeiramente em São Paulo e propaga-se pelas variadas regiões do país, incluindo o Rio Grande do Sul. Atualmente o RS conta com uma cena repleta de sujeitos ativos com forte articulação e é nesse contexto que surge o projeto de criação do Museu da Cultura Hip Hop-RS. A instituição busca a valorização da trajetória histórica do hip hop no Rio Grande do Sul. O início da execução do projeto deu-se no ano de 2021 e encontra-se em fase de execução. O museu será instalado no bairro Vila Ipiranga em Porto Alegre, oferecendo exposições, atividades formativas, oficinas, horta comunitária e quadra poliesportiva. Esta pesquisa se encontra em andamento, visto que é fruto do projeto de mestrado e visa analisar o projeto e a implementação desse museu a partir da perspectiva da Museologia e da gestão museológica. Até o momento foi possível analisar as ações de pesquisa, de coleta de acervo e as redes sociais do museu. A partir da etapa de pesquisa histórica, identificamos que o hip hop está presente em todas as regiões do estado, percebemos também que houve um grande número de interessados em participar das atividades, de contar suas histórias dentro do movimento e fazer parte deste projeto. A partir da etapa de coleta de acervo percebemos que o diálogo com a comunidade é dinâmico, há uma colaboração e a vontade de fazer parte desse processo, seja com doação de objetos ou com o seu depoimento. Ademais, verificamos que há o conhecimento, pela equipe do museu, de certos métodos e pressupostos da Museologia. A partir das redes sociais observamos que o museu tem uma forte presença em seu perfil do Instagram. Mesmo não observada uma periodicidade específica, o engajamento e a participação dos seguidores são evidentes, principalmente em postagens referentes ao acervo histórico e sobre o andamento de criação do museu. O Museu da Cultura Hip Hop-RS tem demonstrado, desde o início do seu projeto, a articulação necessária para sua criação, assim como tem confirmado seu vínculo com a comunidade e seu trabalho baseado no coletivo, o que nos possibilita articular com a Museologia Social.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia Social. Museu da Cultura Hip Hop-RS. Gestão museológica.



## **A Presença das Mulheres no Museu do Grêmio, RS: pesquisa museológica em ação**

**Sibelle Barbosa da Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio e  
Museóloga do Museu do Grêmio - Hermínio Bitencourt

### **RESUMO**

O futebol no Brasil para além de ser uma prática esportiva é percebido também como um fenômeno cultural, onde os sujeitos, que participam desse esporte, seja atuando como atletas, gestores ou torcedores, tensionam esse ambiente produzindo um campo de disputas simbólicas. Nesse sentido, uma parte considerável dos clubes brasileiros dessa modalidade apresentam em sua estrutura, salas de troféus, museus e memoriais dedicados a apresentar uma narrativa linear, ou seja, celebrativa, das glórias advindas do futebol profissional masculino. Essas abordagens promovem determinadas relações com seus públicos de sentimento de pertencimento clubístico e acabam por reforçar laços de rivalidade com os outros clubes. Esta opção de apresentação de suas histórias e memórias acaba dificultando que narrativas plurais sejam contempladas em suas exposições. Entretanto, temos observado algumas mudanças, fruto das reivindicações dos públicos internos e externos desses museus para a inclusão de debates sobre gentrificação, racismo, homofobia e misoginia. Partindo dessas reflexões, este trabalho, recorte de uma pesquisa maior em nível de Mestrado, tem como objetivo evidenciar a potência da pesquisa museológica, uma das etapas do processo de musealização e como essa atividade se torna contínua em todo percurso dos objetos pelo museu, desde a formação das coleções, da documentação, da conservação, da exposição, além de indicar possibilidades importantes para o desenvolvimento de atividades educativo-culturais junto aos seus públicos. Nesse sentido, o Museu do Grêmio, localizado em Porto Alegre, tem apresentado ares de renovação, ainda que sutis. Essa perspectiva, deriva do impulso inicial da pesquisa para a coleção de futebol de mulheres, devido o retorno da modalidade ao clube em 2017 e a entrada do primeiro troféu que as representa na exposição de longa duração no ano de 2018. Esses movimentos desencadearam uma intensa pesquisa a partir de 2020 sobre a presença e participação ativa das mulheres no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense tornando possível a criação do eixo de investigação "Mulheres no Grêmio". "Como resultado, a pesquisa museológica trouxe à luz a presença de conselheiras, gestoras e atletas de outras modalidades. Finalmente, essas renovações nos colocam em uma posição de agentes sociais, na medida em que nossas ações metodológicas privilegiam tornar o museu um lugar de escuta e ação, pois é isso que lhe confere significado de existência e assegura sua função social.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Pesquisa Museológica. Museu do Grêmio - Hermínio Bittencourt.



## **Modos de fazer ações educativas como diálogos interculturais: Caixa Educativa Guarani Mbyá**

**Ma. Lívia Donida Biasotto**

Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Ma. Cláudia Porcellis Aristimunha**

Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

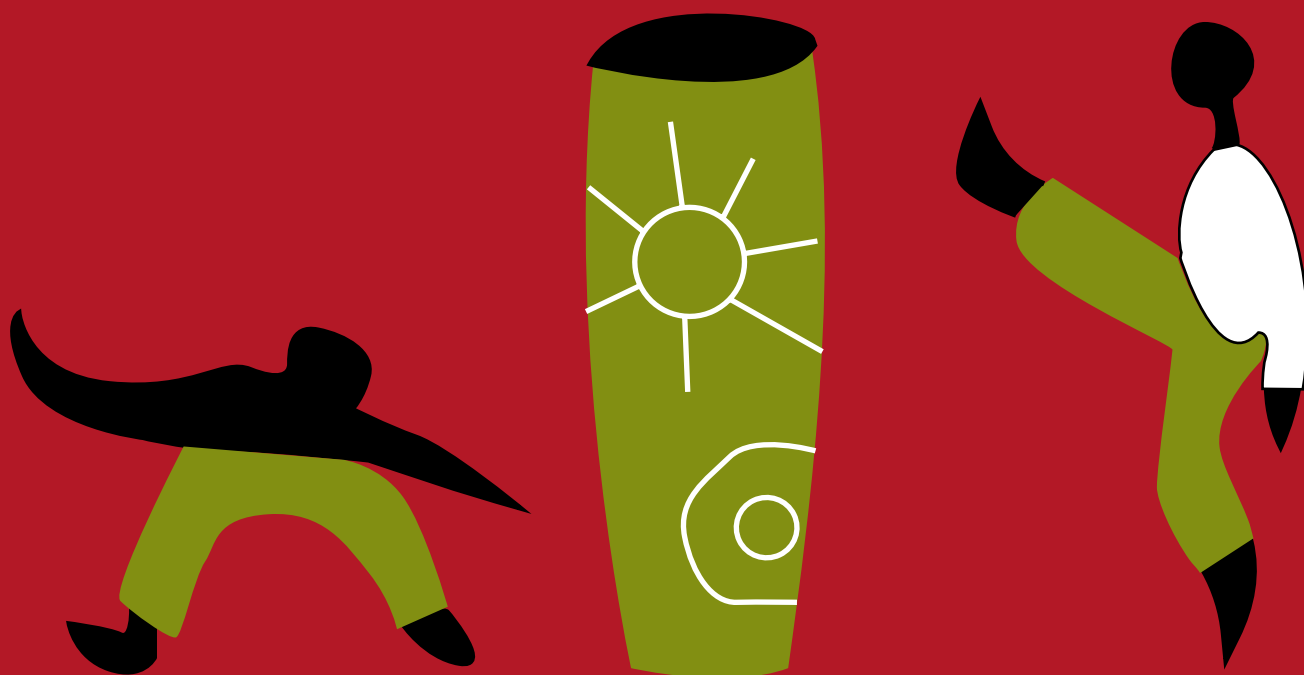
### **RESUMO**

O Museu da UFRGS tem como linha de ação a Memória Social da universidade, inserida em seu contexto histórico entendido como amplo e diverso, no qual cabem outras epistemologias. No âmbito das Ações Educativas, o princípio dialógico freiriano encaminha para escolhas de metodologias que resultem em múltiplas aprendizagens e construção de novos saberes, permitindo a valorização e a difusão da diversidade cultural, promovendo diálogos interculturais, uma experiência atravessada pela decolonialidade. A partir disso, compartilharemos o processo de construção de materiais educativos como uma prática de museologia emergente. O objeto a ser apresentado será a virtualização da Caixa Educativa Guarani Mbyá, que se valeu das cosmogonias indígenas como fio condutor para gerar um entendimento de mundo que os juruás (todos os não indígenas) nem sempre dão conta de dimensionar. Proporcionar encontros e construir pontes é um percurso, uma espécie de caminhada que produz deslocamentos em termos epistemológicos, sendo um processo de mediação cultural e aprendizagem coletiva. A curadoria de conteúdos foi compartilhada com Laercio Gomes Mariano, graduando de História na UFRGS, Mbya Guarani da comunidade Nhuundy Estiva, em Viamão/RS. Suas contribuições foram fundamentais para guiar a produção de significados, um legado que ensina a nomear e compreender uma outra visão de mundo, mais conectada com os tempos da natureza, que guiam as práticas cotidianas da comunidade Guarani e os recursos que estão disponíveis. O modo de fazer esse processo seguiu uma metodologia aberta e participativa, com encontros de aprendizagem e apreensão de conteúdo a partir da escuta das narrativas do Laercio, uma vivência que partiu da Oralidade para a partilha de saberes, respeitando o tempo do modo de ser Guarani cuja memória e ancestralidade emergem nas trocas dos relatos cotidianos, de maneira não linear e muito profunda. Surgem, então, novas camadas de conhecimento que juntas engendram uma poética sobre a cultura Mbyá Guarani. Disso, resultou um inventário participativo sobre os artefatos da cultura material Guarani, com explicações sobre técnicas e significados da produção artística implicada na feitura de esculturas, instrumentos musicais, e cestarias. A articulação da transversalidade de saberes surge nos assuntos Territórios, Cosmo-sônica, Modos de Ser, entre outros que integram as enunciações desse processo que está publicado junto ao site do Museu.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Caixas Educativas. Guarani Mbyá. Interculturalidades.  
Processos Dialógicos. Oralidade.

# PÔSTERES





## **Patrimônio natural e racismo ambiental: abordagem crítica para a Serra das Areias**

**Cláudio Sérgio Lúcio Silva**

Universidade Federal de Goiás - Graduando em Ecologia e Análise Ambiental

**Giovanna Silveira Santos**

Universidade Federal de Goiás - Doutoranda em Antropologia Social

### **RESUMO**

O racismo ambiental refere-se ao conjunto de ideias e práticas das sociedades e seus governos, que aceitam, incentivam e praticam a degradação ambiental e humana, direcionando resíduos, venenos e poluentes que colocam em risco a vida das comunidades excluídas onde sabemos que a maioria é composta por pessoas negras e periféricas. Ou seja, se torna uma ferramenta que afeta os menos favorecidos socioeconomicamente, que são sobrecarregados pelos danos ambientais e ao mesmo tempo são privados de recursos naturais subtraídos pela lógica capitalista. No Brasil, esse grupo é formado por pessoas de baixa renda, como coletores de lixo, entregadores de aplicativo, povos étnicos tradicionais, operários, extrativistas, pescadores, pantaneiros, caçaras, ciganos, comunidades de terreiro, faxinais, ribeirinhos, quilombolas, entre outros. As leis de proteção ambiental e numerosos acordos internacionais de que o Brasil é signatário, assim como a própria Constituição, foram e continuam transgredidos na meticulosa desmontagem do sistema de vigilância, prevenção e combate às agressões ao patrimônio natural. Esse é notavelmente um dos crimes praticados através do racismo ambiental. Muitos são os problemas a solucionar e as questões a responder em relação ao meio ambiente, porém fica bastante expressiva a necessidade de se considerar as estreitas relações entre raça, pobreza e poluição e de se valorizar os conhecimentos locais das populações sobre os seus ambientes. Estas ações são extremamente relevantes se o que se tem em vista é redesenhar a política ambiental para que esta seja elaborada de maneira não discriminatória e se consiga atingir uma situação de justiça em que a máxima seja o respeito à todas as formas de vida. Pois não adianta sermos milhões se não somos um, é necessário ação coletiva e objetivo comum. O Complexo das Serra das Areias, reserva ambiental, patrimônio turístico e paraíso natural, como é chamado, está localizado em Aparecida de Goiânia - Goiás, região onde se encontra o Quilombo Urbano Vila Delfiore e entra em cena para revelar desafios contemporâneos de se abordar patrimônios em uma perspectiva interseccional. A finalidade deste trabalho é começar a pensar um formato que olhe não apenas para a preservação de ambientes por si só, mas que leve em consideração as comunidades que o cerca. Compreendemos para tal, a Museologia como uma ciência interdisciplinar e intercultural que se volta ao estudo da relação e ligação das comunidades com seus patrimônios.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimônio natural. Racismo ambiental. Serra das Areias.



## O Projeto Presença Karajá e as possibilidades de práticas colaborativas na documentação

**Renata de Sousa**

Universidade Federal de Goiás - aluna

**Tuinaki Koixaru Karajá**

Pesquisadora

### RESUMO

Ao dialogar com a museologia social e as teorias decoloniais, o Projeto Presença Karajá - que tem como objetivo mapear, identificar e analisar as coleções das bonecas cerâmicas Karajá (ritxoko) presentes em acervos de museus brasileiros e estrangeiros - conta com pesquisadores indígenas em sua equipe para o trabalho de documentação desse patrimônio, bem como proporciona o acesso do povo Iny Karajá a essas importantes referências culturais. Na era pós-colonial, tais coleções passaram a ser questionadas e repensadas, uma vez que foram formadas a partir do olhar colonial de colecionadores, sociedades e instituições que as abrigavam, produzindo imagens estereotipadas e homogêneas dos povos originários. Dessa forma, vê-se a importância de se construir espaços para o diálogo e o protagonismo indígena na releitura de museus, acervos e na sua documentação, compreendendo como esses povos enxergam as noções de patrimônio, de museu e de coleções, visto que também querem ocupar esses espaços e falar por si próprios a partir das perspectivas construídas por suas próprias experiências de vivências no mundo. Esta pesquisa tem como objetivo a análise do trabalho conjunto da equipe multidisciplinar do Projeto Presença Karajá com pesquisadores indígenas para o preenchimento do Instrumento Comum de Coleta dos Dados da Pesquisa (IC) dos museus que possuem as ritxoko em seu acervo, estabelecendo a possibilidade de um trabalho colaborativo que dá voz aos produtores desse patrimônio e que permite um aprendizado mútuo. Ao final, podemos observar que o Projeto Presença Karajá facilita o diálogo e o estabelecimento de relações a respeito das coleções de ritxoko presentes nos museus, como também contribui para a complementação e a correção de informações sobre esses objetos nas instituições que os abrigam, demonstrando a relevância do trabalho conjunto entre pesquisadores indígenas e não indígenas.

### PALAVRAS-CHAVE

Documentação museológica. Projeto Presença Karajá. Ritxoko.  
Práticas colaborativas.



## **Pescando Memórias nas Ilhas do Guaíba**

**Caroline Brum Machado**

Bacharela - Direito/Uniritter

Discente - Museologia/UFRGS

**Felipe Mendonça Pirovano**

Discente - Museologia/UFRGS

### **RESUMO**

O Projeto Pescando Memórias nas Ilhas do Guaíba foi desenvolvido durante o período de isolamento social decorrente da COVID-19, a fim de coletar registros de moradores das ilhas habitadas do bairro Arquipélago de Porto Alegre (das Flores, Grande dos Marinheiros, Mauá, do Pavão e da Pintada), e encaminha-se para a sua segunda edição. Inserido no Programa Educação para o Patrimônio no bairro Arquipélago, e vinculado aos cursos de graduação em Museologia e Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), possui como objetivo cerne incentivar e/ou reforçar o sentimento de pertencimento da comunidade das ilhas e o envolvimento social e patrimonial a partir da recuperação de memórias afetivas socioterritoriais. Para a execução, realizou-se uma convocatória através das redes sociais do Museu das Ilhas de Porto Alegre, também vinculado e criado em parceria com a Universidade, para que os moradores das ilhas enviassem uma fotografia digital acompanhada de um áudio de até cinco minutos, via aplicativo WhatsApp, narrando uma memória da região. Como resultado, observaram-se o envolvimento social de habitantes das ilhas, o registro de laços afetivos da comunidade com o seu patrimônio socioambiental e a possibilidade de utilizarmos conceitos museológicos para mediar e registrar as reflexões em torno das memórias individuais e sociais, assim como suas relações com a cidadania. Concluimos, considerando o êxito da primeira edição, que é conveniente dar continuidade ao projeto, agora de maneira presencial e acompanhada de Oficinas de Educação para o Patrimônio, a serem realizadas junto às escolas locais e ministradas pelas docentes vinculadas ao Programa de Extensão Educação para o Patrimônio no Bairro Arquipélago, visando estimular a comunidade a se voltar para suas referências e interpretar os traços identitários que chegam ao presente.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia Social. Patrimônio Cultural. Educação para o patrimônio.



## **Vivências Museais no Terreiro de D. Maria: construindo um discurso feminino Afro-Amazônida**

**Ana Cristina Silva Souza**

Universidade Federal do Pará - Discente

**Diogo Jorge de Melo**

Universidade Federal do Pará - Docente

### **RESUMO**

Este trabalho se constitui a partir de vivências e experiências adquiridas através do projeto de pesquisa Museologia, Decolonidade, Memória: desdobramentos teóricos a partir de contextos afro-diaspóricos e amazônico, realizados durante a pesquisa de campo no ano de 2021 e 2022 no Terreiro de Dona Maria Natalina Santos Costa (1943-), no bairro da Marambaia em Belém do Pará. Tendo por base um questionamento, uma provocação: o que faz um Museu, ser um Museu? Uma pergunta aparentemente essencialista, no entanto é condutora a diversas questões culturais e contemporâneas, ao contextualizar uma percepção da Museologia como área acadêmica, pela via da decolonialidade e das questões raciais. Construído teoricamente mediante aproximações entre as concepções de Terreiro e Museu, e a dificuldade de aceitar-se o terreiro como sendo um espaço museal, um espaço religioso equivalente à uma igreja. Tal aspecto evidencia uma estrutura racista de poder colonial e europeizado, quer seja na própria constituição e compreensão do Museu, em seu significado político-social, distante da reprodução e produção de significados culturais, quer seja ao perpetuar uma visão restrita e invisibilizadora sobre estes espaços de cultura, os quais historicamente foram desvalorizados, inferiorizados, marginalizados, vandalizados, exotificados e infantilizados devido, principalmente ao racismo estrutural e religioso. Desse modo, surge uma concepção outra de Museu e de um novo fazer cultural museal. Conjuntamente a narrativa de um discurso feminino afro-amazônida, escolhido como forma de representação de identidade e memória, alicerçando as argumentações apresentadas. O trabalho se configura no enlace entre reflexões teóricas da Museologia com a descrição perceptiva, durante o processo de pesquisa, em um ato construtivo das memórias autobiográficas da primeira autora, enquanto mulher negra e amazônida. Neste sentido, é traçado um percurso de autorreconhecimento patrimonial e fratrimonial neste local, unindo a representatividade do feminino à ancestralidade. Nesse universo, o trabalho dialoga com aspectos do racismo, reparação e futuridade, reconhecendo o Terreiro de Dona Maria Natalina como um “Museu Vivo”, transformador e restituidor de identidades.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mulheres Negras. Religiões Afrodiaspóricas. Museus. Museologia. Memória.



## **Museu Antonio Selistre de Campos e a visibilidade dos povos indígenas do Oeste Catarinense**

**Franciele Maziero**

Museu Antonio Selistre de Campos - Pesquisadora

**Cristiane Cecchin**

Museu Antonio Selistre de Campos - Pesquisadora

### **RESUMO**

O presente resumo visa destacar a importância das discussões sobre os povos indígenas do oeste catarinense, mais precisamente em Chapecó, por meio do acervo do Museu Antonio Selistre de Campos - MASC que, desde sua criação legal no ano de 1978, foi constituído por diversos objetos oriundos de coleções externas, da comunidade, do poder público, além de artefatos que compunham a coleção arqueológica e etnográfica pertencente ao juiz de direito Antonio Selistre de Campos - daí o nome do Museu. O MASC se configura como um espaço de educação museal que, em virtude de sua tipologia de acervo e temática, vai ao encontro dos interesses de professores e estudantes de Chapecó e região, ao perceberem-no como um espaço de pesquisa e ressignificação de sua identidade cultural. Ao longo do tempo, o Museu foi diversas vezes transferido para outros espaços, o que colaborou com a perda de representatividade institucional e visibilidade do acervo em Chapecó. É neste caminho que em 2019, a equipe atuante dos museus da Prefeitura de Chapecó, com vistas a aumentar a visibilidade da coleção arqueológica e etnográfica do Museu, dedicou-se à elaboração de um material didático para ser distribuído à rede pública e privada de ensino. A cartilha, intitulada como "Povos Indígenas do Oeste Catarinense: trajetória e atualidade", foi elaborada como ação principal para participação na 15ª Primavera dos Museus, que teve como tema "Museus: perdas e recomeços". O trabalho teve como principal objetivo apresentar discussões sobre a trajetória das etnias indígenas – Kaingang e Guarani - da região oeste catarinense, além de fomentar reflexões sobre sua situação atual e a desconstrução dos estereótipos relacionados à cultura indígena na contemporaneidade. A proposta inicial do Projeto consistia em uma exposição de curta duração com ações educativas voltadas ao público escolar, cancelada em virtude da pandemia de Covid-2019, cujo projeto foi revisto pela equipe técnica e resultou na elaboração do material didático. Foram impressas 500 cópias da cartilha com o objetivo de distribuir o material para escolas das redes pública e privada, além de outras instituições museológicas de Santa Catarina. O material foi apresentado aos professores da área de Pedagogia da rede municipal durante a 15ª Primavera dos Museus e lançado oficialmente em Dezembro de 2021, em cerimônia com representantes da Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Assistência Social, Gerência Estadual de Educação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu. Acervo. Povos Indígenas. Educação.



## **Quando o Hallyu chega a Museologia: um recorte sobre o K-pop como cultura no Brasil**

**Andressa Rodrigues Jardim**

Discente em Museologia pela Universidade Federal de Goiás

### **RESUMO**

Na presente pesquisa pretendo analisar o K-pop ,sua história e as relações sociais entre a Coreia do Sul e o Brasil ,as quais possibilitaram que essa cultura chegasse ao nosso país em ,1961 com a vinda de imigrantes sul coreanos .Com isso ,a cultura acabou se tornando uma prática entre jovens por meio da dança ,performance ,idioma ,gastronomia e moda ,em um eixo global e no Brasil ,permitindo a formação de uma comunidade de fãs .Chegando até mim no ano de,2015 fascinando por completo ,fazendo parte da minha vida até os dias de hoje .O K-pop cresceu cerca de 485% em dois anos no Brasil ,segundo dados levantado pelo jornal Metrôpoles em uma reportagem do ano de ,2019 e teve seu principal impacto desde 2017 com grupos como BTS e BlackPink ,levando o Brasil a ser o.5 ° país que mais consome K-pop no mundo .Busco com a pesquisa propor processos de musealização dessa cultura ,entrelaçando reflexões sobre a atuação da museologia na preservação de referências culturais contemporâneas ,sobretudo ,aquelas relacionadas a gerações costumeiramente designadas como” adolescência “e” juventude .“Por meio de uma exposição digital ,elaborada com a minha comunidade ,pretendemos contar como o K-pop se introduziu no país e acabou se tornando uma grande influência ,fazendo uma análise a partir da ideia de patrimônio cultural material e imaterial ,visto o K-pop demonstra que essas dimensões são entrelaçadas .A dimensão regional será enfatizada ,por meio da questão :sendo estado de Goiás marcada mercado por grandes eventos voltados para cultura ,onde se insere o K-pop ?A metodologia da pesquisa envolve levantamento bibliográfico e elaboração da exposição colaborativa apresentando o K-pop através dos random play dance ,itens de fãs ,e eventos ,numa exibição dedicadas não somente a música ,mas a cultura coreana em si ,mostrando como a mesma e a música andam sempre juntas se tornando também um ponto de identificação e memória .Dessa forma a exposição contextualizará como a onda coreana atingiu o país e se tornou algo muito forte em meio a crianças ,jovens ,adultos e também idosos .Destarte ,as relações entre processos de musealização e contextos geracionais será abordada ,questionando visões estereotipadas acerca desse universo .O estudo trará uma perspectiva mais ampla para os curiosos sobre o K-pop e a Coreia do Sul ,fazendo uma relação direta entre público e comunicação a partir das ações museológicas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

K-pop .Cultura .Museologia .Exposição colaborativa .Goiás.



## **A Apropriação do Patrimônio Alimentar pelo Agro e o Prejuízo Material e Simbólico aos Povos Tradicionais**

**Juliana C. Ferreira Candido**

Universidade Federal de Santa Catarina, graduanda em Museologia

### **RESUMO**

Segundo dados do MyFarm (2020), startup que reúne agentes de tecnologia, gestão e agronegócio, nos últimos anos o agro brasileiro atingiu recorde de produção, tendo registrado em 2020 a colheita de 240,9 milhões de toneladas, superando em 33,6 mil toneladas o esperado em 2019. Em paralelo a isto, o Brasil registrou um grande crescimento no mapa da fome. Dados do IBGE (2020) mostram que aproximadamente 10,3 milhões de pessoas passam fome no país atualmente e, com a pandemia de COVID-19, esse panorama pode se agravar ainda mais. Sabemos que o Brasil é famoso por sua rica culinária, que carrega consigo tradições, memórias, identidades, regionalismos. “A comida de verdade, aquela preparada por pessoas de verdade, é um patrimônio cultural, tanto material por seu aspecto físico, palpável e degustável, quanto imaterial pelo simbolismo que representa na história e no cotidiano das pessoas.” (DIAS, 2015). No Brasil, o agronegócio surge como elemento alternativo ao grande latifúndio, como forma de tirar da propriedade “latifundista” a imagem negativa do trabalho escravo, do coronelismo, do clientelismo, da subserviência, da extrema concentração da terra e, sobretudo, do atraso político e econômico característico do campo brasileiro. (ARAÚJO, 2019) O crescimento do agronegócio tem uma forte ligação com as expansões das fronteiras agrícolas sobre áreas de preservação indígena. Estas áreas de preservação, além de serem vitais para a sobrevivência das comunidades tradicionais, são exemplos de preservação da biodiversidade e abrigam técnicas de cultivo sustentáveis, que conservam a maior parte das variedades alimentares existentes. O objetivo deste projeto de pesquisa é discutir o patrimônio alimentar pela perspectiva da soberania dos povos tradicionais, mostrando que o alimento que a terra produz é um bem comum a ser acessado e preservado e, através de análise de bibliografias, demonstrar que o agronegócio ao se apropriar deste patrimônio, destrói as variedades alimentares em nome da produtividade, transformando o alimento em “commodities”, beneficiando cada vez menos a população em geral e tornando a alimentação cada vez mais restrita, causando um grande prejuízo material e simbólico principalmente para os povos tradicionais.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Patrimônio Alimentar. Agronegócio. Povos Tradicionais.



## **Marabaixo: leituras decoloniais e feministas de um registro do patrimônio**

**Tatjana Del Castillo Barboza**

Universidade Federal de Goiás - Graduanda em Museologia

### **RESUMO**

Este trabalho é baseado nos estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa para conclusão do curso do bacharelado em Museologia, na Universidade Federal de Goiás (UFG). Neste trabalho, em produção, discuto os marcadores sociais da diferença e as narrativas de memórias insurgentes na festividade do Marabaixo. Trata-se de uma celebração ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, fortemente ligada ao catolicismo afro-amapaense e ao culto de santos que se tornaram padroeiros de comunidades marabaixeiros (termo para pessoas que praticam a festividade). Seu processo de patrimonialização, que ocorreu durante os anos de 2013 a 2018, foi oficializado Patrimônio Cultural do Brasil em 08 de novembro de 2018 após anos de luta por reconhecimento, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esta pesquisa tem como base a análise do Inventário de Referência Cultural (INRC) e do Dossiê, produzidos no processo. Compreendo esses documentos como discursos passíveis de análises decoloniais e feministas, bem como do pensamento da Museologia Social, de acordo com Moraes Wichers (2018, p.144). Utilizando o levantamento bibliográfico, a análise do INRC e do Dossiê elaborados sobre o Marabaixo, que são essenciais para comprovação da necessidade da salvaguarda deste patrimônio na construção de narrativas de pertencimento e resistência da população afro-brasileira, busco colaborar com a discussões acerca da patrimonialização, da musealização e da construção de memórias. Meu compromisso com este trabalho é evidenciar sobretudo as políticas públicas que se mostram necessárias para a preservação de patrimônios afro-brasileiros presentes em regiões e experiências culturais descentralizadas no Brasil. Além de firmar compromisso com a “escrevivência” - termo que atualmente tem se consolidado como método, alcunhado pela escritora e professora Conceição Evaristo - de minha profissionalização em formação na Museologia, como mulher negra nortista, LGBT e periférica. Desejo contribuir com o pensamento decolonial, de construções de rupturas da colonialidade, inclusive de pensamentos, em nome das minhas ancestrais, que tiveram suas histórias marcadas pela marginalização e silenciamento enquanto pessoas em diásporas, assim como de mulheres amapaenses que até os dias atuais buscam o fortalecimento e respeito aos povos e manifestações culturais afrodescendentes ou que não puderam as manifestar pelo medo, as opressões tão presentes no racismo cotidiano.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Decolonialidade. Feminismos. Patrimônio Cultural. Marabaixo.



## **"Corpo Negro ,Cubro Branco:" caminhos para uma crítica institucional no presente**

**Sofia Perseu**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Aluna da graduação

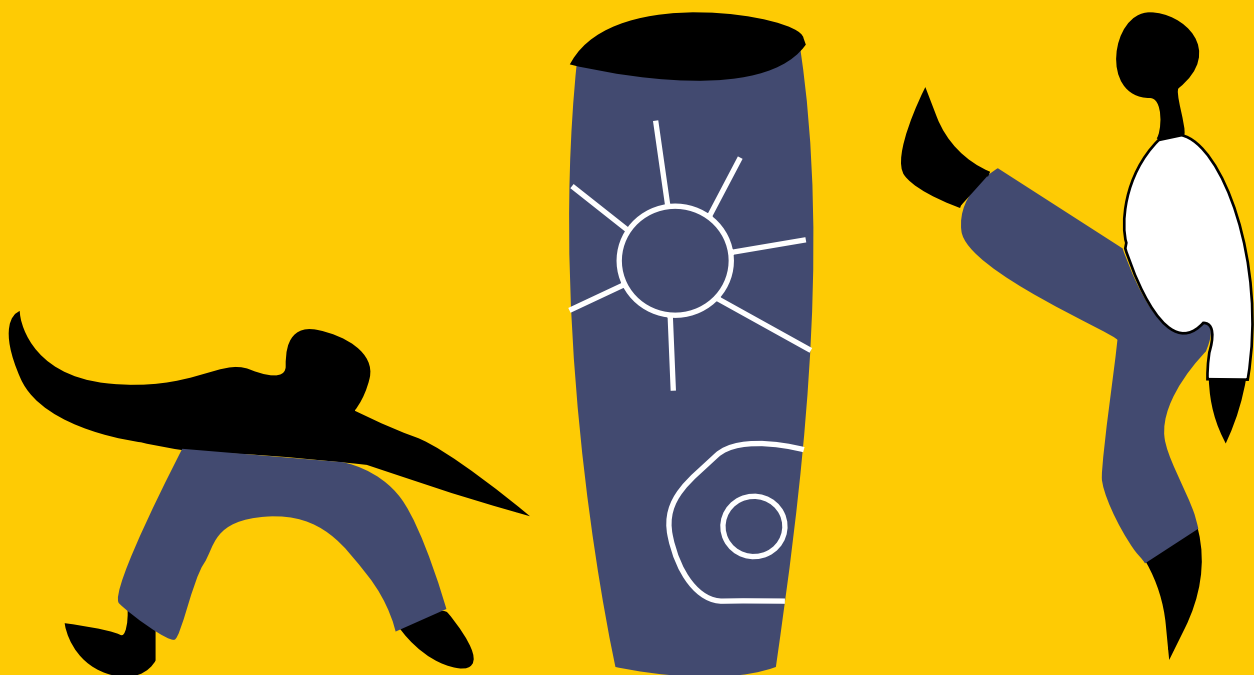
### **RESUMO**

Como os museus de arte se relacionam com artistas, quando estes propõem projetos específicos para o seu contexto institucional? Quais são as questões colocadas aos museus pelos artistas e seus trabalhos na contemporaneidade? Que negociações entram em jogo nessas experiências? Como pensar a crítica institucional sob a perspectiva de sujeitos artistas (e educadoras/es) que atuam no interior destas instituições? Partindo das referentes perguntas-problema e de seus possíveis desdobramentos, o presente trabalho busca investigar como instituições de arte se envolvem em processos auto reflexivos e críticos em relação a o que e como podem aprender (e desaprender) com a arte e com os artistas, tendo como ponto de partida o trabalho "Corpo Negro, Cubro Branco" (2019), da artista, educadora e curadora Renata Sampaio. A proposição artístico pedagógica, desenvolvida para a publicação independente LINGOA GERAL, consiste em um conjunto de 23 "cartas situações", divididas em dois conjuntos: um com 16 cartas pretas e outro com 16 cartas brancas. O primeiro apresenta situações relacionadas a aspectos favoráveis a atuação de mediadoras/es racializadas/os como negras/os em instituições de arte; já o segundo designa acontecimentos violentos, em sua maioria relacionados a episódios de racismo, em suas mais variadas configurações. O baralho também conta com instruções para o jogo. Tendo como base o esquema conceitual extraído do artigo "*Learning from art and artists*" (2001), da curadora e educadora sueca Maria Lind, que articula cinco "imperativos institucionais" (experimentalismo, imaginação, abertura, sensibilidade e engajamento) à produção de Sampaio, o estudo busca apontar potenciais caminhos para instituições repensarem a si mesmas e se reinventarem a partir das funções que desempenham, testando novas ferramentas, processos e formatos. Uma vez que o trabalho de Sampaio pode ser lido como um "material educativo reverso", pensado para ser utilizado no interior da própria instituição e não para seus públicos, "Corpo Negro, Cubro Branco" figura enquanto importante ferramenta de pesquisa, ação e, sobretudo, crítica institucional contemporânea, elaborando novas ferramentas discursivas acerca do sistema da arte a partir da perspectiva de alguém que está no interior da instituição, promovendo discussões em contextos institucionais diversos e entrelaçando a prática da mediação cultural à produção artística.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Crítica institucional. Mediação. Educação em museus. Sistema da arte.

**GT 10**  
**DESAFIOS DOS MODELOS**  
**DE GESTÃO EM MUSEUS NA**  
**CONTEMPORANEIDADE**





## **GT 10 - DESAFIOS DOS MODELOS DE GESTÃO EM MUSEUS NA CONTEMPORANEIDADE**

### **Coordenadores**

Ana Paula Ferreira de Brito (UFRGS)

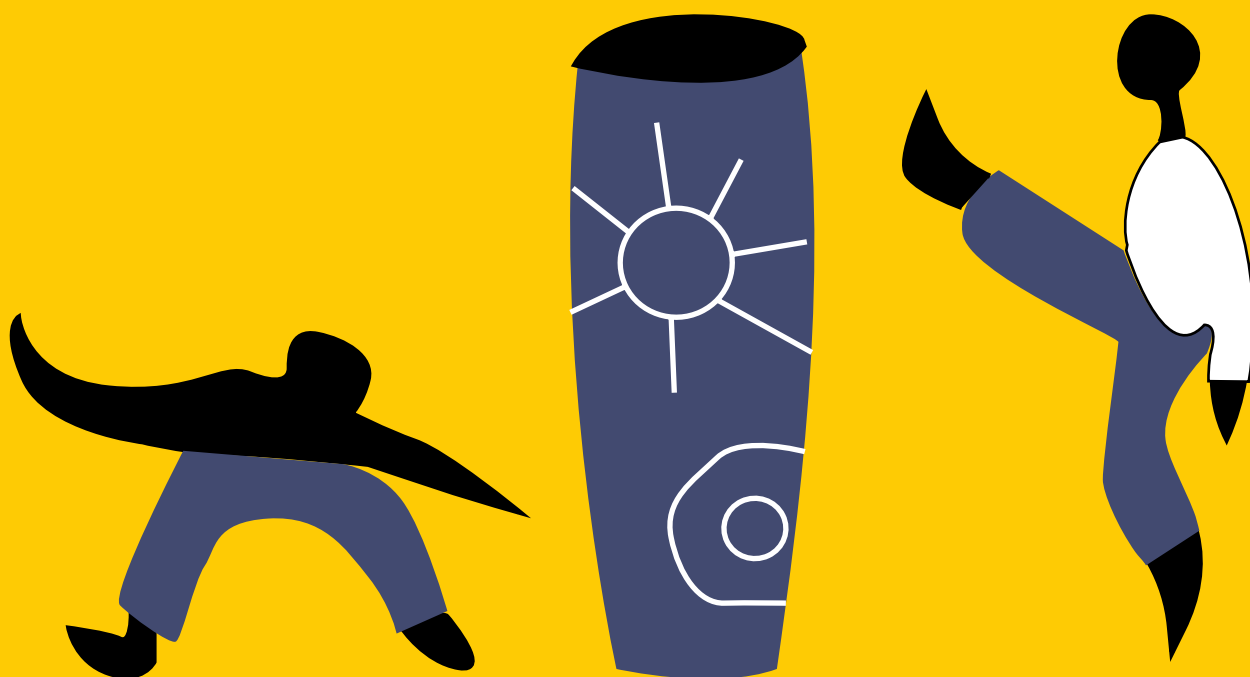
Ana Ramos Rodrigues Castro (UFRGS)

Deise Formolo (Museu do Imigrante de Bento Gonçalves - RS)

### **Resumo**

Este GT estimula o encontro de pesquisadores e profissionais de instituições museológicas interessados em compartilhar reflexões sobre os diferentes modelos de gestão de museus na contemporaneidade. O GT busca ampliar a discussão em torno das mais variadas formas de administração nos museus, dedicando especial atenção ao crescente modelo de gestão de museus públicos por Organizações Sociais, que tem como desafios conciliar as demandas da chamada "indústria e marketing cultural" com a função social do museu e seu relacionamento de longo prazo com seus diferentes públicos. Nos museus comunitários, entre os desafios, destaca-se a gestão multitarefas, a sustentabilidade, entre outras questões que perpassam modelos de gestão mais horizontais e com ausências de recursos fixos. Como forma de contribuir para os debates do campo museológico, este GT visa acolher pesquisas e estudos de caso que envolvam análises acerca das políticas de gestão do setor museológico, bem como as políticas culturais voltadas para o campo museal de forma mais abrangente, abordando os desdobramentos históricos, sociais e econômicos para o campo da cultura. conservação. Tais propostas devem contribuir para o debate interdisciplinar, intercultural e interseccional na museologia, visando à reflexão dos fenômenos e desafios contemporâneos.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **Plano Museológico do MUSEARQUI: desafios, percepções e possibilidades pós publicação**

**Daniele Rauber**

Fundação Genésio Miranda Lins/Museu Etno-Arqueológico de Itajaí e Museóloga

### **RESUMO**

Esta comunicação está dividida em três períodos temporais :o precedente de elaboração do Plano Museológico) PM (do Museu Etno-Arqueológico de Itajaí) MUSEARQUI ;2022-2027 (o processo de construção ;e pós publicação - aplicações e desafios ,com o intuito de possibilitar ao leitor maior entendimento acerca do que será abordado e compreensão do desenvolvimento na instituição .A primeira estratégia foi a criação de um cronograma de elaboração do PM com a gestão e o técnico, em conjunto com o outro museu da cidade ,de modo a cada museu caminhar o mais próximo do outro ,respeitando suas especificidades .Posteriormente foi aplicado uma oficina sobre o PM em maio de ,2021 ministrada pelas duas museólogas efetivas ,para capacitar as equipes e convidados estratégicos ,criando assim uma rede de contatos .A última ação precedente do MUSEARQUI foi elaborar o projeto do PM com conceituação ,objetivos ,metodologia ,cronograma ,entre outros. A concepção do plano começou após a oficina ,sendo dividido em três etapas que contaram com a participação de setores da Prefeitura ,ensino e comunidade ,aproximando o museu desses indivíduos/órgãos e trazendo a participação da comunidade para a construção do documento .A sua publicação se deu em período cujo orçamento está comprometido com outras ações e que não abarcava os projetos planejado ,sendo a maioria dos mesmos destinados para iniciarem no ano seguinte ,com o intuito de acrescentá-los na Lei Orçamentária Anual do município e especialmente no orçamento da mantenedora pública ,uma vez que o museu não possui orçamento próprio e autonomia jurídica .Portanto ,é extremamente importante que o PM seja incorporado nas políticas públicas orçamentárias do município ,como o Plano Plurianual ,para fortalecer a sua execução. Também é necessário o diálogo constante com a comunidade ,pois sabe-se que para além da questão orçamentária e legislação brasileira acerca do PM ,a sua implementação pode refletir-se no interesse administrativo e político .Por fim ,muito além de que uma ferramenta estratégica, o PM é um instrumento de empoderamento institucional ,que permanece acima da volatilidade política ,que possibilita a cobrança do corpo técnico e comunidade ,abrindo as portas para participação em políticas públicas de gestão ,financiamento e fomento ,balizando e compilando diversas informações do museu em um único documento e proporcionando a recuperação rápida e concisa desses dados.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Plano museológico .Gestão museal .Lei orçamentária.  
Financiamento e fomento .Políticas públicas.



## **Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito - CEMAC: desafios de um Centro de Memória Institucional**

**Elisandra Forneck**

Historiadora do Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito-CEMAC

### **RESUMO**

Este relato objetiva descrever e analisar parte das atividades desenvolvidas no Centro de Memória Alfa/MaxiCrédito - CEMAC, mantido pelas cooperativas Cooperalfa e Sicoob MaxiCrédito, do ramo agropecuário e de crédito, respectivamente. O CEMAC, criado em 2010, visa salvaguardar, pesquisar e comunicar a memória e a história das cooperativas, dos seus associados, colaboradores e do cooperativismo. De cunho histórico, as principais atividades realizadas pelo CEMAC são: salvaguarda do acervo, pesquisa histórica, elaboração de exposições, eventos culturais e projetos afins. Nesse sentido, sendo a confiança, sua história, a cooperação e o respeito às pessoas os principais valores das instituições, o trabalho do CEMAC tem sido essencial para o fortalecimento da identidade institucional e de suas marcas no mercado. É primordial também perceber como a cultura organizacional influencia a história da organização. A memória institucional - percebida como a representação que o grupo faz do próprio passado - pode evidenciar a importância de cada colaborador e associado dentro da conjuntura institucional. É o que chamamos de pertencimento. Reconhecer a história na qual se insere dá novo sentido ao trabalho realizado pelas pessoas e contribui para que elas se tornem importantes agentes de fortalecimento da cultura institucional. Além disso, estando o CEMAC atento para a contextualização histórica em que os documentos preservados foram produzidos, esse acervo é importante não apenas para a história e memória das instituições, mas também para enriquecer e incentivar pesquisas regionais em agricultura, crédito, cooperativismo, manifestações sociais e diversidade étnica/cultural. Os trabalhos que vêm sendo realizados estão configurando a memória institucional destas cooperativas também como patrimônio histórico-cultural das regiões de abrangência destas. Vale destacar que na região Sul o cooperativismo tem papel fundamental na cultura e no desenvolvimento econômico e social dos três estados, sendo conhecida por ser a mais atuante dentro do sistema cooperativo. Ao pensar a criação do Centro de Memória, a Cooperalfa e o Sicoob MaxiCrédito acreditam que este trabalho promove a valorização da história regional, de seu desenvolvimento econômico e sociocultural, além de difundir e fomentar o comportamento do pensar, do produzir e do partilhar coletivo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Centro de Memória. Memória institucional. Patrimônio histórico-cultural.



## Planejamento Estratégico para Coleções Biológicas do Museu da Patologia: complexidades e desafios do presente e futuro

**Dayana Renalli Fausto da Silva**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

**Marcelo Pelajo Machado**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

**Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira**

Museu da Patologia/IOC/Fiocruz

### RESUMO

O Museu da Patologia, criado no ano de 1903, é o primeiro museu do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Instituído por Oswaldo Cruz, este museu se forma em um contexto do início da Patologia no Brasil. Atualmente, o Museu da Patologia abriga três Coleções Biológicas, a saber: Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), Coleção de Febre Amarela (CFA) e Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT). Apesar de pertencerem à mesma tipologia, tais acervos possuem trajetórias e formações próprias. O Museu atua em cinco vertentes diferentes: Patrimônio, Ensino, Divulgação Científica, Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico. Alinhado a isso, o próprio museu tem suas particularidades como o fato de estar associado a um Laboratório de Patologia que desenvolve diversas pesquisas, incluindo doenças ligadas a questões de vulnerabilidade social, como a angiostrongilíase e a esquistossomose. Essas características dão noção sobre a complexidade envolvida ao se pensar na gestão integrada para um museu cujo acervo por si só tem um papel importante para a sustentabilidade, podendo ser trabalhado transversalmente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da agenda 2030 da ONU. Nesse sentido, desde 2007, o Museu da Patologia vem tendo sua condução pautada por um Plano Diretor formulado a partir da lógica do Planejamento Estratégico, de forma que um novo instrumento de gestão vem sendo construído com base na nova realidade tanto das Coleções do Museu quanto nas análises das crescentes mudanças nas dinâmicas globais. O time multidisciplinar do Museu da Patologia vem cumprindo um minucioso trabalho para potencializar cada uma das suas vertentes, de forma que não haja conflito entre elas, e sim que o resultado dessas associações seja maior que a soma das suas partes. Importante ressaltar que como o Museu da Patologia pertence à Fiocruz, as ações pensadas no Planejamento Estratégico são alinhadas com os documentos institucionais, como a Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais (2020), Política de Divulgação Científica (2021) e Regimento Interno das Coleções Biológicas (2022). Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da visão multifacetada facilitada por um time multidisciplinar ao se pensar em gestão integrada para o Museu da Patologia.

### PALAVRAS-CHAVE

Planejamento Estratégico. Gestão integrada. Coleções Biológicas.  
Museu da Patologia.



## **Políticas Públicas para a Gestão dos Museus no Brasil**

**Ana Ramos Rodrigues Castro**

UFRGS - Doutoranda em Políticas Públicas

### **RESUMO**

A pesquisa apresenta o processo de criação das primeiras políticas de patrimônio no Brasil, durante o governo de Getúlio Vargas na década de 1930. Nesse período, a política para os museus estava subordinada à legislação (Decreto-lei nº 25/1937) de proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Brasil. Na década de 1990, teremos a Reforma Administrativa do Estado, iniciada durante o mandato de Fernando Henrique Cardoso (FHC), em que os museus se utilizam de “táticas de sobrevivência” para se manter, pois a política cultural nesse governo mantinha um caráter mercadológico com o slogan “Cultura é um bom negócio”, do Ministério da Cultura (MinC). A partir dos anos 2000, destaca-se a criação da Política Nacional de Museus (2003) no Brasil, em um governo democrático popular e a dimensão dessas políticas públicas em cooperação com programas e encontros por meio do Programa Ibero-americano de Museus (Ibermuseum) e, ainda, passando pelas contribuições dos diferentes ministros da cultura desse período para o campo dos museus. Diante disso, essa investigação tem o objetivo de apresentar as transformações e a influência das políticas públicas nos modelos de gestão de museus instituídas no Brasil em governos diferentes. Mostrar que a entrada de um governo democrático popular alargou a representatividade e a participação de grupos sociais no campo dos museus, como as pequenas comunidades que, por um longo período não tiveram a oportunidade e o direito de narrar e expor suas próprias histórias, memórias e patrimônios em seus territórios. Pretende-se contribuir com reflexões sobre o processo de gestão desses espaços a partir das interfaces e das mudanças das políticas públicas para os museus no Brasil. E, assim, acredita-se que o grande desafio do século XXI nesses espaços de memórias é afirmar e fortalecer sua responsabilidade social e política na sociedade brasileira como instituições promotoras de políticas para a diversidade cultural e para memórias inclusivas e não somente com viés mercadológico e de entretenimento.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Gestão. Políticas Públicas. Políticas Culturais. Democracia. Museus.



## **Diagnóstico participativo na elaboração do Plano Museológico do Museu Histórico de Itajaí**

**Tayná Mariane Monteiro de Castro**  
Museu Histórico de Itajaí, museóloga

### **RESUMO**

O Museu Histórico de Itajaí (MHI) instituição localizada no litoral catarinense possui 40 anos de história, ao longo desses anos alcançou importantes conquistas como a Resolução de criação, Comissão de acervos, política de aquisição e o regimento interno, dispositivos institucionais de organização e gestão essenciais para as instituições museológicas. Além disso, entre 2014 e 2016 o Museu passou por restauro, ganhou um prédio anexo e a exposição de longa duração passou por requalificação. Entretanto, ainda se fazia necessária a construção do Plano Museológico, importante documento de planejamento estratégico obrigatório para os museus brasileiros. Até o ano de 2021, a instituição não possuía um profissional museólogo que pudesse ser responsável pela sua elaboração, com isso em maio de 2021 iniciou-se o processo de elaboração que findou em maio de 2022. O Plano Museológico divide-se em três grandes etapas: Caracterização da instituição e Diagnóstico; programas e projetos. O diagnóstico é a principal etapa e recomenda-se que seja participativo, pois a partir deste é possível analisar quais os pontos positivos, negativos e as reais necessidades da instituição. Por isso, para o Plano Museológico do MHI foram utilizadas estratégias para que se pudesse ter diferentes perspectivas sobre o Museu envolvendo os mais variados atores sociais, pessoas que participam ativamente da dinâmica da instituição e técnicos de áreas relacionadas aos programas. A missão, visão e valores da instituição, bem como os projetos foram definidos baseados nas discussões realizadas com a coletividade, garantindo o acesso da população aos processos decisórios. Portanto, essa comunicação objetiva apresentar o processo de elaboração do diagnóstico, as metodologias elaboradas pela equipe do MHI e os resultados alcançados, bem como a experiência deste processo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Gestão de Museus. Diagnóstico Museológico. Museus. Museologia.



## **Ecomuseu Delta Parnaíba: Gestão e Documentação Participativas**

**Áurea da Paz Pinheiro**

Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr  
Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

**Fernando Antonio Lopes Gomes**

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio  
Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr  
Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

**Rita de Cássia Moura Carvalho**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr  
Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

### **RESUMO**

Apresentamos estudos e intervenções em andamento desde 2015 para a constituição com e para as comunidades ribeirinhas, praiadeiras e deltaicas do Ecomuseu Delta do Parnaíba no litoral norte do Piauí, o Maranhão e o Ceará, no Meio Norte do Brasil. Trata-se de um museu a céu aberto, a serviço das populações que habitam o território, que detém patrimônios ancestrais, portanto, uma natureza de museu que desempenha uma função social e política estratégica de pesquisa, documentação, conservação e salvaguarda dos patrimônios com gestão participativa e colaborativa. Adotamos o conceito de rede de museus, que se afirma na existência de equipamentos culturais autônomos, mas que somam esforços e otimizam recursos para planejamento estratégico de execução de programas, projetos e ações conjuntos. As redes favorecem a existência sistemática e qualificada dos equipamentos culturais. O Ecomuseu Delta do Parnaíba se afirma como um equipamento integral e integrador de comunidades locais, agentes e setores públicos, privados e sociais. Optamos pelo conceito de ecomuseu por sua natureza polinuclear, descentralizada, uma tipologia que serve de base para diálogos intergeracionais, para a construção de inventários participativos, educação ao longo da vida, privilegiando as relações cultura-natureza, em uma perspectiva ampla no campo de uma museologia de inovação social. A missão e vocação de um museu, nesse caso de um ecomuseu, é a pesquisa, documentação, educação, comunicação e salvaguarda dos patrimônios, para conhecimento, reconhecimento e valorização dos territórios, pessoas e patrimônios para promover a atribuição de sentidos e significados às memórias e histórias das comunidades, com estímulo a reflexões sobre formas de garantir a construção de territórios sustentáveis. O modelo de gestão que estamos a construir no território tem como característica a apropriação do lugar e afirmação de práticas ampliadas de gestão compartilhada, integrada com e para as comunidades no processo de construção de possibilidades desafiadoras de gestão social, educativa, cultural e política. Uma gestão dessa natureza, potencializa e provoca as comunidades para uma compreensão crítica e transformadora de conhecimento e reconhecimento, conservação e salvaguarda dos



patrimônios locais. O Ecomuseu do qual falamos está associado ao fenômeno da nova museologia, na participação das pessoas nos processos de gestão e documentação dos patrimônios.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Piauí. Ecomuseu Delta do Parnaíba. Gestão Participativa.  
Documentação. Inventários Participativos.



## **Casa de Dona Yayá: Patrimonialização e Musealização**

**Mayra Carvalho Ferreira de França**

Mestranda do Programa de Pós Graduação Interunidades da Universidade de São Paulo

### **RESUMO**

A partir do estudo de caso do imóvel tombado conhecido por Casa de Dona Yayá, no bairro do Bexiga, na cidade de São Paulo, pesquisaremos como o fato museal se dá em lugares de memória difícil e quais as formas de envolvimento de movimentos sociais em processos de salvaguarda de memórias que têm por suporte o patrimônio edificado. A Casa de Dona Yayá é tombada em níveis estadual e municipal por conta de seu valor histórico arquitetônico onde se destaca a característica de ter sido transformada em uma casa de saúde particular entre 1920 e 1950. De posse e administração da Universidade de São Paulo através do Centro de Preservação Cultural (CPC-Usp) lá sediado, a Casa foi objeto de atenção de entidades civis do bairro que tiveram um envolvimento significativo na recuperação física e simbólica do imóvel entre 1980 e 1990, movimento que se diluiu ao longo dos anos seguintes por diversos fatores, mas que ainda se faz presente pelo bloco feminista Yayartes que homenageia sua patronesse, e última moradora da Casa, por meio de um cortejo anual. Essa pesquisa em andamento procura entender como nossa sociedade se relaciona com seu passado através de práticas patrimonialistas entendidas aqui desde o tombamento, conservação, preservação e restauração – ações que se dão de forma institucional e são realizadas através do discurso da técnica e da burocracia – até às ações de grupos civis organizados que promovem mudanças e significações pela mobilização e táticas expressivas próprias, muitas vezes lidas como “não oficiais”. Perscrutar essa dinâmica, analisando os discursos produzidos sobre o passado e o patrimônio cultural, tem por objetivo produzir subsídios que embasem o posicionamento de que um bem cultural não pode ser somente disponibilizado à sociedade através da patrimonialização, mas que é preciso garantir, por meio do olhar e gestão museológicos, que diferentes grupos possam viver, lembrar e entender sua cultura através dele.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimônio. Musealização. Museu casa. Casa de Dona Yayá.



## **Economia Política da Cultura como instrumento basilar para uma Gestão Museológica**

**Gabriela Gonçalves da Rosa Ferreira**  
Universidade Federal de Pelotas

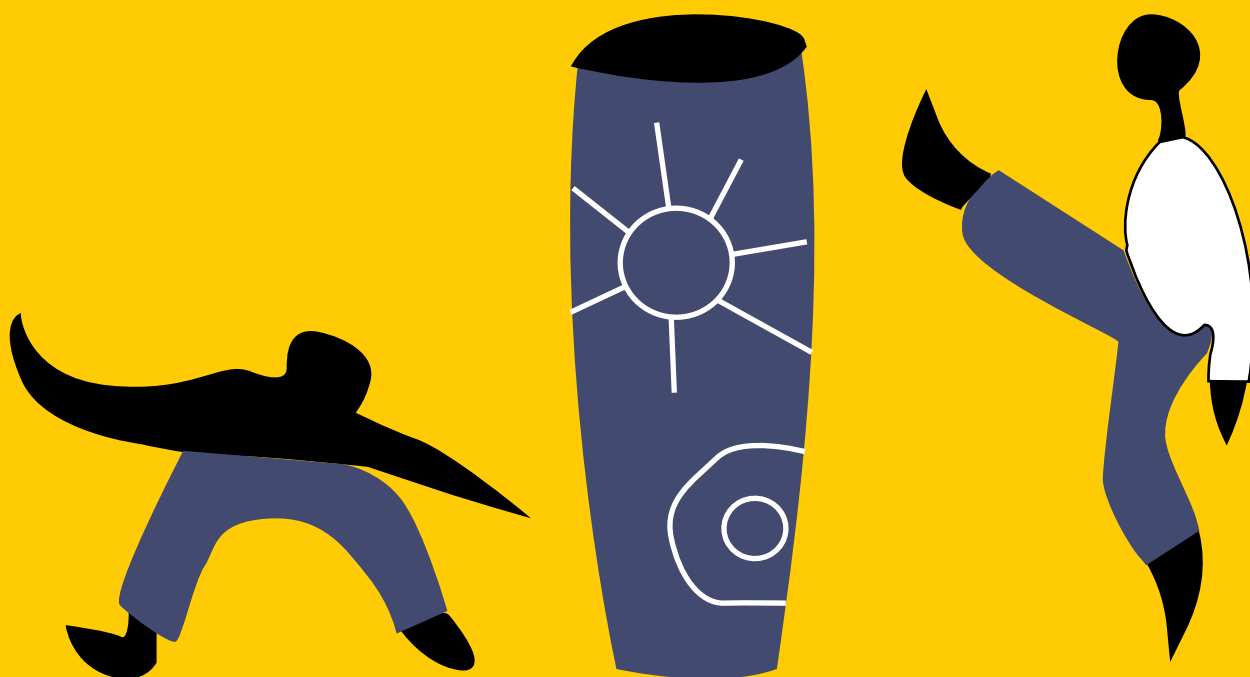
### **RESUMO**

Existem museus financiados pelo Estado, museus privados, centros culturais que abrigam acervos, museus com muitos recursos expográficos e visitantes, museus sem recursos expográficos e vazios, museus que salvaguardam acervos históricos de cidades sem incentivo algum; são várias as situações e todas elas se relacionam com a economia. Alguns países, como a França e o Reino Unido têm, em seus museus e em seus bens patrimoniais, verdadeiros tesouros não só em termos de beleza e conhecimento, mas também econômica, financeira e politicamente. Para a realidade do setor cultural brasileiro, em especial para os museus, parece improvável a possibilidade de um bem cultural gerar algum tipo de rendimento financeiro ou econômico. Apesar dos resultados que apontam a existência da cadeia produtiva do setor cultural, ainda persiste em muitos espaços de decisão públicos e privados o pensamento de que a cultura não gera rendimentos e que, por esta razão, não seria conveniente incluí-la como um vetor de desenvolvimento. As pesquisas sobre economia da cultura e economia criativa sugerem que os impactos positivos podem ser melhorados se o setor cultural for estimulado pelo estabelecimento de políticas públicas próprias implementadas de forma continuada. Essa indicação provém das investigações que colocam a organização da cultura (abordagem sociológica) no Brasil como um setor majoritariamente dependente do Estado. É importante destacar que o marketing cultural e o fomento ao patrocínio de empresas acabaram por modificar, em parte, essa relação. Neste sentido, o fomento dado a determinado campo do setor cultural muitas vezes é uma resposta às necessidades dos agentes culturais em detrimento das necessidades relacionadas ao desenvolvimento de princípios de cidadania. Considerando o exposto, se torna essencial aos museus a busca por resoluções que sejam capazes de dar conta das suas relações sociais de produção, circulação e distribuição de bens culturais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Economia da cultura. Economia política. Gestão de museus.  
Museu. Políticas públicas.

# PÔSTERES





## **Centro de Memória do Esporte Paranaense: da Idealização à Concretização**

**Adriana Porto Seus**

Paraná Esporte  
Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná

**Débora Maria Russo**

Paraná Esporte  
Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná

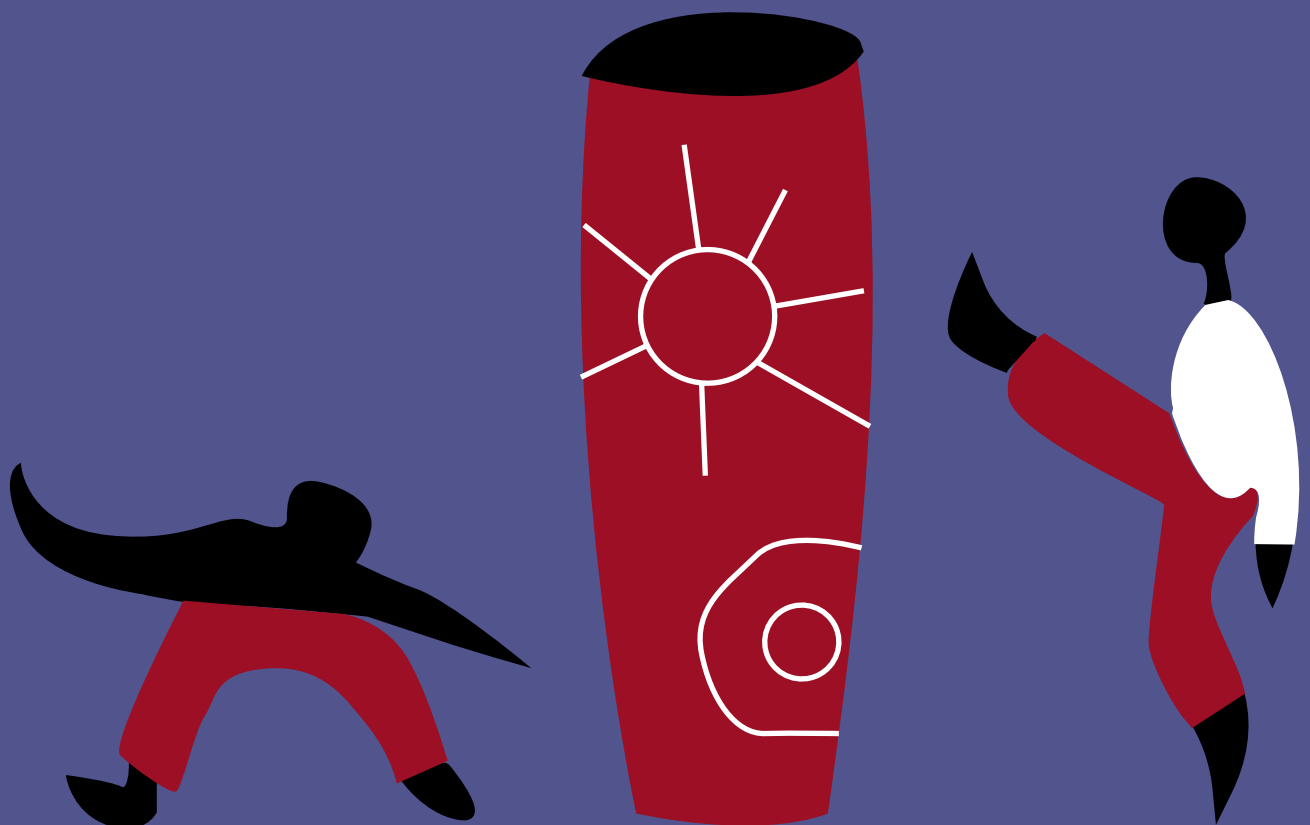
### **RESUMO**

Este resumo apresenta o projeto de construção de um espaço voltado à preservação da memória esportiva do Estado do Paraná. É uma resenha de resgate onde as primeiras linhas de ação para a concretização da instituição surgem entre os anos de 1996 e 1997 dentro de uma sala do Ginásio do Tarumã. Este local sediou a primeira Universidade de Educação Física do Paraná durante os anos 60. Lá também aconteciam as práticas de várias modalidades esportivas e eventos em geral de grande porte na cidade de Curitiba. Havia uma sala com o acervo, porém hoje o Centro de Memória do Esporte Paranaense - CMEP possui um espaço expositivo no próprio Ginásio e também um Centro de Documentação na sede da Paraná Esporte, sua autarquia mantida pela Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná. Está dividido entre o Centro de Documentação e o Memorial Esportivo em processo de regulamentação. Os primeiros registros históricos do esporte paranaense são da década de 60 e seguem até os dias atuais. O objetivo deste resumo é relatar o registro da história da criação do CMEP e suas ações atuais voltadas à preservação desta memória esportiva. Sua criação e manutenção justificam-se, pois representa um local para salvaguardar os objetos que constituem a memória esportiva do estado. Além disso, o CMEP utiliza o conhecimento adquirido e produz novos conteúdos, difundindo valores associados aos diversos jogos locais, estaduais, brasileiros e internacionais. As ações museais são instrumentos dinâmicos de prática social e estão voltadas ao memorial esportivo. Recentemente ocorreu a elaboração do Plano Museológico e de seu regimento. Uma grande parte do acervo está inserido no sistema de catalogação Pergamum utilizado por instituições públicas do Estado do Paraná. O projeto de ampliação do CMEP visa reunir profissionais de diversas áreas, porém os recursos para sua manutenção, ainda são bastante escassos, e necessitam de disposições do poder público na condução de suas ações. Novos projetos viabilizarão propostas com impacto social para a comunidade e o entorno, traduzindo a sua identidade para além dos muros que a cercam.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Memória. Acervo. Tarumã. Esporte.

**GT 11**  
**PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA**  
**ALTERIDADE EM COLEÇÕES**  
**MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA**  
**POPULARES**





## **GT 11 - PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES**

### **Coordenadores**

Vânia Dolores Estevam de Oliveira (UFG)

Elizabeth de Castro Mendonça (UNIRIO)

Ricardo Gomes Lima (UERJ)

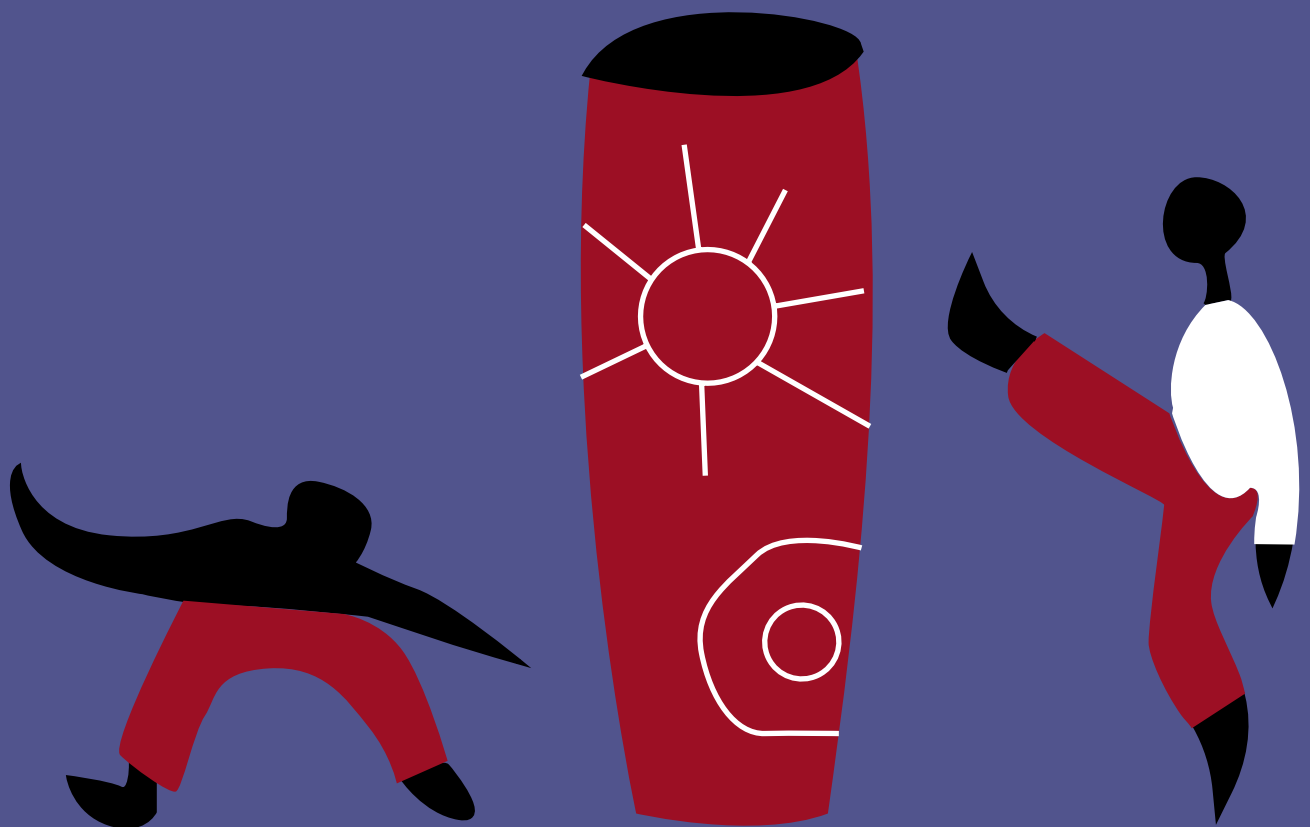
### **Resumo**

As novas tipologias de museus e, como decorrência disso, as novas configurações de acervos, trazem tanto desafios para a gestão de coleções, como novas possibilidades de pensar e exercitar a museologia, a conservação e a documentação de acervos museológicos. Este GT - que se aprovado, terá sua terceira edição no V Sebramus - tem como proposta congregar trabalhos sobre colecionismo, percursos, estudos de performances culturais e representações artísticas em coleções de museus, com ênfase nos acervos relacionados a expressões de cultura popular. Considerando que a atuação cultural, sobretudo na esfera museal, e mais pontualmente, no estímulo e apoio à cultura popular, é forma de luta e resistência, serão apreciados principalmente, mas não exclusivamente, trabalhos que abordem musealizações de acervos de arte e cultura populares e seus assemelhados, tais como objetos de cultos de matriz africana e de origem indígena, que apresentem aspectos não usuais, ou que causem estranheza no contexto tradicional da formação de coleções museológicas. Interessam-nos trabalhos que abordem os conceitos de arte e cultura populares, com possíveis implicações na política de constituição de acervo e nos sistemas de documentação e conservação das instituições museológicas, a exemplo de objetos que são alterados em sua forma física ao longo de sua trajetória no museu, por serem postos em interação constante com a realidade social circundante, ou por tomarem parte em eventos do calendário festivo das cidades em que se inserem. Interessam-nos igualmente, acervos relacionados a temáticas incomuns ou que levantem questionamentos relativos à patrimonialização, documentação e conservação, em contraposição aos interesses e anseios da sociedade envolvida com o bem em questão. São bem vindos trabalhos de pesquisa e relatos de experiência que subvertem ou põem em discussão a origem e aquisição de acervos de arte e cultura populares que fujam aos padrões tradicionais de constituição das coleções museológicas. Resultados de disputas, em campos de tensão criados e performados no interior do mundo museológico, esses objetos espelham visões de mundo que têm se modificado, alterando também as instituições que os abrigam.

5<sup>o</sup> Sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **Memória tecida com agulha e linha: trabalhos manuais femininos na Coleção Nina Sargaço**

**Rosana Gomes do Santos Rocha**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-Graduação em Educação

### **RESUMO**

Saber-fazer milenar, presente em artefatos diversos, que contém caráter simbólico significativo, por indicar a cultura e tradição de diferentes grupos sociais, o bordado faz parte do cotidiano feminino no Brasil nos séculos XIX e XX. Configura modo de fazer secular, reunindo “traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social”, produzindo relações de pertencimento e identidade. (UNESCO, 1982) Esses objetos guardados, protegidos da passagem do tempo, refletem peculiaridades do cotidiano, relacionando modos de fazer e práticas educativas. Suas materialidades conservam singularidades e simbologias, deixando fluir características imagéticas, espirituais, intangíveis, de extrema relevância sob o ponto de vista cultural. A Coleção Nina Sargaço, localizada no bairro dos Jardins, na cidade de São Paulo, reúne mais de 10 mil peças relacionadas à prática do ofício da agulha e linha no Brasil. Trata-se de importante acervo de trabalhos manuais femininos, constituindo relevante memória das práticas e métodos de aplicação de bordados e do ensino de corte e costura no país. Entre os diversos itens que podem ser encontrados na coleção estão álbuns, cadernos escolares, revistas, livros, panos, acessórios, rendas, bordados, vestimentas, fios, carretéis, dedais, tesouras, riscos, desenhos, máquinas de costura, diplomas, crochês, tricôs, pequenas esculturas, móveis, métodos de ensino, etc. Tal acervo vem sendo estudado na pesquisa de doutorado “Bordado, Identidade e Memória: a representação do feminino na educação do início do século XX com base na Coleção Nina Sargaço”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A coleção, que surgiu de forma seletiva e voluntária, por vontade individual, num processo de acumulação de itens corriqueiros do cotidiano relacionado ao universo têxtil, torna-se lugar de memória de modos e métodos de fazer e saber, bem como de rituais e crenças. A salvaguarda dessas práticas permite que tal conhecimento possa ser transmitido às gerações futuras, sem que o mesmo caia no esquecimento.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Saber-fazer. Coleção. Patrimônio. Memória. Trabalho manual.



## **Moda e Cultura Popular: uma investigação no acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro**

**Lígia Maria Silva Macêdo**  
PPGMS-Unirio, mestranda bolsista CAPES  
**Adriana Russi Tavares de Mello**  
UFF, PPGMS-UNIRIO

### **RESUMO**

Por muito tempo expressões das culturas identificadas como “populares” foram marginalizadas pela narrativa histórica hegemônica, como nos lembra Le Goff (2003). Isso mudou a partir da segunda metade do século XX, dentre outros fatores, devido a difusão do conceito antropológico de cultura e a noção de diversidade cultural como em Lévi-Strauss (1952), por exemplo. No Brasil, desde os anos de 1980, acompanhamos o desenrolar da “patrimonialização das diferenças”, como explica Regina Abreu (2015). Da mesma forma, objetos do vestuário ligados à cultura popular também permaneceram excluídos da história da moda. O vestuário é compreendido hoje, dentre outros vieses, pela sua capacidade de desvelar aspectos da vida social, e assim, materializar aspectos de diferentes culturas (CALANCA, 2011). Relacionado a uma pesquisa ainda em fase inicial, este trabalho aborda o vestuário enquanto fenômeno social que se expressa por meio de objetos como roupas e acessórios de adorno, inclusive na perspectiva da cultura popular. Neste sentido, inspiradas por Regina Abreu (2002) em sua análise sobre o vestido de Maria Bonita, preservado no Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro/RJ), pretendemos pesquisar na reserva técnica do Museu de Folclore Edison Carneiro (Rio de Janeiro/RJ), para investigar alguns artefatos de vestuário (trajes) e objetos de adorno de seu acervo e explorar aspectos de sua musealização e da memória social a eles associados. E mais, em que medida tais objetos nos revelam sistemas do vestir? A partir da antropologia dos objetos (ANDRADE, 2014, 2016, GONÇALVES, 2007) interessa-nos também compreender questões como os percursos que levaram estas peças a se configurarem acervo deste museu e não terem sido incorporadas por coleções de moda. A moda se estabeleceu na sociedade em sua dimensão institucional, sobretudo, a partir de meados do século XIX (LIPOVETSKY, 1989). Como tal, representa um campo de tensões e disputas, inclusive no que tange a cultura popular que, assim como outras expressões “subalternas”, contemporaneamente reivindicam espaços consagrados à memória. Nosso interesse de pesquisa se direciona, portanto, para um estudo sobre o lugar dessas roupas nas narrativas hegemônicas do vestuário, tendo o Museu de Folclore como um lócus espaço privilegiado dessa investigação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Vestuário. Acervo. Cultura Popular. Museu de Folclore Edison Carneiro.  
Memória Social.



## **Casa de Jota Rodrigues: trabalho e família na reconstrução de um centro cultural**

**Ricardo Gomes Lima**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento**

Fundação Casa de Rui Barbosa

### **RESUMO**

A comunicação relata a experiência de reabertura do Centro Cultural Casa de Jota Rodrigues, em Comendador Soares, município de Nova Iguaçu, região periférica da cidade do Rio de Janeiro. O pernambucano Jota Rodrigues (1934 -2018) foi poeta de cordel, músico e conhecedor da medicina popular. Viveu uma trajetória repleta de desafios, foi submetido ao trabalho escravo nos primeiros anos da infância e nunca acessou o ensino escolar formal que desejava. Autodidata no aprendizado das letras, escreveu seu primeiro título aos 12 anos de idade, contando mais de 500 até o final da vida, impressos em um prelo manual que aprendeu a operar. Migrou para o sudeste, enfrentando dificuldades em favelas e periferias. Pela falta de domínio da gramática e o aspecto rústico de seus impressos, foi rechaçado dos espaços tradicionais de produção e circulação da literatura de cordel. Na década de 1980 foi finalmente reconhecido por pesquisadores e professores de instituições culturais, escolas e universidades, passando a realizar palestras e exposições nestes circuitos, encontrando assim novos caminhos para a realização de seu trabalho. Inspirado nos mundos culturais em que passou a circular, fundou um centro cultural em sua casa, expondo sua impressionante coleção de cerca de 5 mil objetos e documentos, entre livros, discos, instrumentos musicais, recortes de jornal, preparados de garrafadas com propriedades curativas, sementes, ervas, folhetos de cordel, manuscritos, xilogravuras, fotografias, o prelo manual, letras tipográficas, instrumentos de trabalho improvisados, e materiais impressos, que veiculam saberes que recebeu de uma longa linhagem familiar. Dividiu o espaço em três salas temáticas, dedicadas à literatura de cordel, à música e à medicina popular, onde recebia escolares, visitantes e pesquisadores. Após sua morte, o espaço passou a ser gerido por sua filha. Enfrentou uma chuva de granizo, que destruiu seu telhado. Após o salvamento emergencial do acervo foi realizado o projeto de higienização, acondicionamento e catalogação da documentação e nova expografia do centro cultural. O processo colocou em diálogo as concepções e afetos de dois antropólogos que se relacionaram com Jota Rodrigues quando vivo, da filha do artista (técnica em guia de turismo), e do projeto original concebido pelo fundador.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Literatura de cordel. Migração nordestina. Baixada Fluminense.



## Constituição, percurso e perspectivas da Coleção Congada da Lapa do MAE-UFPR

**Bruna Marina Portela**

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná - historiadora

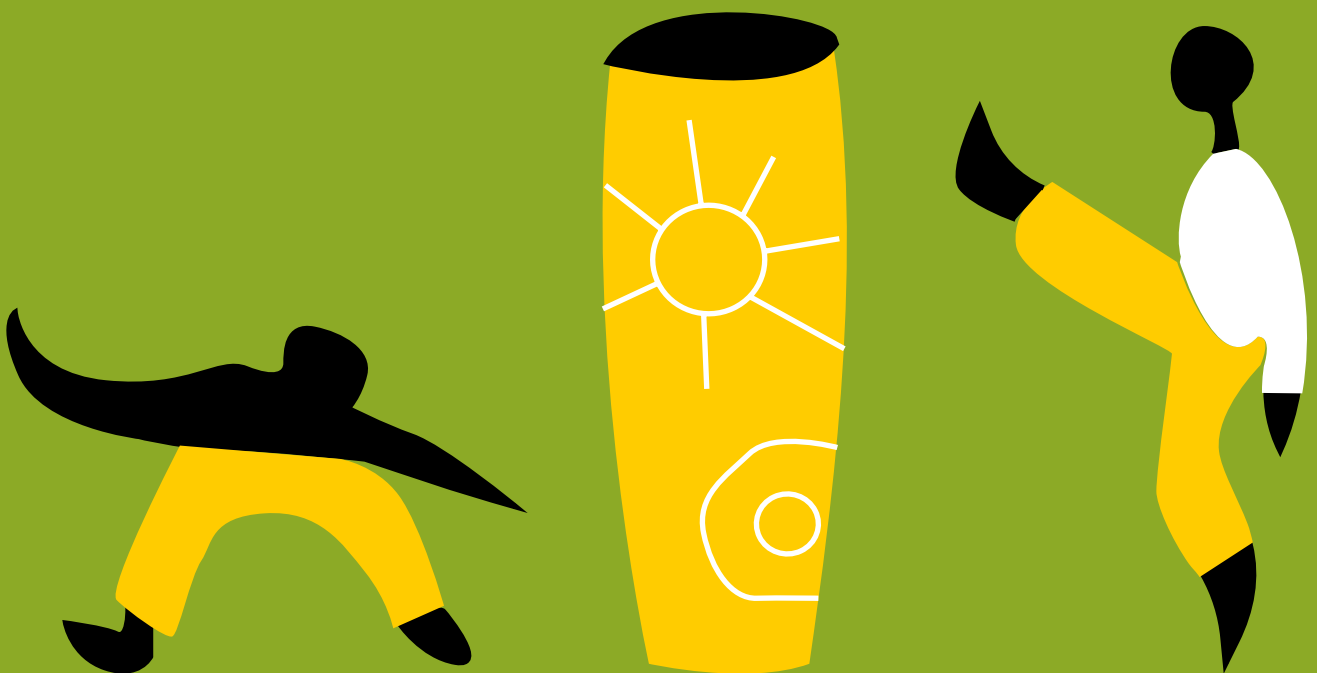
### RESUMO

O objetivo dessa comunicação é apresentar o resultado de um trabalho desenvolvido junto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR) com a coleção da Congada da Lapa. O MAE foi inaugurado no ano de 1963 na cidade de Paranaguá e seu foco estava voltado para a Arqueologia e para as Artes Populares, sendo este último tema intimamente relacionado ao movimento folclórico brasileiro. José Loureiro Fernandes, fundador e idealizador do museu, era ativo nas discussões acerca do folclore e da cultura popular desde a década de 1940 e foi o responsável pela constituição da maior parte do acervo do MAE, à época de sua fundação chamado Museu de Arqueologia e Artes Populares (MAAP). No ano de 1950, Loureiro realizou uma pesquisa sobre a Congada que acontece na cidade paranaense da Lapa, manifestação cultural afro-brasileira que traz uma dramatização, com movimentos coreografados e música, a respeito de um desentendimento entre o Reino do Congo e o de Angola, que culmina na devoção de ambos os reinos ao santo católico São Benedito. A pesquisa resultou em um filme etnográfico, produzido em parceria com Vladimir Kozák ainda na década de 1950, e em um artigo, publicado nos Cadernos de Folclore em 1977. Para além disso, a Congada foi objeto de uma exposição no MAAP também nos anos de 1970. A coleção começou a ser formada no museu não por meio da pesquisa de Loureiro, mas sim através de uma doação de acervo feita pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, que mantinha um Museu de Folclore em Curitiba. Foram doados 43 itens relacionados à Congada, entre trajes e fotografias, no ano de 1963, pouco antes da abertura do MAAP. Foi somente a partir dessa doação que Loureiro, enquanto diretor do museu, passou a incorporar novos objetos relacionados à Congada da Lapa, como um traje do Rei Congo, comprado diretamente dos integrantes, além de pinturas feitas por Kozák. A coleção da Congada é bastante importante para o MAE por ser a única manifestação afro-brasileira presente em seu acervo. Esse dado é relevante quando se trata de um estado como o Paraná, em que ainda hoje persiste a ideia equivocada de que a população negra é pouco representativa e que não teve participação na formação do estado. Desse modo, o objetivo dessa comunicação será mostrar o percurso dessa coleção dentro e fora do museu, numa perspectiva de diálogo e de interação com a comunidade, principalmente considerando que a Congada é mantida ainda hoje pela Família Ferreira, da Lapa.

### PALAVRAS-CHAVE

Cultura popular. Patrimônio cultural negro. Congada. Constituição de acervo.

**GT 12**  
**MUSEUS E CULTURA POLÍTICA**





## **GT 12 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA**

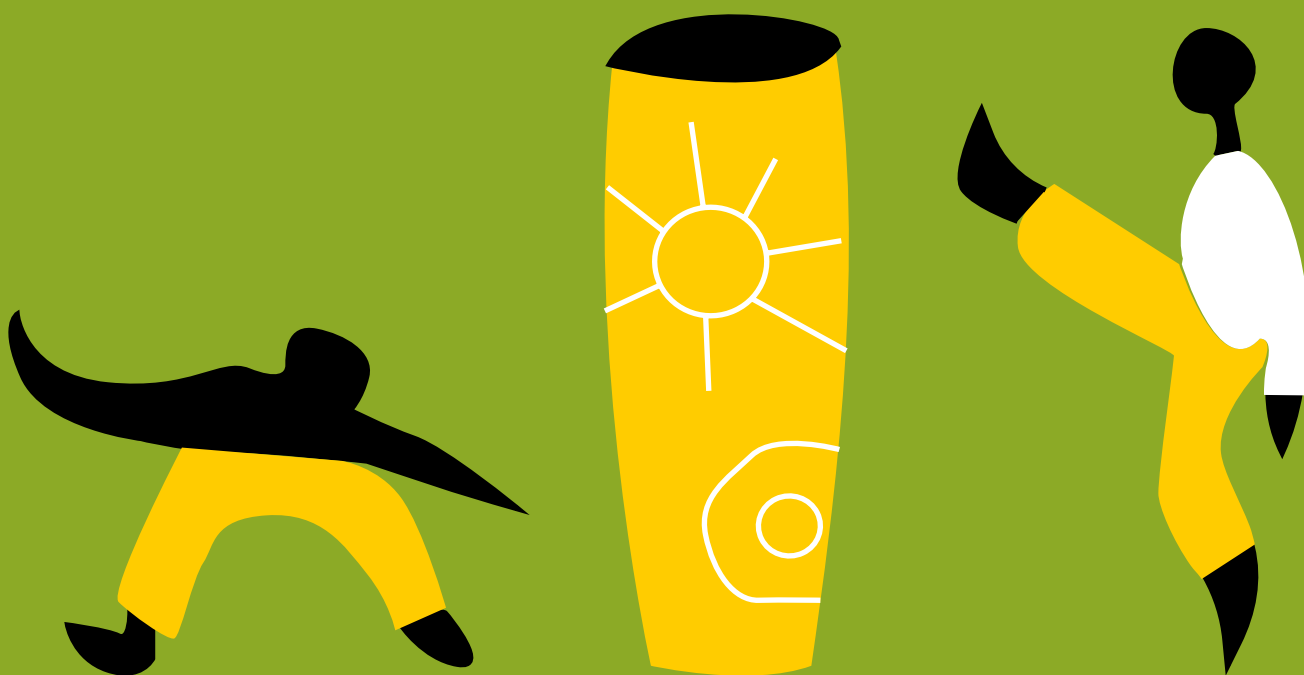
### **Coordenadores**

Gleyce Kelly Heitor (Oficina Francisco Brennand - PE)  
Glauber de Lima (UFG)

### **Resumo**

O Objetivo deste GT reside nos usos que são dados à cultura e aos museus em meio à esfera das políticas culturais. Os trabalhos devem ter como referência os processos em que ambos assumem propósitos definidos sob uma retórica democratizante e inclusiva, mas que implicam em experiências dotadas de efeitos reguladores e hierarquizantes. Isto inclui tanto discussões sobre o que há de ser o horizonte epistemológico de um fazer dos museus, assim como de experiências concretas em que estes se tornam peças chave de políticas interessadas em imperativos de desenvolvimento e cidadania. Aqui se toma tal paradoxo (retórica inclusiva x estética hierarquizante) como algo constitutivo da própria experiência contemporânea de museu. Neste sentido, interessa aqui discutir os seus fazeres mais rotineiros (exposições, programas educativos, formação de acervos, políticas de gestão etc.) enquanto expedientes por meio dos quais esta contradição é instituída. O foco, portanto, é menos na eficiência das políticas culturais que se enunciam sob esta gramática multicultural (inclusão, participação, reconhecimento, empoderamento, comunidades etc.), e mais na utilidade que se busca dar aos museus e a cultura sob tais arranjos retóricos e seus respectivos efeitos materiais.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Museu Histórico Nacional: história, trabalho e objetos museais

**Kelly Amaral de Freitas**

Programa de Pós-graduação da Escola de Ciência da Informação/UFMG  
Discente doutorado

### RESUMO

A pesquisa aqui apresentada procurar responder como o Museu Histórico Nacional (MHN) representa, por meio do acervo da exposição de longa duração, a divisão de classes sociais criadas pelo viés do trabalho. Observa-se que mesmo sendo o trabalho e os(as) trabalhador(as) uma constância em todos os períodos históricos do Brasil, na representação museográfica do MHN receberam destaque em uma vitrine do núcleo expositivo “Cidadania em Construção” referente ao período de transição entre o século XX e o século XXI. Em 2022 a vitrine - referente ao trabalho e aos(as) trabalhadores(as) é composta por objetos de acervo e objetos cenográficos. Há um uniforme de gari, um uniforme de enfermeira, uniformes militares, camisa de futebol, ferramentas de diferentes trabalhos e épocas, várias máscaras, luvas e óculos de proteção individual. Nessa vitrine cada objeto ou grupo de objetos indicam ser uma metonímia de um determinado grupo de direitos sociais: direito ao trabalho, à saúde, à educação, ao esporte e a segurança. A metodologia da pesquisa aqui apresentada se pauta na análise da documentação museológica, bem como na construção do discurso museal por meio da expografia. Nesse sentido a expografia é compreendida como uma linguagem, a qual os museus criam e comunicam narrativas históricas oficiais. Por fim, a pesquisa tem intenção de refletir sobre a função social de um Museu cuja missão institucional é representar a história e a memória nacional, aqui no viés da leitura, a partir dos diferentes contextos históricos da composição da classe trabalhadora no decorrer do tempo, bem como as questões trabalhistas do tempo presente.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu Histórico Nacional. História. Trabalho.  
Classe Trabalhadora. Museologia crítica.



## Tudo que é sólido se desmancha no ar: museus e desenvolvimentismo desde a Mesa de Santiago

**Luciana Christina Cruz e Souza**

Docente do Mestrado Profissional em  
Preservação do Patrimônio Cultural do Iphan

### RESUMO

Em 2022 celebra-se os 50 anos de realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile, um evento referenciado na Museologia brasileira como um marco político e simbólico para a área, realizado em 1972 em meio a uma América Latina tomada por ditaduras “civil-militares”. Ao longo do tempo, o campo museal construiu diferentes leituras sobre este evento, mas ainda hoje tais atenções carecem de interlocução com debates travados sobre os modelos de desenvolvimento econômico constituídos em regiões periféricas do globo a partir do século XX, especificamente no Brasil. A proposta dessa apresentação rememora brevemente tais debates e os articula com algumas discussões elencadas por dois palestrantes do evento: Jorge Hardoy e Mário Teruggi, os quais convidavam os profissionais de museus, naquela ocasião, a refletirem sobre o papel dessas instituições diante de algumas questões vividas e discutidas por intelectuais latino-americanos na década de 1960 e 1970. Ali era possível perceber uma afinidade ideológica do campo em torno da ideia de um inexorável movimento de modernização dentro dos marcos capitalistas. Aos museus e seus profissionais não caberia, portanto, o papel de questionar esses mesmos marcos ou compreendê-los estruturalmente a fim de uma tomada de posição crítica acerca dos caminhos dessa modernização não exitosa, mas sim de assumir tais instituições como partícipes do desenvolvimento – obstante a desigualdade produzida pelo mesmo -, aproximando-as das comunidades e relacionando-as com seus territórios. Sendo assim, o presente trabalho procurará refletir sobre a Mesa de Santiago e seus ecos no tempo a partir de novas (e/ou atuais) formas de adesão ao avanço do capital em novos/outros processos modernizantes, considerando os avanços desse sistema e os marcos globais da financeirização. A interface entre museus brasileiros e atual agenda econômica neoliberal pode ser discutida a partir da natureza e formatação de patrocínios de grandes empresas internacionais/transnacionais exploradoras de *commodities* - até pactos legais de uso de ferramentas tecnológicas de comunicação e informação (TIC's) das chamadas *Big Techs*. Essa realidade nos aponta continuidades - ainda que com nova roupagem - de desafios apontados pela literatura dedicada à reflexão sobre o desenvolvimentismo no Brasil e na América Latina, e nos convida a refletir sobre as estratégias que os museus brasileiros vêm construindo ao longo do tempo para se conformar e reagir, dialeticamente, ao avanço do capital.

### PALAVRAS-CHAVE

Museus. Mesa de Santiago. Desenvolvimentismo.



## Redução de danos e a Museologia do cuidado

**Ellen Nicolau**

Mestranda em Museologia  
PPGMus/USP

### RESUMO

Como estratégia de Saúde Pública, a Redução de Danos (RD) pode ser compreendida como um mecanismo apto a provocar mudanças nas formas do consumo de drogas e substâncias psicoativas e é capaz de acompanhar, promover estratégias e reduzir eventuais problemas associados a seus usos nas sociedades contemporâneas. Dirigida às pessoas que não querem ou não conseguem deixar de usar drogas e substâncias psicoativas, normalmente inseridas em circuitos de maior vulnerabilidade, a RD está destinada a esses contextos e intrinsecamente está alicerçada no postulado dos Direitos Humanos e na própria defesa da dignidade da vida, pois impacta diretamente na diminuição dos riscos, danos sociais, econômicos e de saúde aos indivíduos e sua coletividade. Orientada pela intencionalidade em modificar o padrão de uso através de práticas socioculturais ligadas às condições de vida e seus determinantes, pressupostos da RD se relacionam à Museologia na medida em que podem operacionalizar transformações a partir dos seus repertórios, personalizar suas estratégias e serem necessariamente construídas em conjunto com usuários, o que no caso dos museus, se reflete nas necessidades de construção conjunta com seus públicos. Em contextos nacionais, marcados pela necropolítica e vulnerabilidade como regra e lugar comum, com o objetivo de pensar a promoção do cuidado em museus e considerando a RD como um caminho a ser abraçado pelas instituições museológicas, observa-se sua realização articulada aos museus como prática democrática de cultura e saúde. Desta forma, o presente trabalho busca traçar considerações da Museologia do cuidado como meio de elaboração de futuros democratizantes aos museus, orientados por práticas em saúde e conexões com questões do presente e dos territórios em que estão inseridos. A comunicação aponta o fortalecimento de políticas públicas em saúde e cultura através dos museus como meio concreto de fomentar processos de cidadania, pertencimento e cuidado coletivo.

### PALAVRAS-CHAVE

Museologia. Redução de Danos. Saúde Pública.  
Museologia do cuidado. Necropolítica.



## Democratização da Cultura e Democracia Cultural: rotas para um horizonte utópico

**Mariana Upegui Rigoli**

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST,  
mestre e doutoranda

**Julia Nolasco Leitão de Moraes**

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST,  
docente

### RESUMO

Para Paulo Freire a utopia é também sinônimo de esperança, que se faz presente como condição para o diálogo. Para este autor, o utópico não é o impossível, irrealizável ou idealismo, mas a “dialeção” dos atos de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. E por esta razão a utopia é também um compromisso histórico. Tal “compromisso histórico” a ser assumido na forma da Democracia Cultural, empreende uma ideia que assegura que **todos** tenham o direito de ser produtores e ampliadores de/do capital cultural, passando pela discussão das formas de controle e viabilizando uma condição plena de acesso, consumo e produção de valores e culturas. Esta abordagem se opõe, mas também é complementar à ideia de democratização da cultura, que como uma política pública que entende a cultura como um bem de consumo – com o objetivo de aumentar o número de receptores – demonstra sua ineficácia prática ao reiterar paradigmas elitistas, hegemônicos e verticalizados de produção, alimentando um sistema onde poucos produzem e menos ainda se relacionam afetivamente com aquilo que não pertence às suas realidades – afeto este tão fundamental para a existência dos museus. A Democracia Cultural é indissociável de uma democracia política, e justamente por isso podemos considerar a aproximação poética de Eduardo Galeano para o horizonte, quando diz que a utopia serve para caminhar adiante e se deslocar da inércia daquilo que está estabelecido e cristalizado. Na jornada rumo ao horizonte utópico da Democracia Cultural, este trabalho pretende navegar sob seus dois vetores principais: a participação e o empoderamento, observando os caminhos que se traçam por eles. Seja em discussões sobre políticas públicas para a cultura, direto à cultura e Direito da Cultura, seja através de um olhar para autorrepresentação e a autogestão como anúncios da presença de alteridade e heterogeneidade nas narrativas dos museus contemporâneos, observa-se como estas instâncias atuam de maneira contundente nos processos ou redes de musealização e de atribuição de musealidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Democracia Cultural. Políticas Culturais. Autogestão.  
Musealização. Musealidade.



## **Memorial da Cidade de Gravatá: lugar de memória e representatividade social**

**Débora Eduarda Silva Moura**

Discente do Programa de Pós Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia

**Maria das Graças de Souza Teixeira**

Professora Associada III da Universidade Federal da Bahia

### **RESUMO**

O presente estudo busca refletir e provocar questões referentes à representatividade social num âmbito museal, tendo como objeto de estudo o Memorial da Cidade de Gravatá, situado no município de mesmo nome, no estado de Pernambuco. A problemática se dá na generalidade de seu nome, uma vez que o Memorial diz representar a memória da cidade em sua totalidade. Para tanto, analisaremos de qual memória social o Memorial se refere; qual relação existente entre este e a população; quais memórias são preservadas e sua relevância para a comunidade. Vale ressaltar, que consideramos aqui, este Memorial enquanto instituição museal, por ser um espaço criado com caráter de salvaguardar um acervo formado por objetos, de suportes materiais, de registros históricos, sociais e culturais, que tem por finalidade ser um espaço identitário da memória local. E por ser o único recinto museal da cidade, o mesmo conta com o apoio regional político para reforçar a concepção de ser um local legitimador da história e cultura do município, partindo da urgência em manter viva a história da cidade desde sua fundação, para que as novas gerações tenham conhecimento e mantenha presente os acontecimentos passados, fazendo uso da memória coletiva na construção da sua narrativa. Na perspectiva de que essa memória também é seletiva, é preciso se atentar a quem seleciona, quem detêm o poder de esquecimento e lembrança, o que está sendo lembrado e o que está sendo deixado de lado, pois, este ato evidenciará a narrativa e metodologia utilizadas na representação da cidade, através dos objetos que compõem o seu acervo. Segundo Santos (2002), os museus são espaços dinâmicos, que estão em constante transformação e recriação, a partir das necessidades e urgências sociais, por serem produto de uma criação social. Nessa perspectiva, visualizamos no Memorial a potencialidade de ampliar sua narrativa, evidenciando os engendramentos das relações de poder e suas implicações nas transformações sociais, políticas e culturais ocorridas ao longo da história do município. Em concordância com Moutinho (1993), Chagas e Gouveia (2014) e Teixeira (2021), compreendemos que quando abrimos as portas (e as mentes) de um museu para a diversidade, abrem-se possibilidades de representar, reconhecer e reforçar memórias, culturas, costumes, histórias e demandas de grupos sociais em sua totalidade e em suas particularidades, de modo diverso, inclusivo e anti-racista.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Memorial. Memória Coletiva. Representação Social.  
Museu Municipal. Gravatá.



## **A escrita do passado nos museus históricos Abílio Barreto e da cidade Governador Valadares-MG**

**Lucinei Pereira da Silva**

Doutorando em Ciência da Informação

Universidade Federal de Minas Gerais

Linha de Pesquisa: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento

### **RESUMO**

A questão central que move esta investigação é analisar e comparar a narrativa e as escolhas de seleção presentes em dois museus de cidade: o Museu histórico Abílio Barreto em Belo Horizonte e o Museu da Cidade de Governador Valadares (MG). Buscaremos evidenciar se a narrativa se difere entre um museu localizado na capital e no interior de Minas Gerais. Vale dizer que este texto é parte da pesquisa de doutorado em curso no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ainda é recorrente haver na expografia da maioria dos museus históricos de cidade, objetos como armas, instrumentos musicais, artefatos litúrgicos e de tortura de negros escravizados. Esses acervos históricos marcam pela presença do culto da saudade e da memória do poder. Antes da inauguração do Museu da Cidade em 1983, o professor e diretor da Biblioteca Municipal de Governador Valadares Paulo Zappi, já em 1959 idealizou um museu neste espaço. O valor que Paulo Zappi atribuía às peças estava atrelado à sua antiguidade e os objetos e documentos coletados pudessem ser testemunho de um passado longínquo, que em nosso entender, eram desvinculados da própria história da cidade. A partir de sua inauguração, notamos que os objetos coletados para compor o acervo estavam vinculados aos valores e ao testemunho da trajetória da elite valadarense. O Museu histórico Abílio Barreto (MhAB) que em seu início, também procurou preservar os valores históricos do antigo arraial do Curral del Rei e da nova capital Belo Horizonte. Este museu fundado em 1943, por Abílio Barreto buscava ser o testemunho da história oficial da cidade, através da composição de um acervo orientado pela escolha de objetos vistos por ele como “autênticos”. A atualização historiográfica do acervo estabeleceu-se no MhAB somente a partir da década de 1990, com o processo de revitalização, quando uma concepção museológica contemporânea passou a ser a tônica da instituição. Com isso, o museu buscou ser espaço de uma multiplicidade de abordagens e interpretações sobre o passado da cidade. Ao analisar e comparar estes dois museus históricos inferimos que estas instituições podem ser espaços importantes de interpretação de culturas e fortalecimento da cidadania, para além de lugares transmissores de curiosidades encenados por meio de objetos “autênticos” e resultantes dos grandes feitos ligados a sujeitos notáveis da história.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museus Históricos. Museus de Cidade. Escrita do Passado. Memória e Poder.



## **A coleção musealizada do “Museu Espaço dos Anjos” (Leopoldina, Minas Gerais)**

**Leonardo Gonçalves Ferreira**

Universidade Federal de Minas Gerais / Pós-doutorando

**Letícia Julião**

Universidade Federal de Minas Gerais / Professora associada

### **RESUMO**

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de pós-doc desenvolvida, durante os anos de 2021 e 2022, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa tem como objetivo analisar os processos de institucionalização do “Museu Espaço dos Anjos” e de imortalização de seu patrono, o poeta paraibano Augusto dos Anjos (1884-1914), no horizonte de produção do patrimônio cultural da cidade de Leopoldina, Minas Gerais, onde o museu se localiza. O “Espaço dos Anjos”, que antecedeu o Museu, foi fundado pelo artista plástico local Luiz Raphael Domingues Rosa, em 1983, na residência onde o poeta morou, meses antes de sua morte, em 1914, em Leopoldina. Com a morte de Luiz Raphael em 2007, o “Espaço dos Anjos” tornou-se “Museu Espaço dos Anjos”, inaugurado em 2012, pela Prefeitura de Leopoldina, que passou a se encarregar do acervo do poeta que havia sido reunido pelo artista plástico. A pesquisa analisa a exposição do Museu, com vistas a compreender o processo de musealização da coleção, a narrativa biográfica do poeta e os possíveis vínculos com a comunidade local. Por meio de uma pesquisa de público se busca averiguar a eficácia da narrativa do museu, assim como o reconhecimento tanto do museu como de Augusto dos Anjos como patrimônios culturais da cidade. A pesquisa problematiza o papel desempenhado pelo museu no processo de imortalização de Augusto dos Anjos e a apropriação do personagem pelo imaginário urbano de Leopoldina, compreendendo os limites e a potência de um discurso patrimonial e museal na construção de identificação entre o poeta e a cidade. A metodologia empregada consistiu-se de pesquisa documental, que permitiu, dentre outros aspectos, compreender a trajetória de vida de Augusto dos Anjos, os principais marcos de sua imortalização e as ações que buscaram, em mais de 100 anos, estabelecer uma memória vinculante entre o poeta e Leopoldina. Integraram ainda a metodologia da pesquisa sete entrevistas semi-estruturadas com atores que tiveram relação com os dois equipamentos culturais, a pesquisa de público por meio de um questionário autoaplicado e o mapeamento analítico expográfico.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Augusto dos Anjos. Museu biográfico. Narrativa expositiva.  
Estudos de público. Patrimônio cultural.



## O desenvolvimento de políticas culturais a partir do Museu Nacional do Kiribati

Marcelo Lages Murta

Investigador – Departamento de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias- ULHT

### RESUMO

A República do Kiribati é um país insular localizado no Pacífico Sul que tem enfrentado diversos desafios para o seu desenvolvimento sustentável e para a sua afirmação nacional no tabuleiro geopolítico global. O Museu Nacional do país (*Te Umanibong*) é um ator de destaque na vida cultural das comunidades locais, bem como um espaço chave para o debate de problemas sociais e para o desenho de políticas públicas. O museu tem se afirmado em discussões e na apresentação de possíveis soluções para diversos problemas contemporâneos, como as mudanças climáticas, as crises migratórias e as disparidades no exercício do poder geopolítico dos Estados Nacionais. Desde 2018, o *Te Umanibong* é a instituição responsável pelo desenvolvimento da Política Nacional de Cultura (PNC) do Kiribati, em estreita cooperação com diversos grupos sociais e setores da administração pública. Este artigo tem como objetivo discutir o papel desempenhado pelo museu desde o processo de independência do país na década de 1970, com uma perspectiva histórica que apresenta as ações realizadas em prol da identidade nacional, discute o desenvolvimento do quadro institucional nacional, e relaciona esses processos com a implementação da PNC na contemporaneidade. As relações entre religião e política são abordadas com um viés antropológico, dada a percepção de sobreposições entre o exercício do poder secular e as intersecções com a dimensão sagrada. A estrutura conceitual e os principais tópicos discutidos na PNC são debatidos com base na compreensão da ação das organizações internacionais setoriais no Sul do Pacífico, como a UNESCO para os setores de cultura e educação, e o PNUD para as abordagens associadas ao desenvolvimento. A comunicação será então aprofundada em torno de quatro questões específicas: a compreensão da inserção dos direitos culturais e da diversidade cultural nas agendas dos organismos internacionais e nacionais; a compreensão do papel sociopolítico do Museu de Kiribati; reflexões sobre uma investigação sobre os processos de descolonização das políticas culturais no Pacífico Sul; e o processo de elaboração do Política Nacional de Cultura do Kiribati desde 2018.

### PALAVRAS-CHAVE

Museologia Social. Políticas Culturais. Pacífico Sul.  
Desenvolvimento. Cooperação Internacional.



## **Uma política de ações educativas: ferramenta de poder em ascensão nos museus**

**Jackelyne Corrêa Veneza**

Universidade Tuiuti do Paraná - Estudante Doutorado em Educação

**Fausto dos Santos Amaral Filho**

Universidade Tuiuti do Paraná - Docente Doutorado em Educação

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta um panorama do estudo sobre educação em museus, objeto de pesquisa da tese em andamento do curso de doutorado em Educação - linha de pesquisa em Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP. O conceito de museu, necessário para a sua constituição, é dinâmico e está em constante devir. Portanto, novas concepções ainda estão por vir, principalmente depois da COVID-19. Os museus em todo o mundo foram desafiados, tanto economicamente, quanto em sua própria definição. Os espaços museais foram testados na sua capacidade de adaptabilidade, resiliência e, até mesmo, em relação a sua sobrevivência. A partir do desafio, emerge a necessidade de sua reinvenção, fazendo uso das suas potencialidades para uma melhor compreensão do seu papel em uma sociedade hipertecnológica. Para tanto, podemos começar por algumas perguntas: Qual o entendimento que os espaços museais, universidades, escolas, professores e estudantes possuem daquilo que é um museu? Qual a sua função? Quais os desafios e possibilidades de um museu sem público presencial? Um museu virtual atende ao mesmo conceito de museu presencial? O museu está dando conta de incluir, de dar voz a diferentes setores, de ser sustentável? Neste mesmo sentido, destacamos nesse trabalho a necessidade de se entender o papel dos projetos educativos e do mediador em museus nas ações educativas que respondam ou encaminhem os questionamentos que tanto a pandemia como o momento histórico e econômico tem imposto a estes espaços. Entendemos que o educador é responsável pela aprendizagem dos alunos por meio da educação formal e é só em algumas propostas metodológicas de grupos específicos e fora do ambiente escolar que pode se optar pela educação não formal. Na educação museológica estamos nos referindo, sobretudo, à aprendizagem do visitante ao adentrar no mundo do museu, sem o prévio controle daquilo que será aprendido, diante de suas múltiplas possibilidades. Neste sentido, não podemos deduzir que os mediadores, por consequência de seus conhecimentos em teoria da arte, história da arte, em diferentes expressões artísticas e estéticas desempenhem, automaticamente, o papel de educadores para os museus. Contudo, sabemos que a curadoria, as narrativas, as técnicas artísticas e os percursos do artista e do planejamento de gestão do museu são elementos a serem conhecidos. Sendo necessário construir esse conhecimento a partir do acesso do visitante aos diferentes espaços museais. O desenvolvimento de projetos educativos atualmente, o desafio do fechamento durante a Pandemia, proporcionou aos museus o poder de se reconstruir. Para tanto, é necessário reconhecer as possibilidades de manter ao público o



acesso à arte, à história, à formação estética e ética, que o uso das ferramentas tecnológicas aliadas aos projetos educativos repensados pode proporcionar. No Brasil, historicamente, o desenvolvimento das artes e da museologia, vem sendo afetado pela falta de recursos, pela instabilidade institucional e pela falta de clareza sobre a sua ação frente a economia, no desenvolvimento social, cultural e educacional. Para a real inserção do país, entre os países desenvolvidos, portanto, o setor educacional e cultural brasileiro requer uma revisão urgente de investimentos financeiros, de pesquisa, de contratação de profissionais capacitados e de ser colocado em patamar de prioridade para a implementação de políticas públicas. Entendemos que a economia privilegie a capacitação em ciência, tecnologia e inovação como os motores mais importantes para aumentar a produção, a qualidade de vida da população e tentar solucionar os problemas sociais, urbanos e ambientais. Porém, esquece-se que sem cultura, somos um povo sem história e sem educação. E que sem ambos não há ciência e nem tecnologia, não há surgimento de novas profissões e que as políticas de ciência, tecnologia e inovação, tão defendidas pelos governos, somente são proveitosas quando associadas a políticas coerentes de desenvolvimento educacional e cultural. As mudanças socioeconômicas produzidas com o surgimento da sociedade da informação, acompanhada pela inovação tecnológica e sua promessa de igualdade, de melhoria de vida e da supervalorização do saber científico, da racionalidade, da criatividade e da competitividade, requer dos museus contemporâneos a missão de espaço livre para o público, propositor de informações acessíveis a todos, educador dos valores históricos da arte, preservador de realizações passadas e um agente do bem social comum. Ações educativas em museus, requer o conhecimento de conteúdos básicos, que abrange desde o estudo da museologia, a instituição de atuação, teoria da arte, métodos de leituras de obras de arte, conceitos de cultura, ação educativa em espaços não formais, diferentes tipos de público, critérios de avaliação, o ensino da arte e o conhecimento das metodologias apropriadas para este tipo de conteúdo e de público. Cada vez mais, a gestão museológica precisa refletir o trabalho social e educativo que realiza, como suas ações influenciam a formação dos artistas e do público que recebe, bem como, precisa de fato assumir sua responsabilidade em integrar o desenvolvimento urbano de onde está inserida, ao planejamento de suas ações. Falar de museu, é também falar, sobre a organização humana. Temos uma tendência natural em guardar coisas, comprar e acumular objetos, o que não significa que somos colecionadores. Porém, museu é história, é objetos guardados dos que um dia juntaram, dos que colecionaram, é daqueles que expressam de diferentes maneiras, o que está guardado dentro de si através das esculturas, das pinturas e dos desenhos. E nesse momento, compreendemos que ao falar do museu, estamos falando não só de objetos, mas de pessoas, de povos, de artistas, de desconhecidos, é falar de períodos e de raças inteiras que já não mais se fazem presentes em nosso cotidiano. É falar, pensar, conhecer sobre tudo isso e um pouco mais, é falar sobre a finitude, sobre o luto, sobre o amor, sobre a dor, sobre escravizados, sobre exploradores, sobre o preconceito, sobre as questões de gênero, sobre a natureza, sobre os animais, porque afinal de contas, o acervo de um museu permanece para além do tempo de vida de quem o colecionou, o guardou, o criou e o organizou. A história de criação dos museus nos revela que ele foi pensado e organizado para a nobreza, para os estudiosos, os pesquisadores, os colecionadores e os que não se encontram nesta classificação, não se veem e, não se sentem



parte do museu, ou que, o museu faça parte da sua vida. Assim, séculos depois ainda, precisamos que os museus sejam reconhecidos como espaços de cultura, de ensino e de aprendizagem, de avaliação contínua de suas ações e, porque não dizer, espaços que contribuem para o desenvolvimento humano, para o desenvolvimento de gerações e do lugar ao seu redor. Espaços esses que podem educar e formar a partir da interação do visitante com o ambiente e suas obras de arte, sua curadoria, sua organização e seus inúmeros instrumentos dinâmicos e plurais de preservação da memória, proporcionando incríveis experiências para crianças, jovens e adultos. Visitar museus, nos possibilita alcançar o propósito de construção e compreensão do conhecimento histórico, por meio da problematização do que está sendo exposto e das múltiplas leituras que a arte nos oferece. Cabe às instituições de ensino, reconhecerem nas exposições visitadas, esses objetos como fontes portadoras de informações, historicizando, problematizando-a e interpretando-a. É da relação entre museus e instituições de ensino, que podemos beneficiar crianças, jovens e adultos, por meio da prática educativa, a ampliar o repertório de informações e conhecimentos de diferentes áreas, bem como, o desenvolvimento de uma postura mais sensível e crítica diante da produção artística e do papel da arte para o desenvolvimento humano. O museu é um espaço de conhecimento e reconhecimento pronto a ser desvendado por todas as instituições de ensino, em especial para os cursos de formação de professores, porque é um ótimo recurso didático, com grande potencial para o ensino das mais variadas áreas do conhecimento. Para que essa relação seja significativa, e definitivamente contribua com o desenvolvimento humano além, do educacional e cultural, ambas as instituições precisam promover um planejamento participativo e avaliativo de suas ações, instrumentalizar seus profissionais a respeito das linguagens e práticas específicas de cada espaço, como meta a ser cumprida a fim de alcançar a real interação entre os estudantes/artistas/professores e o patrimônio cultural e científico existentes nessa parceria. E reconhecer que há também dificuldades nessa parceria, que se intensificam pelo fato dos currículos acadêmicos nem sempre contemplarem os conteúdos que envolvem a política cultural dos museus, bem como, a linguagem utilizada no processo curatorial, o conteúdo exposto, a contextualização sócio-histórica do artista. Muitas vezes o professor não está preparado adequadamente para agregar a sua prática pedagógica as exposições visitadas, há diferenças na metodologia utilizada pelos museus em suas ações educativas, já que conta com o tempo reduzido das visitas e conseqüentemente precisa desenvolver procedimentos didáticos diferenciados e não sistemáticos, como na educação formal. O diálogo entre as políticas de educação e cultura precisa proporcionar à possibilidade de estabelecer diretrizes que reafirmem o compromisso com a sociedade e com a finalidade educacional de museus e instituições de ensino. Diante desta realidade, as visitas aos museus precisam ser capazes de desencadear ações educativas que estimulem muito mais que a sensibilidade à linguagem visual. Salvar os patrimônios históricos, artísticos e culturais, é uma das formas de garantir as novas gerações o conhecimento do passado e possibilitar novos olhares para o futuro. No entanto, é a educação museal que vai valorizar o conhecimento que ultrapassa a aprendizagem escolar e interage com as diferentes áreas do conhecimento em suas múltiplas dimensões. Os museus necessitam ser compreendidos, enquanto espaços de encontro, de debate, espaço em que o conhecimento pode ser produzido e comunicado. Reconhecer a prática educativa dos museus institucionalmente é um desafio



bastante vasto, já que estes espaços, são instituições múltiplas, tanto quanto a sua tipologia de acervo, a sua história, o seu contexto sociocultural, o seu perfil institucional e quanto o tipo de público. Há questões, ainda em aberto na literatura e na própria política nacional de educação museal e nas políticas educacionais e culturais de cada estado, que precisam compor as conversas e discussões entre gestores de museus e os profissionais da educação, para o enfrentamento da implementação dos projetos educativos nos espaços museais e nos currículos das instituições de ensino. A análise dessas questões, somado às avaliações de público e das ações desenvolvidas, que mesmo para os museus podem ser contínuas e processuais como na educação formal, contribuem para a compreensão real de que um museu é mais do que obras e objetos de valor. Tudo que nele é exposto e programado deve ter relação com o conhecimento, com a memória, com a reflexão, com a política, com a economia, com a cultura e com o desenvolvimento humano. Entretanto, o poder da educação e da cultura não se dá sem a formação daqueles que as conduzem, dos que farão uso tanto como agentes da sua prática, quanto daqueles que a recebem, participando das ações propostas. Temos ainda muito para compreender sobre as ações educativas em museus, seus interlocutores e responsáveis pelos projetos educativos e arriscamos a registrar que o desafio só será vencido quando museus e instituições de ensino trabalharem juntos em nome de um bem maior: o poder do aprender em ambientes formais e não formais de ensino.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação museal. Museologia. Educação. Cultura.



## **Traduzindo uma epistemologia da Educação Museal: revolta e resistência**

**Thiago Consiglio**

UFSCar Sorocaba - Doutorando em Educação  
GPEM- Grupo de Pesquisa em Educação Museal: conceitos, história e políticas/  
IBRAM - CNPq - Pesquisador

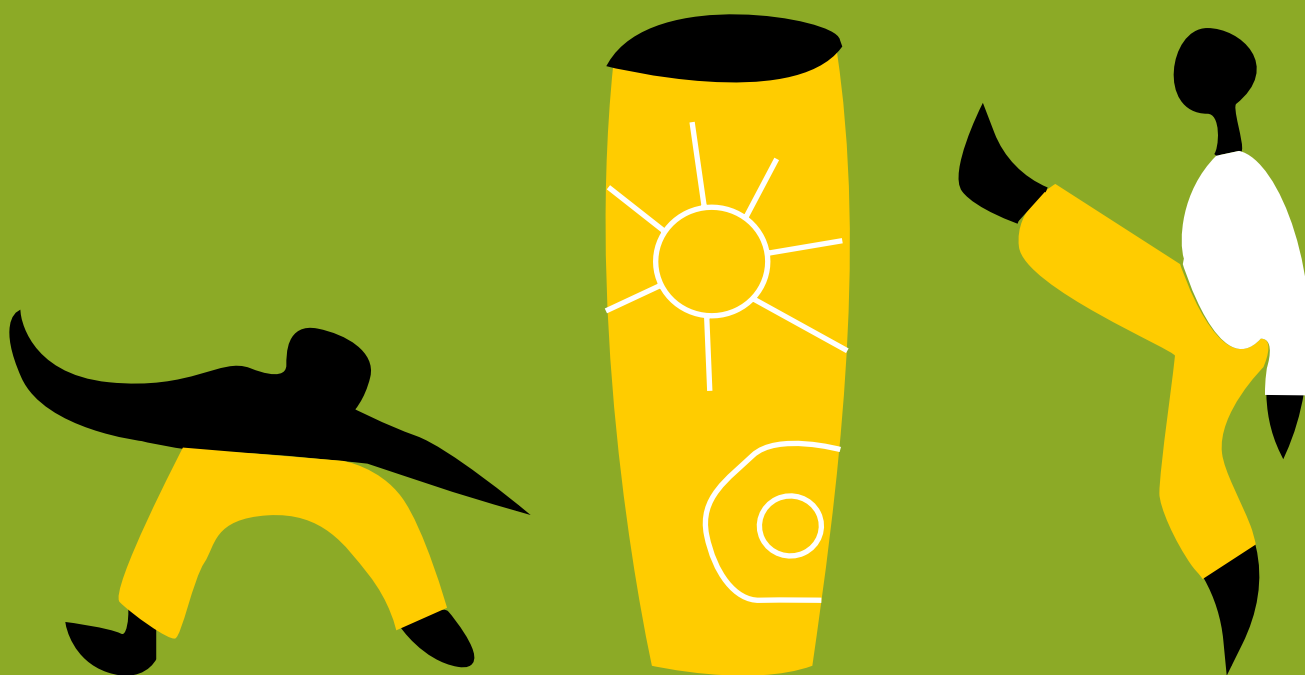
### **RESUMO**

Este trabalho se mobiliza através da Educação Museal enquanto campo em consolidação, e busca fortalecê-lo através do debate epistemológico em direção de seu reconhecimento. Como ponto de partida, fazemos coro à Política Nacional de Educação Museal (PNEM) - 1ª política pública nacional para a área – publicada em 2017, sendo que o 1º setor educativo instituído se deu no Museu Nacional (UFRJ) em 1927. Sendo a PNEM um marco, podemos considerar a educação museal como um fenômeno recente no Brasil, ao mesmo tempo em que não é “nova” pois carrega uma história, uma tradição. A partir dessa multiplicidade, escolhemos essa perspectiva como um esforço de traduzir a prática em uma terminologia aberta e plural. Enquanto a teoria não se consolida, o debate em torno dos fundamentos metodológicos torna-se fundamental para posicionar a prática na Museologia em uma situação de resistência e de revolta. Aqui buscamos uma epistemologia através do conceito de tradução. O agente tradutor foi historicamente considerado como uma figura rebaixada em relação com a tradição e o autor original. Por outro lado, o agente tradutor que invocamos é aquele que transcriba na contemporaneidade e age engajado transformando o texto anterior em algo novo. O educador museal enquanto tradutor é um agente que opera em uma linguagem fluída que se move dos acervos museais aos públicos e volta para a instituição através de sua ação. A ação educativa em situação de tradução é a que horizontaliza, pois todos são leitores de uma mesma realidade compartilhada. Por fim, a tradução é também a articulação entre os discursos que se entrecruzam na visita, produzindo consensos e dissensos, institucionais e extrainstitucionais. Desta forma, para estabelecermos critérios de demarcação para a Educação Museal - função normativa da epistemologia - buscamos transcriá-la a partir da revolta, fazendo frente a falta de reconhecimento dos profissionais dos museus que não reconhecem sua dimensão educativa, e também em uma ação de resistência, encarando que a área de trabalho segue precarizada e sequer regulamentada. Portanto, por uma epistemologia da Educação Museal defendemos que uma teoria única e geral é incompleta. Se os agentes da educação nos museus têm uma história em condição subalterna talvez seja o momento de ouvi-los para que possam surgir coisas imprevistas. Resistimos assim na imaginação epistemológica proposta aqui.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação Museal. Epistemologia. Tradução. Transcrição. PNEM.

# PÔSTERES





## Levantamento dos museus com Plano Museológico em Minas Gerais

**Daniele Matos da Silva**

Aluna do Curso de Museologia  
Bolsista do Programa de Iniciação à Pesquisa-PROPPi  
Universidade Federal de Ouro Preto

**Gilson Antônio Nunes**

Professor do Departamento de Museologia  
Escola de Direito, Turismo e Museologia  
Universidade Federal de Ouro Preto

### RESUMO

A pesquisa em andamento iniciada em março de 2022 intitula-se “Levantamento do Museus com Plano Museológico em Minas Gerais” sendo aprovada no edital do Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP) da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPi) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A Lei N° 11.904, de 14 de janeiro de 2009, o Estatuto de Museus, determina que as instituições desenvolvam e implantem o plano museológico, importante documento para o planejamento interno e gestão de um museu. Assim propõe-se investigar os museus que possuem o plano museológico, se este está atualizado, o impacto desse documento nas instituições e verificar a influência da existência desse documento, seus efeitos institucionais e se a elaboração foi coordenada por um museólogo. Foi selecionado para análise os museus que estão na jurisdição do Conselho Regional de Museologia da segunda região, que abrange os estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Nesse recorte o escolheu-se Minas Gerais, procurando identificar ainda a possível influência dos cursos de graduação em museologia na UFOP e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A metodologia empregada utilizou-se da plataforma Museusbr na Internet que apresenta dados coletados pelo Cadastro Nacional de Museus desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Desta forma foram extraídos os dados dos museus em formato de planilha eletrônica aplicando as funcionalidades do portal, por meio de filtros e cruzamentos de dados. Verificou-se que das 461 instituições cadastradas na plataforma somente 18% possuem plano museológico, ou seja, 83 museus. No estado, a maioria das instituições são municipais (46,20%), embora destas apenas 13,62% possuam o plano museológico. O segundo maior percentual, enquanto esfera administrativa dos museus, são federais (15,62%) sendo que este é o segundo segmento com maior número de instituições com plano museológico correspondendo a 30,56%. Os museus estaduais vêm em terceiro (8,24%) com 23,32% possuindo o plano. Os museus classificados como associações (7,16%) é o segmento que mais possui plano museológico chegando a 36,36%. Dentre as instituições definidas como religiosas, entidade sindical e particulares nenhuma apresenta plano museológico. A próxima etapa da pesquisa consiste em verificar se os planos museológicos foram elaborados por um museólogo e se o documento está válido.

### PALAVRAS-CHAVE

Museus. Plano Museológico. Minas Gerais. Museólogo.



## Exporvisões: Miradas afetivas sobre museus, patrimônios e afins

**Alice Toledo de Mello**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, UERJ

**Sofia Carneiro Lima**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, UERJ

**Gabriela Dias de Lima**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, UERJ

### RESUMO

O projeto de extensão da UERJ Exporvisões: Miradas afetivas sobre museus, patrimônios e afins, foi criado em 2019 pelas historiadoras Aline Montenegro do Museu Paulista (USP) e Carina Martins, do departamento de Arquitetura e Urbanismo da UERJ. Consiste no trabalho de pesquisa e produção de materiais informativos, educativos e dialógicos de divulgação científica relacionados ao tema do patrimônio, bens culturais, memória, história, educação, arte, cultura e identidade, para além do universo acadêmico. Desenvolve-se principalmente no ambiente virtual através de uma página no blog e duas redes sociais -Instagram e Facebook-, e se estrutura essencialmente na criação e divulgação de conteúdos gráficos, textuais, audiovisuais e de produção de Podcasts. Além disso o projeto se dedica a promover e realizar oficinas de caráter formativo e pedagógico dentro das temáticas propostas, como o “Ciclo de Oficinas Exporvisões: patrimônio e democracia” nas versões síncrona (2020) e assíncrona (2021), através da aprovação no edital Cultura Presente nas Redes, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (SECEC-RJ), que contaram com mais de 300 inscritos; o “Curso de extensão sobre o caderno pedagógico do Museu da Maré”, realizado em parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e o Museu da Maré, em 2021; e por fim, em agosto de 2022, a oficina “Imaginações em museus: comunicar, mediar e afetar”, realizada em parceria com o grupo de pesquisa Lições das Coisas, do departamento de Arquitetura e Urbanismo da UERJ. Ao longo desses anos, o projeto também esteve presente em eventos acadêmicos como o “Seminário Internacional de Arquitetura Imersões” (2021), a candidatura no “Prêmio Rodrigo Mello Franco” (2021) -vencendo na etapa regional- e o reconhecimento em menção honrosa durante o evento acadêmico interno da Universidade “XIX Semana de Graduação - 30ª UERJ Sem Muros 2021”, através da produção de material audiovisual relacionado às ações desenvolvidas pelo projeto.

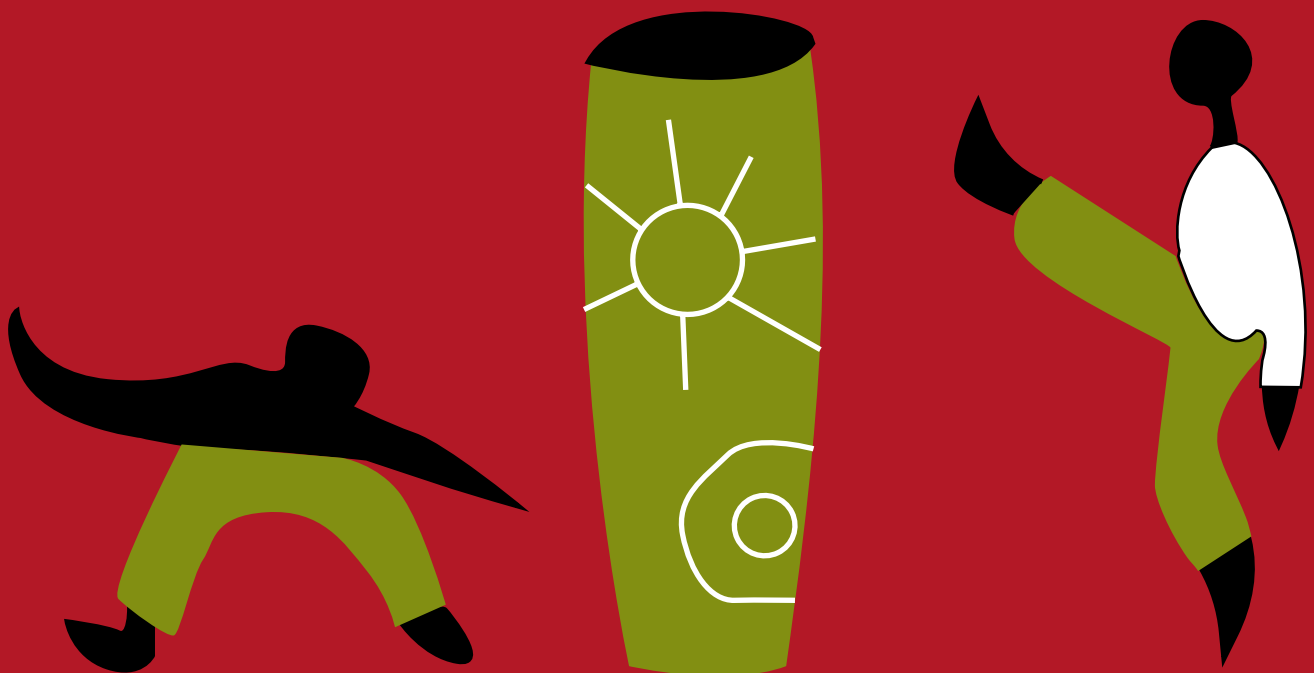
### PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa. Patrimônio. Divulgação. Educativo. Memória.

**5<sup>o</sup> sebra  
mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

**GT 13**  
**PROCESSOS CURATORIAIS E CONTRA-  
COLONIALIDADES**





## **GT 13 - PROCESSOS CURATORIAIS E CONTRA-COLONIALIDADES**

### **Coordenadores**

Juliana Cristina Pereira (UFSC)  
Thainá Castro Costa (UFSC)  
Nutyelly Cena de Oliveira (UFPE)

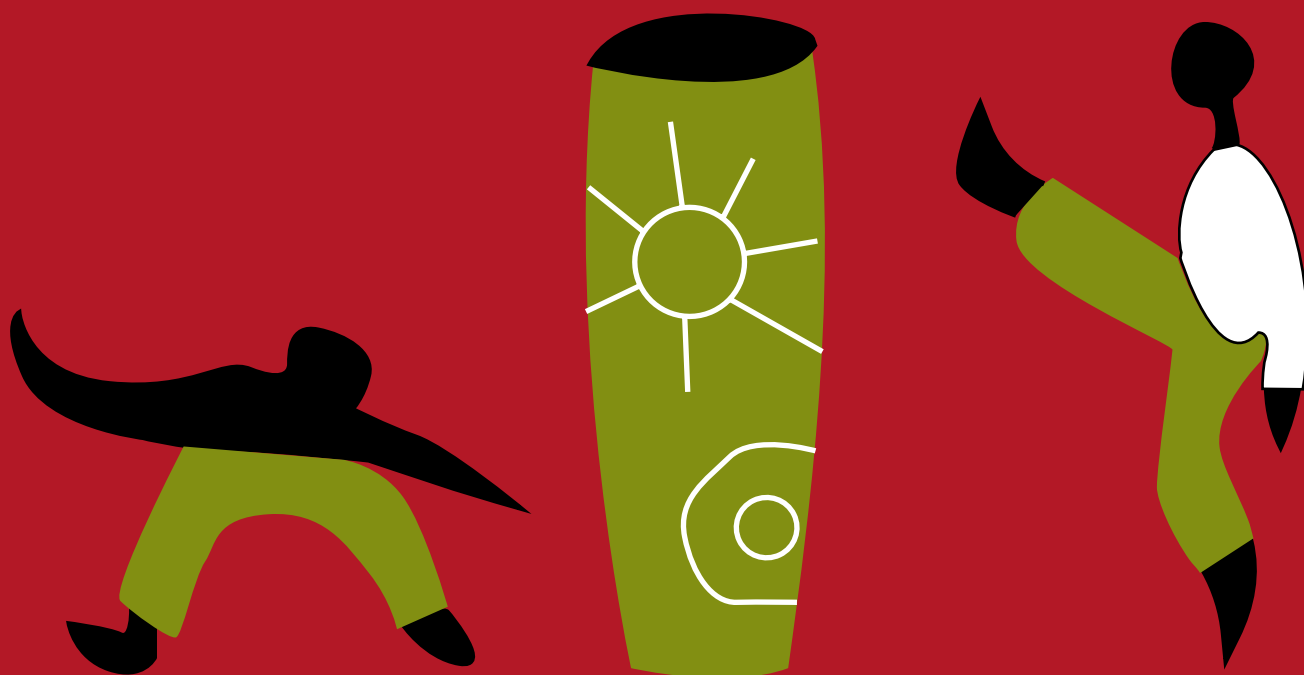
### **Resumo**

O GT pretende reunir pesquisas teóricas/práticas que se debruçam em experiências contra-hegemônicas no campo da Expografia e Curadoria. Investigações e relatos de experiências que dialoguem com novas metodologias expositivas, concatenadas a uma atualização dos campos da Museologia e Artes Visuais em consonância ao protagonismo de novos artistas e as tentativas de inserção dos mesmos nos circuitos artísticos contemporâneos. Interessa-nos especialmente exposições e processos curatoriais que discutam as representações sociais contra hegemônicas nos museus, nas exposições e nos espaços dos fazeres artísticos, históricos e patrimoniais, assim como, ações que repensem os movimentos impostos historicamente e que agenciem novos dispositivos e investigações. Perceber os processos de rupturas presentes nos últimos tempos nos espaços museológicos, permite-nos identificar as transformações e influências que demarcam os espaços expositivos em dinâmicas expográficas e nos cenários artísticos, como mudanças que ocorreram nas posturas dos museus, entre seu caráter privado e sua dimensão pública, trazendo revisões de formas, de elementos e de novas estratégias diante dos cenários atuais que interrogam a Colonialidade do Poder, trazendo ao centro os grupos colocados historicamente como subalternizados, abrindo possibilidades de novos caminhos possíveis para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostas.

5<sup>o</sup> **sebra**  
**mus**

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **Expografia da ausência uma análise da Galeria do Parthenon no Museu da Acrópole**

**Kimberly Terrany Alves Pires**  
UFSC/PPGH - Doutoranda

### **RESUMO**

Esta pesquisa foi produzida dentro do programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPGMUSPA/UFRGS, de 2018 a 2020, orientada pela professora doutora Fernanda Carvalho de Albuquerque. A investigação buscou compreender como o rapto da cultura material é problematizado na atualidade pelo campo museal, a partir da análise da exposição proposta na Galeria do Parthenon, no Museu da Acrópole, que apresenta uma das coleções mais icônicas no cenário da repatriação: os Mármore do Parthenon. Em 2009 é inaugurado o Museu da Acrópole, a instituição que reivindica o retorno e reunificação das peças ao território grego, defende a presença da coleção como importante elemento nacional e utiliza diversos argumentos para defender visualmente essa necessidade. O trabalho teve como objetivo identificar as estratégias curatoriais e espaciais que trazem à tona a sensibilização para o discurso da repatriação. A investigação centrou-se na metodologia de análise documental e bibliográfica, consultando fontes como livros, artigos, catálogo físico, site da instituição, visita virtual à exposição, fotos, vídeo institucional e filme. Para o embasamento teórico, foram trabalhados conceitos como o de patrimônio cultural, musealidade, exposição, curadoria, expografia, expologia e repatriação, contribuindo para estabelecer um diálogo com a produção de autores do campo da Museologia e do Patrimônio Cultural, como Cristina Bruno, Ivo Maroevic, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, Ângela Garcia Blanco, Marília Xavier Cury, Luiz Carlos Borges, Marília Braz Botelho, Karine Costa e Vasiliki Kynourgiopoulou. Conclui que a construção do novo museu integra uma estratégia utilizada para neutralizar os argumentos contra a repatriação. Além disso, a experiência da exposição confronta a presença e a ausência dos elementos do patrimônio cultural. O Museu da Acrópole apresenta, assim, a ideia de uma expografia da ausência, criando uma relação única com a paisagem, arquitetura, espacialidade e a coleção, em uma proposta expositiva que constrói e reforça a narrativa sobre a necessidade da repatriação, influenciando movimentos semelhantes em outras instituições e países.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Mármore do Parthenon. Repatriação. Exposição. Museu da Acrópole.



## **“Entidades”: o espelho que reflete e faz refletir a urgência da vida**

**Gabriela Schneider**

Graduada - História / UNIJUÍ

Discente - Museologia / UFRGS

### **RESUMO**

O trabalho analisa a obra “Entidades”, de autoria de Jaider Esbell, artista da etnia Macuxi e um dos precursores do movimento de Arte Indígena Contemporânea. A obra constituiu-se por dois balões limunosos na forma de cobras que, no período de 2020-21, esteve instalada em espaços públicos de três capitais brasileiras: viaduto de Santa Tereza/Belo Horizonte; Espelho d’água do Parque da Redenção/Porto Alegre; e Lago do Parque Ibirapuera/São Paulo. O objetivo desse trabalho é refletir sobre o papel da Museologia em relação ao patrimônio cultural indígena. Foi utilizada a metodologia de estudo de caso para a investigação da obra “Entidades”. As principais fontes pesquisadas foram os materiais de divulgação, as publicações feitas em revistas e sites da internet, as entrevistas e os textos publicados pelo artista, bem como as manifestações do público em geral. Como resultados, foi possível identificar que a Arte Indígena Contemporânea está inserida no processo decolonial que subverte as lógicas de configuração da cultura e do patrimônio consagrados pelo cânone ocidental. Sob o ponto de vista da Museologia Social, pudemos verificar o potencial de musealidade da obra, a partir da sua capacidade de desencadear memórias que conferem valor ao objeto. Para a tradição Macuxi, a simbologia das cobras carrega o sentido de fertilidade, fartura e proteção para os povos originários. Representa, também, o caminho das águas subterrâneas e o equilíbrio da vida. Para observadores/visitantes, a obra evocou memórias de uma identidade eurocêntrica, com valores religiosos conservadores e que foi manifestada na forma de comentários preconceituosos e discriminatórios; por outro lado, também foi mobilizada uma memória sensível e receptiva à representação das cobras e seu simbolismo. Dessa forma, o objeto “Entidades” potencializou a relação de sujeitos indígenas e não-indígenas, constituindo-se em um fato museal, no qual o espaço público se tornou um catalizador para o debate. Este fenômeno está permeado por disputas de poder a partir da pluralidade de memórias em jogo, evidenciando as diferentes perspectivas da realidade e representações simbólicas acionadas pela experiência da exposição. Dentro desse contexto o papel da Museologia se relaciona diretamente a uma tomada de posição diante do histórico de violências que constituíram boa parte dos acervos dos museus e dos novos protagonismos de sujeitos que antes eram tomados apenas enquanto objetos passivos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte Indígena Contemporânea. Musealidade.

Fato Museal. Jaider Esbell. Entidades.



## **Questionamentos Decoloniais: Maurício de Nassau em foco na exposição “Shifting Image”**

**Maria Luisa Moita Marcondes da Silva**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - mestranda

**Adel Igor Pausini**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - docente

### **RESUMO**

Esta investigação desenvolvida no âmbito do mestrado em Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, busca analisar as denominadas novas ações museológicas e decoloniais do museu Mauritshuis em Haia, na Holanda, e compreender o processo de formação e constituição da narrativa e possíveis práticas de deslocamento do olhar colonial apontando para mudanças estruturais. Ao longo da década de 2010, a discussão sobre colonialidade e decolonialidade dentro dos museus holandeses ganhou corpo, principalmente por conta de uma pressão social que demandou o reconhecimento dos silêncios e ausências que cercam a história do país e a construção da memória e identidade holandesa. Mauritshuis é um museu normativo que abriga uma coleção imperial, sediado em edifício histórico, a antiga casa de Maurício de Nassau, que encomendou o seu projeto e construção entre 1636 e 1641, período o qual Nassau governou o chamado Brasil Holandês. A coleção que o museu abriga está atrelada à figura e a memória do antigo morador, bem como ao período colonial. O edifício denominado Palácio de Açúcar, conforme carta de Nassau em exposição no Museu, foi construído com o dinheiro da produção de açúcar no Brasil, fator de significativo relevo para a economia holandesa. Sendo assim é um exemplar edificado, simbólico e material da exploração e dos sistemas de rede coloniais. Em 2018, após decisão interna, a cópia da escultura do busto de Nassau foi retirada do salão de entrada. Esse movimento gerou um intenso debate público, provocando questionamentos de um lado sobre o desprestígio da memória de um herói nacional, que deveria ser mantida, e um outro posicionamento que julgou a decisão como uma tentativa de esconder a sua origem colonial, sem qualquer discussão crítica sobre o tema. Portanto, para falar sobre o desenvolvimento de ações museológicas decoloniais no Mauritshuis, optou-se pelo estudo do processo e análise da exposição “Shifting Image - In Search of Johan Maurits”, em tradução livre “Imagem em Movimento - Em Busca de Maurício de Nassau” inaugurada em 2019. A exposição foi fruto do referido debate e colocou em foco o questionamento sobre a imagem de uma figura histórica do período colonial, Maurício de Nassau, possibilitando o realce de novas vozes e novas perspectivas anteriormente silenciadas sobre a personagem construída como herói nacional, questionando a sua passagem e os laços coloniais com ênfase apenas na relação Brasil e Holanda, excluindo outros agentes.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Práticas decoloniais. Mauritshuis. Ação museológica. Maurício de Nassau.



## A Decolonização no Discurso do Museu dos Trópicos de Amsterdam

**Luiz Nilton Corrêa**

Doutor em Antropologia, Historiador

Graduando no Curso de Museologia da Universidade Leonardo Da Vinci - UNIASSELVI

**Andréa Reis da Silveira**

Doutora em História, Museóloga, Historiadora,

Docente no Curso de Museologia da Universidade Leonardo Da Vinci - UNIASSELVI

### RESUMO

O *Tropenmuseum*, ou Museu dos Trópicos da cidade de Amsterdam, Holanda, é considerado um dos primeiros museus coloniais do ocidente. Criado em 1864, foi fundado oficialmente em 1926, tendo como missão expor aspectos culturais das Colônias Holandesas. Desde sua criação, manteve o papel de apresentar informações num discurso colonialista, gerando “orgulho nacional” perante as “proezas do país”, no processo “civilizador. A mostra das curiosidades e maravilhas das populações dominadas demonstrava a colonialidade e a compreensão de poder. Nas últimas décadas do atual século, o que era motivo de orgulho passou a ser motivo de vergonha. A perspectiva de que os museus assegurem direitos humanos e dignidade, levou o *Tropenmuseum* a uma tentativa descolonizadora. O discurso proeminente nos processos museais e sociais, e também a forma como o colonialismo anterior passou a ser visto em todo mundo pelos pesquisadores do campo museal e patrimonial, deveria ser modificado. Inspirados na presença e na emergência do crescente número de imigrantes originários das antigas colônias, e que hoje vivem e se integram aos Países Baixos, o museu estabeleceu uma nova dinâmica de narrativas ao povo holandês, que deixou de ser formado apenas pelos colonizadores. Este trabalho foi pontuado em visitas realizadas entre 2019 e 2020, antes da pandemia de Covid-19. Analisou-se que o Museu variou suas narrativas nesse discurso de encerrar vínculos colonialistas, para valorizar, de alguma forma, as contribuições das antigas colônias à cultura holandesa. Verificou-se ainda que por meio das exposições, tentou reconhecer algumas das mazelas criadas em todo o processo colonial europeu, considerando-as eventos traumáticos. Apesar da clara tentativa de modificar a dialética do lembrar e esquecer, o discurso decolonial do *Tropenmuseum* não se encontra presente nas exposições como um todo. Na verdade, as identidades construídas pelos curadores, muitas vezes alheias a realidade das regiões de origem dos artefatos marcadores desta mesma identidade, leva a mecanismos de auto identificação, distorcendo ao visitante um olhar sobre o “outro”, fundamental para o conhecimento de si próprio no meio social e cultural atual. A instituição é incumbida de um papel de “curador da própria identidade”, antes, “superior” no ponto de vista de ter sido colonizador, e agora, numa tentativa de equidade, buscando superar um contexto de séculos de etnocentrismo e etnogenocídio.

### PALAVRAS-CHAVE

*Tropenmuseum*. Colonialismo europeu. Discurso decolonial.



## Curadoria no Museu da História e da Cultura Afro-brasileira: negociação e discurso na arte

**Phelipe Rezende Cruz Firmino**  
Mestrando em Artes - PPGArtes/UERJ

### RESUMO

Este artigo propõe analisar três obras presentes na exposição *Protagonismos: memória.orgulho. identidade*, no Museu da História e da Cultura Afro-brasileira (MUHCAB), no Rio de Janeiro, a partir de tensões manifestadas durante o processo curatorial de elaboração da mostra: uma escultura francesa, um símbolo português e uma xilogravura brasileira, criada para confrontar o duplo europeu. A relação entre as obras traz à tona reflexos de disputas de narrativas e chama à atenção sobre as epistemologias possíveis na curadoria. Contar uma história sobre a escravidão a partir da chegada dos africanos ao Cais do Valongo, mas que, ao mesmo tempo, não se resumia apenas à dor e à violência gerada pela escravização, mas que também colocava o negro como agente de sua própria história e capaz de afirmar sua identidade, ancestralidade e cultura era uma premissa da equipe curatorial, porém os caminhos seguidos para a realização da exposição foram marcados por tensões que, por vezes, colocavam em disputa os discursos pensados e propostos. Durante as conversas entre a equipe curatorial e os proponentes da exposição, foi exigido dar destaque a dois elementos arquitetônicos do prédio e inseri-los no circuito expositivo. Os elementos, a estátua “A negra”, do francês Mathurin Moreau, e as serpes imperiais, esculpidas em madeira na escadaria do prédio, tiveram de ser adicionados à exposição uma vez que eles eram significativos para a história daquela edificação. Para tornar estas obras objetos de reflexão e crítica, a artista Val Pires, que assina seus trabalhos como Xilopretura, foi convidada a dialogar com tais elementos e desenvolveu, para isso, a obra “Oferecida à liberdade”. A perspectiva decolonial da curadoria expográfica quis, dentre outras questões, dar protagonismo às histórias negras e se afastar das visões eurocêntricas sobre a história de forma crítica. A escolha por esta solução no projeto expográfico deu aos públicos a possibilidade de refletir sobre o que se conta da história afro-brasileira. A análise comparativa das obras, que considera as representações simbólicas de seus elementos, busca questionar a forma como as obras de arte são apresentadas de que forma elas conseguem atingir o espectador. Esta discussão pode chegar ainda à formação dos vínculos entre pessoa e museu, o que reforça e reafirma uma das premissas do MUHCAB, museu de território que é atento a seus públicos e suas memórias, e que cumpre seu compromisso com as comunidades as quais representa.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte. Arte afro-brasileira. Curadoria. Narrativa



## **Análise curatorial da presença de mulheres negras na exposição de longa duração do MABE**

**Silvia Raquel de Souza Pantoja**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU),  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Joseania Miranda Freitas**

Docente no Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU),  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

### **RESUMO**

Esta comunicação apresenta os principais fragmentos motivadores da pesquisa de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), visando destacar o contexto expográfico e curatorial da exposição de longa duração “Janelas do passado, espelhos do presente: Belém do Pará, arte, imagem e história”, do Museu de Arte de Belém (MABE) - inaugurada em 2011 e encerrada em 2017, devido a problemas estruturais no Palácio Antonio Lemos, onde está sediada. Ao analisarmos o catálogo da exposição, que objetivou narrar aspectos da história da fundação da cidade, percorrendo os períodos da colonização à república, observamos que nesta experiência expográfica determinadas pessoas e classes sociais estão escanteadas. Para análise das narrativas expográficas da Pinacoteca, relativa às imagens de mulheres negras, postas como “tipos populares”, relacionadas ao mundo do trabalho subalterno ou na mendicância, utilizamos como categoria de análise três formas de tirania: do “visível”, do “silêncio” e das “imagens de controle”, tendo em vista que as imagens apelam mais ao caráter descritivo dos elementos das pinturas, encerrando-as em si mesmas, sem romper com perspectivas reducionistas ou mesmo proporcionar contextos nos quais diferentes associações pudessem ser enfocadas. Observamos que este tipo de narrativa se mostra corrente em exposições de longa duração que, embora não use mais o termo permanente, ainda fica evidente a dificuldade de suas práticas se alinharem, plenamente, aos avanços que os campos teórico e técnico têm produzido, oferecendo outras possibilidades para expor e tratar sujeitos que historicamente têm sido inferiorizados, ditos sem cultura, sem história e sem memória. Essas formas de expor, em formato de “longa duração”, ainda são reproduzidas por profissionais de museus, responsáveis pela comunicação de acervos e pelo aprendizado do público; formas que têm contribuído na “permanente” constatação de imaginários tipificadores e hierarquizantes através das imagens e de suas narrativas expográficas. Não há receitas de como isso deve ser feito, cada caso é um caso, mas pode-se começar mudando as formas de abordar as imagens, estabelecendo estratégias de como lidar com as mesmas.



**PALAVRAS-CHAVE**

Museu de Arte. Exposição de longa duração. Pinacoteca. Mulheres negras.



## **Análise curatorial da exposição temporária “Presença negra em Bogotá: 1940-1960”**

**Thanity Silva de Andrade**

Universidade Federal da Bahia - Mestranda

**Joseania Miranda Freitas**

Universidade Federal da Bahia - Docente de Museologia

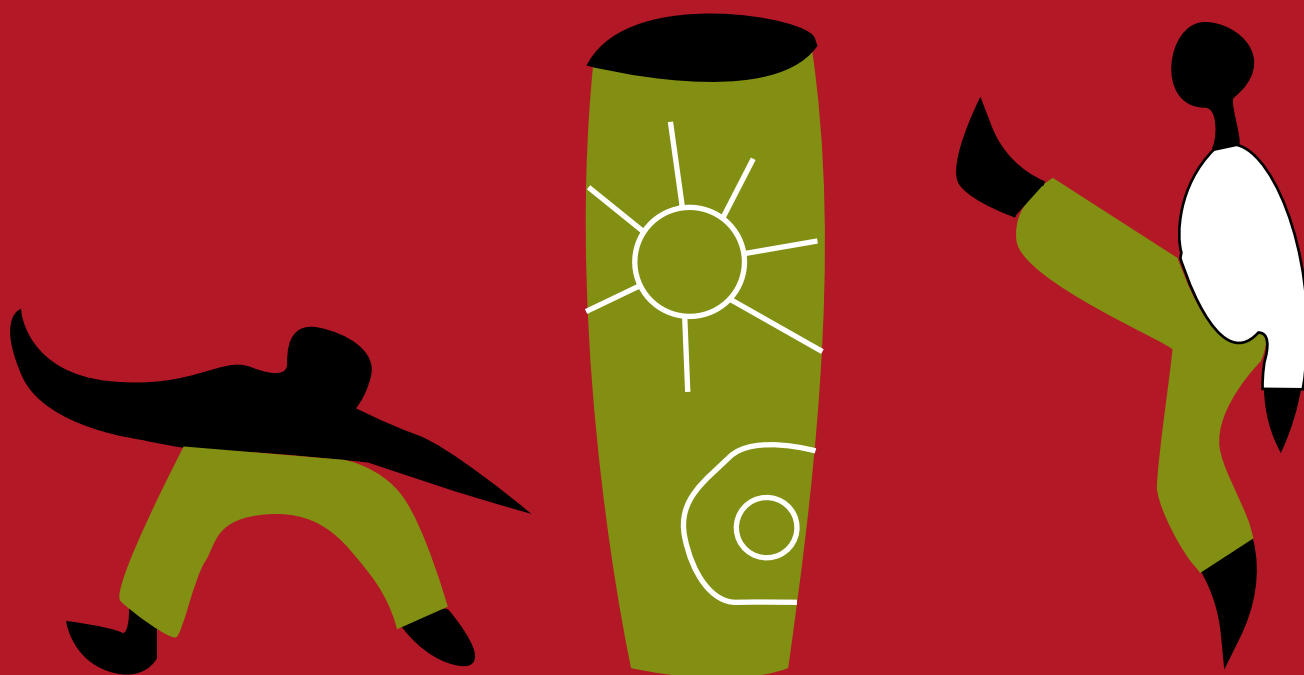
### **RESUMO**

A presente comunicação faz parte da pesquisa de Mestrado em Museologia (PPGMuseu/UFBA), que objetivou compreender os processos curatoriais da exposição temporária “Presença Negra em Bogotá: 1940-1960”, realizada entre novembro de 2013 e março de 2014, no Programa de Mestrado em Museologia, da Universidade Nacional da Colômbia (UNAL), com curadoria dos docentes Mercedes Angola (afrocolombiana) e Maguemati Wagbou (togolês). A pesquisa incorporou distintas formas de apreensão do conhecimento, incluindo os estudos (auto) biográficos, entrelaçados à literatura de mulheres negras. Buscou-se compreender as ações curatoriais através da “escavação do passado”, método (auto)biográfico, em cruzamento com os verbos: recordar, exorcizar e curar, inspirados pelas palavras-escritas de mulheres negras. Propôs-se utilizar as tessituras desses três verbos para a análise das ações curatoriais por meio do catálogo expositivo, que envolveu o estudo dos oito eixos temáticos, compostos por fotografias e fragmentos de depoimentos, design e a diagramação das fontes e imagens entre outras ações que compuseram as dinâmicas curatoriais. O conjunto dessas ações curatoriais evidenciou a explicitação de narrativas relativas à constituição de uma elite intelectual negra naquele período, formada por mulheres e homens, que migraram das Costas do Pacífico e do Atlântico para a capital, Bogotá, em busca de melhores oportunidades de vida. A análise do catálogo expositivo possibilitou identificar o processo curatorial como constituído de uma ação-didática e político-afirmativa, curada em dois âmbitos, o primeiro, pelas histórias de vidas das afrocolombianas e afrocolombianos, que mostraram formas que a gente negra fazia para lidar com as novidades e adversidades da cidade, incluindo as situações de racismo, vividas cotidianamente; e o segundo, por meio das histórias de vida dos docentes-curadores negros da UNAL, que de forma didática, demarcaram a “cara preta” da capital, delineando distintas subjetividades e peculiaridades das histórias de vida das pessoas entrevistadas, bem como, os recursos que aquela gente negra utilizava para defender-se das vivências discriminatórias. Por fim, um dos ensinamentos adquiridos sobre a análise do processo curatorial pautou-se em narrativas contra hegemônicas, enfatizando a “presença negra” dessas pessoas com seus nomes e sobrenomes, seus elos familiares, o bem-estar e a sociabilidade, a ascensão social, mediante à educação e o trabalho.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Processo curatorial. Exposição temporária.  
Pesquisa auto(biográfica). Literatura de mulheres negras.

# PÔSTERES





## **“Brasil: Vermelho como Brasa”, questionando a brasilidade e disputando imaginários**

**Arthur Bonfim Carmo**  
Discente Museologia UFRGS  
**Julia Ferreira da Silva**  
Discente Museologia UFRGS

### **RESUMO**

A exposição “Brasil: Vermelho como Brasa”, é resultado de um projeto expográfico de curadoria compartilhada que visa questionar a identidade brasileira e seus símbolos oficiais, através das desigualdades e violências que permeiam o país. A mostra é a 12ª exposição curricular do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e marca a retomada das atividades presenciais no Museu da UFRGS como parte das disciplinas de Projeto de Curadoria Expográfica e Prática de Exposições Museológicas. No ano que se comemoram efemérides significativas para a construção identitária do país, como os 200 anos da Independência e o centenário da Semana de Arte Moderna, a equipe curatorial faz uma análise de ambientes do cotidiano contemporâneo problematizando determinados símbolos oficiais. Nessa perspectiva, a casa, a escola e a rua, são explorados a partir de um viés decolonial e elementos como: monumentos, bandeiras, nomes de ruas e mapas, são problematizados junto a objetos do cotidiano e acervos histórico/artísticos a fim de visibilizar tensões sociais, econômicas e raciais que permeiam a realidade brasileira. Em razão disso, questionamentos são levantados sobre a narrativa oficial de uma identidade nacional única e as imagens que visam representar a totalidade dessas vivências de forma coesa e cordial. Desde o nome “Brasil”, proveniente de uma árvore brasileira, cujo corante vermelho foi o que possibilitou o primeiro ciclo econômico do país-colônia, até uma atualidade onde Brasil “torna-se” verde e amarelo, repleto de nacionalismos, camisas de futebol e figuras populistas. Logo, é possível perceber uma marcha repleta de “ordem e progresso”, onde significados ancestrais são apagados, assim como os povos originários que aqui habitam e habitaram Pindorama muito antes de ser Brasil. Evidenciando os processos de negação e violência, a exposição aborda um viés das disputas imagéticas estabelecidas no imaginário nacional, realizando um trabalho de contramemória. Vermelho como Brasa marca a pluralidade e desencontros de um país incendiado em conflitos e contradições.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Identidade Nacional. Brasilidade. Decolonialidade.  
Desigualdade. Exposição curricular.



## **Arte Urbana e Artivismo: as percepções sociais sobre o pixo das ruas até os murais do festival CURA**

**Juliana C. Ferreira Candido**

Universidade Federal de Santa Catarina, graduanda em Museologia

### **RESUMO**

O Pixo é uma manifestação de arte popular, contemporânea, política e urbana muito controversa. Enquanto alguns a concebem como uma forma de arte, de expressão cultural e de manifestação social, outros a consideram ato de vandalismo, forma de demarcação territorial por parte de grupos marginais, ou, ainda, crime ambiental. O ser humano sempre se comunicou através de suas paredes e muros. As pinturas rupestres se relacionam a vários momentos da pré-história, podendo representar o dia a dia em diferentes tipos de linguagens e expressões. Podemos encontrá-las em locais como o complexo de cavernas de Lascaux, na França, ou o Parna Cavernas do Peruaçu, em Minas Gerais. O Pixo é um meio de comunicação e expressão, que aparece em muitos lugares e épocas diferentes. Há registros dele no ano 79 d.C., na cidade de Pompéia, na Itália. A sociedade foi se transformando e a pichação também. Segundo Lourenço, nas décadas de 60 e 70, no Brasil, o pixo foi uma importante ferramenta de crítica no período da Ditadura Militar e é, até hoje, uma forma de se manifestar adotada pela população. A doutora em Artes Deborah Lopes Pennachin, pesquisadora do tema na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), fala sobre os conflitos e as simbologias que envolvem o grafite e o pixo. Seja em espaços públicos ou privados, as pichações geram conflitos, tocando em questões delicadas como propriedade privada, preservação do patrimônio público, hegemonia cultural e exclusão social. Não se pode ignorar que essa manifestação provém de sujeitos sociais que não estão alheios à desigualdade e segregação das cidades. Neste sentido, o pixo representa uma reação à exclusão social, uma forma de expressão de grupos oprimidos, que vocalizam através do picho a sua identidade e as suas insatisfações. O grafite e o pixo são uma resposta ao estilo de vida pós-moderno, e não apenas interferem na metrópole, mas esta também, em igual medida, se encontra neles. O pixo, assim como o grafite, se relacionam diretamente com outras artes urbanas, como o rap e o hip hop e ocupam as ruas que são seu local de exposição. A partir do estudo de caso da Exposição CURA, o objetivo desse artigo é mostrar como o pixo e o grafite, como manifestações artísticas, se entrelaçam e se fundem e, dessa forma, questionaremos, como a arte urbana perseguida e marginalizada nas ruas ganha espaço em projetos expográficos e museais como o CURA e como isso influencia na visão da sociedade sobre essas manifestações artísticas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte Urbana. Pixo. Grafite. Exposição. Sociedade



## **Estruturação de metodologias de processos curatoriais participativos MAFRO/UFBA2011-2018**

**José Ivonildo Araújo Terceiro**

Discente do PPGMuseu/UFBA

**Filipe Guimarães de Souza Sena**

Discente da Graduação em Museologia/UFBA

**Kananda Gomes de Jesus**

Discente da Graduação em Museologia/UFBA

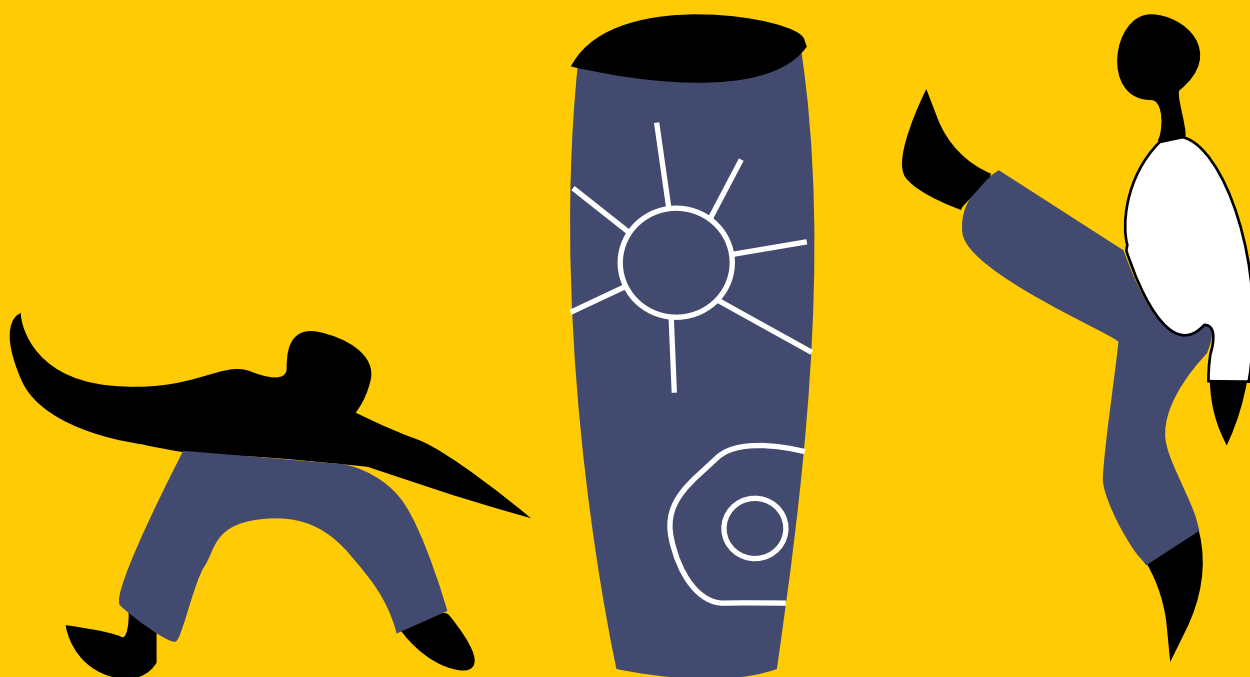
### **RESUMO**

Esse texto tem por finalidade apresentar reflexões decorrentes da pesquisa desenvolvida no projeto PIBIC/UFBA Estruturação dos Processos curatoriais Participativos dos Projetos MAFRO/UFBA (2011-2018) de autoria da Profa. Graça Teixeira, do qual participamos como bolsistas de iniciação científica e tutor. O projeto foi desenvolvido no âmbito da museologia e tem como fio condutor metodológico a “escuta sensível” bem como a pedagogia freiriana, ferramentas metodológicas já utilizada pela docente (TEIXEIRA, 2021). Com esse trabalho temos o interesse que os museus e outras instituições de cunho museológico possam ser compreendidos como lugares de diálogos, debates e questionamentos, para tal é necessário que ocorram mudanças na forma que estes espaços lidam com seus acervos, suas exposições e ações curatoriais. Em geral esses espaços apresentam um cenário com narrativas embasadas por falsas verdades que não contribuem para que o visitante se sinta acolhido. Essa sensação de não acolhimento ocorre em consequência dessas “verdades” que quase sempre estigmatizam e esteriotipizam memórias forjando imagens que maculam identidades de sujeitos e sujeitas que foram e ainda são alijadas do projeto colonial de uma sociedade marcada pelo poder da supremacia branca e do patriarcado (TEIXEIRA, 2020). Por não se identificarem com as apresentações dos acervos, ou de não terem acesso mínimo aos mesmos, pessoas que poderiam contribuir para se conhecer mais sobre os objetos, por fazerem parte das culturas de onde esses artefatos advêm, acabam por se afastarem desses espaços que deveriam ser locais de acolhimento e discussão. Uma tentativa de aproximação das pessoas para esses espaços no intuito que haja de fato diálogos e não solilóquios é que, as ações curatoriais se valham da escuta do “outro”, compreendendo esse outro enquanto sujeito participante nos processos de elaboração, desenvolvimento e realização de todo o conteúdo que comporá uma narrativa expositiva. Neste sentido, a escuta como metodologia pressupõe aproximar a comunidade com as instituições de cunho museológico, não se limitando às comunidades dos entornos dos locais onde se encontram tais instituições mais todas as outras que de certa forma estão ligadas às estas e que certamente, contribuirão de algum modo nos processos curatoriais desses espaços.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museus. Ações curatoriais. Escuta. Comunidade.

**GT 15**  
**HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E**  
**DA MUSEOLOGIA NO BRASIL**





## **GT 15 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL**

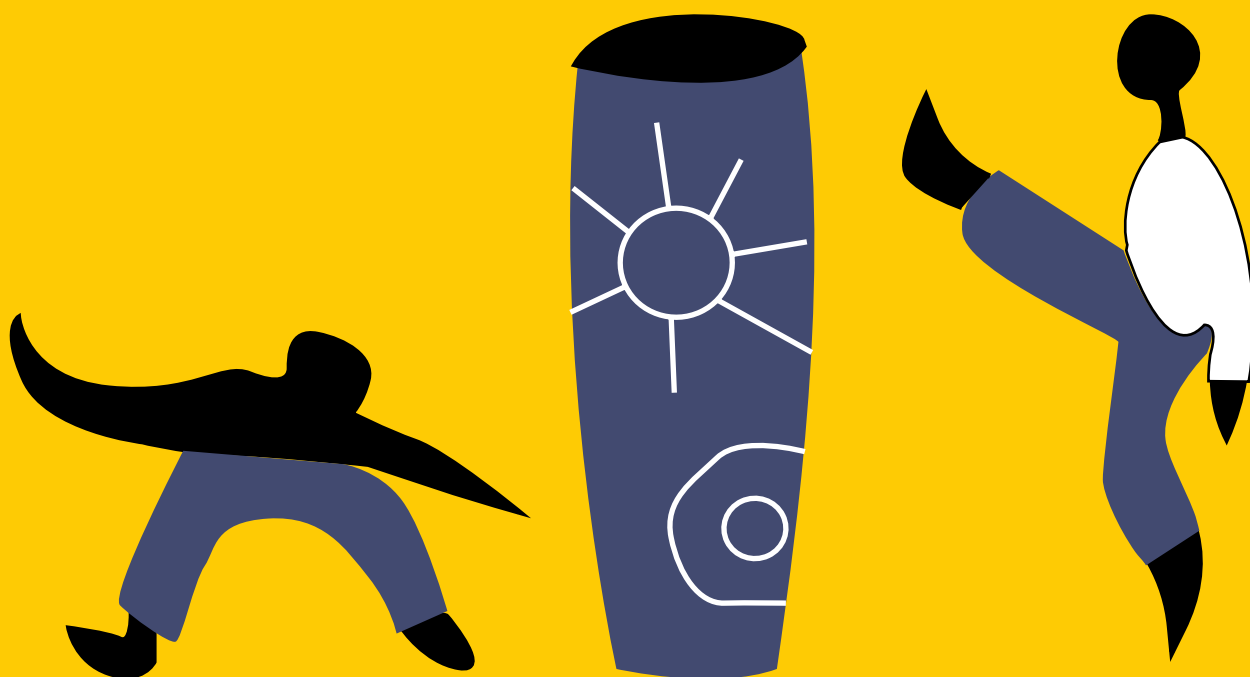
### **Coordenadores**

Henrique de Vasconcelos Cruz (Museu do Homem do Nordeste /  
Fundação Joaquim Nabuco - PE)  
Priscilla Arigoni Coelho (UFOP)  
Ana Carolina Gelmini de Faria  
(UFRGS)

### **Resumo**

O Grupo de Trabalho História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil é dedicado à apresentação de pesquisas finalizadas ou em andamento sobre escritas da história e processos de construção de memórias sobre museus e práticas museológicas levadas a cabo por agentes do campo da Museologia em experiências institucionais, produções científicas, formulação de conceitos, pensamentos, etc., numa análise de biografia de coleções e objetos museológicos, bem como do itinerário profissional de agentes que legitimaram o campo. Dedicar-se também à divulgação de trabalhos voltados à cientificação das práticas museológicas e sua institucionalização em cursos de graduação e pós-graduação, privilegiando também uma abordagem de análise institucional. O GT se constituirá em um espaço de divulgação, reflexão e debates sobre as diferentes contribuições (teóricas, empíricas e acadêmicas), institucionalizadas ou não, individuais e em grupo que constituíram o campo museológico brasileiro e atualmente são objeto de estudos na História, Museologia, Antropologia, Sociologia e outras áreas do saber. O GT justifica-se pela possibilidade de constituir um fórum de divulgação, reflexão, debates e trocas de produção científica sobre a história e memória dos museus e da Museologia no Brasil. Importante destacar que este GT será uma continuidade dos debates iniciados no II SebraMus (Recife, 2015), III SebraMus (Belém, 2017) e IV SebraMus (Brasília, 2019). Através desse espaço é possível não apenas que se conheçam os trabalhos sobre o tema que se tem desenvolvido no Brasil, mas também se fortaleça esse campo de pesquisa que muito tem crescido e contribuído para a elaboração de políticas e diretrizes no âmbito dos museus, da Museologia e do Patrimônio.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Museu Joaquim Nabuco: uma experiência social (1985 - 1974)

**Marília Bivar Leobaldo de Moraes**

Museóloga COREM1 R.0511 – I

**Henrique de Vasconcelos Cruz**

Museu do Homem do Nordeste/Fundaj

### RESUMO

O presente artigo é parte do resultado de pesquisa para trabalho de conclusão de curso, desenvolvido na Especialização em Museus, Comunidades e Identidades pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). O objetivo desde, é mapear e elucidar as atividades desenvolvidas pelo Museu Joaquim Nabuco, desde sua criação até posterior ao seu fechamento (1974-1985), no qual resultou a um período de discussões iniciais sobre a nova museologia na Fundaj e extramuros. A Nova Museologia foi tão atuante e necessária para os museus tradicionais, visto como instituições conservadoras e clássicas. Os museus, aos moldes europeus, perceberam a necessidade de repensar a função social do museu, além de incorporar algumas práticas e metodologias da nova museologia, com intuito de aproximar o seu público e trabalhar de algumas formas mais maleáveis, principalmente em propostas expográficas e educativas. O Museu Joaquim Nabuco (MUSNA) foi criado em 1974 em comemoração aos 25 anos do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (INJPS) e aos 125º aniversário de Joaquim Nabuco, o patrono da Instituição. O intuito da criação deste museu foi reunir o acervo museológico e documental referente ao abolicionista Joaquim Nabuco, além de ser um espaço de discussões sobre a vida, obra de Nabuco e o período abolicionista. Durante seu funcionamento, o museu atuou com e para a comunidade através do seu acervo e principalmente os projetos desenvolvidos pelo museólogo Mário Chagas, diretor do museu entre os anos 1980 a 1985. A análise das atividades foi baseada nos registros documentais mantidos no Arquivo Institucional do Museu do Homem do Nordeste, que reúne um acervo documental dos museus pertencentes à Fundaj desde sua criação, mantendo toda a trajetória e memória desses museus. Os acervos documentais do Arquivo Administrativo da Fundaj e a Coordenação-Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (*Cehibra*), também serviram para elucidar a pesquisa, além das bibliografias conceituais. O resultado esperado é gerar um material que sirva de subsídios para futuras reflexões críticas sobre as ações promovidas pelo Museu Joaquim Nabuco, Mário Chagas e a Fundaj, diante do contexto nacional e internacional da Museologia Social e Sociomuseologia.

### PALAVRAS-CHAVE

Nova Museologia. Museologia Social. Fundaj.  
Museu Joaquim Nabuco. Mário Chagas.



## **“Vaso Marajoara”: aspectos do acervo do Museu Nacional expostos em revistas (1937 - 1945)**

**Siele Cristine Barbosa**

Universidade de São Paulo (USP)

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia

### **RESUMO**

A *Uiára*: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional e a *Revista do Museu Nacional* são o ponto de partida para esta pesquisa que se desenvolve no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. Estudadas em conjunto, foram publicadas a partir de 1937, quando a *Uiára*: Revista da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, é divulgada em apenas um número, que corresponde ao período entre outubro e dezembro de 1937. Já em 1944, com o Museu Nacional fechado para reforma, é publicada a *Revista do Museu Nacional* que circulou entre agosto daquele ano e dezembro de 1945, somando cinco números. A publicação dessas revistas resulta de articulações possíveis entre diversos sujeitos, inseridos numa conjuntura institucional que passaria ao longo desses anos por diversas mudanças, seja do ponto de vista científico, como alteração de regulamento ou estrutural, quando o museu ficou fechado para as obras de reforma entre 1941 e 1946. Nesse contexto, destacamos a atuação de Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional entre os anos de 1938 e 1955, com uma longa trajetória institucional já consolidada. Nesse sentido, percorremos dois percursos a partir da pesquisa em andamento com as revistas: De um lado, o contexto institucional de publicação dessas revistas nos interessa, por outro, nos propomos a perscrutar o material empírico, nos colocando diante das diversas possibilidades que este nos traz. No que diz respeito à presença dos acervos do Museu Nacional nas revistas estudadas, destacamos um artigo publicado pela Heloísa Alberto Torres no quarto número da *Revista do Museu Nacional*: Em “Vaso Marajoara”, é exposta a trajetória de um dos objetos pertencentes às coleções do Museu, uma urna funerária coletada em viagem à Ilha de Marajó, Amazonas. O artigo foi escolhido dentre tantos, pela riqueza de detalhes e a quantidade de informações que nos oferece, pela importância deste item no acervo e também por nos ajudar a falar do contexto institucional do Museu Nacional. A *Revista Uiára* e a *Revista do Museu Nacional* comunicam práticas museológicas que se conformavam no cotidiano do museu e que foram se estruturando na trajetória de construção desse campo do conhecimento como práticas de conservação, documentação, comunicação museológica, entre outras. Desta forma, “Vaso Marajoara” abre caminhos para que possamos perceber como as revistas são plataformas de divulgação dos acervos do Museu Nacional.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Revista do Museu Nacional. Revista *Uiára*. Acervo.  
Heloísa Alberto Torres. Vaso Marajoara.



## **Parque Histórico Carambeí: delineamentos da tipologia de Museu de História Viva no Brasil**

**Nicholas Braz Aguirre**

Museólogo- UFRGS

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio- UFRGS

### **RESUMO**

Existe uma tipologia muito peculiar de museu, cuja narrativa é composta pela simulação da cultura, edificações e ambientes da época almejada em espaços a céu aberto: os museus de história viva (*living museums/ living history museums/ open air museums*). Alguns desses museus dispõem como recurso o uso diário de intérpretes, pessoas com a indumentária característica da época retratada, que interagem com os visitantes ao praticar as atividades e simular comportamentos de outrora, tornando a experiência mais imersiva. Esta categoria de museus está muito presente nas culturas anglo-saxônicas e escandinavas, enquanto no Brasil, encontram-se alguns espaços que não se autodenominam museus de história viva, contudo possuem características dessa tipologia. Um exemplo é o Parque Histórico Carambeí que originou-se com o museu Casa da Memória em 2001 e dez anos depois constituiu um conjunto arquitetônico com a reprodução de edificações dos anos de 1930 a 1950, sendo conhecida por Vila Histórica de Carambeí. Neste ano, o parque é oficialmente inaugurado no município de Carambeí, Paraná, em razão da homenagem ao centenário da chegada dos primeiros imigrantes holandeses à região dos Campos Gerais. Seu objetivo é preservar o patrimônio material e imaterial da cultura dos primeiros imigrantes da região. Tido como um dos maiores museus a céu aberto do Brasil, conta com mais de 100 mil m<sup>2</sup> e trata-se de uma das instituições museais mais visitadas na região Sul. Portanto este trabalho visa investigar, a partir da instituição Parque Histórico Carambeí, como traços da tipologia museu de história viva são adaptados ao contexto brasileiro. A pesquisa, em desenvolvimento, se valerá de análise bibliográfica e documental para a investigação da adaptação da tipologia frente ao contexto geográfico, social e cultural vinculado. É lançado o desafio de buscar respostas sobre esta tipologia de museus tão pouco explorada na Museologia brasileira, inserindo-a na História e memória dos museus e da Museologia no Brasil.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História Viva. Museu de História Viva. Parque Histórico Carambeí.



## **Narrativas expográficas na construção das histórias e memórias da saúde no Rio Grande do Sul**

**Éverton Reis Quevedo**  
UFRGS - mestrando PPG/MusPa

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de Mestrado que tem como objetos de estudo as exposições de longa duração do Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro e do Museu Joaquim Francisco do Livramento vinculado ao Centro Histórico-Cultural Santa Casa, sendo a primeira uma instituição pública, ligada a Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul e, a segunda, uma instituição privada, pertencente a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, ambas localizadas em Porto Alegre/RS. Como objetivo geral, o trabalho pretende analisar como se constituem as representatividades da saúde a partir dos objetos selecionados para as exposições destas instituições. Nesse sentido, verificamos que na história dos museus vinculados ao patrimônio da saúde/medicina existe um movimento de salvaguardar objetos específicos de trajetórias que também se ligam à ciência e, assim, à sociedade. Nessa perspectiva, percebemos que as coleções das instituições que nos propomos a analisar estão em constante formação, tendo em vista políticas de gestão de acervo onde se inserem as políticas de aquisição e descarte. São elementos da cultura material e imaterial, como, por exemplo, testemunhos e fontes orais, reunidos a partir de uma necessidade por vezes institucional, ou seja, para evidenciar esta ou aquela trajetória hospitalar, para salientar alguma ação ou campanha de saúde, ou mesmo, em tempos pandêmicos, para reconstruir “os caminhos” das doenças. Tomando como base essa valorização do objeto e seu processo de musealização como vetor de trajetórias, histórias e memórias, como reflexo da sociedade que o criou e o usou, podemos dimensionar as escolhas expositivas de itens médicos em museus. Tais objetos, frutos de uma necessidade humana que busca a cura para suas mazelas, são carregados de significados sociais e tecnocientíficos e ao chegarem a uma exposição, passam a ser inclusive, a representação científica daquele momento em que foram criados, sendo constantemente ressignificados sempre que inseridos em novas narrativas. Por fim, observamos que as narrativas expográficas das exposições analisadas são construídas a partir de determinados objetos e nos possibilitam identificar propostas curatoriais que se assemelham e se distanciam criando conexões e distanciamentos com o patrimônio cultural da saúde e com a própria história da Medicina no Rio Grande do Sul.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História dos Museus. Patrimônio Cultural da Saúde. Objetos.  
Narrativas Expográficas. Exposições.



## Liana Ocampo e sua contribuição para o campo museal brasileiro

**Patricia Gabriela Machado Barbosa**

Museóloga/UFRGS

Discente em Bacharelado de Letras Libras-Português/UFRGS

Conselheira do COREM3ª Região

### RESUMO

A pesquisa em desenvolvimento analisa a trajetória profissional e acadêmica de Liana Rubi Teresa de Ocampo. Para tanto, compreende o recorte temporal de 1977 até 2002, período em que Ocampo foi docente do Curso de Museologia da FEFIERJ/UNIRIO, a fim de investigar suas contribuições para o campo museal brasileiro com ênfase na educação em museus em intersecção com acessibilidade museológica e ação educativa. Os objetivos da investigação são: a) Mapear a trajetória acadêmica e profissional de Liana Ocampo, buscando a partir disso, sua visibilidade para o campo museal brasileiro; b) Analisar sua contribuição na área de ação educativa e acessibilidade em museus, a partir de orientações realizadas no período de atuação enquanto professora do Curso de Museologia da FEFIERJ/UNIRIO; e c) Investigar ações de disseminação e aplicação de produções para o campo de educação em museus, a partir das experiências acadêmicas e profissionais de Liana Ocampo. A metodologia, de abordagem qualitativa e cunho exploratório, tem fontes primárias distribuídas em diferentes instituições, a exemplo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS/Rio de Janeiro (com acervo bibliográfico, monografias orientadas, entre outros) e o Instituto Benjamin Constant/Rio de Janeiro (com documentações referentes às atividades com consultoria de Ocampo). Cabe, ainda, entrevistas com ex-alunos e ex-colegas da profissional. Por ser uma pesquisa de cunho inicial, serão apresentados resultados parciais de análises realizadas a partir do corpus de investigação, tendo por ênfase sua dissertação defendida Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, intitulada *Os Cegos e os Museus: A Utilização do museu como Espaço Educacional para Deficientes Visuais* (1987). A pesquisa realizada por Ocampo aponta já na década de 1980 a urgência dos museus se adaptarem para a inclusão de visitantes com deficiência visual, pois para ela a instituição é um espaço de educação enriquecedor para a construção de conhecimento desses indivíduos. A dissertação aponta Liana Ocampo como uma das pesquisadoras brasileiras pioneiras ligadas às questões de acessibilidade no campo da Museologia brasileira.

### PALAVRAS-CHAVE

História da Museologia no Brasil. História da Acessibilidade em Museus. História da Educação em Museus. Liana Rubi Teresa de Ocampo.



## Os agentes e propostas de criação do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

**Ana Letícia de Alencastro Vignol**  
PPGMUSPA/UFRGS - aluna

**Ana Celina Figueira da Silva**  
PPGMUSPA/UFRGS - docente

### RESUMO

O trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa em realização junto ao Programa de Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS). Propõe analisar os objetivos e motivações dos agentes envolvidos no processo de criação do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (MUSECOM), criado em setembro de 1974 vinculado à Secretaria de Educação e Cultura (SEC) do Estado do Rio Grande do Sul. A instituição surge com a função conservar, pesquisar e divulgar a história da comunicação gaúcha através do tratamento de acervos das áreas de imprensa; televisão e vídeo; rádio e fonografia; publicidade e propaganda; fotografia; cinema e tridimensionais. Analisa a atuação da primeira equipe do Museu – que o constituiu; do governo estadual do Rio Grande do Sul – que o oficializou; da Associação Rio-grandense dos Jornalistas (ARI) e dos veículos de imprensa local – que o divulgou. Descreve o processo de criação do Museu, desde a localização, no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), de jornais e revistas que viriam a constituir o primeiro acervo da instituição e a trajetória de sua constituição, pensado inicialmente como um Setor de Imprensa no AHRs, depois como um Museu da Imprensa e por fim, configurando-se como um Museu de Comunicação Social. Discute os elementos que influenciaram no processo de transformação do seu perfil, através da atuação de seus agentes. Evidencia o papel da Imprensa em sua criação, representados pela escolha do seu Patrono, o jornalista Hipólito José da Costa, responsável pela edição do primeiro jornal brasileiro (Correio Braziliense) e sua sede, prédio onde funcionaram o jornal A Federação, o Diário Oficial do Estado, o Jornal do Estado, o Departamento de Imprensa Oficial e a Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG). Para a compreensão desse processo de constituição do Museu e seu perfil, utiliza-se de análise documental e dos discursos proferidos no Ato de Criação do Museu e depoimentos de seu primeiro diretor, colhidos em entrevistas. Considera-se a criação do MUSECOM inserida no contexto de surgimento dos Museus da Imagem e do Som no Brasil (MISES) durante o período da Ditadura Civil-Militar. Como resultado parcial, aponta-se a preponderância do acervo de imprensa em relação às demais áreas da comunicação já que foram identificadas proposições de Museu da Imprensa, e de “Submuseu da Imagem e do Som” e de sua singularidade em relação aos MISES por integrar a imprensa em seu acervo.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu da Comunicação Hipólito José da Costa MUSECOM.  
Museus da Imagem e do Som. Museus de Imprensa. Comunicação Social.



## **O Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS: a tessitura de uma pesquisa**

**Adriana Aparecida Ganzer**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Doutoranda em Educação

**Zita Rosane Possamai**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Docente PPGEDU e PPGMUSPA

### **RESUMO**

Este trabalho destaca um espaço de tempo na historiografia do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS. Exibe o contexto histórico da concepção de uma Divisão de Cultura e uma Diretoria de Arte, junto ao nascimento do museu no ano de 1954, em Porto Alegre, logo após a criação de museus de arte em São Paulo e no Rio de Janeiro. Apresenta considerações de uma pesquisa de doutorado na linha de pesquisa História, Memória e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Objetiva investigar a dimensão educativa do museu em consonância com a produção de conhecimento. Assume a busca empírica de explorar parte do arquivo de documentos localizado no núcleo de acervo, documentação e pesquisa do MARGS, uma vez que essa documentação potencializa a história da instituição. Nessa direção, é importante apontar que a proposta se utiliza do método indiciário de Carlo Ginzburg como metodologia para analisar as escritas desses documentos; pistas que indicam os fios modeladores da pesquisa, para narrar como o museu iniciou a comunicação com o seu público. Na operação historiográfica de Michel de Certeau, que abarca a relação entre um lugar social, os procedimentos de análise e uma escrita, ao situar o MARGS no período da sua fundação, bem como compreender os acontecimentos que sucederam essa criação junto ao sistema das artes, e aos acontecimentos sociais, culturais, econômicos e políticos. Outrossim, é imprescindível mencionar que as questões educativas nos anos 1950, estavam vinculadas à formação de público para os museus. Destarte, os estudos compreendem a História dos Museus e a História da Educação amalgamadas com as teorias museológicas. Para assim, ao apreender os registros das atividades, obter uma visão crítica acerca das ações consideradas educativas, entrelaçadas aos personagens que as compõem.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS.  
Documentação. História. Educação.



## **A escrita da história através da coleção do Museu Armido Lauffer em Três Coroas/RS**

**Sandra Cristina Donner**  
PPG-Muspa/Faccat/IFRS

### **RESUMO**

Esta proposta de comunicação deriva do projeto de Dissertação de Mestrado e vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS), na linha de pesquisa em Museus, Museologia e Coleções, em fase de escrita. O museu Armindo Lauffer, situado na cidade de Três Coroas, RS, foi fundado em 1973, a partir da coleção pessoal do intelectual local e historiador dileitante Armindo Lauffer. Ao longo de vários anos ele coletou objetos que buscavam materializar a história do Vale do Paranhana e a vida dos colonos e imigrantes. Nesta comunicação pretendemos explorar a discussão sobre a escrita da história através de objetos na reflexão sobre a coleção de Lauffer. Em nossas investigações percebemos que o processo de musealização da coleção deste historiador local nos permite refletir sobre identidade, memória e patrimonialização. Utilizando-se destes objetos e da escrita da História Local, esse personagem estruturou todo um projeto patrimonial para a cidade, elaborou a identidade local e serviu de ancoradouro para a memória da região. O seu museu se tornou o museu municipal, e sua coleção tornou-se a coleção que representa o passado da região. Para isso serão utilizadas as fontes documentais, presentes no museu e na prefeitura, a exposição e peças que compõem o acervo além de entrevistas com pessoas da localidade que participaram da história do museu e de Lauffer. Como um dos resultados já encontrados, percebemos que a coleção e sua exposição gravita entre três eixos- a vida família, a vida do trabalho e a vida social. Nestas peças, Lauffer recriou ambientes que buscavam apresentar os moradores da região como pessoas trabalhadoras no campo do calçado, comércio e agricultura, uma profusão de maquinários agrícolas e calçadistas pretendiam representar os eixos econômicos da região. Quanto à vida comunitária, era representada pelas festas- na figura dos instrumentos musicais, e dos diversos troféus de competições esportivas. Já a vida doméstica, aparece com os objetos coletados junto aos colonos, como louças, peças de vestuário, mobiliário, documentos e fotografias. Este passado que representa a família, a festa e o trabalho é narrado pela chave da comunidade, mais do que do município. O museu pessoal que tornou-se o museu municipal é hoje um espaço privilegiado para pensarmos sobre a construção e escrita da memória e da história desta região.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Municipal. Museus e História. Patrimônio e memória.  
Coleção e colecionadores.



## A presença de autores brasileiros nas revistas ISS do ICOFOM durante a década de 1980

**Alisson André Jesus de Almeida**

Historiador/UFRGS

Mestrando PPGMusPa/UFRGS

### RESUMO

O trabalho é um texto derivado da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), em desenvolvimento, intitulada "O papel das publicações do ICOFOM durante a década de 1980 na consolidação de uma Museologia científica: o caso do boletim informativo *Museological News*". Seu objetivo é compreender a função exercida pelo boletim no processo de construção de uma Museologia científica durante a década de 1980 no âmbito do ICOFOM. Para tal exercício analítico, três publicações periódicas do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) do Conselho Internacional de Museus (ICOM) foram analisadas: *Museological Working Papers* (MuWoP), *ICOFOM Study Series* (ISS) e *Museological News*. Cada revista tinha um propósito, respectivamente: publicar textos sobre Museologia científica, divulgar os artigos apresentados nos simpósios anuais do ICOFOM, e informar os membros do ICOFOM sobre as atividades administrativas e organizativas do Comitê. Identificou-se, ao mapear a *ICOFOM Study Series*, vinte e três artigos de dez autores brasileiros publicados em nove edições da revista, entre as dezesseis edições que foram publicados de 1983 até 1989. Os textos foram assinados pelos/as brasileiros/as Waldisa Rússio, Tereza Scheiner, Barbara Abramo, Maria de Lourdes Horta Barretto, Marcelo Araujo, Maria Cristina Bruno, Gabriela Wilder, Sergei Wilder, Heloisa Barbuy, e Mauricio Segall. Os temas tratados incluíam teoria museológica, formação de profissionais, critérios de seleção de objetos de museu, identidade cultural, museus e Museologia no Brasil e nos países em desenvolvimento, linguagem expositiva, museus como geradores de cultura, os museus e o futuro. Pretende-se, a partir das fontes documentais levantadas, identificar de que modo a abordagem desses temas pelos autores brasileiros se relacionava com o desenvolvimento da Museologia no Brasil. O método consiste em análise textual qualitativa, visando identificar as opiniões expressas nos artigos a respeito dos temas abordados. Espera-se que esse estudo possa contribuir para a compreensão do processo de formação e institucionalização da Museologia no Brasil durante a década de 1980.

### PALAVRAS-CHAVE

Museologia. ICOM. ICOFOM. *ICOFOM Study Series* (ISS). Museologia brasileira.



## **Quando um museu inaugura a cidade: notas sobre a imaginação museal de Juscelino Kubitschek**

**Clovis Carvalho Britto**  
Universidade de Brasília

### **RESUMO**

O trabalho consiste em uma síntese da pesquisa financiada pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no âmbito da Museologia, com o intuito de examinar alguns aspectos da imaginação museal de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), político brasileiro que foi prefeito de Belo Horizonte, deputado federal, governador de Minas Gerais e Presidente da República. O argumento é que embora existam diversos estudos sobre a trajetória do ex-presidente do Brasil, o seu pensamento sobre museus e patrimônios ainda carece de análises aprofundadas. O intuito é compreender, a partir de uma análise retrospectiva, as estratégias de fabricação de legados e algumas das articulações em prol de consolidar uma concepção de museu que funde temporalidades, articulando passado e presente em prol de um projeto de futuro. A profusão e dispersão dos textos de Juscelino Kubitschek relativos à temática dos museus, as suas iniciativas institucionais e as singularidades de suas propostas, estimularam a pesquisa que integra um projeto mais amplo visando o mapeamento de fontes relacionadas à sua atuação no campo dos museus e patrimônios. O trabalho evidencia, por meio de análise documental e revisão bibliográfica, aspectos da atuação de Juscelino Kubitschek na concepção do Museu Histórico de Belo Horizonte, nos tombamentos da Igreja da Pampulha e do Catetinho e, em especial, na criação do Museu Histórico de Brasília. As reflexões recuperam itinerários no campo dos museus e do patrimônio no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1950, que evidenciam aspectos da imaginação museal de Juscelino Kubitschek de Oliveira nas cidades de Belo Horizonte e Brasília. Especificamente no campo dos museus, o texto demonstra como Kubitschek mobilizou uma imaginação museal singular. No caso do Museu Histórico de Belo Horizonte, explicita o modo como traduz a opção pela inserção da história recente ao reconhecer o museu como um dos espaços na disputa por projetos de futuro. Proposta que atingiu o ápice com a criação do Museu Histórico de Brasília, inaugurado juntamente com a nova capital como testemunho das mudanças delineadas no tempo presente e como espaço para a extroversão de leituras de futuro. Surgiu, assim, uma coleção de narrativas forjadas em torno de uma determinada imagem de nação, fator que de algum modo contribuiu para a reelaboração do imaginário sobre museus e dos objetos sob sua salvaguarda. Portanto, é importante evidenciar a necessidade de análises aprofundadas sobre as imaginações museais delineadas nos primeiros anos da nova capital do Brasil, em especial, o modo como essa imaginação propiciou a extroversão de um projeto de nação calcado em uma “Encruzilhada Tempo-Espaço”, utilizando o museu como uma das experiências de projeção



de narrativas entre o passado e o presente, vislumbrando determinadas imagens de futuro.

**PALAVRAS-CHAVE**

História dos museus. Imaginação museal. Belo Horizonte.  
Brasília. Juscelino Kubitschek.



## **Cadernos de registros no Museu do Colégio Mauá: um estudo de biografia do objeto**

**Angelita da Rosa**

Doutoranda em Educação - UFRGS

**Zita Rosane Possamai**

Docente PPGEDU e PPGMUSPA - UFRGS

### **RESUMO**

O Museu do Colégio Mauá, único museu do município de Santa Cruz do Sul/RS, apresenta em parte de sua documentação uma singularidade marcante, pois foram realizadas escritas de narrativas de memórias em cadernos intitulados "Declarações e Doações". A pesquisa de doutoramento na Linha História, Memória e Educação, do Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), compreende a investigação focada nos sete primeiros cadernos, relativos aos quatro primeiros anos do museu, de 1966 a 1970. Porém, para além da análise e entendimento das lembranças neles narradas, torna-se fundamental partir da própria materialidade dos cadernos e, desta forma, estes artefatos se tornam importantes objetos de investigação. Para que este processo ocorra, se faz imperioso analisá-los a partir do método de biografia das coisas, na perspectiva de traçar a história social de vida e/ou a trajetória desses cadernos na intenção de compreender sua produção e itinerário ao longo de sua existência na referida instituição. Entende-se que uma biografia rica dos objetos trará consigo uma multiplicidade de particularidades ligadas ao contexto e ao seu uso. Neste caso objetiva-se perceber os propósitos dados a estes cadernos dentro do museu em estudo, e desta maneira, é significativo entender as trajetórias dos objetos e de que forma sua análise nos possibilitará ter presente a conjuntura de sua produção. Assim, a presente apresentação versará sobre as possibilidades de análise dos sete cadernos de registro iniciais do museu, de forma a compreender a sua trajetória, constituição, caracterização dentro da documentação, formas e modos de uso que foram empregados, de maneira a distingui-los a partir de uma biografia, com a possibilidade de uma história repleta de singularizações, compreendendo a identidade dos artefatos em pesquisa.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Biografia da coisa. Museu do Colégio Mauá. Memória. Registros. História.



## **História e memória dos museus goianos: notas de uma pesquisa em andamento**

**Rildo Bento de Souza**

Universidade Federal de Goiás  
Professor do curso de Museologia e do PPGH

### **RESUMO**

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados parciais da pesquisa “História e memória dos museus goianos” que desenvolvo desde 2020. Parto do princípio de que os museus são lugares de memória(as) privilegiados. Nesse sentido, o museu é um espaço que guarda a memória de um determinado lugar, e quanto mais abrangente em níveis territoriais ele o é, acredito que mais esfacelada será essa memória. Por exemplo, um Museu Histórico de alguma cidade aprofunda em determinada memória (às vezes nem sempre como expressão do desejo da comunidade, mas do poder político local), de uma região bem circunscrita; os museus nacionais, por sua vez, se propõem a dar conta da memória do país. A grande maioria dos museus brasileiros são recentes, possuindo menos de trinta anos de idade. Essas instituições tão importantes para a cultura e a educação possuem sua própria história, que pode ser contada de várias formas, tais como: documentos oficiais, análise de objetos, exposições, espaços e estrutura, e por meio da memória daqueles que ajudaram a instituição, seja por meio do trabalho ou frequentando-a. Isso posto, o projeto se dedica a enaltecer a voz de todas as pessoas que participaram do processo de formação dos museus goianos, objetivando que se fortaleçam enquanto instituições voltadas para a salvaguarda da memória. Ademais, a partir do material coletado nas entrevistas podemos analisar os fios que se entrelaçam entre as trajetórias pessoas com a história das instituições museais goianas. O projeto contempla 82 instituições, distribuídas em 30 municípios de Goiás. As entrevistas serão publicadas em livro ao final do projeto, que contará também com um histórico de cada instituição museal, visando contemplar uma lacuna para os estudantes de museologia, história, antropologia, ciências sociais, dentre outros, além da sociedade em geral.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museus. História. Memória. Goiás.



## **Um Professor no Museu: práticas educativas no Museu Julio de Castilhos(1939-1950)**

**Iandora de Melo Quadrado**

Historiadora-UNILASALLE ,Bacharela em Museologia- UFRGS ,especialista em História do Brasil Contemporâneo- FAPA e mestre em Museologia e Patrimônio - UFRGS

**Ana Carolina Gelmini de Faria**

Museóloga- UNIRIO ,mestre e doutora em Educação-UFRGS .Docente do Curso de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio- UFRGS

### **RESUMO**

Este trabalho analisa o caráter educativo assumido no Museu Julio de Castilhos ao longo da gestão de Emílio Kemp (1939-1950) e investiga como este conduziu a direção da instituição visando desenvolver de forma sistemática práticas educativas ofertadas pelo Museu. A pesquisa tem como objetivo analisar como as ações adotadas nesse período refletiram na trajetória do Museu e no lugar ocupado por ele frente ao contexto da primeira metade do século XX, no que se refere ao âmbito da História dos Museus. A análise foi realizada em fontes documentais a partir de uma abordagem qualitativa, a fim de mapear as medidas adotadas por Kemp durante sua gestão, no que se refere ao âmbito da educação. A partir do levantamento documental, é possível sugerir que Emílio Kemp, diferentemente de seus antecessores, que deram ênfase à pesquisa, colocou seus esforços em tornar o Museu um centro de ensino, através de aulas ministradas no Museu, de exposições e das práticas museográficas como um todo, além de ter insistido ao longo período em que esteve à frente da instituição, sobre a relevância de se criar um Curso de Museus na instituição. Para a construção argumentativa da pesquisa propõe-se uma articulação com os conceitos norteadores: imaginação museal (CHAGAS, 2009), intelectual mediador (GOMES; HANSEN, 2016) e dimensão educativa e função educativa (PEREIRA, 2010). A postura adotada por Emílio Kemp denota sua visão de mundo diante da direção do Museu, que embora tenha transitado em diferentes áreas, como na Medicina, na Literatura e na Política, além de ter sido professor e diretor da Escola Normal, teve uma trajetória atravessada pela Educação. Desse modo, a investigação permitiu perceber como ao longo de mais de uma década na direção Kemp pretendeu institucionalizar a função educativa no Museu Julio de Castilhos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História dos Museus. Campo dos museus. Educação em museus.  
Museu Julio de Castilhos. Emílio Kemp.



## **MARGS extramuros e seus agentes mediadores: uma experiência da Museologia regional na década de 1970**

**Aline Vargas**  
PPGMusPA/UFRGS  
Discente

### **RESUMO**

Durante o século XX, buscando pelo rompimento dos paradigmas que colocavam os museus como centros de conhecimento segmentado a poucos, para se tornar um dispositivo de trocas e aprendizados que temos hoje, muitas instituições, a partir do trabalho de seus profissionais, propuseram experimentações a fim de abarcar novos públicos. No cenário mundial são significativas as ações intra e extramuros que marcaram a história dos museus e, sobretudo, das ações educativo-culturais. É sob esse aspecto que, a nível regional, um projeto encabeçado pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) se destaca, colocando-se como parte da história dos museus no estado, bem como, envolvendo agentes de diversos campos a fim de contribuir para a sedimentação de uma cultura museológica atravessada por debates do campo naquele momento. Foram profissionais que, a partir de conhecimentos teóricos e empíricos, agiram como mediadores entre museu, patrimônio, arte e setores sociais que eram mantidos à margem da vida cultural da cidade. Nomes como Teniza Spinelli, Luiz Inácio Medeiros, Romanita Martins, Alice Brueggemann, Zorávia Bettiol, Maria Inês Kliemann, para citar alguns, somam-se ao grupo de agentes com diversos olhares sobre uma mesma questão: o afastamento entre sujeitos e museu e possíveis estratégias de aproximação, tendo a arte e o patrimônio como fio condutor dessa apropriação. Logo, se objetiva, a partir das ações desses agentes, esquadrihar suas motivações e trajetórias junto aos grupos selecionados para participar dos projetos extramuros, buscando estabelecer paralelos entre suas atuações profissionais e o objetivo de cada ação. Os espaços que receberam as ações foram a Fundação do Bem Estar ao Menor, indústrias de Porto Alegre e região metropolitana, o Hospital Psiquiátrico São Pedro e o Presídio Central. Propõe-se entender as motivações que fizeram esses profissionais integrarem o projeto, suas afinidades com cada grupo e sua relação com o MARGS, visando contribuir com a história desta instituição museológica e, sobretudo, para que seus resultados sejam incorporados à história da Museologia do Rio Grande do Sul.

### **PALAVRAS-CHAVE**

MARGS. Ação educativa. Agentes mediadores.  
Ação extramuros. Inclusão cultural.



## O Departamento de Geologia de Paleontologia do Museu Nacional e seu acervo 1842-1892

**Anna Claudia Amaral Juliace**

Universidade Federal do Paraná

Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECM e  
Comando Militar do Sul1 - 9º Tenente Museóloga

**Camila Silveira da Silva**

Universidade Federal do Paraná

Professora da Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

O presente trabalho busca apontar a trajetória do Departamento de Geologia e Paleontologia - DGP - do Museu Nacional/UFRJ e sua grande importância na institucionalização das ciências geopaleontológicas no Brasil, com o recorte temporal que compreende o período de 1842-1892. Em 1842, foi confeccionado o primeiro regulamento do Museu Nacional onde foi determinada a criação do "Setor de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas" que em 1892 se estabelece como "Departamento de Geologia e Paleontologia" o mais antigo ligado ao tema geopaleontologia no Brasil atuando na pesquisa, preservação e divulgação de suas coleções. Sob a guarda do departamento existem coleções ligadas às Ciências da Terra, ricas em número e raridade, além de valor histórico, com amostras originárias de várias partes do mundo, possibilitando acesso e pesquisa ao público e pesquisadores no Brasil. Em sua gênese, o departamento possuía dentre outras atribuições, a de abrigar coleções trazidas pela família real ao Brasil ao longo do tempo, tornando-se assim um grande laboratório de pesquisas e o primeiro órgão a se responsabilizar pelo estudo da geologia no país. Inúmeras figuras foram de importância inenarrável no estabelecimento do DGP e desenvolvimento de suas coleções. Seu acervo encontra-se tombado nas coleções de fósseis, minerais, meteoritos e rochas, tendo parte de seus exemplares coletados por cientistas famosos dos primórdios da geologia e paleontologia do Brasil como, Wilhelm Ludwig von Eschwege, Abraham Gottlob Werner, Claude-Henri Gorceix e Orville Adalbert Derby. O DGP foi o primeiro órgão a se responsabilizar legalmente pela geologia do país e a promover o estudo de fósseis, contribuindo fortemente para a preservação destes. Cabe apontar que mesmo após o incêndio no Museu Nacional e com tantas perdas inestimáveis e insubstituíveis, a memória do Departamento e seu legado de pesquisas não podem ser esquecidos. Existe força em uma equipe de pesquisadores que o tempo todo nos indica que o prédio pegou fogo, mas o Museu não.

### PALAVRAS-CHAVE

Museu Nacional. Patrimônio geopaleontológico. Coleções científicas. DGP.



## Projeto decorativo do Museu Paulista e Grandes Vultos ,de Afonso Taunay: análise comparativa

**Tatiana Vasconcelos dos Santos**

Museu Paulista da USP

Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP

### RESUMO

Na publicação *Grandes vultos da independência brasileira: publicação comemorativa do Primeiro Centenário da Independência Nacional* lançada em 1922 pela Editora Melhoramentos, Afonso Taunay reproduz alguns retratos encomendados por ele para a decoração do Museu Paulista acompanhados da biografia de cada um dos personagens representados. Tais retratos compunham uma série de representações de “homens ilustres”. Para a execução desses retratos, Taunay intensificou seus contatos com várias pessoas e instituições do Brasil e do exterior, além de campanhas em jornais de grande circulação, de modo a obter cópias fotográficas de imagens desses “vultos” da Independência que servissem de documentos para subsidiar as encomendas de pinturas que faria aos pintores Oscar Pereira da Silva e Domenico Failutti para decoração do edifício do Museu Paulista. O projeto decorativo concebido para o hall, escadaria e salão nobre do Museu, executado parcialmente em 1922, dá visibilidade a uma narrativa histórica sobre o processo de construção da nação brasileira, que se inicia na colonização brasileira e termina na Proclamação da Independência. Tais imagens demarcam episódios e personagens que representam a história do Brasil a partir de um enfoque que dá centralidade a São Paulo na narrativa de construção nacional. Na comparação das imagens utilizadas nos projetos decorativo e editorial, observamos alguns deslocamentos em relação ao protagonismo destes personagens. Por exemplo, Maria Quitéria de Jesus, que lutou na Campanha de Independência da Bahia, não está listada entre os primeiros nomes biografados na publicação, apesar de seus pares representados no Salão Nobre estarem entre as primeiras biografias do livro (Maria Quitéria está na 25ª posição). A princesa Leopoldina, não figura entre os medalhões postos sobre a tela de Pedro Américo, não tendo, portanto, o mesmo protagonismo de outros nomes que figuram no Salão Nobre, como José Bonifácio, mas ganha destaque na publicação ao ter sua biografia na terceira posição, logo após a de Bonifácio. A comunicação tem, assim, o objetivo de interpretar o critério de seleção dos nomes para serem retratados e as diferenças entre os projetos decorativo e editorial do Museu Paulista.

### PALAVRAS-CHAVE

Retrato. Museu Paulista. Independência do Brasil. Panteão. Centenário.



## **“Eu não coleciono borboletas”: Pio Buck (1883-1972) e o Museu Anchieta de Ciências Naturais**

**Luísa Menezes da Silveira**

UFRGS, Mestranda

Museu Anchieta de Ciências Naturais, Monitora

### **RESUMO**

A pesquisa em curso objetiva traçar uma biografia do naturalista jesuíta Pio Buck (1883-1972), perquirindo o seu itinerário pessoal, desde a sua formação educacional na Europa até sua trajetória científica em terras brasileiras. Esta última, foi constituída no seio do museu escolar que fundou no ano de 1908, no Colégio Anchieta de Porto Alegre, o Museu Anchieta de Ciências Naturais, uma das primeiras instituições museais do Rio Grande do Sul. Ao longo de sua carreira de mais de cinco décadas, Pio Buck tornou-se renomado entomólogo especializado no estudo dos besouros (Coleoptera), podendo ser considerado um dos pioneiros na investigação destes animais no sul do Brasil. Tinha atuação autodidata, sendo subsidiado por livros, publicações científicas e pelas informações recebidas por meio da rede de comunicação que conformou com seus pares. Em levantamento realizado em suas missivas, constatamos que, em decorrência de sua atividade científica, o naturalista se correspondeu com mais de 200 indivíduos de instituições nacionais e estrangeiras, como, por exemplo, pesquisadores do Museu Nacional, do Museu Paulista, do Instituto Miguel Lillo, do Museu de História Natural de Paris, do Museu Argentino de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia, dentre outros, inserindo o Museu Anchieta de Ciências Naturais no movimento internacional dos museus. A coleção entomológica constituída pelo naturalista conta com aproximadamente 120.000 exemplares, de modo que se deixou como legado um dos maiores acervos de insetos representativos da região sul do país, o qual é mobilizado para construção de conhecimento até os dias atuais. Ademais, seu trabalho resultou no descobrimento de mais de 100 novas espécies entomológicas, muitas batizadas com epíteto em sua homenagem. Apesar da relevância de Pio Buck no cenário nacional no campo dos museus e das ciências, verifica-se que o naturalista continua invisibilizado pela historiografia, visto que se encontram poucos relatos no âmbito acadêmico, quando não a total inexistência, de seu itinerário científico. Nesse sentido, este trabalho enseja difundir e ampliar o conhecimento sobre esta personagem cuja trajetória encontra-se atrelada à existência do centenário museu escolar do Colégio Anchieta. Para tanto, estamos recorrendo à análise de vestígios textuais, visuais e materiais pertencentes ao Arquivo do padre Pio Buck, ao Arquivo Histórico do Colégio Anchieta e do Museu Anchieta de Ciências Naturais, e aos Arquivos da Companhia de Jesus.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu escolar. Museu de História Natural. Museu de Ciências.  
História da Ciência. Naturalista.



## **Uma coleção de quadros parietais no Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS)**

**Alana Cioato**

Museu Anchieta de Ciências Naturais, Museóloga

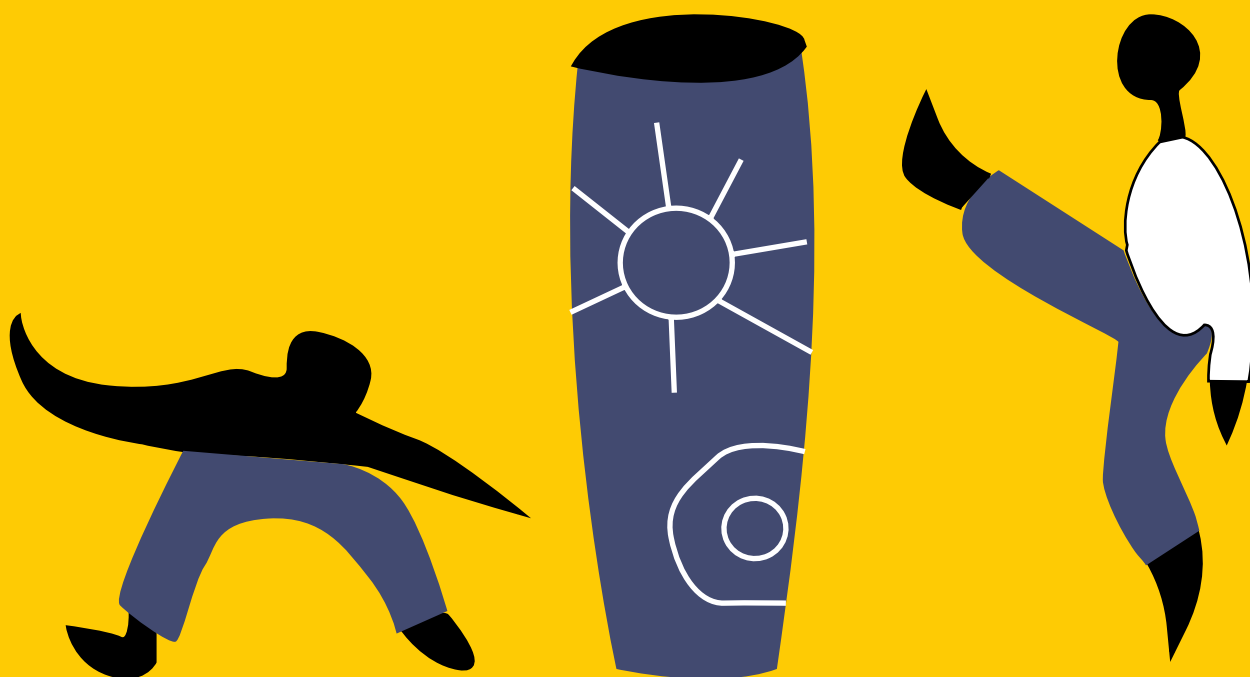
### **RESUMO**

O estudo analisa a biografia da coleção de quadros parietais vinculados à trajetória do Museu Anchieta de Ciências Naturais (Porto Alegre, RS). O quadro parietal foi um material didático largamente produzido e utilizado no ensino escolar, no contexto de modernização pedagógica, entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Eram pendurados nas paredes das salas de aula para serem observados por todos os alunos simultaneamente. Para elaborar a vida social desses materiais, o ponto de partida foram 278 quadros parietais, principais documentos materiais e visuais desse estudo, assim como outros registros presentes no acervo histórico do Museu Anchieta, tais como relatórios, inventários para a inspeção pública, cadernos de anotações e fotografias. A fim de responder as inquietações da pesquisa, se constituiu quatro objetivos específicos, sendo eles analisar o processo de constituição histórica das instituições envolvidas na trajetória dos quadros parietais, ou seja, o Colégio e o Museu; identificar a origem e materialidade dos quadros parietais; apontar os agentes envolvidos na produção dos quadros, aquisição e usos nas salas de aula; e por fim, descrever o processo de musealização dos quadros, nos âmbitos da documentação, do acondicionamento, da pesquisa e da comunicação. Para tanto, a pesquisa utilizou-se do método biografia das coisas, a fim de traçar a vida social dos quadros, assim como os referenciais da Museologia, da História Cultural e da História da Educação. Pode-se concluir que essas imagens-artefato, os quadros parietais, foram relevantes para o ensino, principalmente das ciências e aproximou os educandos das temáticas através dos sentidos. A partir de sua obsolescência para o ensino, substituídos por outros materiais, adentraram o museu e foram ressignificados como museália e como patrimônio histórico-educativo da educação. Hoje, podem ensinar sobre o ensino e a educação de outrora, no âmbito museal.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Quadro mural. Museu de História Natural. Museu escolar.

# PÔSTERES





## **Glossário de termos das “Novas Museologias” da segunda metade do século XX - etapa Brasil**

**Amanda Fátima Almeida Paulo da Silva**

Graduanda de Museologia - UNIRIO

**Vladimir Sibylla Pires**

Professor da Escola de Museologia - UNIRIO

### **RESUMO**

Este trabalho de Iniciação Científica consiste em um mapeamento de termos e encontra-se vinculado ao projeto de pesquisa “Território, Museus e Sociedade”, coordenado pelo professor doutor Vladimir Sibylla Pires desde 2018. Nessa etapa, realizada entre março e junho de 2020, foram utilizadas as revistas científicas brasileiras “Museologia e Patrimônio”, editada desde 2008 pelo PPGPMUS-UNIRIO/MAST, e “Museologia & Interdisciplinaridade”, editada desde 2012 pelo PPGCI-UNB, com vistas à observação das transformações, ao longo do tempo, de termos previamente selecionados, a saber: Altermuseologia; Ecomuseologia; Museologia ativa; Museologia da ação; Museologia da ruptura; Museologia social; Museologia comunitária; Nova museologia; Sociomuseologia; Ecomuseu; Museu(s) de Território/Territoriais; Museu(s) social(is); Museu(s) comunitário(s); Novo(s) museu(s). Não se desejava a mera coleta de menções, mas sim passagens completas em que as/os autoras/es expressavam seu entendimento dos referidos termos. A metodologia aplicada seguiu a identificação dos volumes das revistas pela ordem de edição, leitura e fichamento dos artigos selecionados, montagem de quadro sinótico e análise dos resultados preliminares. Ao todo, 79 artigos continham concepções dos termos de interesse, sendo 40 artigos da “Museologia e Patrimônio” e 39 da “Museologia & Interdisciplinaridade”. Nos primeiros momentos circulam com mais frequência termos como Nova Museologia e Ecomuseu, posteriormente os demais termos ganham mais espaço. Das 123 autorias identificadas, vale frisar que 65,04% eram femininas. A partir de 2011 os conceitos, num todo, ganharam mais flexibilidade e temáticas mais variadas. Praticamente todos apresentaram algum entendimento comum entre as/os autoras/es. Determinadas passagens destoaram por colocarem como correlatos os termos Museologia Social e Sociomuseologia ou por darem a entender que estes seriam correlatos ou por ter indicação de uma designação diferente. Sobretudo porque observamos, desde a década de 1990, que a Sociomuseologia - termo de predileção da Museologia portuguesa - foi sendo gradualmente distinguida da Museologia Social, reconhecendo-se como uma área dentro das Ciências Sociais, declarando-se como uma Escola de Pensamento, vendo a Museologia Social apenas como uma de suas práticas possíveis. Logo, torna-se imprescindível que se (re)discuta, de forma mais aprofundada e ampla, a efetiva posição daquilo que, no Brasil, entende-se por Museologia Social.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia Social. Sociomuseologia. Nova Museologia.



## **Dante de Laytano: contornos de um intelectual no Museu Julio de Castilhos**

**Clara Bastos Targa**  
Discente - Museologia / UFRGS

### **RESUMO**

A presente investigação, vinculada ao projeto de pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes”, coordenado pela profa. Ana Carolina Gelmini de Faria e realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisa a gestão de Dante de Laytano no Museu Julio de Castilhos ao longo da década de 1950. Laytano pode ser considerado um intelectual criador (GOMES; HANSEN, 2016) da metade do século XX: sua carreira iniciou quando ainda era juiz, escreveu para jornais e, como promotor, passou a dedicar parte expressiva de sua carreira à História e ao Folclore, tornando-se professor de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - introduzindo em ambas a disciplina História do Rio Grande do Sul. A história de Laytano com o Museu Júlio de Castilhos antecede a década de 1950, quando desde a década de 1930 se tornou funcionário da Seção de História Nacional da instituição. Assume oficialmente a direção no período de 1952 a 1960, quando conclui o processo de “guinada para a História” iniciada na gestão de Alcides Maya, na década de 1930. O estudo, em desenvolvimento, tem como aporte a análise bibliográfica e documental para compreender os processos de produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais de Dante de Laytano que contribuíram para a constituição de um conhecimento produzido que teve aporte no campo dos museus. Para tal movimento o Arquivo Histórico do Museu Julio de Castilhos tem evidenciado as relações instituídas pelo diretor, seja em nível nacional ou internacional, que inseriram a instituição como uma referência da região sul do Brasil nos debates teórico-metodológicos e constituições de políticas públicas sobre os campos do patrimônio cultural e museus. Propõe-se, nessa perspectiva, analisar sua imaginação museal (CHAGAS, 2009), compreendendo as influências de sua visão de mundo e seu lugar de fala na imaginação criadora aplicada no Museu Julio de Castilhos. O estudo ressalta a importância de compreender a legitimação do campo dos museus a partir de experiências profissionais, inserindo agentes na construção de uma historiografia dos museus e da Museologia brasileira.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História dos Museus. Campo dos museus.  
Museu Julio de Castilhos. Dante de Laytano. Imagem Museal.



## Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias

**Rafaela Marques Mineiro**

Discente - Museologia / UFRGS

### RESUMO

O projeto de pesquisa iniciado em 2022, intitulado “OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias”, é uma proposta derivada do programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”, ambos coordenados pelas professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz. A proposta de reunir um patrimônio histórico educativo ganha novos contornos com projeção de pesquisa e interpretação dos vestígios reunidos. Salienta-se que o repositório digital do programa de extensão compreende sete eixos norteadores: coleções Institucional, Ensino, Pesquisa e Extensão, Exposições Curriculares, Itinerários, Eventos, e Saídas de Campo. As cinco primeiras coleções citadas foram iniciadas, sendo compostas por subcoleções. Para conhecer o acervo, sugere-se a consulta em <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/>. A Museologia Contemporânea defende que, mais do que os objetos, a atenção de seu exercício deve ser voltada para as pessoas. Quando pensamos neste campo científico de experimentações é imprescindível levarmos em consideração o papel essencial de profissionais que atuam no campo museal. Nessa perspectiva, identifica-se a urgência de não somente mapearmos e preservamos vestígios que se tornem fontes primárias da História da Educação do Ensino Superior, mas que, enquanto pesquisadores, iniciemos investigações a partir desses acervos e agentes vinculados à produção de memórias do ensino da Museologia no Brasil. As sete coleções fundadas permitem diferentes frentes de investigação que possibilitam, por meio de análises críticas, compreender o lugar da Museologia da UFRGS na produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais que legitimam o conhecimento produzido no campo museal. A fim de investigar a participação de agentes que atuaram/atua na formação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como o impacto de suas contribuições em prol da legitimação e difusão da Museologia e dos museus em nível regional, nacional e internacional, buscaremos por meio vestígios documentais e fontes orais - como dispositivos de memória - mapear relações possíveis de serem evocadas em evidências produzidas no cotidiano da formação em Museologia na UFRGS, não somente organizando a memória documentária, mas a problematizando enquanto fontes de informação, produzindo conhecimentos e diagnósticos de parte do ensino em Museologia na região sul do Brasil.

### PALAVRAS-CHAVE

História da Museologia no Brasil. História da Educação do Ensino Superior. Memória Social. Museologia na UFRGS.



## **Christina Balbão: uma profissional do campo dos museus**

**Daphne Victoria Telles Guterres da Silva**

Discente - Museologia / UFRGS

### **RESUMO**

A presente investigação, vinculada ao projeto de pesquisa “História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes”, coordenado pela profa. Ana Carolina Gelmini de Faria e realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), analisa os processos de produção, circulação e apropriação de discursos científicos, educativos e culturais que legitimaram o conhecimento produzido no campo dos museus e museológico. Para tal questionamento busca-se analisar as relações instituídas entre diferentes sujeitos que configuraram o campo dos museus e museológico, ou mesmo em sua intersecção, o campo museal. O trabalho analisa indícios da trajetória de Christina Helfensteller Balbão no campo dos museus e justifica-se porque, embora parte de sua história esteja diretamente relacionada com a fundação e consolidação do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) - Christina Balbão foi a primeira funcionária da instituição e atuou no decorrer de dezesseis gestões como técnica administrativa, com atenção para seu potencial educativo -, seu nome não é evidenciado na História dos Museus. Balbão nasceu e cresceu em Porto Alegre, cenário onde teve grande importância no meio artístico e museológico. Realizou sua graduação em Artes e Escultura no Instituto de Artes onde mais tarde veio a tornar-se professora titular da cadeira de Desenho e Modelo Vivo e atuou na docência até a sua aposentadoria compulsória, em 1987. Em 1954, foi convidada pelo então diretor Ado Malagoli a fazer parte do quadro de funcionários do MARGS e o convite foi aceito de imediato, sendo considerada a primeira funcionária da instituição. Christina Balbão fez parte de três décadas da história desse Museu. O estudo, em desenvolvimento, tem como aporte a análise bibliográfica e documental para compreender a articulação de muitas atribuições que Christina Balbão desempenhou: artista, professora universitária e profissional de museu. O estudo ressalta a importância de compreender a legitimação do campo dos museus a partir de experiências profissionais, uma vez que a atuação desses(as) agentes combateu diretamente a concepção limitadora de museu-guardião. Conclui-se que há uma urgência na realização de investigações que evidenciem a participação engajada de mulheres nos museus brasileiros, uma historiografia, até então, predominantemente marcada pela participação masculina. Esse é um exercício de atribuir protagonismo a mulheres que se engajaram no campo dos museus.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História dos Museus. Campo dos museus. Museologia e Gênero.  
Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Christina Balbão.



## **Afetividades Sonoras: garimpando vestígios da história do ensino de Museologia na UFRGS**

**Klara Maciel Albarenque**  
Discente - Museologia / UFRGS

### **RESUMO**

O programa de extensão “Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias”, coordenado pelas professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz, preserva e investiga o itinerário da Museologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua iniciativa é decorrência de um desejo de memória, constituindo uma coleção visitável composta por um patrimônio histórico educativo. O exercício de reunir fontes documentais sobre a formação permite um mapeamento da história da Museologia no Brasil, com ênfase na História da Educação do Ensino Superior. A iniciativa é composta por sete coleções que contemplam variadas nuances do desenvolvimento das habilidades e competências do profissional museólogo. São denominadas: Institucional, Ensino, Exposições Curriculares, Extensão e Pesquisa, Saídas de Campo, Eventos e Itinerários. Essas coleções possuem subcategorias, como no caso da Itinerários, que tem como desdobramento a subcoleção Afetividades Sonoras. Visando o fortalecimento de laços afetivos no ciberespaço, propusemos exercícios de memória, registrando episódios que marcaram a vida dos/as protagonistas envolvidos/as e, nesse processo, estimular conexões entre os diferentes sujeitos. Para iniciarmos a coleta museal foi elaborada uma chamada aberta de compartilhamento de relatos em áudio, com o envio de uma imagem de referência que rememore visualmente a narrativa selecionada. Nesse processo os objetos ganharam voz. Fotografias, criações artísticas e outras materialidades foram interpretadas por narradores/as diversos/as, tornando-se a subcoleção mais democrática do programa de extensão, seja por ter ampliado a inserção de novos/as agentes, seja pela escolha de acervos inéditos a serem preservados, ou mesmo pela ampliação da dimensão simbólica compartilhada pelas narrativas. Cada registro é uma interpretação de episódios considerados importantes na formação daquele sujeito e, conseqüentemente, uma perspectiva da história do ensino da Museologia no Brasil. Foge-se, assim, de uma escrita da formação profissional para além de fontes oficiais, valorizando, sobretudo, seus agentes. A subcoleção *Afetividades Sonoras* é um exercício de valorização das pessoas que dão propósito à formação em Museologia da UFRGS. Seu desafio é ligar as pessoas por meio de memórias evocadas por referências materiais ou visuais, potencializando múltiplas interpretações sobre o patrimônio dessa comunidade universitária. A subcoleção é compreendida como espaço de encontro e partilha.

### **PALAVRAS-CHAVE**

História da Museologia no Brasil. Memória Social. Coleções digitais.  
Museologia na UFRGS. Afetividades Sonoras.



## **A participação dos profissionais de museus no Congresso Nacional do Folclore (déc. 1950)**

**Diogo Santos Gomes**  
Discente - Museologia /UFRGS

### **RESUMO**

No ano de 2019, ao integrar o projeto “O campo dos museus brasileiros: uma História dos Museus a partir da atuação de seus agentes”, que busca pesquisar os agentes dos museus durante a primeira metade do século XX, me deparei pela primeira vez com o historiador e folclorista Dante de Laytano, diretor do Museu Julio de Castilhos durante a década de 1950. Ao conhecer mais sobre sua história me deparei com o Movimento Folclórico Brasileiro, no qual Laytano era integrante. O Movimento Folclórico Brasileiro estabeleceu sua força a partir das articulações de seus intelectuais, que foram legitimadas na realização de congressos nacionais do folclore promovidos pela Comissão Nacional de Folclore. Na década de 1950 ocorreram quatro congressos, sendo eles em 1951 no Rio de Janeiro, em 1953 em Curitiba, em 1957 em Salvador e em 1959 em Porto Alegre. Nessa perspectiva, a investigação em andamento analisa como foram organizadas as quatro primeiras edições do Congresso Nacional do Folclore e como se deu a participação dos agentes do campo dos museus nos eventos, compreendendo o contexto político, social e cultural de meados do século XX no que tange a utilização do folclore enquanto instrumento de construção de uma identidade nacional. Por meio de análise documental busca-se compreender a organização, realização e desdobramentos das edições ocorridas na década de 1950 tendo por referência a atuação dos agentes do campo dos museus nos congressos - com recorte na representação do estado do Rio Grande do Sul a partir da Comissão Estadual do Folclore. Dados preliminares indicam que ao final do Estado Novo, na década de 1940, movimentos culturais regionais ganharam força em todo o Brasil, dando origem ao Movimento Folclórico Brasileiro, iniciativa que reunia intelectuais que consideravam o folclore como a referência na formação de uma identidade nacional, alcançando diversos espaços culturais. A partir disso, ocorreu a institucionalização do movimento com a criação da Comissão Nacional de Folclore, uma das comissões permanentes do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, responsável por aproximar a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura aos intelectuais e aos espaços culturais nacionais. Conclui-se que estes movimentos estimularam a formação de comissões em diversas regiões do Brasil, incluindo no sul com a Comissão Gaúcha do Folclore, e foram importantes instrumentos da (re)invenção de uma identidade nacional.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Movimento Folclórico Brasileiro. Campo dos museus e Folclore.  
Congresso Nacional do Folclore. Dante de Laytano.



## **Análise das representações e manutenção dos estereótipos nos materiais pedagógicos museais**

**Michelle Nieva Cruz Alata**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Joyce de Souza Rodrigues da Silva**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Maria Clara Mendonça dos Santos Ferreira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **RESUMO**

O trabalho analisa os materiais pedagógicos produzidos pelo Museu Imperial e Museu Histórico Nacional, as representações dos povos originários, dos escravizados e de diversos outros que migraram para o país, apontando a abordagem dos materiais em relação a sua participação na narrativa histórica nacional e como são representados na iconografia. Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa Lições das Coisas, desenvolvido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para esse recorte analisamos os Almanques de Petrópolis 1 (2008) e o 6 (2018), do Museu Imperial, além do caderno educativo Oreretama, sem data de publicação, do Museu Histórico Nacional. No projeto Lições das Coisas, as análises foram feitas através do preenchimento de três fichas para cada um, a primeira é relacionada aos aspectos mais gerais, com dados técnicos. A segunda ficha, mais extensa, analisa o conteúdo textual, iconográfico, temática, etc. Por último, a terceira ficha é voltada para as imagens e ilustrações presentes no material. Ao analisar os materiais, foi possível observar diversos estereótipos envolvendo os imigrantes que foram para Petrópolis, com foco na colonização alemã na cidade, omitindo ou minimizando a participação de outros grupos sociais importantes para a formação da cidade, como africanos e afrodescendentes. Em relação à representação nos materiais, é perceptível que eles pouco abordam a participação indígena na história do Brasil, além de apresentar ilustrações estereotipadas e informações equivocadas em relação à cultura indígena. Os materiais apresentam pouca diversidade quanto a abordagem e representação de diferentes culturas e povos que construíram a história nacional, dando um enfoque maior nos imigrantes europeus.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação museal. Materiais pedagógicos. Análises.



## **Sujeito oculto na Museologia brasileira: o legado de Júlio Abe Wakahara**

**Lucas Inocencio Almeida**

Universidade Federal da Bahia/Discente

**Haroldo José Kinder**

Universidade Católica de Santos/Graduado

### **RESUMO**

Esse texto apresenta o projeto de pesquisa Desvelando memórias e fazeres da Museologia no Brasil: O legado de Júlio Abe Wakahara para a Museologia no Brasil, ora em desenvolvimento no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, objetivando desvelar a memória e a história da Museologia no Brasil através do fazer museológico do museólogo, fotógrafo e arquiteto Júlio Abe Wakahara, evidenciando suas contribuições para a museologia contemporânea no Brasil. Wakahara no seu fazer museológico, utilizou dos museus de território, sobretudo da tipologia de museus de rua, fruto de sua criação, para resgatar as memórias sociais dos territórios em conjunto com a comunidade, promovendo uma museologia de escuta, pautado na memória oral e nos acervos pessoais das comunidades para a construção das narrativas curatoriais, em seus painéis expostos nas ruas em formato de museu. Wakahara retrata as comunidades, suas vivências e narrativas como protagonistas da territorialidade e do fazer museal. Júlio Abe em conjunto com as comunidades e os moradores (as) dos territórios, promove o levantamento, mapeamento e alimentação de informação para a elaboração do conteúdo exposto pelos museus de rua e percurso, por meio de captação de memória oral e na abertura de baús fotográficos pessoais que guardam suas memórias, devolvendo a sociedade civil o que ela mesma forneceu, utilizando da linguagem visual e escrita não acadêmica, buscando aproximar os conteúdos expositivos dos transeuntes, ativando suas memórias individuais e coletivas e os fazendo conhecer e reconhecer seu passado, as origens e transformações dos territórios e como essas transformações afetaram suas identidades. Ademais, Wakahara pretendia através dos museus de percurso e de rua, despertar no indivíduo suas memórias e subsequentemente o sentimento de pertencimento a territorialidade, fortalecendo os laços identitários para com seu território e patrimônios culturais. Wakahara traz o museu para via pública instalando murais com as narrativas, memórias e ativadores de memórias, como os registros fotográficos de acervos pessoais, a fim de dessacralizar e democratizar o acesso às instituições museais as camadas populares. Assim o referenciando projeto de pesquisa busca através dos arquivos institucionais do Escritório Júlio Abe Wakahara e da memória social das pessoas que perpassaram pelo escritório desvelar as contribuições e legados deixados por Wakahara para a Museologia no Brasil.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museologia. Museu. Memórias. Território. Identidade.



## **A História para crianças nos materiais pedagógicos do Museu Imperial**

**Victor Hugo Duarte Martins**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Beatriz Nantes Costa**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

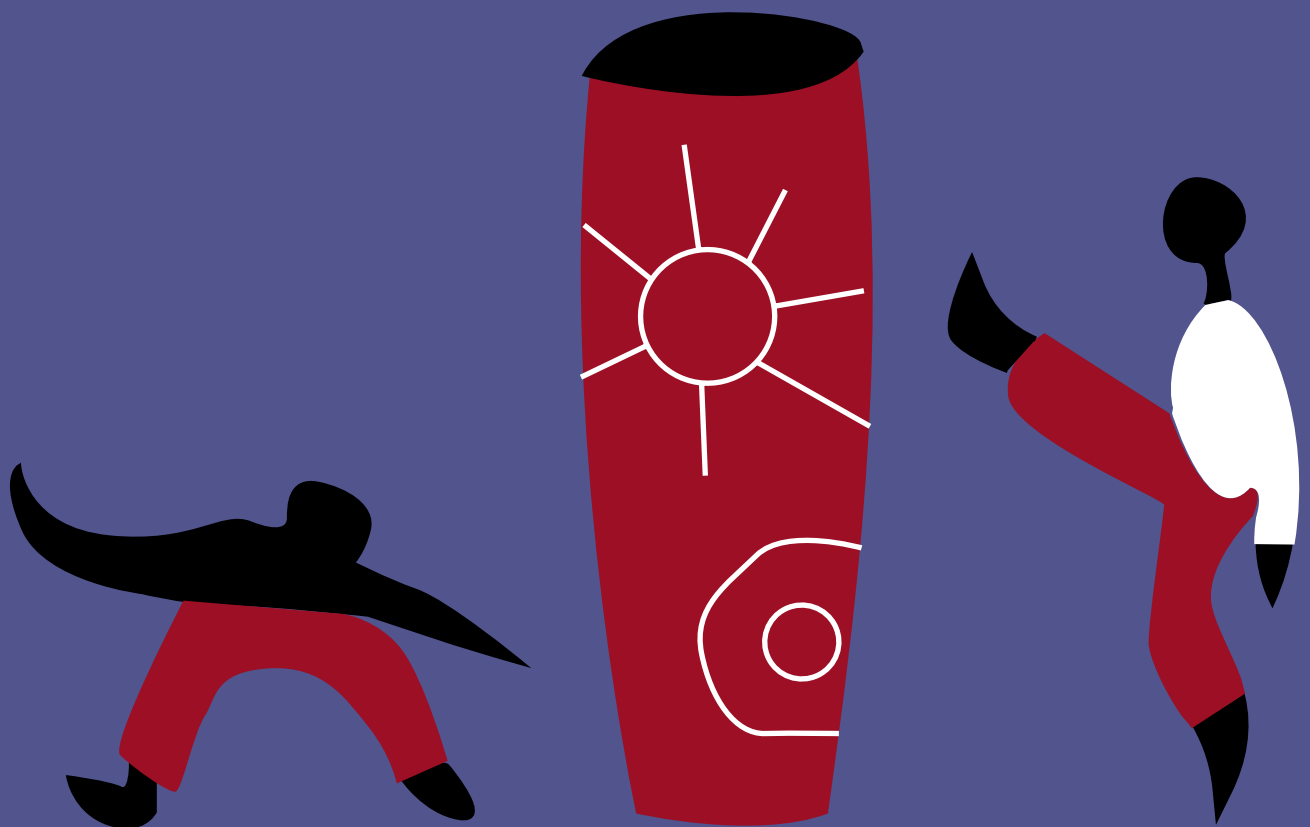
### **RESUMO**

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “Lições das Coisas”, desenvolvido na UERJ, que visa analisar as concepções de história e educação presentes nos materiais pedagógicos de museus. Essa fonte é uma forma de comunicação de uma instituição museal, podendo ter diversas faixas etárias como público alvo e tomando forma de catálogos, guias de visitação, livros físicos e digitais, almanaques e jogos. Selecionamos para esta análise os livros “Dom Ratão I: Um Rato Brasileiro (1999)” e “Uma Princesa de Fibra... (2003)”, ambos escritos por Maria de Lourdes Horta, então diretora do Museu Imperial, analisando as narrativas ficcionais, os conteúdos históricos e a visão do leitor infantil destes materiais. A análise das concepções pedagógicas do Museu parte tanto historicamente de sua fundação por Getúlio Vargas em 1940, quanto atualmente, com os depoimentos oferecidos no site institucional. Foram utilizadas como referências as pesquisas de Carina Martins (2008), Magaly Cabral (1997) e Priscila Borges (2020). A metodologia da pesquisa foi baseada na leitura e análise de bibliografias e dos livros do museu, e no preenchimento de fichas iconográficas e textuais. As fichas de análise foram construídas a partir do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE). Os principais conceitos aplicados para construção deste trabalho foram os de “protocolos de leitura”, de Roger Chartier (2011); “leitura infantil”, de Patrícia Hansen (2011); e “pedagogia crítica”, de Paulo Freire (1968). Ambos materiais analisados apresentam narrativas de características biográficas ficcionalizadas de personagens do período monárquico do Brasil com enfoque na faixa etária infantil, gerando apropriações complementares ao conteúdo escolar. O estudo do material permitiu perceber que, mesmo com um esforço institucional para o envolvimento do leitor infantil nas práticas dos setores educativos, estes materiais ainda apresentam problemas, perpetuando narrativas preconceituosas e rompendo com os ideais de Educação Patrimonial, cujo principal guia foi autorado na própria instituição.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu. Materiais Pedagógicos. Museu Imperial.  
Leitura Infantil. História do Brasil.

**GT 16**  
**MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO**  
**CULTURAL NEGRO:**  
**ANCESTRALIDADES, LUTAS E**  
**EXISTÊNCIAS**





## **GT 16 - MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO: ANCESTRALIDADES, LUTAS E EXISTÊNCIAS**

### **Coordenadores**

Giane da Silva Vargas (UNIPAMPA)

Eráclito Pereira (UFRGS)

Elza Vieira da Rosa (UFRGS)

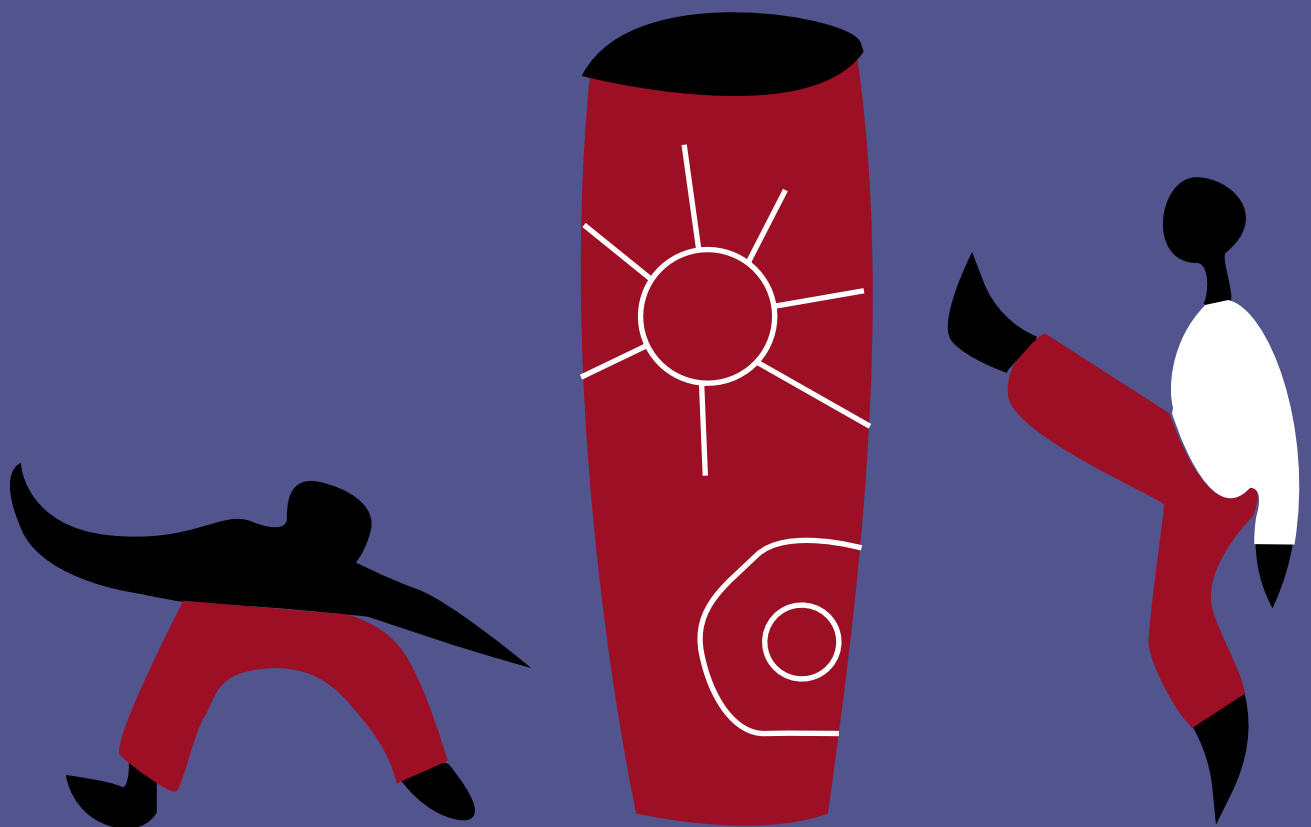
### **Resumo**

A população negra vive um momento de questionamento sobre quais são as memórias preservadas e os monumentos visibilizados nas cidades e ao longo da história numa sociedade cuja lógica do racismo marca a formação da identidade nacional e, a partir de tal questionamento busca encontrar estratégias para que as identidades negras sejam reconhecidas no tecido social ainda tão excludente e racista. O Grupo de Trabalho tem como objetivo reunir pesquisas e pesquisadoras/es que abordam a museologia, a memória, a identidade, o patrimônio cultural e as ancestralidades negras, numa perspectiva epistemológica interdisciplinar, contra hegemônica, afrocentrada e afroreferenciada evidenciando as ações e práticas museológicas, os saberes e tradições do Patrimônio Vivo e dos Movimentos Sociais. No contexto das ações afirmativas e de uma educação para as relações étnico-raciais do povo brasileiro, conforme preconiza a LDB (Art. 26A) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Resoluções CNE/CP Nº 01/2004 e 03/2004), este GT quer assumir e valorizar o legado dos povos da negra diáspora, condição essencial para a produção e desenvolvimento de conhecimentos. Reconhecer e preservar o patrimônio cultural negro e suas ancestralidades nos permite identificar as aproximações, conexões e potencialidades entre os diferentes espaços museais e manifestações patrimoniais que contribuam para o desenvolvimento de uma museologia decolonial e participativa. Outrossim, nos proporciona um espaço para diálogo e problematização da patrimonialização, estratégia de ação que muito contribui para a efetivação da produção de conhecimentos contra hegemônicos e a desconstrução de uma histórica invisibilidade das questões étnico-raciais nas instituições oficiais e tradicionais de educação e cultura.

5<sup>o</sup> Sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## Museu do Percurso do Negro como equidades ao ensino Porto Alegre/RS

**Elza Vieira da Rosa**  
PPGEdu/UFRGS

### RESUMO

O Museu do percurso do Negro em Porto Alegre - RS, sob o viés da etnicidade é delineado e completo por expressões culturais específicas, como a linguagem, religiosidade, costumes, sentimentos e o nosso pertencimento negro na história da cidade. Fortemente marcada pela presença enriquecedora na construção da capital e na formação do Rio Grande do Sul. Um anti-museu articulado por percurso, nos espaços públicos com patrimônios simbólicos que referenciam obras de arte de matriz africana. Com a educação e o conhecimento surgem as perspectivas que possibilitem o diálogo, interrogações e respostas sobre a reparação da reterritorialização do negro em seus territórios nobres, os quais foram-lhes segregados. O Museu de Percurso do Negro, a céu aberto, contribui para o resgate da memória e possibilita uma releitura crítica que afirma a identidade negra? O Museu representa políticas de representatividade e de formação de consciência de étnico-racial no ensino e pesquisa na educação gaúcha que legitime a lei 10.639/03? O objetivo da edificação do Museu é vizibilizar a participação da população negra no processo participativo social, econômico, político em Porto Alegre. O desafio é manter vivas as heranças de tradições e Culturas Ancestrais Africanas por meio do patrimônio material, cujos monumentos que compõem o Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre representem símbolos da memória histórica na cidade. Conclusão as políticas de representação das identidades para Restrepo afirma "que a produção da tradição, da memória, à formação das identidades, que não pode renunciar ao aspecto de sua densidade histórica". Para Segato, "é preciso reconstituir a história, relê-la sob contra a invisibilidade que mapeia, e classifica os fatos que atendem determinadas ideologias que detém o poder de definição". Para Bell Hooks "a sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade".

### PALAVRAS-CHAVE

Etnicidade. Memória. História. Anti-museu. Identidades.



## **Por um Museu da Presença Negra em Caxias do Sul-RS: um ensaio propositivo**

**Ernani Viana da Silva Neto**  
Mestrando PPGMusPa/UFRGS

### **RESUMO**

A cidade de Caxias do Sul, antiga Região de Colonização Italiana (RCI) localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, deve sua origem a política imperial brasileira de destinação de terras devolutas, para ocupação estrangeira, a partir da lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Esta política nacional objetivava, em conjunto com diversas outras leis, basicamente, a substituição da mão de obra negra escravizada pela do trabalhador assalariado europeu e do seu assentamento familiar em terras públicas cedidas ao empreendimento colonial. Percebido que o processo de imigração na região havia dado certo, tendo em vista o atual caráter industrial que a cidade possui, reforçou-se nas relações locais a ideia do caráter biológico destes imigrantes como fator preponderante do seu sucesso. Este fator minimiza, assim, as políticas públicas que lhe deram suporte e a contribuição de outras etnias presentes na cidade. Para validar este argumento inicial, constata-se o recorrente tema da epopeia italiana nos ambientes de memória, nos espaços museológicos e na totalidade dos bens patrimoniais consagrados pelo município. Há registros que testemunham a presença negra na região antes mesmo da vinda dos primeiros imigrantes italianos, em 1875, e que por não participarem do empreendimento colonial fizeram moradias irregulares em locais de difícil acesso, que hoje configuram as atuais periferias. Sua absorção pelo mercado de trabalho se deu na prestação de serviços, no comércio e na indústria, muitas vezes não tendo os mesmos direitos trabalhistas que seus colegas de profissão. Apesar de todas as dificuldades ao longo da história, sua presença influencia na dinâmica da cultura local há mais de 100 anos com a formação de clubes sociais negros, no futebol, com a formação de escolas de samba, nas diversas práticas religiosas, na música e nas artes. Ainda assim não há no município nem uma coleção museal que os referencie enquanto sujeitos. A ausência dos referenciais das culturas negras presentes em Caxias do Sul pode ser sanada a partir da elaboração de um espaço museal que os referenciem com a oportunidade aberta pela ocupação do patrimônio cultural edificado industrial, Metalúrgica Abramo Eberle S/A – Fábrica 02, tombado no ano de 2015. Com 53.000 m<sup>2</sup> a municipalidade planeja desenvolver: Mercado Público; espaços para Gestão Pública Municipal; Demandas Culturais; Museus como: Metalurgia e do Trabalhador, Museu de Artes Plásticas e do Audiovisual; Espaço Cenotécnico; Biblioteca; Multipalco para Música; Dança; Teatro e Cinema; Vídeo e Fotografia; Artesanato; Economia Criativa (Startups); Conselhos Municipais (espaço Multiuso); Espaço Comunitário de interesse público; Centro de Convenções e Arquivo Público. O objetivo deste ensaio é levantar dados que justifiquem a existência de um museu que referencie, celebre e homenageie o contributo negro na cultura caxiense.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu. Presença Negra. MAESA. Caxias do Sul-RS.



## **Mestre Griô Paraquedas e a Emergência da Valorização do Patrimônio Vivo**

**Sérgio Luiz Valentim Junior**

Graduado - Administração de Empresas / PUCRS

Discente - Museologia / UFRGS

### **RESUMO**

O trabalho analisa a importância do Griô Eugênio Silva de Alencar, mais conhecido como Mestre Paraquedas, para a cultura do Rio Grande do Sul. O exercício se vale da categoria de Patrimônio Vivo, utilizada por outros estados brasileiros como mecanismo legislativo para proteção dos conhecimentos de mestres da cultura popular, de notório saber, reconhecidos como Patrimônio Imaterial. Embora a estratégia de concurso público apoiado na Lei do Registro do Patrimônio Vivo não ocorra no Rio Grande do Sul, o conceito de Patrimônio Vivo nos ajuda teoricamente a percorrer debates sobre a constituição de políticas públicas voltadas para a transmissão de conhecimentos e reconhecimento de patrimônios intangíveis. Ao apresentar o Mestre Griô Paraquedas, investiga-se como ele pode ser um exemplo para a compreensão das categorias fundamentais que permeiam os debates sobre o patrimônio e a política pública como a tradição, a transmissão de conhecimentos e reconhecimento público. Mestre Paraquedas é músico, compositor, poeta, contador de histórias, cenógrafo e artista plástico. Nasceu em Porto Alegre, no Alto da Bronze e logo depois foi morar no Areal da Baronesa, atualmente o Quilombo do Areal, de onde guarda memórias históricas como a dos Coretos Negros do Areal, registrado neste artigo. É bastante conhecido no meio carnavalesco, pois é fundador da Tribo Comanches, Escola de Samba Puro e Escola de Samba Realeza. Ele foi reconhecido em 2005 como Mestre Griô pelo Ministério da Cultura pela sua trajetória de educador popular e contador de histórias, sendo escolhido juntamente com a Mestre Sirley Amaro e Mestre Giba Giba. A análise documental e entrevistas com enfoque na história de vida evidenciam que o Mestre Paraquedas, hoje com 86 anos, se enquadra na categoria de Patrimônio Vivo, pois é um transmissor da cultura oral de matriz africana que tem nas suas memórias e produções artísticas, uma contribuição importante na transmissão e manutenção das expressões culturais, continuando um legado dos seus antepassados. Importante ressaltar o caráter do protagonismo no processo de resistência cultural que estes Mestres assumiram diante a tentativa de epistemicídio que marginalizou os saberes populares. Conclui-se a urgência da criação de uma Lei do Patrimônio Vivo no Rio Grande do Sul e no Brasil, para a proteção e manutenção destas tradições e memórias referendadas nos mestres que ainda estão vivos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimônio Vivo. Cultura Popular. Políticas Públicas.

Mestre Griô. Mestre Paraquedas.



## Reflexos da Política Nacional de Museus no Museu Histórico de Itajaí

**Marco Antonio Figueiredo Ballester Júnior**

Fundação Genésio Miranda Lins

**Márcia Regina Bertotto**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### RESUMO

O estado de Santa Catarina é visto pelo restante do Brasil como a “Europa brasileira”, justamente por conta de sua formação étnico-social, consequência das grandes migrações europeias ocorridas a partir do século XIX. Diante de tanta diversidade, os museus catarinenses tentam refletir sobre esse processo migratório, principalmente por meio dos seus acervos, pontuando, em seus discursos, as dificuldades encontradas na ocupação do território, incluindo a posse das propriedades. Contudo, questões atinentes a determinados grupos sociais não são discutidas nos museus do Estado. Um destes museus situa-se em Itajaí, mantido pela Fundação Genésio Miranda Lins, órgão da Prefeitura de Itajaí, onde em 2005 foi iniciada uma discussão sobre os acervos institucionais, dentre eles os acervos que abordam a temática negra. A partir dessas discussões dentro do Museu Histórico de Itajaí, ocorreu um processo para construir uma história a contrapelo, vista de baixo para cima, demonstrando outros atores que participaram da formação da história da cidade. Dentre eles a comunidade negra que, até aquele momento, era representada de forma limitada quanto a questão da temática escravizados. Dessa maneira, trazendo a ampliação da discussão sobre quem é o negro em Itajaí e sua representatividade dentro do museu municipal. Portanto, a proposta desta comunicação é demonstrar a trajetória do acervo referente ao negro do Museu Histórico de Itajaí e suas relações com a Política Nacional de Museus, a Lei 10.639/03 (obrigatoriedade do ensino história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas) e a Lei 11.904/09 (Estatuto de Museus). Tendo como marco temporal de análise desses acervos os anos de 1993 à 2021, que foi o período de formação da referida coleção na instituição pública municipal.

### PALAVRAS-CHAVE

Acervos. Patrimônio. Política Nacional de Museus.



## **A lembrança à revelia do esquecimento: o carnaval do Afro-Sul/Odomode em Porto Alegre/RS**

**Natália Souza Silva**

Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, pesquisadora

**Giane Vargas**

PPGMUSPA/UFRGS, docente

### **RESUMO**

Além de diverso, o carnaval no Rio Grande do Sul tem tradição, tem raízes africanas e influências afro-brasileiras. Ao afirmarmos haver um carnaval afro-gaúcho ratificamos a existência de manifestações genuínas relacionadas à ocupação deste território e, que estão repletas de singularidades produzidas historicamente por atores sociais locais. A pesquisa de mestrado que deu origem a esta comunicação partiu da indagação sobre as razões que fazem da celebração carnavalesca algo imperceptível para uma parcela dos habitantes da cidade. A preservação das referências culturais negras vinculadas ao carnaval da cidade destaca a existência de um patrimônio cultural negro gaúcho. Para tanto, centralizamos à análise em torno das memórias do carnaval de Porto Alegre produzidas ao longo de quase cinquenta anos de atuação do Instituto Sociocultural Afro-Sul/Odomode, a pesquisa objetivou compreender como a participação do grupo Afro-Sul/Odomode, a partir das suas lembranças das atuações no carnaval porto-alegrense, contribuiu para construção do patrimônio cultural negro em Porto Alegre. As recordações dos carnavais foram acessadas por meio da promoção de uma Roda de Lembranças, com o propósito de valorizar as experiências partilhadas entre os integrantes do Grupo e estimular a produção da memória do coletivo reconstituindo lembranças inertes e compartilhando-as coletivamente. Deste modo, a pesquisa utilizou como base metodológica a História Oral e o exame dos dados coletados seguiu as técnicas de análise de conteúdo. O carnaval porto-alegrense constitui-se como mais uma das manifestações da cultura negra invisibilizadas no imaginário gaúcho e porto-alegrense, ação intencional produzida pela perspectiva predominante da branquitude, que privilegiou a salvaguarda das marcas culturais e simbólicas das etnias branco-europeias. Ao se debruçar sobre as memórias em torno do carnaval de Porto Alegre produzidas a partir da atuação do Afro-Sul/Odomode, promove-se a valorização e a legitimação do espaço como um centro de referência cultural, reunindo os instrumentos de patrimonialização que atenda a vontade de patrimônio externada pelos próprios integrantes, lhes assegurando continuidade das atividades.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Afro-Sul/Odomode. Carnaval. Patrimônio Negro. Roda de Lembranças. Branquitude.



## **Insulas Periféricas em Diadema: o Hip Hop como Patrimônio**

**Alex Silva Nogueira**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Doutorando

**Adel Igor Pausini**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Docente

### **RESUMO**

A urgência referente às investigações que circunscrevem a realidade das minorias torna-se pauta pontual, sobretudo pelos problemas noticiados e as mazelas do cotidiano. Perseguições às comunidades Indígenas, LGBTQIA+, Quilombolas, Pessoas com Deficiência entre outros silenciados e esquecidos, fora do alcance das políticas públicas. É de se destacar a visibilidade que os povos periféricos conquistaram para falar com os seus e outros além da sua realidade sobre os seus problemas. Ferramentas como: podcasts, youtube, literaturas e arte são exemplos do envolvimento de personas ou coletivos que ganham notoriedade e preenchem espaços que antes não ocupavam. As agendas dos grupos minoritários, mesmo que de forma independente, os insere em papéis de protagonismo propiciando representatividade para novas perspectivas e outras ações, possibilitando o rompimento do legado que distanciam e impedem a mudança real da vida desses grupos. O Hip Hop é um dos movimentos sociais e culturais que desenvolveu ações e práticas afirmativas que promovem as minorias, elucidam e reificam a filosofia e história do povo preto, além de suas faces e outras perspectivas culturais e ideológicas. Soma-se o papel de referência-multiplicadora para compreender e contextualizar a sua realidade. O Hip Hop é um movimento “pan”, múltiplo e, principalmente, periférico que confere aos seus membros o poder de protagonismo de suas vidas e histórias. Por outro lado, existe a marginalização do movimento. Os grafites, rap’s, break dancing, poesia, literatura e capoeira são alguns exemplos das pluralidades que fazem parte desta realidade. A presente pesquisa parte de uma metodologia dialética para compreender o papel dos povos pretos e seus descendentes na formação e organização do movimento Hip Hop, bem como o papel deste movimento articulado com saberes e ações pedagógicas ou não, promovido nas periferias pelos aparelhos culturais “insulares” que atravessam pessoas num rito descolonial e decolonial. Na cidade de Diadema, na região da Grande São Paulo, existe a Casa do Hip Hop que é uma das pioneiras frente às ações populares por meio de estratégias de mudança social e resistência contra a necropolítica e o estado de exceção, conforme Giorgio Agamben. Os olhares sobre as ferramentas sociomuseológicas são de suma importância para compreender a cena que envolve os saberes locais para criarmos novos entendimentos e daí desenvolver mecanismos para outros aparelhos que se interessem por essa abordagem.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Hip Hop. Sociomuseologia. Afroreferenciada. Filosofia. Periferias.



## **Práticas de Museologia Social no Terreiro Matamba Tombenci Neto em Ilhéus - BA**

**Anarleide Cruz Menezes**

Universidade Federal da Bahia /Aluna Especial do PPGMuseu

### **RESUMO**

O Terreiro Matamba Tombenci Neto é uma comunidade de tradição africana, de Nação Angola, situado no Alto dos Carilos, bairro da Conquista, em Ilhéus, Sul da Bahia, Brasil, que dinamiza ações religiosas, mantendo vivos elementos de essencial valor simbólico para a cultura afro-brasileira. Como fiel colaborador da preservação das suas tradições, abre, em novembro de 2006, o Memorial Unzó Tombenci Neto, com exposição de longa duração cujo acervo ajuda a compor a história dos seus primeiros líderes religiosos do Terreiro, fundado em 1885. O Memorial também visa à preservação e à comunicação do Candomblé de Nação Angola, divulgando a sabedoria e o conhecimento acumulados ao longo de sua história. Em processo de revitalização, refaz sua trajetória de ações junto à comunidade e, através dessa pesquisa, busca encontrar as aproximações com as práticas propostas pela Nova Museologia a fim de investigar as relações dialéticas do Memorial com o público, refletindo sobre sua práxis e fortalecendo as condições para a constituição da Museologia Social no sul da Bahia. Ações de formação continuada envolvendo temas relacionados à saúde, discriminação racial, intolerância religiosa e educação para o patrimônio estruturam a execução de seus programas. Urge à humanidade apressar a reunião dos testemunhos e ensinamentos para que o patrimônio cultural e espiritual dos povos tradicionais não caia em esquecimento, essa queda significaria a geração de jovens sem raízes, sem história. Através dos processos aqui investigados para a sua revitalização, o Memorial Unzó Tombenci Neto almeja ampliar procedimentos de escuta para tornar-se, não só espaço de memória, como também uma ferramenta para despertar a cidadania consciente e colaborativa em seu entorno. Aproxima-se também da ideia da Nova Museologia a atuação do Memorial como facilitador do acesso ao conhecimento de forma mais democrática e inclusiva. Sua utilização como ferramenta comunitária sempre permitirá a participação atuante e efetiva dos novos atores sociais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Nova Museologia. Cultura Afro-brasileira. Memória e Identidade.  
Terreiro de Nação Angola.



## Quem é essa negra aí? Marcas da racialidade nas representações negras em acervos de museu

**Claudia Regina Alexandre**

Doutora em Ciência da Religião-PUC-SP

### RESUMO

As lacunas históricas provocadas pela invisibilização de mulheres negras nas narrativas, representações materiais e simbólicas é tema desta comunicação que tem como objetivo abordar sobre a importância da revisão histórica que inclua registros de memórias negligenciadas destas mulheres no que se produziu até hoje sobre as expressões culturais afro-brasileiras e de religiosidades de matrizes africanas. Partimos da ideia de dispositivo da racialidade (Carneiro, 2005) para analisar como os mecanismos de dominação hegemônica reforçam estereótipos e desprezam vivências particulares, estruturando um caminho onde a humanidade é atravessada por opressões interseccionais e dificultando a construção de conhecimentos a partir do ocultamento de memórias negras. Problematicamos como esses atravessamentos são lidos no campo da preservação do patrimônio material e imaterial afro-brasileiro. Tomamos como interesse os painéis que compõem a Exposição Permanente Arte, Adorno Design e Tecnologia no Tempo da Escravidão do Museu Afro-Brasil (SP), onde se destacam sete retratos de mulheres do século XIX, que estamparam postais de renomados fotógrafos na cidade de Salvador, Bahia. Entre elas identificamos a imagem que tem sido usada como representação iconográfica de Hilária Batista de Almeida (1854-1924), nascida em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo da Bahia. Apesar de ter se tornado **Tia Ciata de Oxum**, a "matriarca do samba", no século XIX, ao migrar para o Rio de Janeiro, tem sua imagem ainda desvalorizada pela história. O argumento que conduz a nossa investigação iniciada em 2008, está alicerçada nos conceitos de imagem de controle (Patricia Collins, 2019, p. 135), história única (Chimamanda Adichie, 2018) e nas elaborações de escrituragem da poeta e escritora Conceição Evaristo, que problematizam sobre sub-representações que esvaziam a condição de sujeito histórico. Desta forma apontamos não apenas o desinteresse sobre a história particular de mulheres negras, apesar dos indícios de suas contribuições nos projetos históricos da cultura afro-brasileira, mas também avaliamos sobre os silêncios que reforçam estereótipos, a objetificação e até a invisibilização de mulheres negras mesmo em espaços de preservação e guarda de memórias, como museus e outras instituições afins, ratificando tais apagamentos, principalmente quando não se comprometem com a revisão de narrativas hegemônicas que recaem sobre o povo negro.

### PALAVRAS-CHAVE

Racialidade. Memórias negras. Mulheres negras. Invisibilidade. Imagem de controle.



## **Clubes Sociais Negros de Santa Catarina: educação, memória e patrimonialização**

**Eráclito Pereira**

Professor Adjunto - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Doutorando em Educação - PPGEDU/UFRGS

### **RESUMO**

Ao final do século XIX o estado brasileiro possuía significativo contingente populacional de negras/os. O tráfico interprovincial, a imigração europeia e o apagamento oficial do povo negro contribuíram para que este grupo étnico fosse deixado em segundo plano na história regional, tendo sido invisibilizado ao longo do século XX ou representado de modo recorrente apenas por narrativas que fazem alusão ao corpo escravizado, subalternizado e sem origem. Formado por uma heterogeneidade étnica e cultural, o estado de Santa Catarina não esteve isento do processo “civilizador” - são os membros das elites que fundam jornais, criam grupos e espaços de lazer tais como blocos carnavalescos, grupos teatrais, fundações beneficentes, museus e os famosos clubes sociais, aos quais a população negra era impedida de frequentar. Assim, a população negra foi historicamente marginalizada dos processos de investigação, preservação e comunicação da sua cultura material e imaterial. Diante do quadro de invisibilidades acerca da história e da cultura negra no estado de Santa Catarina, os Clubes Sociais Negros surgiram como contraponto a ordem social e tiveram papel importante no desenvolvimento de ações educacionais, socioeconômicas, culturais e políticas. Ao pesquisar e dar visibilidade às suas trajetórias conclui-se que atuaram de forma incisiva na formação da sociedade brasileira; no que concerne a luta contra a escravidão e a discriminação racial, os Clubes Sociais Negros são lugares de memória, representação, produção simbólica e transformação de sentidos e constituem-se como espaços/territórios de construção do conhecimento e análise da questão racial na história; Destarte, no intuito de adensarmos as perspectivas teóricas nos campos da educação e do patrimônio cultural, pesquisá-los é seguir contribuindo com a promoção de políticas públicas para sua preservação fortalecendo e comunicando estes espaços de memória, identidade e resistência negra.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Clubes Sociais Negros. Memória. Educação. Patrimônio Cultural.



## Quando o pai de Macunaíma pariu o patrimônio cultural brasileiro, os parceiros eram brancos

**Itamar Ferretto Comarú**

Secretaria da Cultura de Caxias do Sul/RS  
Diretor de Museus e Memória

### RESUMO

Reconhecido pela relevância de seus estudos sócio-culturais, Pierre Bourdieu potencializou importantes conceitos-chave a fim de desvelar estruturas, práticas e tramas sociais, visíveis e invisíveis, que, impostas por alguns grupos com maior representatividade política, cultural ou econômica, seriam fundamentais para sedimentar suas dominações simbólicas sobre o todo social ao longo de momentos e espaços diversos, dentre os quais poderiam ser destacados os processos de criação de alguns Museus ou da própria estruturação político-administrativa daquilo que poderia vir a ser chancelado como patrimônio cultural. Em alguns casos, conceitos como Capital Cultural, Econômico, Social e Simbólico, Campo, Distinção, Espaço Social, Habitus e Violência Simbólica ajustaram-se diretamente com práticas sociais de uma cidade, região ou país; em outros, revelariam o diálogo silencioso ou sorrateiro aplicado sobre grupos identificados como inferiores, adeptos de práticas e sociabilidades transgressoras perante a assepsia da ordem social ambicionada ou já estabelecida. Na cidade de Caxias do Sul/RS, localidade em que desenvolvo o presente estudo, entre 1910 e 1975, as tensões conjugadas pela intensificação dos fluxos humanos de origens não europeias, o controle social racista imposto pelos Códigos Penais Brasileiros e as consagrações étnicas de ascendência tomadas como retórica de supremacia social e territorial logo passariam a dialogar com a 'cientificidade' dos princípios eugênicos que viriam a ser aplicados sob parte da população local. Valendo-me do diálogo entre a história cultural - Sandra Pesavento -, do paradigma indiciário - Carlo Ginzburg - e dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu, procuro analisar como a hegemonia europeizante existente na referida localidade valeu-se de princípios eugênicos para constituir seu campo museal, permeado por estereótipos diversos, além de potencializar a própria representação de si enquanto territorialidade cultural. A pesquisa fundamenta-se em impressos jornalísticos, revistas, boletins informativos e registros de criação dos espaços museais ali existentes. Os resultados preliminares apontam para uma construção social que identificava alguns sujeitos como seres humanos inferiores ante a enaltecida europeidade local. Tais elementos ver-se-iam como alvos para ações racistas de múltiplas ordens, presentificadas, também, na idealização dos espaços museais existentes na cidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Campo Museal. Eugenia. Racismo. Europeidade.



## O Clube Gaúcho de Caxias do Sul/RS e a ausência negra nos Museus

**Fabiana Ferreira Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.  
Mestranda em Museologia e Patrimônio

**Giane Vargas**

PPGMUSPA/UFRGS .Docente

### RESUMO

O presente estudo propõe a análise das narrativas do Museu Municipal Maria Clary Frigeri Horn, localizado no município de Caxias do Sul/RS. Possui como objetivo investigar as formas de representação do negro no museu, por meio dos discursos realizados sobre as exposições permanentes, a fim de coletar evidências que promovam novos entendimentos ao visitante alicerçados na perspectiva decolonial. Ao evidenciar a existência de um Clube Social Negro na cidade denominado Clube Gaúcho, fundado em 1934 e que ainda hoje permanece em atividade, procuramos significar a presença negra na história do município e propor reflexões que poderiam auxiliar para a compreensão de que a historicidade local não se limita a imigração italiana ocorrida na região Nordeste do Rio Grande do Sul no século XIX. O museu é um espaço carregado de sentidos e representações, que nos levam a um tempo já vivido e a um tempo que ainda está por vir. Refletir sobre as narrativas que se fazem presentes no campo museal permite-nos perceber o espaço dentro de uma mesma lógica de produção cultural dos demais aspectos da sociedade; para tanto valer-se do patrimônio cultural negro presente no município permitiria a compreensão de que o negro foi um partícipe do contexto social da cidade no qual contribuiu e ainda contribui significativamente para a memória coletiva local. Assim, a linguagem verbal e não verbal produz e reproduz sentidos, narrativas e sentimentos, emancipatórios ou opressores. No referido museu percebe-se a potência das manifestações ali produzidas, considerando que elas perpassam o tempo, interagem e procuram deixar o observador imerso em um espaço em que educa e expõe. Como resultados preliminares, se percebe que o Museu Municipal poderia ser um espaço rico em possibilidades de diálogo com as diferenças étnico-raciais, a partir da reconfiguração das construções de memórias e esquecimentos, refletindo sobre seu compromisso de provocar o visitante por meio de uma trama discursiva que os leve a compreender que o negro foi responsável por representativas transformações sociais na localidade. Entende-se que as narrativas produzidas no e pelo museu têm um papel fundamental para a constituição do sujeito. Assim, ao problematizar suas exposições estamos contribuindo ativamente para que o ambiente institucional e as relações sociais ali constituídas favoreçam o olhar sobre a historicidade negra ainda hoje negligenciada na cidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Museologia Decolonial. Clubes Sociais Negros. Clube Gaúcho.  
Museu Municipal Maria Clary Frigeri Horn .Relações Étnico-Raciais.



## A tradição do batuque de Porto Alegre como patrimônio cultural negro

**Leo Francisco Siqueira de Moraes**

Mestrando em Museologia e Patrimônio - UFRGS

### RESUMO

Batuque é uma tradição religiosa de matriz africana típica do Rio Grande do Sul, com grande proeminência na Região Metropolitana de Porto Alegre. O objetivo deste trabalho foi analisar o batuque sob a perspectiva do patrimônio cultural negro a fim de produzir uma narrativa que viabilizasse a patrimonialização de elementos culturais que emergem desta tradição. A pesquisa se justifica por ser o batuque uma religião afro-gaúcha que tem existido (e resistido) em uma sociedade cujo discurso hegemônico tem sido de descendência branca europeia, mas que figura como o estado mais afro religioso do Brasil, segundo os dois últimos censos do IBGE. O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa documental em processos administrativos de tombamento no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pesquisa bibliográfica sobre o batuque e a descrição de minhas experiências como vivenciador desta tradição. Preliminarmente, mapeou-se as ações do IPHAN em relação às políticas públicas de patrimônio no Brasil e situou-se a presença do Batuque em Porto Alegre por meio de revisão bibliográfica e dados censitários oficiais. A partir da análise das justificativas para tombamento de nove terreiros de candomblé em nível federal entre os anos de 1982 e 2018 foi possível identificar os critérios para atribuição de valor patrimonial adotados pela autarquia. Tomando como referência os terreiros de candomblé analisados a partir dos conceitos de patrimônio cultural negro e territorialidade negra urbana, o estudo viabiliza ferramentas para pensar a matriz religiosa do batuque como patrimônio enquanto uma tradição formadora de uma identidade cultural afro-gaúcha da qual emergem variadas manifestações subjacentes, entre celebrações, lugares, saberes e formas de expressão. A pesquisa permite ainda problematizar a legitimidade do patrimônio formalmente reconhecido pelo Estado frente àqueles assim já consagrados no fazer social pelas comunidades.

### PALAVRAS-CHAVE

Batuque. Patrimônio cultural negro. Territórios negros. Religiões de matriz africana.



## **Bens culturais afro-brasileiros e os embates para seus reconhecimentos enquanto patrimônios**

**José Ivonildo Araújo Terceiro**

Discente PPGMuseu/UFBA

**Maria das Graças de Souza Teixeira**

Docente do PPGMuseu/UFBA

### **RESUMO**

Os bens culturais africanos e afro-brasileiros de natureza material e imaterial sejam estes patrimonializados, em processo de patrimonialização ou patrimonializáveis sofrem constantemente dentro de instituições com o silenciamento frequente de questões que perpassam sua natureza material, impedindo quem tenha acesso a esses bens não refletir sobre aspectos sociais, que são fundamentais para a compreensão da existência desses objetos, já que suas produções estão vinculadas diretamente a quem os produziram e aos contextos em que foram produzidos. A não utilização das produções culturais das populações subalternizadas pelo projeto colonial como as africanas e afro-brasileiras nos espaços de salvaguarda e preservação das memórias dessas culturas, geralmente, é consequência de um tratamento que tem como foco os aspectos inerentes a sua materialidade física, sem a devida atenção aos contextos de origem e sua vinculação nas práticas sociais dos mesmos. Tentaremos discutir sobre as relações de poder que estão envolvidos na patrimonialização e no reconhecimento de bens afro-brasileiros como patrimônios nacionais de relevância cultural para o Brasil. Discutiremos sobre os embates de forças que envolvem esse reconhecimento dentro de instituições que lidam com o patrimônio, o que termina por evidenciar as lutas da população negra brasileira ao direito de respeito a sua cultura e os bens culturais que dizem respeito a essa. No Brasil a não compreensão ou não aceitação para com a cultura material africana vem desde muito tempo e está ligada diretamente ao preconceito racial que reduziu a cultura africana a mera ideia de uma cultura menor. Mesmo após o início da patrimonialização de objetos ligados à cultura afro-brasileira, bem como a criação de instituições de salvaguarda, preservação e conservação para estes, sabemos que isso não foi o suficiente para uma mudança no entendimento da importância da cultura afro-brasileira. Sabemos que as instituições de cunho museológico não podem mudar uma realidade de mais de 500 anos de desrespeito a essas culturas. No entanto, é importante que se frise que o engajamento de profissionais, pesquisadores e estudantes que lidam diretamente com a preservação do patrimônio, levando para dentro desses espaços discussões que evidenciem aspectos dessas culturas a partir de seus objetos, já é uma contribuição valiosa, tendo em conta a dimensão comunicacional que esses espaços são capazes de promover.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimonialização. cultura material africana. bens culturais afro-brasileiros.



## **Educação museal e educação escolar: diálogos para uma sociedade antirracista**

**Valdemar de Assis Lima**

Universidade de Brasília

**Elison Antonio Paim**

Universidade Federal de Santa Catarina

### **RESUMO**

Que tipo de experiência tem as professoras e os professores de história, quando da sua visita aos museus? Esse enfoque parte de um trabalho em desenvolvimento como tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE/UFSC, na linha de pesquisa Sociologia e História da Educação - SHE e no debate sobre o conceito de educação museal no pensamento museológico contemporâneo, propondo algumas reflexões que nos parecem necessárias para entendermos as possibilidades de construção de uma política de educação sensível, emancipatória, fomentando a autonomia dos sujeitos, estimulando e praticando a liberdade e que seja e esteja à serviço do uso social da memória. Os museus, compreendidos como um dos laboratórios da museologia, são processos cujo caráter educacional e cultural lhes infunde grande responsabilidade social na construção e implementação de políticas educacionais para além da ambiência escolar e favorecem a compreensão do devir das memórias de diferentes grupos - como reelaborações e ressignificações da dinâmica social. Tanto os museus quanto as escolas agenciam a construção de significados e, como tal, se faz necessário uma investigação dos pontos de vista das/os educadoras/es sobre a situação de visita nos museus, a título de alçar reflexões que indiquem as formas como estes são compreendidos fora do discurso especializado e compreender em que medida há o reconhecimento e utilização dos museus como espaços factíveis para projetos e atividades educacionais tendo por base a Lei 10.639 de janeiro 2003, bem como averiguar como essa possibilidade de uso educativo-cultural contribui ou não para a construção de uma visão política de museu, estimulando o reconhecimento e a utilização desses lugares em serviço do criticismo e da transformação social. Essa investigação se ancora na interculturalidade crítica e na perspectiva decolonial de educação para lançar um olhar sobre museus que guardam bens culturais de matriz cultural africana e afro-brasileira. Considerando as narrativas de professoras/es e educadoras/es museais sobre as experiências de situação de visita dos públicos escolares, compreender se a educação museal dessas instituições é antirracista e em que medida a política pedagógica antirracista de determinados museus brasileiros dessa natureza acervística coaduna com o espírito da lei 10.639/04.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação museal. Antirracismo. Educação decolonial.  
Público escolar. Interculturalidade crítica.



## **Processos de patrimonialização e o racismo na salvaguarda de acervos religiosos**

**Rebeca Santos de Andrade**

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aluna.

### **RESUMO**

Este estudo analisa a consolidação dos processos de patrimonialização no Brasil e as maneiras como o racismo direcionou as ações institucionais na preservação de bens culturais religiosos. Tendo como foco o Catimbó-Jurema Sagrada, religião de matriz afroindígena, nosso objetivo é identificar ações de reparação frente ao apagamento histórico desse culto. A preservação de patrimônios culturais fortalece a noção de pertencimento dos integrantes de um grupo social, porém, grande parte da trajetória política de preservação se deu conforme a manutenção de bens culturais referentes à hegemonia branca. Até o século XIX os registros sobre o Catimbó-Jurema Sagrada eram encontrados apenas nas denúncias do Santo Ofício, em registros policiais e em jornais sensacionalistas. Quando objetos do culto de religiões afro-diaspóricas e indígenas começaram a ser reconhecidos como bem cultural, foram classificados como feitiçaria, curanderia ou baixa magia. Enquanto isso, diversos acervos católicos eram considerados como arte sacra e tombados pelo seu valor arquitetônico. Dessarte, os processos de patrimonialização devem ser constantemente indagados por serem influenciados pelo racismo e pelas narrativas de quem detém o poder das ferramentas de salvaguarda. As lutas por igualdade racial e os embates políticos dos movimentos sociais conquistaram espaço nos processos de patrimonialização. Bem como a continuidade das tradições orais no Catimbó-Jurema Sagrada garantiram a permanência do culto e sua transmissão ao longo do tempo. Por mais que a patrimonialização possa acabar cristalizando e engessando alguns bens que estão em constante transformação, a patrimonialização é uma maneira de dar visibilidade e valorização aos bens culturais, diante da presença do racismo na exclusão social de elementos da cultura negra e indígena.

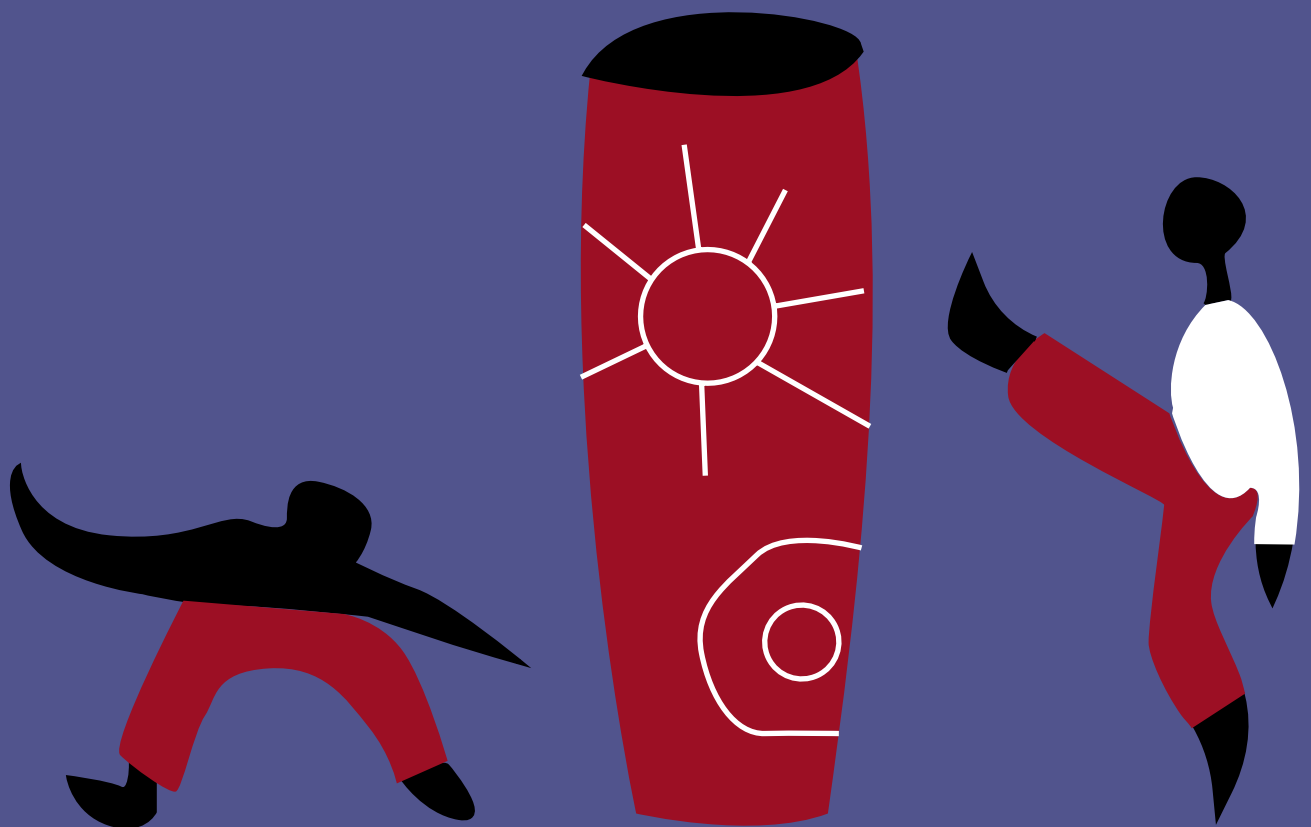
### **PALAVRAS-CHAVE**

Patrimonialização. Racismo. Religião. Afroindígena. Catimbó.

5<sup>o</sup> Sebra  
mus

Museologia  
em *movimento*:  
lutas e resistências

# PÔSTERES





## **A fotografia como fragmento da presença de racialidades, classe e gênero na infância**

**Danilo Araujo Santana**

Discente do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

### **RESUMO**

A escrita deste texto tem sua gênese numa atividade realizada durante a graduação no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, quando por indicação da docente responsável pelo componente Museologia no semestre 2022.1, iniciamos a pesquisa sobre os conceitos de identidade, patrimônio e memória. Para tanto, buscamos como ponto de partida, um álbum de fotografia da minha avó materna cujas imagens me intrigaram, uma vez que as mesmas já num primeiro olhar, é possível identificar o lugar dos sujeitos retratados a partir de uma lógica de organização de cena onde a distinção de um sujeito sobre o outro é bem demarcada. O álbum em questão contém um conjunto de fotografias que são fragmentos de diversos momentos vivenciados por minha avó, com cenas cotidianas com a própria família como aquelas de festas de aniversários, batizados e outras, que são, para ela, de recordações dos padrões brancos. Dentre as fotografias, selecionamos Neste texto apresentamos a nossa reflexão a partir da discussão sobre racialidade, gênero e classe. Para tanto, dentre os “fragmentos” (ROUILLÉ, 2009) selecionamos uma fotografia colorida no tamanho 20X25, com um cenário composto por dois planos onde seis crianças são retratadas, quatro meninas e 2 meninos, mas apenas uma branca do sexo masculino, que no primeiro plano está sentado numa cadeira ao centro, ladeada por um menino e duas meninas e no segundo plano as outras crianças todas negras. Desde o início das discussões para o trabalho do componente curricular esta imagem nos chamou atenção por evidenciar o lugar de distinção (BOURDIEU, 2012) dos sujeitos ali representados. Naquele cenário, a criança branca trajava roupas, meias e sapatos que simbolizavam um lugar social diferenciado daquele imposto pelas demais crianças. Distinção simbolicamente reforçada pela imagem do menino não negro sentado no centro com as demais crianças de pé. Neste pequeno fragmento podemos verificar que desde muito cedo, as marcas de prestígio advindas do privilégio branco e masculino, estão presentes na vida das pessoas. Como podemos observar nesta única imagem, podemos refletir sobre a racialidade enquanto um modo de produção de subjetividades (CARNEIRO, 2016), arquitetadas pelo projeto colonial como estratégias para justificar a manutenção da desigualdade a partir das relações de classe raça e gênero.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Infância. Fotografia. Racialidade. Gênero. Classe.



## **Musealização de território como forma de preservação: o Museu de Território dos Aflitos**

**Lucas Inocencio Almeida**

Universidade Federal da Bahia/Discente

**Elizete Cristina da Silva Alves**

União dos Amigos da Capela dos Aflitos /Coordenadora

### **RESUMO**

O presente texto apresenta a utilização da musealização e de sua cadeia operatória para a preservação dos territórios e dos patrimônios comunitários e coletivos de origem negra e indígena através do estudo de caso sob o Museu de Território dos Aflitos (MTA). O Museu de Território dos Aflitos é uma instituição sem fins lucrativos, de cunho comunitário que está em construção em conjunto com as comunidades, moradores (as), transeuntes e coletivos que permeiam o bairro da Liberdade, localizado no município de São Paulo, e buscam preservar as memórias negras e indígenas do território, fortalecendo os laços identitários e de pertencimento da população indígena e negra na Paulicéia. A instituição utiliza da museologia contemporânea e de sua evocação social, interdisciplinar, anticolonial, antirracista e comunitária para apropriação do fazer museológico e a construção de um museu com as pessoas. Através de um levantamento com a comunidade tornou-se possível o desvelamento dos lugares de memórias negras e indígenas e de seus respectivos alvos do processo de musealização do bairro para a salvaguarda e extroversão dos patrimônios culturais. A musealização é compreendida neste estudo de caso, como uma ação de preservação que extrapola os muros dos museus institucionais tradicionais e atingem os territórios e os patrimônios culturais materiais e imateriais, preservando-os através de ações de conservação, pesquisa e comunicação museológica in situ, sem a obrigatoriedade de serem movidos para um museu normativo tradicional, podendo manter suas funções usais, atribuindo assim novos signos e significados para o patrimônio cultural passível de musealização. Desse modo, utiliza-se da Museologia e de sua ferramenta, a musealização, e do museu enquanto instituição de memória, poder, conflito, fórum de debate e reflexão para a salvaguarda as memórias indígenas e negras traumáticas, de sociabilidade e resistência, memórias originárias do território da Liberdade, ação emergente após anos investidos para a promoção de processos de apagamento e invisibilidade das memórias sociais negras e indígenas em detrimento de uma história e memória homogênea e única para o bairro, a nipônica, utilizando desta narrativa não para exaltar os japoneses e suas diversas contribuições para o Brasil, mas sim para promover o apagamento sistemático das memórias e narrativas negras e indígenas de seus territórios e patrimônios.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Liberdade. Memória. Identidade. Território. Musealização.



## **Territórios Negros em Mapa: inventário dos Pontos Negros da Memória de Jaguarão/RS**

**Pamela Cristina de Oliveira Santana Pinto**

Universidade Federal do Pampa - Graduanda

**Ariane de Sá de Andrade Cruz**

Universidade Federal do Pampa - Graduanda

**Giane Vargas Escobar**

Universidade Federal do Pampa - Docente

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto desenvolvido na Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão/RS pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas-NEABI MOCINHA. Este projeto pretende mapear, identificar, localizar e pesquisar trajetórias de vidas de pessoas negras e os territórios da memória conectados a essas presenças na diáspora africana, com vistas a produzir um material didático pedagógico que contribua com luta antirracista na cidade de Jaguarão, localizada na fronteira Brasil-Uruguai. Jaguarão é uma cidade negra, entretanto, esta presença e memória, bem como seus sujeitos/as e ações são invisibilizados/as pelo racismo estrutural e institucional, assim como são muito recentes os estudos que evidenciam o protagonismo, o apoderamento, a emancipação e a agência destas pessoas. Além disso, a proposta é evidenciar a memória, a altivez, a agência das pessoas negras, em especial mulheres negras e suas relações com o entorno. É preciso rastrear os caminhos percorridos por estas pessoas e investigar seus nomes e identidades, afinal, como nos ensina Lélia Gonzalez "negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido...ao gosto deles." O percurso metodológico seguirá as diretrizes do mapeamento cultural, as Rodas de Lembranças, o Inventário Participativo, Entrevistas, Pesquisa bibliográfica e documental e história oral.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Territórios Negros. Rodas de Lembranças. Ancestralidade.  
Inventário Participativo. Mapeamento Cultural.



## **Exú Museália - a performance da memória dos Exús nos terreiros de Umbanda**

**Vitú de Souza**

Universidade Federal de Minas Gerais - Graduando em Museologia  
Núcleo de Pesquisas em Raças Gênero e Performance - NUPERGEPE - Coletivo Erês  
Rede de Museologia Kilombola - RMK

### **RESUMO**

Os Exús, são entidades que pertencem ao contexto religioso, dos Terreiros de Umbanda e dos cultos aos Antepassados (candomblés, Juremas, catimbós), o que chamamos comumente de Terreiros, estes espaços sagrados, possuem formatos e tipologias variadas e são encontradas em quaisquer conjuntura urbana, tanto em bairros elitizados quanto bairros periféricos, contudo sua maior concentração é proporcionalmente ligada à habitação e confluência negra e em sua genealogia (bairros negros ou formados por negros em sua majoritariedade). As Entidades que são recebidas nesses Terreiros, conhecem intimamente a comunidade do Terreiro, criando vínculos e relações com cada membro, os Exús prestam trabalhos para cada um desses indivíduos (que os consultam), quando precisam de conselhos, amparo, físico-emocional e ou escuta, para os processos e acometimento do Racismo na Sociedade, esse processo se dá, enraizado na crença, de que as Entidade-Exús, são negros, antepassados, isto, ancestrais, que experienciaram, situações e contextos difíceis, tais quais os consulentes (membros de cada terreiro), nesse contexto, essas pessoas vão aos Terreiros, como quem consulta, um Cartório, uma Biblioteca, um Arquivo e ou um Museu, galgando Informações em suportes, para assim conseguir assimilar suas realidades. Os Exús são os objetos de memória e performance dentro de cada Terreiro, são os responsáveis por direcionar suas comunidades e, portanto, possuem importância motriz na consolidação e assentamento destas comunidades, perpetuando as memórias negras e servindo de deleite e consulta, para cada indivíduo que necessite. Sob as óticas da Performance da Memória (oriunda da manifestação afroreligiosa) e da Consulta aos Exús, este texto, pretende analisar as relações dos Usuários, que procuram as entidades, para obter informações e conselhos, serão coletados depoimentos, bem como Cantos (pontos de invocação) que configuram o ambiente onde a memória dessas entidades, agem no contexto e vida de cada pessoa. Cada Exú é como a Museália (objeto de memória) de um Museu, pois centralizam e transpõem as relações físicas e sensoriais, de cada pessoa, e assim como numa Exposição ou num Acervo, cada Exú mobiliza um público para consultá-lo

### **PALAVRAS-CHAVE**

Exú. Museália. Memória. Terreiros. Museus.



## **Patrimônio das palavras: arte literária de mulheres negras na teoria e prática museológica**

**Luzia Gomes Ferreira**

Universidade Federal do Pará - Docente

**Jomara Ferreira Chaves Santos**

Universidade Federal do Pará - Bolsista PIBIC-Ações Afirmativas

### **RESUMO**

Nossa proposta de comunicação visa apresentar reflexões de cunho teórico, oriundas do Projeto de Pesquisa em andamento, "Memórias que vêm das palavras: olhares museológicos para as literaturas de mulheres negras", com parceria interinstitucional entre as Universidades Federais do Pará (UFPA) e da Bahia (UFBA), através dos cursos de Museologia das duas instituições. A investigação realizada na UFPA, tem como objetivo estabelecer diálogos entre as artes literárias de mulheres negras e a Museologia, compreendendo a prosa e a poesia como um patrimônio contemporâneo e criação de conhecimentos, que contribuem para a teoria e prática museológica traçar novas abordagens sobre as memórias negras; construir contranarrativas acerca das representações dos corpos negros nos museus de Belém do Pará; assim como, ofertar dignidade e respeito aos fundamentos epistêmicos e culturais construídos pelo povo negro no continente americano. Metodologicamente nos aportamos na multivocalidade e na interseccionalidade, uma vez que os marcadores sociais de diferença, como raça, gênero, classe, regionalidade, entre outros, podem determinar as memórias que serão evidenciadas, e, as que serão apagadas e silenciadas a nível nacional. As obras de arte literária, selecionadas para estudos e análises nos três eixos do projeto de pesquisa (Escravidão Negra, Infância Negra e Mulheres Negras em Diáspora), são as nossas principais fontes epistêmicas em confluências com as escritas teóricas do feminismo negro, e com os textos científicos de intelectuais negras e negros que abordam e problematizam as relações étnico-raciais no Brasil. Também foram realizadas visitas técnicas nos espaços museais de Belém, para analisarmos as representações dos corpos racializados nesses lugares de memórias. Como resultados iniciais, reconhecemos a arte literária de mulheres negras como um fundamento epistêmico de significativa relevância para criarmos novos processos de musealização, com protagonismo das vozes negras. Outro aspecto importante dessa pesquisa é a relação com o ensino, pois a mesma se desdobra em sala de aula, através do componente curricular Musealização do Patrimônio, no qual se trabalha com as/os discentes romances de autoras negras, se atentando para a forma como os objetos-coisas são apresentados nas narrativas literárias. Por fim, ressaltamos a importância dessa investigação, para construirmos novas imagens e imaginários sobre e para a população negra na diáspora, dentro e fora dos museus.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte Literária de Mulheres Negras. Memórias Negras. Museus.  
Patrimônio das Palavras. Teoria e Prática Museológica.



## **Pluralismo jurídico e decolonialidade: museus e memória dos Movimentos Negros Gaúchos**

**Ana Luisa Neukirchen Mesquita**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
Graduada em Administração Pública e Social

**Renata Ovenhausen Albernaz**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Docente

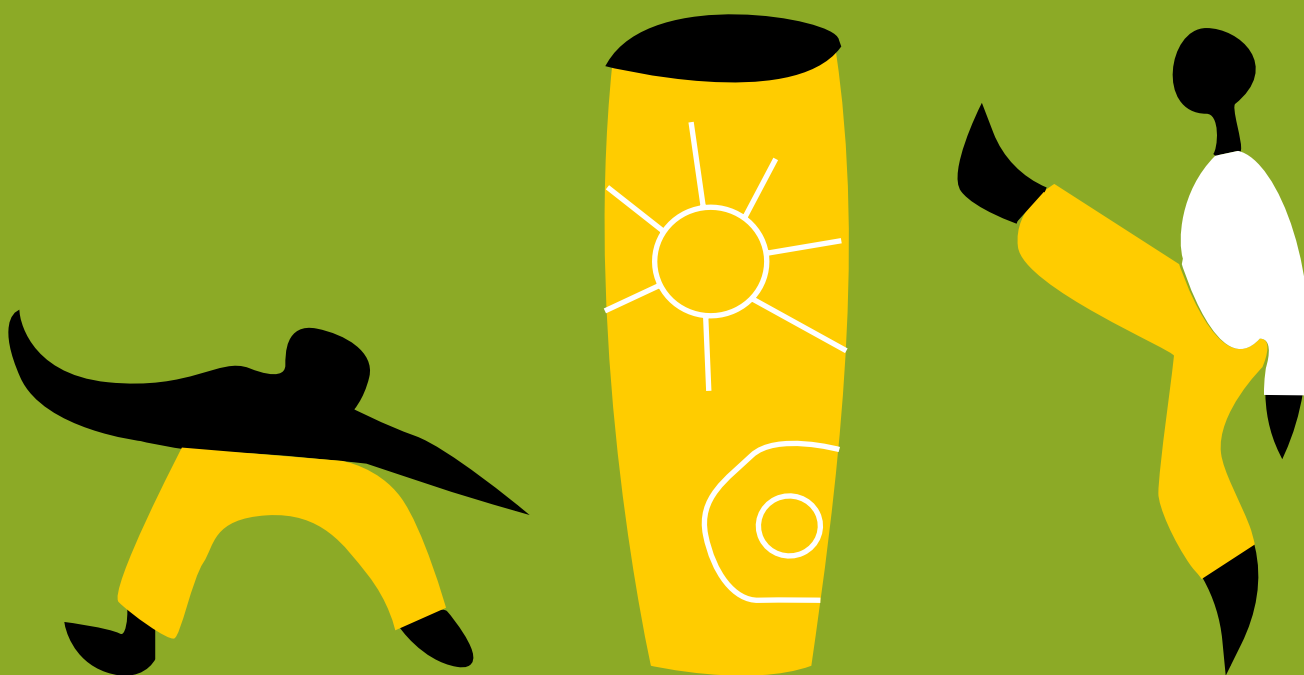
### **RESUMO**

Tendo por base teórica conceitos do pluralismo jurídico e da decolonialidade, e seus reflexos na discussão do Racismo estrutural, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as instituições de Museus Afro-brasileiros, no Rio Grande do Sul, a partir dos comentários publicados por alguns movimentos negros gaúchos. Essa pesquisa se justifica em discutir direitos culturais de grupos minoritários, historicamente invisibilizados pela discriminação, e destaca a importância de instituições culturais públicas e de sua avaliação a partir do olhar da população representada como estratégia para reverter esse quadro. A escolha dos museus se deu após um levantamento dos órgãos, eventos, políticas e instituições de cultura gaúchos, em vigor entre 2018 e 2020. Os Museus voltados especificamente para a cultura afro-brasileira foram escolhidos por serem instituições permanentes no tema da memória e da cultura afro-brasileira. Por sua expressividade, focou-se, aqui, nos museus “Afro-Brasil-Sul” (Pelotas), “Comunitário Treze de Maio” (Santa Maria) e “de Percurso do Negro” (Porto Alegre), coletando-se informações acerca: 1) das condições de seu acesso pela população afro brasileira e geral; 2) participação social em sua discussão, elaboração e execução; 3) natureza de valorização cultural: reconhecimento ou mercadorização; Buscou-se a avaliação desses Museus por parte de alguns movimentos negros gaúchos: 1) o Museu Treze de Maio, e sua interpretação pelos Movimentos Negro Santamariense e Negro Unificado; 2) o Museu de Percurso do Negro, e sua interpretação pelo Grupo Angola Janga, Associação Satélite Prontidão e Congregação em Defesa das Religiões Afro-Brasileiras-RS; e 3) Museu Afro- Brasil-Sul e a visão de intelectuais e estudiosos sobre o mesmo. A Pesquisa é de natureza exploratória, com finalidade descritiva e comparativa, usando-se de publicações de livre acesso e documentos de domínio público. Conclui-se que essas ações culturais, quanto mais envolventes e mais abertas ao protagonismo desses grupos nela representados, mais levam a sociedade refletir sobre o racismo estrutural que retirou a contribuição e o pertencimento negro das expressões culturais oficiais, e as ações mapeadas parecem ir no sentido positivo de contribuir para romper esse racismo estrutural em sua dimensão cultural, na perspectiva de fala dos movimentos negros gaúchos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Racismo Estrutural. Acesso à cultura. Museus. Afro-brasileiro.

**GT 17**  
**MUSEALIZAÇÃO E GESTÃO DE**  
**MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS**





## **GT 17 - MUSEALIZAÇÃO E GESTÃO DE MEMÓRIAS TRAUMÁTICAS**

### **Coordenadores**

Letícia Julião (UFMG)

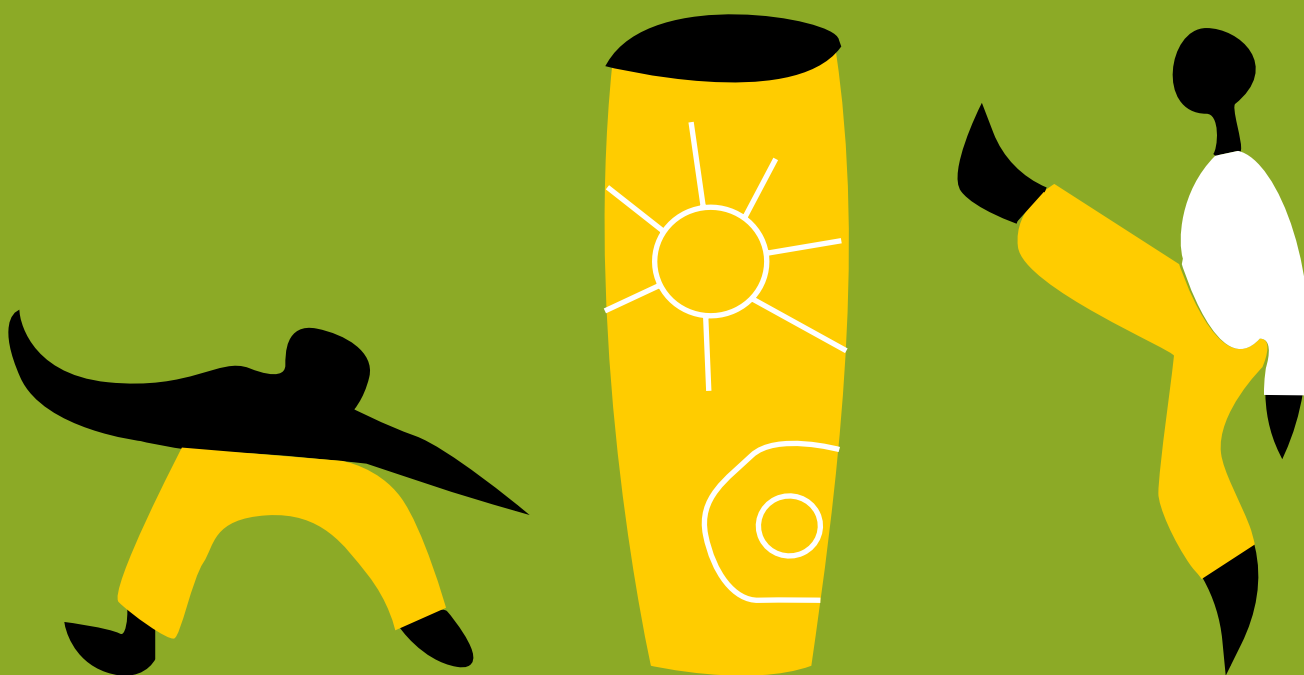
Ana Paula Ferreira de Brito (UFRGS)

Jacqueline Custódio(UFRGS)

### **Resumo**

No processo de redemocratização brasileira, a justiça de transição apresentou-se como um processo longo e com limitações reais. Neste quadro peculiar da transição brasileira, a musealização das memórias traumáticas do período da ditadura militar tem confrontado o processo de esquecimento e de manipulação da memória da violência praticada pelo Estado entre 1964-1985. Instituições e processos museológicos, filiados à categoria dos chamados Sítios de Memória e Consciência no Brasil, constituídos em meio a disputas sociais e políticas em torno de memórias, têm protagonizado formas de reparação simbólica, ao ressignificarem o passado ditatorial, comunicando-o às novas gerações, em experiências de educação e formação de consciência do abuso do passado. Esses processos de musealização ganham relevância, sobretudo, em um momento em que se enfrenta retrocessos democráticos no Brasil, com acentuado negacionismo por parte do Poder Executivo Federal em relação aos crimes de lesa humanidade, cometidos durante a Ditadura. O GT pretende acolher pesquisas acadêmicas e estudos de profissionais de museus que abordem reflexões em torno de museus de Direitos Humanos no Brasil. O objetivo é fortalecer o debate, por meio do compartilhamento de experiências e reflexões teóricas, a respeito de desafios conceituais implicados na categoria dos Sítios de Memória e Consciência, tanto quanto aspectos relacionados à gestão, ação educativa e pesquisa nesses espaços no Brasil.

# COMUNICAÇÕES ORAIS





## **O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas e os Espaços de uma Educação Museal Emancipadora**

**Weverton Elias Santos Rodrigues**

Mestrando em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas  
pela Universidade Federal da Paraíba

Pesquisador e Educador do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas de Sapé

**Cosmo Galdino dos Santos**

Graduação em Pedagogia - Movimentos Sociais do Campo

Graduando em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba

Secretário e Educador do Memorial das Ligas e Lutas Camponesas de Sapé

**Sandra Valéria Felix de Santana**

Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba Coordenadora da

Rede de Educadores em Museus da Paraíba

Integrante da Rede de Pesquisa e Informação em Museologia, Memória e Patrimônio da

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

### **RESUMO**

Quais espaços podem ocupar o setor educativo de uma instituição museológica feita por e para uma comunidade tradicional? As respostas podem ser percebidas no que ecoa das ações realizadas diante do desejo de contribuir com a afirmação das identidades do povo camponês e com a preservação das memórias e histórias camponesas do Brasil. O Memorial das Ligas e Lutas Camponesas é um Sítio de Memória localizado na comunidade tradicional de Barra de Antas, município de Sapé/PB. É território de um dos mais antigos processos de luta pela terra e por reforma agrária no país e onde surgiram as primeiras reuniões de lideranças para a fundação da maior Liga Camponesa brasileira e um dos maiores movimentos camponeses do século XX, na América Latina. Seu planejamento foi pensado de maneira coletiva, tendo a colaboração de camponeses com e sem acesso à terra; trabalhadores da cidade; dos movimentos e pastorais sociais; professores da Universidade Federal da Paraíba e lideranças camponesas da década de 1950-60. Desde a sua fundação, em 2006, a instituição museológica desenvolve atividades em consonância com as necessidades da comunidade, fazendo conexão com a museologia social, os direitos humanos, a reforma agrária, a agroecologia e reflexão sobre a Ditadura Militar brasileira. Essa estrutura conduziu ao desejo da organização de ações educativas participativas que estivessem onde os diferentes saberes comunitários se manifestavam. Nesse contexto, as áreas de abrangência da atuação educativa do Memorial são: Sítio de Memória; Centro de Formação, Educação Popular e Agroecologia Elizabeth Teixeira; comunidades, assentamentos da reforma agrária; mobilização social e comunitária; atuação com movimentos sociais; produção de alimentos agroecológicos e tecnologias sociais; ações culturais. Estar com a comunidade, respeitando as suas dores, valorizando suas histórias e a diversidade dos saberes, vem contribuindo para o enfreteamento do



medo e dos traumas causados pela luta em defesa dos direitos do campesinato. Como fruto dessa caminhada emancipadora, foi organizada a exposição temporária “Barra de Antas: terra onde luto e danço” e nela a comunidade foi a protagonista. Com suas memórias coletivas, referências culturais e linguagens, esteve presente no conteúdo, no planejamento, na montagem e na visitação do evento público. Como uma das ferramentas do educativo, a exposição foi uma socialização das experiências do homem e da mulher do campo. Uma amostra de seu poder de resistência.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Memorial das Ligas e Lutas Camponesas. Educação Museal.  
Direitos Humanos. Sítio de Memória. Museologia Social.



## **Homogeneização e silenciamento das memórias coletivas na construção dos lugares de memória: o caso do subdistrito de Bento Rodrigues**

**Maraysa de Fátima Costa de Oliveira**

Bacharel em Museologia pela  
Universidade Federal de Ouro Preto

**Priscilla Arigoni Coelho**

Professora Doutora do Departamento de Museologia da  
Universidade Federal de Ouro Preto

### **RESUMO**

Os Lugares são produtos sociais contemporâneos ,que revestidos de áurea simbólica sensível, são criados a partir do desejo e obsessão social de compreender a história ,principalmente as que remetem a momentos difíceis .Eles são frutos de processos de musealização que os transformam em suportes físicos da memória coletiva .Entretanto ,eles podem se tornar precursores para a homogeneização e silenciamento de memórias ,a partir do recorte escolhido para ser representado .O estudo de caso em questão teve por objetivo analisar de forma quantitativa as possíveis problemáticas que podem ser ocasionadas por esse enquadramento ,analisando o dossiê que tem por finalidade auxiliar no tombamento e transformação do subdistrito de Bento Rodrigues em sítio de memória sensível ,o qual representa o maior desastre ambiental da história brasileira em decorrência de erros provocados pelas grandes indústrias de extração de minério .É fato que a sua construção é importante ,mas deve ser pensada como forma de diálogo entre o tempo e de quem vivenciou ,testemunhou e sobreviveu ao acontecimento representado ,além de fazer com que o ocorrido não mais se repita a partir do conhecimento e empatia do outro ,do que foi experienciado por ele ,ou seja ,um trabalho de sensibilização ,valorização e autonomia da voz de quem fala ,para aproximar os leitores/visitante da verdadeira realidade social .O interessante dos lugares é quando eles conseguem ressignificar o acontecimento e se transformam em ferramentas de reflexão social para perspectivas futuras ,a partir de uma simbologia e significação imaterial que evocam vivências ,lembranças ,conflitos e impasses, pois eles podem trazer novamente o que faz lembrar e o que ansia após o trauma vivenciado. Com esse trabalho há desejo de levantar questionamentos e reflexões ,contribuindo para maior conscientização e dar subsídios do cuidado para não reduzir em representações de crime ,pois isso pode contribuir para o silenciamento e homogeneização das memórias) individuais e coletivas (dos que ali estiveram presentes no antes e depois do acontecimento marcante .Deseja-se também que seja um início para demais reflexões a respeito da gestão e construção de novos lugares ,se tornando também um influenciados ao se pensar nos projetos culturais e sociais, para que esses não sejam espaços que podem contribuir para a perda de reconhecimento dos



sujeitos que participaram e tiveram sua vida modificada pelo ocorrido representado por eles.

**PALAVRAS-CHAVE**

Lugares de Memória. Memória Coletiva. Musealização.  
Enquadramento. Bento Rodrigues.



## Uma mirada sobre o bem comum no Museo Internacional para la Democracia

Giovane Rodrigues Jardim  
UFPEL, doutorando

### RESUMO

O *Museo Internacional para la Democracia* foi inaugurado no ano de 2019 em Rosario na Argentina, como uma instituição privada em um projeto cultural que tem o objetivo de gerar um espaço plural e inclusivo para promover os valores de liberdade, justiça, democracia e de respeito aos direitos humanos. Localizado na esquina entre as ruas *Sarniento* e *Santa Fé*, em um edifício conhecido como *El Palacio Fuentes*, que foi construído entre 1923 e 1927 e abrigou o bar *El Cifré* e uma sucursal bancária, o espaço encontrava-se abandonado no final dos anos 1990. No ano de 2001 foi adquirido pela *Fundación para la Democracia* para ser restaurado e transformado em um “lugar para todos”. Assim, em *El Palacio Fuentes* está instalado um museu que aborda a relação entre a democracia e os direitos humanos a partir da exposição de parte das mais de mil peças da sua coleção. Uma mirada sobre o bem comum é uma experiência possível para quem desce as escadarias do *Museo Internacional para la Democracia* em direção as exposições de longa duração de seu subsolo. A exposição *Democracia e Direitos humanos* ocupa o espaço central do seu amplo saguão e interliga o acesso às demais exposições em salas laterais, apresentando a partir da trajetória de oito pessoas, a condição humana. A partir da singularidade e da pluralidade dessas pessoas, os visitantes podem conhecer um pouco de suas vidas, como se moveram no mundo e como foram afetadas pelo tempo histórico, em um exercício que faz lembrar a obra *Homens em Tempos Sombrios*. Nessa exposição, assim como nos demais espaços expositivos, os direitos humanos ocupam o lugar central na perspectiva de que não há democracia sem a vigência e o respeito aos direitos humanos para todos. A presente comunicação consiste na apresentação da proposta de tratar da dor e do sofrimento nos recentes períodos de repressão, de forma não desarticulada com o passado colonial e escravocrata, bem como, em diálogo com questões atuais como a imigração e as novas formas de trabalho análogas à escravidão. A análise dessa proposta museológica pode contribuir para se pensar no Brasil na possibilidade de iniciativas não governamentais. E que, embora não sejam políticas públicas de memória, possam contribuir para que se compreendam as origens do ofuscamento do âmbito público que tornou possível o domínio do humano no passado e a permanência dessas tendências em nossa sociedade.

### PALAVRAS-CHAVE

Direitos Humanos. Valores Democráticos. Consciência.  
Filosofia Política. Mundo Comum.



## Um museu virtual para as memórias do (In)possível: trauma, resistência e intervenção

**Priscila Chagas Oliveira**

Museu das Memórias In Possíveis, museóloga

**Maíra Brum Rieck**

Museu das Memórias In Possíveis, psicanalista e coordenadora

**Daniele Borges Bezerra**

Museu das Memórias In Possíveis, antropóloga, artista visual e técnica cultural

### RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar o Museu das Memórias (In)Possíveis (MMInP), museu vinculado ao Instituto APPOA - clínica, intervenção e pesquisa em psicanálise. Ao mesmo tempo busca refletir sobre a potência transformadora do museu-fenômeno, que inspira a missão do MMInP em questionar as relações entre sujeito e cultura, apresentando-se como um lugar no qual aqueles que são sacrificados pela cultura possam ser reintegrados eticamente. Apresenta o MMInP não apenas como um museu-instituição, museu-templo, compreendendo-o enquanto ideia, espaço simbólico de representação do mundo por meio da memória. Destaca que o esquecimento é parte integrante da memória e como tal todo trabalho de memória implica em seleção, valoração e descarte. Indica que o MMInP também é um museu virtual, não menos “real” do que os museus de “pedra e cal”, mas um museu em potência, manifestação atualizada em um outro tempo (tempo real) e espaço (ciberespaço). O MMInP também se apresenta como um museu de memória e de consciência pois torna visíveis, audíveis e assimiláveis, acontecimentos e experiências que tendem a ser silenciadas. Sendo assim, o MMInP se propõe a ser um lugar de guarda, de visibilidade e de compartilhamento para memórias traumáticas que tendem a ser esquecidas, mas que – felizmente e com muita resistência - sobrevivem apesar de tudo. Por isso fomenta a consciência crítica, a partir de uma tomada de posição ético-política, frente a acontecimentos trágicos, violentos e de violação de direitos humanos. Este trabalho também caracteriza as memórias do (In)Possível, que se referem à dimensão subterrânea da memória que introduz a ideia moebiana de possível e de impossível ao mesmo tempo. O *IN* evidencia o (in)consciente, o (in)dizível, o Impossível, a (In)tervenção. Por fim, caracteriza o MMInP como um Museu-Intervenção que ao unir Museologia e Psicanálise se coloca no campo da inauguração, da criação, da ficção. O MMInP não se trata de um espaço clínico propriamente dito, mas a clínica está implícita pois trabalha-se em transferência. Dessa forma, o Museu vem receber discursos marginais, discursos outres, discursos que supostamente estão de fora, mas um fora que moebianamente cria e sustenta o dentro. O Museu acolhe e recebe o horror, mas nunca para o reproduzir ou o reafirmar. Busca-se transformar e imaginar novos mundos onde o laço humano não desumanize os que buscam outras formas de viver ou criminalizem aqueles que questionam os poderes estabelecidos.



**PALAVRAS-CHAVE**

Museu-Intervenção. Psicanálise. Memórias Subterrâneas.  
Memórias Traumáticas. Memórias *(In)*Possíveis.



## **Ensino da Shoá a crianças e adolescentes no museu: os casos de Washington e São Paulo**

**Juliana Carvalho Eliezer**

Universidade de São Paulo - Mestranda no Programa de Letras Estrangeiras e Tradução

### **RESUMO**

As discussões sobre o tema da musealização do trauma estão longe de serem pacificadas. A palavra “trauma” pode referir-se tanto a perturbações físicas quanto psíquicas, de que a característica comum é a presença da violência. A musealização de um trauma coletivo como a Shoá esbarra tanto na problemática da representação quanto na dimensão individual da memória, questões a serem consideradas na mesma medida em que aquelas pertinentes à historiografia do evento. Por outro lado, cada vez mais são estabelecidas as funções educativas dos museus como transformadoras da sociedade, em detrimento de uma visão limitadora do acesso aos bens culturais às elites. Ao privilegiar o foco no público e no diálogo com este, os museus passam a promover inclusão social e noções de pertença. Assim, este trabalho tem por objetivo contribuir com o conhecimento museológico brasileiro no que se refere tanto aos Estudos Judaicos quanto aos direitos humanos, examinando as estratégias expositivas utilizadas pela exposição “Remember the Children: Daniel's Story”, do United States Holocaust Memorial and Museum (Washington, D.C.) e pela exposição permanente do Memorial do Holocausto de São Paulo (MHSP), no ensino da história da Shoá ao público infantojuvenil. A discussão das estratégias de ensino e do papel social da instituição museológica na educação é significativa na medida em que crianças e os adolescentes, na qualidade de sujeitos produtores de cultura e de história, possuem particularidades que se refletem em seu processo de aprendizagem. Busca-se compreender de que forma os museus direcionados à grande tragédia judaica do século XX, enquanto ambientes de aprendizagem não-formal, são capazes de contribuir para a cristalização das noções de direitos humanos no âmbito do referido público, fundamental em um contexto mundial em que crescem contínua e exponencialmente as mais diversas faces da intolerância. Nas visitas às citadas exposições resta clara a posição de protagonismo do público infantojuvenil, já que foram concebidas como um primeiro contato com o tema. Assim, conectam-se, através delas, crianças e jovens protagonistas de diferentes tempos, espaços e contextos. Não se trata, aqui, de construir museus judaicos apenas para judeus, mas sim para a comunidade em que se inserem, com o objetivo de tornarem-se espaços seguros onde se possa pesquisar, ensinar e discutir temas afeitos à tolerância e aos direitos humanos, iniciando-se tal processo o mais cedo possível.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Shoá. Museu. Educação em museus. Direitos Humanos. Estudos Judaicos.



## **O Projeto de Musealização do Antigo DOPS/ MG: potencialidades e desafios**

**Pauline Louise Araújo Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais -  
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**Letícia Julião**

Universidade Federal de Minas Gerais -  
Professora Associada da Escola de Ciência da Informação

### **RESUMO**

O edifício do antigo Departamento de Ordem Política e Social de Minas Gerais (DOPS/MG) foi construído na cidade de Belo Horizonte em 1958 para sediar a polícia política mineira e tornou-se centro e símbolo local da repressão institucionalizada característica da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), sendo, por isso, reconhecido e reivindicado como um lugar de memória por ex-presos políticos, familiares de vítimas e desaparecidos políticos e por movimentos de defesa dos direitos humanos no estado. O DOPS/MG foi extinto oficialmente em 1989, todavia a edificação seguiu funcionando como unidade policial até 2017, quando, após quase trinta anos de embates sociais, políticos e institucionais em torno de seu uso, foi finalmente destinado para a implementação do Memorial de Direitos Humanos de Minas Gerais (MDH), cuja criação já estava prevista por lei desde os anos 2000. Por meio da apresentação da complexa trajetória da disputa pela memória envolvendo o edifício do Antigo DOPS/MG, atualmente tombado como patrimônio histórico nas instâncias municipal e estadual, será discutido o atual projeto de musealização do local, empreendido pela Subsecretaria de Direitos Humanos, órgão do governo do Estado de Minas Gerais, que tem como premissa promover a ressignificação de um espaço marcado por uma sistemática violação de direitos humanos, não restrita ao período da ditadura militar. Elaborado de forma interdisciplinar, o Projeto de Musealização foi desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais contando com quase trinta pesquisadores, entre professores-coordenadores, alunos de pós graduação e graduação, bolsistas e voluntários, das áreas de arqueologia, arquitetura, direito, história e museologia e desenvolveu uma proposta de musealização in situ, sob a perspectiva conceitual de que o Memorial de Direitos Humanos constitui-se em um museu de sítio histórico, porque é o território e a materialidade do prédio propriamente o patrimônio sobre o qual se opera e em seu espaço físico se inscrevem os artifícios da repressão e violência. Assim, busca-se refletir sobre a contribuição que a abordagem museológica e, mais especificamente, a proposta de musealização in situ, podem desempenhar na implementação de



instituição vinculada a uma memória traumática e na compreensão ampliada de patrimônio considerado sensível, de forma a potencializar o papel da futura instituição enquanto uma medida de reparação simbólica nos quadros da Justiça de Transição.

**PALAVRAS-CHAVE**

DOPS/MG. Memória Traumática. Musealização in Situ. Memorial de Direitos Humanos de Minas Gerais. Justiça de Transição.



## **Dopinho: lutas e percalços para sua patrimonialização e musealização**

**Jacqueline Custódio**  
UFRGS Aluna

### **RESUMO**

O curso da justiça de transição no Brasil teve muitos percalços e, como política de reparação às vítimas da ditadura militar, mostrou-se deficiente e incompleta. Em relação à reparação simbólica, é perceptível a dificuldade para a implantação de sítios de memória e, até mesmo, a tentativa de apagamento de vestígios deste período. Nesse contexto, o antigo centro clandestino de detenção conhecido como Dopinho não foi definitivamente tombado e nem o Centro de Memória Ico Lisboa foi estabelecido no imóvel, apesar de esse ter sido considerado de valor cultural pelo Município de Porto Alegre (RS) e da demanda da sociedade civil pela constituição do sítio de memória. Os proprietários buscaram apagar os vestígios da ditadura, através da colocação de cimento sobre a placa que identificava o local como um centro clandestino, dentro do projeto Marcas da Memória, e de reformas no prédio e terreno. Em 2016, iniciaram a instalação de uma piscina nos fundos da casa que, se num primeiro momento foi embargada pelo poder público, hoje é anunciada como atrativo na plataforma *Airbnb*, serviço online de hospedagem. A partir desta constatação, analisou-se o contexto histórico que deu origem ao Dopinho, o transcurso da redemocratização e os instrumentos legais de reparação às vítimas, os processos de memória e seus conflitos, examinando os trâmites administrativos que objetivam a patrimonialização e musealização, numa mobilização que, originalmente, envolvia os três entes federativos. Na análise desses processos administrativos, fica evidente os artifícios utilizados por agentes públicos, com o objetivo claro de negacionismo e revisionismo ideológico, no bojo da tramitação oficial. Com isso, buscou-se identificar que forças foram catalizadas para que estes objetivos não se concretizassem, considerando-se o processo brasileiro da justiça de transição e a disputa de memórias que envolvem o tema da ditadura militar no Brasil.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Dopinho. Memórias traumáticas. Ditadura civil-militar.  
Justiça de Transição. Patrimonialização.



## A Memorialização dos mortos pela Covid-19

**Mariana Brauner Lobato**

Mestranda no curso de Memória social e Patrimônio cultural da  
Universidade Federal de Pelotas

**Maria Leticia Mazzucchi Ferreira**

Docente no curso de Memória social e Patrimônio cultural da  
Universidade Federal de Pelotas

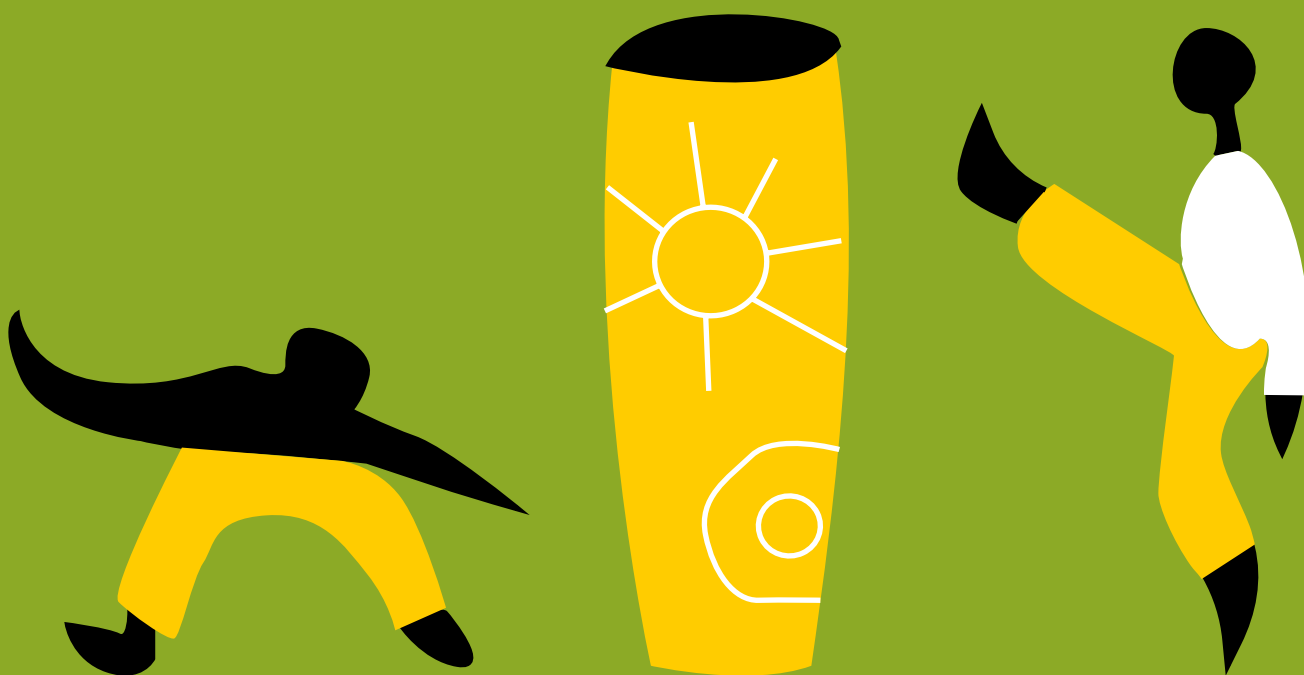
### RESUMO

O presente trabalho discorre acerca dos espaços de memorialização constituídos para tratar o tema da covid-19 como forma de representação da dor e do sofrimento sentidos pelos familiares e amigos dos vitimados por esta doença. O sentimento de luto dominou o cotidiano de todos pelos noticiários os números de mortes que subiam diariamente, surgem então os memoriais para promover um consentimento desta memória traumática. Estes ambientes virtuais e/ou físicos podem ser compreendidos como uma forma de vivenciar o luto por meio da criação de coletivos sociais, instituições, sindicatos, entre outros. Desse modo, pretendeu-se analisar estes lugares de memorialização em seus aspectos discursivos e constitutivos objetivando identificar os apelos visuais e emocionais presentes. Como forma de expor os relatos de memória são utilizados fotografias, velas, biografias das pessoas acometidas pela covid-19, bem como homenagens escritas por seus familiares. Destes, é presente obituários divididos em simples e mais complexos que apresentam maior presença de imagens, assim como uso de cores e ambientação musical. Além disso, uma menor parte desses repositórios agregam vídeos de homenagem. Para que fosse possível esta investigação, organizou-se tabelas de análise por meio do repertório de memoriais, museus e exposições que se propõem a debater o tema. Ademais, também ocorreu o levantamento bibliográfico utilizando as palavras-chave: memória e Covid-19, memoriais da pandemia, e, por último, memorialização da Covid-19. Neste primeiro momento de pesquisa foram arrolados 34 memoriais virtuais, sendo destes 28 sites brasileiros e os demais estrangeiros. A partir destas representações, é possível compreender melhor como está sendo elaborada a memória do tempo de pandemia e, portanto, os resultados desses estudos poderão subsidiar debates e reflexões acerca das maneiras que a memória é construída na atualidade, sobretudo, a respeito das memórias traumáticas.

### PALAVRAS-CHAVE

Memorialização. Memoriais de covid-19. Memoriais contemporâneos.  
Lugares de memória. Memória e Covid-19.

# PÔSTERES





## **Ação Iconha: Relatos sobre desastre com acervo do Espaço Cultural Zoé Rodrigues Misságia**

**Aline Cristina Gomes Ramos**

Universidade Federal do Espírito Santo - Servidora Pública /Técnica em Restauração

**Júlia Ramos Brito**

Universidade Federal do Espírito Santo - Bolsista Pró-reitora de Extensão

### **RESUMO**

O projeto desenvolvido pelo Núcleo de Conservação e Restauração e pela Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, visa resgatar, tratar emergencialmente e acondicionar o acervo do Espaço Cultural Zoé Rodrigues Misságia, atingido em 2020 por tromba d'água no Município de Iconha, no Espírito Santo. Até a data da tragédia, o Espaço Cultural mantém: Casa da Cultura, com exposições permanentes e memorial à professora Zoé; Museu Histórico; Biblioteca; Arquivo Público; Banda Municipal 13 de Junho; Instituto Histórico e Geográfico; e sala de artesanato. Em síntese, é o catalisador das manifestações culturais. Assim, apresenta a missão de fomentar a história, preservando obras de arte, fotos, documentos, livros e tecidos. O acervo origina-se dos bens doados pelas famílias; de pinturas de artistas locais; dos objetos pessoais de Zoé; e de peças adquiridas por edital da Fundação Nacional de Artes. Por isso, a comoção gerada em 17 de janeiro, quando as águas arrancam janelas e portas e inundam até cerca de 1,80m de altura. A calamidade faz recordar a outras, sobretudo a de Florença em 1966 com o transbordo do Rio Arno, que danifica 1500 objetos artísticos, livros e manuscritos (conhecida pela atuação dos 'anjos da lama', colaboram com a ação estudantes de vários países). Do mesmo modo, na manhã do dia 23 de janeiro, treze voluntários saem de Vitória (alunos e técnicos da Universidade Federal do Espírito Santo, servidores do Estado e restauradores), e identificam os itens do acervo, que são levados ao Núcleo para salvaguarda e intervenções. Ao longo das atividades, percebe-se o impacto causado na equipe, somado à preocupação com os bens recolhidos. Estimula-se, então, a ideia de realizar entrevistas com voluntários e pessoal de Iconha vinculado ao Espaço, para cotejar memórias individuais sobre o caso. No conjunto, os relatos trazem desespero; desesperança; 'botar lama para fora' até a exaustão; cheiro de putrefação e morte; confiança e ânimo; responsabilidade; choro e resistência. Segundo as psicoterapias, falar é eficiente para processar memórias traumáticas. Deste modo, o mosaico polifônico proposto visa dar vez e voz, registrar sensações antes que esvançam e compartilhá-las no coletivo. Após dois anos, o lugar ainda está sem acervo e sob reformas, e reconhecesse a cura lenta, que só se dará com a ressignificação dos acontecimentos. O Espaço Cultural Zoé Rodrigues Misságia adquire mais uma camada de afetos, por reter em suas estruturas a dor e a resiliência.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Acervo. Tromba d'água. Patrimônio Cultural. Memória. Lama.

# Realização



